



TATIANA ARAÚJO DE LIMA

**APROPRIAÇÕES DIGITAIS EM FACE À PANDEMIA DE COVID-19 NO MUSEU
DO AMANHÃ E NA FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO:
PRODUÇÕES E PROCESSOS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

CANOAS, 2024

TATIANA ARAÚJO DE LIMA

**APROPRIAÇÕES DIGITAIS EM FACE À PANDEMIA DE COVID-19 NO MUSEU
DO AMANHÃ E NA FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO:
PRODUÇÕES E PROCESSOS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle (UNILASALLE).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Patrícia Kayser Vargas Mangan

CANOAS, 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732a Lima, Tatiana Araújo de.

Apropriações digitais em face à pandemia de Covid-19 no Museu do Amanhã e na Fundação Iberê Camargo [manuscrito] : produções e processos em tempos de isolamento social / Tatiana Araújo de Lima. – 2024.

283 f. : il.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2024.

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan”.

1. Memória social. 2. Museus. 3. Comunicação digital. 4. Pandemia de COVID-19. 5. Museu do Amanhã. 6. Fundação Iberê Camargo. I. Mangan, Patrícia Kayser Vargas. II. Título.

CDU: 069(81)

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380



Credenciamento: Portaria N° 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

TATIANA ARAÚJO DE LIMA

**APROPRIAÇÕES DIGITAIS EM FACE À PANDEMIA DE COVID-19 NO MUSEU DO
AMANHÃ E NA FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO: PRODUÇÕES E PROCESSOS EM
TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

Tese aprovada para obtenção do título de doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e
Bens Culturais, da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Patrícia Brandalise Scherer Bassani
Universidade Feevale

Profª. Drª. Noris Mara Pacheco Martins Leal
Universidade Federal de Pelotas

Profª. Drª. Ingridi Vargas Bortolaso
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof. Dr. Moisés Waismann
Universidade La Salle, Canoas/RS

Profª. Drª. Patrícia Kayser Vargas Mangan
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais
Curso: Doutorado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 19 de dezembro de 2024.

AGRADECIMENTO À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), por meio de Bolsa Integral CAPES - Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC), Código de Financiamento 001.

A minha forte e corajosa mãe Darmeli, por todo seu apoio incansável para que eu sempre pudesse estudar ao longo de todos esses anos e a sua enorme inspiração como artista em todos os momentos da minha vida! Ao meu querido companheiro de vida, Ilton Palma, toda minha gratidão e amor por estar ao meu lado em todos os momentos, compartilhando todos os desafios e vitórias ao longo dessa vida!

AGRADECIMENTOS

O final de um ciclo... é o que muitos dizem quando concluí-se o Doutorado, mas na verdade há muitas questões envolvidas, há os desafios, o inesperado, a própria impermanência e suas formas de se sobressair nos processos que instaura... Contudo, a conclusão do Doutorado é o desafio que me propus ao longo desses anos, surgiu em março de 2020 e trouxe em seu bojo outras formas de ver o mundo, outras realidades e também a oportunidade singular de conhecer pessoas e realidades que antes nunca tinha imaginado.

Agradeço a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para que esse sonho se tornasse possível, aos que se preocuparam com os detalhes de subsistência financeira, que se sensibilizaram com os desafios inesperados e não mediram esforços para que eu pudesse estar firme e forte para concluir as páginas desta Tese.

Agradeço a minha família por todo carinho e dedicação ao longo desses anos, pelo apoio e estímulo diários, por nunca desistirem de me apoiar, mesmo em meio aos maiores desafios, a minha querida mãe Darmeli, por todo seu empenho para que eu prosseguisse com meus estudos e meu querido amado companheiro Ilton Palma e sua paciência inesgotável ao longo desses longos anos de estudos. É no carinho e cuidado que recebi de minha querida mãe Darmeli e do meu amado companheiro Ilton Palma, que jamais deixaram de acreditar que era possível, que fui fortalecida para continuar essa travessia. Se não tivesse eles por perto, resolvendo questões do dia a dia e fazendo todo o possível, seria bastante complicado realizar um estudo tão complexo como o que abarcou essa Tese, ao longo desses anos de 2020 à 2024.

Agradeço a minha querida e inspiradora Prof^a Dr^a Patrícia Kayser Vargas Mangan, orientadora incansável desta Tese, por todas as contribuições e insights, por estar comigo em todos os desafios, aprimorando todos os momentos de realização desta Tese; mas também fortalecendo minha saúde e auto-estima, ao jamais me abandonar, nos momentos mais desafiadores e complexos que vivenciamos ao longo desses anos de desenvolvimento e conclusão da Tese. Tenho a certeza que ganhei uma amiga inspiradora, forte e corajosa – Patrícia Kayser – foi um desses presentes que a vida me possibilitou conhecer e poder contar ao longo desses anos.

Também agradeço a cada colega que tive a alegria de conhecer ao longo do Doutorado, a todos que fizeram parte dessa travessia e acompanharam muitos dos desafios que surgiram ao longo do desenvolvimento da Tese, ressignificando nossas vidas e transformando nossas formas de pensar e agir no mundo.

Agradeço também a todos os professores que acompanharam essa travessia e deram suas preciosas contribuições, participando tanto da Qualificação quanto da Defesa Final desta Tese: Prof^a Dr^a Ingridi Vargas Bortolaso, Prof. Dr. Moisés Waismann, Prof^a Dr^a Noris Mara

Pacheco Martins Leal e Prof^a Dr^a Patrícia Brandalise Scherer Bassani,

Agradeço à Universidade La Salle e ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais pela oportunidade singular de realizar esse estudo, e a CAPES por ter me beneficiado com a Bolsa Integral PROSUC, sem a qual seria impossível prosseguir com esse estudo. Também agradeço ao *Museu do Amanhã* e à *Fundação Iberê Camargo* por aceitarem fazer parte desta Tese. Minha infinita gratidão aos colaboradores por terem sido tão pacientes e amorosos ao longo das entrevistas realizadas entre 2023 e 2024; no *Museu do Amanhã* (Felipe Floriano, Cleyton Santanna, Amarílis Lage e Camila Oliveira) e na *Fundação Iberê Camargo* (Emílio Kalil, Ilana Machado, Luciane Zwetsch, José Kalil e Laura Palma)

Desejo que jamais abandonemos o desejo e a aspiração de que o autêntico conhecimento é capaz de libertar as pessoas do sofrimento e da ignorância.

Que esta Tese possa dar frutos e ser de benefício a todos aqueles que acreditam que o conhecimento é capaz de abrir portas!

Que todos possam ser beneficiados por esta Tese, que significa um retrato de um momento, desafiador e delicado; contudo, também potencial em sua possibilidade de ressignificar vidas e suas trajetórias ao longo do caminho de travessia nesse mundo.

Aquarela

(Toquinho)

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo

Com o lápis em torno da mão
E me dou uma luva
E se faço chover
Com dois riscos tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino
Uma linda gaivota a voar no céu

Vai voando
Contornando a imensa curva, norte, sul
Vou com ela viajando
Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco à vela branco, navegando
É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo
Um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar

Basta imaginar e ele está partindo
Sereno indo
E se a gente quiser
Ele vai pousar

Numa folha qualquer
Eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos
Bebendo de bem com a vida

De uma América a outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo

Um menino caminha
E caminhando chega num muro
E ali logo em frente
A esperar pela gente o futuro está

E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença, muda a nossa vida
E depois convida a rir ou chorar

*Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar*

*Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela
Que um dia enfim descolorirá*

*Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo (que descolorirá)
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo (que descolorirá)
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo (que descolorirá)*

Compositores: Maurizio Fabrizio / Guido Morra / Antonio Pecci Filho / Marcus Vinicius Da
Cruz De M. Moraes. Letra de Aquarela © Tonga Ed. Musical Ltda.

RESUMO

Diante da inquietação relativa ao impacto abrupto da pandemia de COVID-19 e os diferentes processos que instaura, surge o interesse em pesquisar as problemáticas enfrentadas pelos museus brasileiros ao longo desse período, buscando observar de forma mais atenta como se dão as diferentes apropriações digitais instauradas por esses espaços museais. No contexto desta pesquisa, apropriação digital é utilizada para indicar soluções digitais que tenham sido empregadas de forma original ou criativa, tendo sido ressignificadas pelos usuários, assim como incidindo como incremento da participação social, da colaboração, da cooperação e da cocriação. Na Tese, apropriações digitais foram mapeadas por meio da netnografia digital, de forma preliminar, entre 2020 e 2022, de sete espaços: *Museu do Amanhã*, *Museu Oscar Niemeyer (MON)*, *Fundação Iberê Camargo*, *Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)*, *Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE)*, *Museu da Pessoa* e *Museu Diários do Isolamento (MuDI)*. A seguir, houve aprofundamento, realizado entre 2023, 2024; quando se escolheu *Museu do Amanhã* e *Fundação Iberê Camargo* para entrevistas com seus colaboradores, respectivamente, de forma síncrona digital on line via Google Meet e de forma presencial. A Tese desenvolvida na Linha Memória e Linguagens Culturais, tem como objetivo geral compreender as apropriações digitais utilizadas pelo *Museu do Amanhã* e pela *Fundação Iberê Camargo*, ao longo dos anos de 2020 a 2024, a partir das perspectivas de gestores e colaboradores desses espaços museais e culturais. Tais aspectos dimensionam possibilidades, compondo-se em panorama digital que foi ainda mais intensificado, em tempos pandêmicos, em vista de que várias instituições estiveram muito tempo fechadas e preocupadas em se utilizarem de ações digitais urgentes para estarem ativas e manter laços com seu público ou estreitar laços e buscar novos públicos. Torna-se relevante compreender como tais questões digitais e relativas aos desafios enfrentados por gestores e colaboradores das instituições pesquisadas, entrelaçam-se com o fato de que a pandemia de COVID-19 significou o fechamento dos equipamentos culturais para visitação pública de forma intempestiva, trazendo possíveis impactos à demanda do digital de forma contundente e transformadora, intensificando processos de experimentação e ressignificação que impactaram na rotina de trabalho e na vida pessoal desses entrevistados. As narrativas entrelaçadas ao longo da Tese são falas vívidas, compartilhadas pelos colaboradores entrevistados, contextualmente entrelaçadas com temas de relevância, trazendo originalidade e a memória viva do que se passou nesse período pandêmico ao qual sobrevivemos.

Palavras-chave: memória social; pandemia de COVID-19; apropriações digitais; museus; comunicação digital; soluções digitais; Museu do Amanhã; Fundação Iberê Camargo;

ABSTRACT

Given the concern regarding the abrupt impact of the COVID-19 pandemic and the different processes it has introduced, there is an interest in researching the problems faced by Brazilian museums throughout this period, seeking to observe more closely how the different digital appropriations implemented take place through these museum spaces. In the context of this research, digital appropriation is used to indicate digital solutions that have been used in an original or creative way, having been given new meanings by users, as well as increasing social participation, collaboration, cooperation and co-creation. In the Thesis, digital appropriations were mapped through digital netnography, in a preliminary way, between 2020 and 2022, of seven spaces: Museu do Amanhã, Museu Oscar Niemeyer (MON), Fundação Iberê Camargo, Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MuBE), Museu da Pessoa and Museu Diários do Isolamento (MuDI). Next, there was deepening, carried out between 2023, 2024; when the Museu do Amanhã and Fundação Iberê Camargo were chosen for interviews with their collaborators, respectively, synchronously digitally online via Google Meet and in person. The Thesis developed in the Memory and Cultural Languages Line, has the general objective of understanding the digital appropriations used by the Museu do Amanhã and the Fundação Iberê Camargo, throughout the years 2020 to 2024, from the perspectives of investors and collaborators of these museum spaces and cultural. Such aspects dimension possibilities, forming part of a digital panorama that was even more intensified, in pandemic times, given that several institutions were closed for a long time and were concerned about using urgent digital actions to be active and maintain ties with their public or strengthen ties and seek new audiences. It becomes relevant to understand how such digital issues and the challenges faced by managers and employees of the researched institutions are intertwined with the fact that the COVID-19 pandemic meant the closure of cultural facilities for public visitation in an untimely manner, bringing possible impacts on the demand for digital in a forceful and transformative way, intensifying processes of experimentation and resignification that impacted the work routine and personal lives of these interviewees. The narratives intertwined throughout the Thesis are vivid statements, shared by the interviewed collaborators, contextually intertwined with relevant themes, bringing originality and a living memory of what happened during this pandemic period that we survived.

Keywords: social memory; COVID-19 pandemic; digital appropriations; museums; digital communication; digital solutions; Museu do Amanhã; Fundação Iberê Camargo;

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teses e dissertações selecionadas após primeiro levantamento sistemático...	35
Quadro 2 - Teses e dissertações selecionadas após segundo levantamento sistemático...	39
Quadro 3 - Relação dos objetivos específicos e das fontes de dados.....	43
Quadro 4 - Entrevistados do Museu do Amanhã.....	47
Quadro 5 - Entrevistados da Fundação Iberê Camargo.....	48

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Coronavirus.....	50
Fotografia 2 - A big salute to corona warriors.....	51
Fotografia 3 - Kobra: vacina e esperança.....	57
Fotografia 4 - Kobra: todos unidos contra a pandemia.....	60
Fotografia 5 - Museu do Amanhã: pessoas ao redor.....	120
Fotografia 6 - Museu do Amanhã: frente.....	121
Fotografia 7 - Museu do Amanhã: vista aérea.....	121
Fotografia 8 - Museu do Amanhã: lateral.....	122
Fotografia 9 - Museu do Amanhã iluminado nas cores do arco íris.....	123
Fotografia 10 - Museu do Amanhã: colorido.....	124
Fotografia 11 - Museu do Amanhã ao entardecer.....	125
Fotografia 12 - Museu do Amanhã visto do alto.....	125
Fotografia 13 - Fundação Iberê Camargo comemorando aniversário de 15 anos.....	126
Fotografia 14 - Álvaro Siza e Fundação Iberê Camargo.....	127
Fotografia 15 - Fundação Iberê Camargo as margens do Guaíba.....	127
Fotografia 16 - Fundação Iberê Camargo e detalhe arquitetônico.....	128
Fotografia 17 - Fundação Iberê Camargo festiva e iluminada.....	129
Fotografia 18 - Fundação Iberê Camargo.....	129
Fotografia 19 - Fundação Iberê Camargo: carretéis de Iberê.....	130
Fotografia 20 - Fundação Iberê Camargo: janela interna e as águas do Guaíba.....	130
Fotografia 21 - Fundação Iberê Camargo: janela interna e avanço das águas do Guaíba (2024).....	131
Fotografia 22 - Fundação Iberê Camargo: janela interna e o Guaíba (2021).....	132
Fotografia 23 - Fundação Iberê Camargo: Guaíba quase entre na Fundação Iberê (2024).....	133
Fotografia 24 - Fundação Iberê Camargo: sob o olhar das janelas o Guaíba quase transborda.....	133
Fotografia 25 - Fundação Iberê Camargo: obra de Jaume Plensa na 13 Bienal do Mercosul.....	134

Fotografia 26 - Fundação Iberê Camargo: letras de obra da 13 Bienal do Mercosul.....	135
Fotografia 27 - Fundação Iberê Camargo: letras de obra da 13 Bienal do Mercosul e logotipo.....	135
Fotografia 28 - Fundação Iberê Camargo: registro Coreografias do Impossível.....	136
Fotografia 29 - Fundação Iberê Camargo: registro de detalhe da Exposição Zero.....	137
Fotografia 30 - Fundação Iberê Camargo: obra de Louise Bourgeois.....	137
Fotografia 31 - Fundação Iberê Camargo: exposição Regina Silveira.....	138
Fotografia 32 - Fundação Iberê Camargo: exposição Regina Silveira 2.....	138
Fotografia 33 - Fundação Iberê Camargo: exposição Regina Silveira 3.....	139
Fotografia 34 - Fundação Iberê Camargo: exposição Regina Silveira 4.....	139
Fotografia 35 - Fundação Iberê Camargo: por do sol no Guaíba.....	140
Fotografia 36 - Museu do Amanhã: público em Coronaceno na pandemia.....	158
Fotografia 37 - Museu do Amanhã: exposição de longa duração durante a COVID-19.	159
Fotografia 38 - Museu do Amanhã: cuidados sanitários na exposição de longa duração.....	159
Fotografia 39 - Museu do Amanhã: medidas de segurança sanitária na entrada.....	160
Fotografia 40 - Museu do Amanhã: cuidados sanitários em tempos de COVID-19.....	161
Fotografia 41 - Museu do Amanhã: público visita a exposição permanente usando máscaras.....	161
Fotografia 42 - Museu do Amanhã: trabalhadores da limpeza em tempos de COVID-19.....	162
Fotografia 43 - Museu do Amanhã: limpeza das portas em tempos de COVID-19.....	162
Fotografia 44 - Museu do Amanhã: limpeza das telas touch em tempos de COVID-19.	163
Fotografia 45 - Abertura Exposição Coronaceno no Museu do Amanha.....	163
Fotografia 46 - Fundação Iberê Camargo: Exposição Magliani e as passarelas entre andares.....	165
Fotografia 47 - Fundação Iberê Camargo: uso de máscaras em tempos de COVID-19..	166
Fotografia 48 - Fundação Iberê Camargo: Exposição Magliani.....	168
Fotografia 49 - Marion Timóteo foi a primeira criança a ser vacinada no Museu do Amanhã.....	172
Fotografia 50 - Vacinação no Museu do Amanhã.....	173
Fotografia 51 - Museu do Amanhã se torna um dos locais de vacinação contra a COVID-19.....	173

Fotografia 52 - Museu do Amanhã: Belvedere visto pelo ângulo de fora.....	181
Fotografia 53 - Museu do Amanhã: Belvedere visto de dentro do museu.....	181
Fotografia 54 - Museu do Amanhã: exposição temporária FRUTUROS.....	182
Fotografia 55 - Museu do Amanhã: registro da inauguração em 2015.....	200
Fotografia 56 - Fundação Iberê Camargo: conheça os apps da Fundação Iberê.....	212
Fotografia 57 - Museu do Amanhã: kit autoregulação.....	233

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comunicação Digital.....	89
Figura 2 - Museu do Amanhã: exposição FRUTUROS.....	94
Figura 3 - Museu Oscar Niemeyer: projetos MON.	95
Figura 4 - Museu Oscar Niemeyer: #monemcasa.....	96
Figura 5 - Fundação Iberê Camargo: Fabuloso Universo de Tomo Koizumi no meet...	97
Figura 6 - MARGS: Arte Brasileira Contemporânea 1955/2021.....	100
Figura 7 - Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia.....	102
Figura 8 - Museu da Pessoa: Jornada Diário para o Futuro.....	105
Figura 9 - Museu da Pessoa: My Pandemic Diary.....	106
Figura 10 - Museu do Isolamento Social: Projeto cartas que levam abraços.....	108
Figura 11 - Museu do Isolamento Social: A cultura da Vacinação no Brasil.....	110
Figura 12 - Cartografia das Memórias.....	114
Figura 13 - Museu do Amanhã: definição.....	120
Figura 14 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: vírus.....	146
Figura 15 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: manifesto.....	147
Figura 16 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: do vírus à pandemia.....	148
Figura 17 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: OMS.....	149
Figura 18 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: sociedades transformadas..	149
Figura 19 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: ponto de virada.....	150
Figura 20 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: cultura é o caminho.....	151
Figura 21 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: memorial aos que partiram	151
Figura 22 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: instalação.....	152
Figura 23 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: ampulhetas.....	153
Figura 24 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: ampulheta quebrada.....	153
Figura 25 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: vidas indígenas importam..	154
Figura 26 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: a ciência é protagonista.....	154
Figura 27 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: Google Arts & Culture.....	155
Figura 28 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: site.....	155
Figura 29 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: CORONAGEN.....	156
Figura 30 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: um olhar abrangente.....	157
Figura 31 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: exposição presencial.....	158

Figura 32 - Museu do Amanhã: Amanhã de Histórias adiado por causa da COVID-19.	169
Figura 33 - Museu do Amanhã: Televisita em LIBRAS.....	177
Figura 34 - Museu do Amanhã: Televisitas FRUTUROS no Tik Tok.....	180
Figura 35 - Museu do Amanhã: Educador Bruno realizando mediação cultural.....	184
Figura 36 - FRUTUROS: Abertura da Exposição Digital do Museu do Amanhã.....	193
Figura 37 - FRUTUROS: a Amazônia em foco no Museu do Amanhã.....	194
Figura 38 - FRUTUROS: #SOMOSAMAZÔNIA no Museu do Amanhã.....	194
Figura 39 - FRUTUROS: Tempos Amazônicos no Museu do Amanhã.....	195
Figura 40 - FRUTUROS: itinerâncias pelo Brasil afora.....	195
Figura 41 - FRUTUROS: ampliando horizontes no Museu do Amanhã.....	196
Figura 42 - FRUTUROS: imagem que mostra a tela do jogo em realidade virtual VR..	196
Figura 43 - FRUTUROS: tela do jogo em realidade virtual e óculos de VR.....	197
Figura 44 - FRUTUROS: a tela do jogo em realidade virtual e o video em VR.....	198
Figura 45 - Fundação Iberê Camargo: Exposição <i>O Fio de Ariadne</i>	202
Figura 46 - Fundação Iberê Camargo: Exposição <i>Tomo Koizumi</i>	203
Figura 47 - Fundação Iberê Camargo: <i>O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi</i>	204
Figura 48 - Catálogo Tomo Koizumi da Fundação Ibere Camargo.....	204
Figura 49 - Fundação Iberê Camargo: Montação & Montagem no Google meet.....	205
Figura 50 - Fundação Iberê Camargo: Montação & Montagem no Google meet 2.....	206
Figura 51 - Fundação Iberê Camargo: Montação & Montagem no Google meet 3.....	206
Figura 52 - Fundação Iberê Camargo: Montação & Montagem no Google meet 4.....	207
Figura 53 - Fundação Iberê Camargo: conversa on line sobre Tomo Koizumi.....	208
Figura 54 - Fundação Iberê Camargo: tour 360 graus na exposição de Tomo Koizumi.	209
Figura 55 - Museu do Amanhã: aplicativo e realidade aumentada.....	210
Figura 56 - Museu do Amanhã: ÍRIS+.....	215
Figura 57 - Museu do Amanhã: Resenha Black Bom com os Vizinhos do Amanhã.....	222
Figura 58 - Museu do Amanhã: Resenha Black Bom com os Vizinhos 2024.....	223
Figura 59 - Museu do Amanhã: Convite Resenha Black Bom com os Vizinhos 2024...	224
Figura 60 - Museu do Amanhã: visita mediada externa.....	227
Figura 61 - Museu do Amanhã: Projeto Entre Museus 2024.....	230
Figura 62 - Museu do Amanhã: Entre Museus.....	231
Figura 63 - Museu do Amanhã: Entre Museus 2024 – detalhes.....	231
Figura 64 - Museu do Amanhã: Entre Museus 2024 – museus participantes.....	232

Figura 65 - Fundação Iberê Camargo: Caixa Mágica.....	235
Figura 66 - Fundação Iberê Camargo: detalhes da Caixa Mágica.....	236
Figura 67 - Fundação Iberê Camargo: Livro Memórias Docentes em Tempos de Quarentena.....	237
Figura 68 - Fundação Iberê Camargo: Iberê nas Escolas.....	238
Figura 69 - Fundação Iberê Camargo: Iberê nas Escolas e crianças e adolescentes.....	239
Figura 70 - Museu do Amanhã: Yoga no Museu.....	241
Figura 71 - Museu do Amanhã: Sementes para o Futuro.....	243
Figura 72 - Museu do Amanhã: Gilberto Gil #museuemcasa.....	244
Figura 73 - Museu do Amanhã: Gilberto Gil e uma nova relação com o planeta.....	245
Figura 74 - Museu do Amanhã: Sebastião Salgado.....	246
Figura 75 - Museu do Amanhã: Arte do Amanhã 2023.....	247
Figura 76 - Museu do Amanhã: Arte do Amanhã 2024.....	247
Figura 77 - Museu do Amanhã: Estréia Conversas para o Amanhã.....	248
Figura 78 - Museu do Amanhã: Lenine.....	248
Figura 79 - Museu do Amanhã: Conversas para o Amanhã.....	249
Figura 80 - Museu do Amanhã: Saúde Mental e Tecnologias.....	250
Figura 81 - Museu do Amanhã: Amanhãs Aqui e Agora.....	250

LISTA DE SIGLAS

AEERGS	Associação dos Escultores do Estado do Rio Grande do Sul
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cetic.br	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
FAPERGS	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	International Council of Museums
IDG	Instituto de Desenvolvimento e Gestão
IoT	Internet of Things
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul
MAC/MCC	Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
MACRS	Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul
MAR	Museu de Arte do Rio
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul
MON	Museu Oscar Niemeyer
MuBE	Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia
MuDI	Museu Diários do Isolamento
NIC.br	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
PcD	Pessoa com deficiência
PENEM	Política Nacional de Educação Museal
PNM	Política Nacional de Museus
PNSM	Plano Nacional Setorial de Museus
PROEX	Programa de Excelência Acadêmica da CAPES
PROSUC	Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior da CAPES
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
TECNOPUC	Parque Tecnológico da PUCRS

UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	United Nations Educational Scientific and Cultural Organization
UNIBIC	Bolsa de Iniciação Científica da Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNILASALLE	Universidade La Salle
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 MEMORIAL.....	23
1.1 Da graduação aos desafios que constituíram as travessias.....	24
1.2 Do ousar voar mais além.....	27
2 INTRODUÇÃO.....	30
2.1 Hipótese e objetivos.....	31
2.2 Justificativa.....	33
2.3 Levantamento de trabalhos relacionados.....	35
3 METODOLOGIA.....	41
3.1 Apontamentos sobre o rastreamento digital.....	44
3.2 Apontamentos sobre as entrevistas.....	46
4 COVID-19: DESAFIOS PANDEMICOS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL.....	50
5 MEMÓRIA, MUSEUS E PANDEMIA.....	61
5.1 Será a pandemia um acontecimento a ser esquecido?.....	61
5.2 Museus frente às memórias da pandemia.....	64
5.3 Museus Presentes no Digital: participação social e democratização de acervos	67
5.4 Museus Presentes no Digital: museus no contexto da era digital.....	69
5.5 Desafios na gestão dos museus brasileiros em tempos de pandemia.....	82
6 MAPEANDO MUSEUS E SUAS APROPRIAÇÕES DIGITAIS.....	87
6.1 Museus e comunicação digital.....	87
6.2 Museu do Amanhã.....	91
6.3 Museu Oscar Niemeyer (MON).....	95
6.4 Fundação Iberê Camargo.....	96
6.5 Museu De Arte Do Rio Grande Do Sul (MARGS).....	99
6.6 Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MUBE).....	101
6.7 Museu da Pessoa.....	104
6.8 Museu Diários do Isolamento (MuDI).....	108
6.9 14ª Primavera dos Museus: mundo digital em transformação.....	111
7 MUSEU DO AMANHÃ E FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO: CONHECENDO O LÓCUS DE PESQUISA.....	118
7.1 Museu do Amanhã.....	119
7.2 Fundação Iberê Camargo.....	126
8 MUSEUS E PANDEMIA: ENTRE DESAFIOS E APROPRIAÇÕES DIGITAIS.....	141
8.1 Museus fechados: isolamentos físicos e conexões digitais.....	142
8.2 Museus em reinvenção: explorando apropriações digitais.....	176
8.3 Museus, pandemia e mundo digital: outras reflexões.....	200
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	255
REFERÊNCIAS.....	260

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	276
APÊNDICE B - GALERIA DOS ENTREVISTADOS.....	278

1 MEMORIAL

Dos grandes desafios, há em si a escrita aquela que nos revela... que traz em si um pouco do âmago de nossa essência. Deste breve memorial, inacabado como as travessias que a própria vida nos brinda todos os dias, demarca-se o primeiro capítulo desta tese. Trecho que nasceu desconstruído e desterritorializado, ao sabor das palavras tecidas no balanço dos tempestuosos tempos pandêmicos, onde as tecnologias e redes eram os canais de conexão, foi revisitado na fase de finalização da pesquisa. Mais que perceber resiliência e determinação ao longo das pesquisas sobre museus e tecnologias que serão na sequência apresentadas, é preciso iniciar pelo começo para entender a motivação para o início da(s) travessia(s).

Ao buscar ressignificar alguns momentos chave dessas travessias, vieram na minha mente alguns dos desafios que vivenciei... aos quais escolhi compor nas breves linhas desse memorial. Há desafios, surpresas e situações inusitadas; cada qual contendo em si o segredo de transformar-se a si mesma ao longo da trajetória por essas travessias pessoais.

Tendo a versatilidade como uma das marcas da minha trajetória pessoal, vivenciei experiências vinculadas à área da Comunicação, quando ainda na Graduação de Psicologia, na UNISINOS, trabalhei por três anos na Agência de Publicidade STORM, no atendimento de Formandos da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que desejavam confeccionar seus convites de formatura. Na época, tal oportunidade surgiu em vista da flexibilidade de horários e também por se tratar da tarefa de se reunir com as Comissões de Formatura, apresentar as propostas, convencer os formandos da qualidade dos convites personalizados, para então acompanhar todas as fases até a entrega efetiva dos convites impressos. A experiência aprofundada de atender os formandos nos moldes como as empresas de publicidade desenvolvem suas atividades junto aos seus clientes, trouxe o aprimoramento das minhas habilidades de lidar com público, resolver problemas e conflitos; além de ter contribuído substancialmente com recursos econômicos que foram decisivos para pagar com recursos próprios a Graduação.

Ao longo dos anos que se seguiram, após a Formatura em Psicologia, em 29 de janeiro de 2005, houveram experiências em Psicologia Clínica e, principalmente, Psicologia Grupal, desenvolvidas no consultório que era compartilhado com outros Psicólogos, em Porto Alegre, dentre os períodos de 2005 a 2011. Contudo, devido à crise econômica que já surgiu na época, os custos de manter uma sala, mesmo dividida com outros profissionais, tornaram-se bastante onerosos.

Também, na mesma época, surgiu meu desejo de seguir em busca do aprofundamento acadêmico para focar na realização do sonho de um dia lecionar em Graduações, Especializações e Pós-Graduações. Contudo, retornar em busca da realização desse sonho esbarrava nas dificuldades financeiras para pagar uma Especialização, ou mesmo, um curso em Programa de Pós-Graduação, já que os poucos recursos que tinha na época, haviam todos sido focados na Graduação de Psicologia na UNISINOS.

Mas, como a persistência sempre foi uma marca constante nas diferentes vivências da minha vida, ao qual, aliada à resiliência, imperou junto à convicção do desejo de lecionar – encontrou profícuo solo na crença na importância da humildade em reconhecer de que em todos os locais por que passei, sempre ficaram marcas das experiências que muito tiveram a me ensinar, das pessoas que convivi, do conhecimento que foi produzido ao longo dessas diferentes travessias de vida.

1.1 Da graduação aos desafios que constituíram as travessias

Como já indicado, me formei Psicóloga em janeiro de 2005 pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), foram nove anos cursando a Graduação e buscando vivenciar todas as diferentes possibilidades que a Universidade poderia me brindar. Ao longo desses anos da Graduação houveram vivências transdisciplinares surpreendentes, aos quais quando iniciei o curso jamais ousaria imaginar. Destacam-se nessas vivências, a oportunidade ímpar de ser Bolsista de Iniciação Científica, com Bolsa UNIBIC e posteriormente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) ao longo da Graduação, por cerca de um ano junto à Prof. Dra. Dinorá Fraga da Silva no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS, em pesquisa que trabalhávamos o tema dos RPGs (*Role Playing Games*); e já ao lado do PE Prof. Dr. Egídio Francisco Schmitz, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, em que participei por três anos trabalhando na Iniciação Científica em três pesquisas diferentes, todas relacionadas aos aspectos da formação do educador.

As vivências em Iniciação Científica, que foram instauradas em paralelo à Graduação de Psicologia, na UNISINOS, foram uma oportunidade de aprender com diferentes grupos de áreas distintas, aspectos pontuais respectivos ao desenvolvimento de uma pesquisa, à análise do material pesquisado, bem como à contextualização e o compartilhamento de seus resultados. Contudo, as experiências de vida que tive a grata oportunidade de vivenciar foram o maior presente que recebi nesse momento de minha travessia... os inúmeros aprendizados

que tive com o já falecido PE Prof. Dr. Egídio Schmitz, permanecem em mim como um legado, uma grata alegria de ter estado naquele instante compartilhando de vivências tão inspiradoras. Sempre afirmo que com ele, eterno Professor e Mestre, aprendi não somente a respeito do ofício de pesquisar como também de questionar, para ousar compreender para além das aparências, para olhar para a vida com mais determinação, apreço, gratidão e alegria.

Tive a grata oportunidade de vivenciar oportunidade rica de Intercâmbio Internacional, cursado na Universidad de Deusto, em Bilbao (Espanha), no primeiro semestre de 2004, viajando junto a um grupo de alunos de Graduação de Psicologia, vinculados à UNISINOS, para cursar uma disciplina intensiva, ministrada em espanhol, relacionada ao tema emergente na época, Políticas Públicas e Privadas de Saúde. Nesse caso, como toda a viagem, há em si a oportunidade de vivenciar transformações, ressignificações de si mesma, tendo-se em vista que se está em um país diferente e falando outra língua. E no quesito de Bilbao, localizada na região basca da Espanha, isso ainda se intensifica ainda mais, em função de que lá se falam duas línguas ao mesmo tempo, o espanhol e o idioma basco. Dessas travessias breves pela Espanha, em que conheci também Madrid, Toledo, Barcelona, culminando em uma breve visita à Lisboa – ficou para sempre impregnado em minha alma o desejo de peregrina, de viajar a terras distantes, buscando vivenciar na alma e no coração novas travessias de vida. Ainda gesto um desejo de ainda trilhar novos caminhos por essas terras distantes, rever Barcelona, Bilbao, Madrid e Toledo e ousar ir a cidades da Espanha que ainda permaneceram distantes da primeira viagem, assim como conhecer outros países europeus como a Itália, a França e a Irlanda.

Das travessias que realizei em 2004, permaneceram na minha mente, a visita que fiz ao *Museu Guggenheim Bilbao*, repleto de obras de arte contemporâneas impregnadas pela irreverência de suas irregulares paredes, em sua desconstrutiva edificação. Outras vivências artísticas que tive a grata alegria de conviver em paralelo ao Intercâmbio Internacional à Espanha, foram no *Museu do Prado* e o *Museu Reina de Sofia*, na cidade de Madrid; assim como conhecer as obras de Gaudí, em Barcelona, vivenciar a magia do *Parque Güell* e visitar o *Museu Picasso*. Em Toledo, as próprias ruas de pedra da cidade e alguns dos belos lugares que visitamos fizeram dessa visita a pé, tornar-se uma viagem a um passado longínquo e um tanto misterioso... inesquecível!

É na viagem à Espanha, que realizei para estudar temas relacionados à Psicologia, que ficou ainda mais impregnado em mim o desejo de um dia poder dedicar meus estudos à arte e aos museus. Embora, na época, há vinte anos atrás, não fosse claro ainda como isso se constituiria no futuro, minhas travessias pelos diferentes museus impregnaram minha alma do

desejo de um dia me debruçar as diferentes temáticas que se relacionavam a constituição desses espaços tão intensos e eloquentes para minhas vivências.

É interessante, que nessa época, há aproximadamente 20 anos atrás, ainda não se tinham celulares como os smartphones que temos hoje, ou seja, não se dispunha das facilidades dos aplicativos e do acesso de celulares à internet, assim como mensagens instantâneas como as que temos junto a aplicativos como o *WhatsApp* e o *Telegram*. Assim, atravessamentos das obras de arte com as tecnologias digitais, ou mesmo, ainda que eletrônicas, ainda eram raros, contudo, em *Museu Guggenheim Bilbao*, foi possível vivenciar, na época, algumas obras de propostas interativas e que ousavam com uso de neon e outros materiais.

Do passado, das marcas que permaneceram fruto das breves vivências na Espanha, houve a subsequente conclusão da Graduação de Psicologia, seguindo-se de uma saga em busca do Mestrado. Houve uma breve passagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no Mestrado em Psicologia Social, em que o afastamento do professor orientador na época, aliado às dificuldades financeiras familiares, fizeram com que sucumbisse a não conclusão, em função de não dispor de recursos financeiros, na época, para saldar a dívida de estudo que acabei contraindo. Contudo, permaneceu o histórico de todas as disciplinas cursadas, sendo algumas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS, já que trabalhava com o tema dos impactos sociais da rede social Orkut, como tema central de minha pesquisa acadêmica.

Dessa época, permaneceram muitas vivências paralelas, em destaque a participação no Seminário Internacional do Fórum da Cultura Digital Brasileira, em São Paulo, em novembro de 2009, no Parque Ibirapuera e na Cinemateca Brasileira – estando entre os convidados para compartilhar como pesquisadora, do que percebia em relação à rede social *Orkut* e o aumento do impacto social e cultural das redes sociais. Do Mestrado em Psicologia Social da PUCRS, não ficou o título de Mestre, mas as ricas vivências que tive a alegria de compartilhar com pesquisadores de todo o Brasil, sendo, inclusive, na época, incluída na lista de pesquisadores brasileiros de Comunicação, publicada em um BLOG e em uma lista criada na rede social do Twitter (atual X).

Da saga em busca do Mestrado, decidi ir em busca de novas oportunidades e de concorrer a bolsas, já que não teria mais condições financeiras para arcar com essa responsabilidade. Assim, surgiu o Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, na UNISINOS, Conceito 7 na CAPES, no qual fui diplomada em 15 de julho de 2019, através de subsídios Bolsa CAPES Programa de Excelência Acadêmica (PROEX)

Taxas. A Dissertação sob o título "Art games e educação em contexto híbrido e multimodal: aprendizagem imersiva em movimento", em sua íntegra em Lima (2019), trouxe possibilidades de diferentes reflexões sob o tema dos *art games*, buscando perceber possíveis reverberações subjetivas, imersivas e digitais em diálogo com a educação, arte e conhecimento. Das vivências com o desenvolvimento de *art game*, minha paixão pela arte aliada ao digital se aprimorou ao ponto de ir amadurecendo cada vez mais o quanto e de que forma gostaria de começar a juntar tudo que sempre gostei de me debruçar como pesquisadora, para que no Doutorado, pudesse aprofundar estudos e desenvolver um olhar mais apurado.

Há também minha passagem no MBA Gestão em Empresas de Base Tecnológica, na UNISINOS, do qual aguarda trâmites acadêmicos relativos ao Trabalho de Conclusão, para fins de que possa ter acesso à emissão do Diploma Lato Sensu, processo ao qual sofreu interrupções ao longo do período pandêmico. Dessa experiência breve surgiu minhas inserções na área de marketing digital e mobile marketing, temas que estavam intimamente relacionados com o projeto que fora desenvolvido e implementado junto à Gestão da OZ Engenharia, empresa vinculada ao Parque Tecnológico da PUCRS (TECNO PUC). Tal etapa prática incluiu o desenvolvimento estratégico e sinérgico em redes sociais pontuais da OZ Engenharia, para fins de trabalhar aspectos chaves da imagem da Empresa, assim como ações relacionadas à sustentabilidade. Houve o acompanhamento de um determinado período dessas postagens e um trabalho realizado diretamente junto à gestão, buscando aprimorar a compreensão e o desenvolvimento de aspectos significativos relacionados ao Marketing Digital e o Mobile Marketing.

1.2 Do ousar voar mais além

Há de se frisar, os interesses que transitaram na meta de alcançar a excelência acadêmica necessária para me tornar docente, aprofundando o embasamento teórico e prático para participar em palestras e conferências, assim como no desenvolvimento e organização de eventos. Contudo, a mente inquieta que sempre me acompanhou, aliada ao desejo de viver novos desafios, têm sido o que nessa nova década de 2020 pretende fundamentar minhas travessias profissionais. Desta forma, não pretendo convergir apenas às diferentes experiências acadêmicas, mas, principalmente, buscar ampliar meu olhar curioso e atento para além dos engendramentos do aqui e agora, em franca abertura para inovar através de diferentes possibilidades profissionais. Há cada vez mais possibilidades vinculadas às

tecnologias, impulsionadoras de vivências imersivas, muitas dessas inovações têm desempenhado destaque e despertado curiosidade, polêmicas, e mesmo, novos olhares e transformações. Instigada a desbravar novas vivências imersivas, celebro nossos tempos, em que os ambientes digitais, IoT (*Internet of Things*), realidade virtual, realidade aumentada, hologramas e vivências gamificadas, trazem diferentes potencialidades.

Da motivação que me traz o interesse em realizar essa pesquisa, inspirada em aprofundar olhares na problemática enfrentada pelos museus e instituições culturais brasileiras ao longo dos anos da pandemia de COVID-19 – há destaque a paixão com que a arte sempre me mobilizou ao longo de toda minha vida, tendo vivenciado experiências pessoais vinculadas às artes performáticas (dança e teatro) até o contato com exposições de arte e visitas às edições da Bienal de Arte de São Paulo e da Bienal do Mercosul (Porto Alegre).

Ao considerar a Arte como propulsora da curiosidade, da criatividade e das diferentes reflexões acerca do mundo e das possíveis implicações culturais e sociais, busquei por diferentes vivências artísticas ao longo desses anos. Tais aspectos são aprofundados por meio de experiências pessoais diretas em Dança e Teatro, as quais culminaram em formação paralela. Filha de artista plástica, tive a valiosa oportunidade de desde a infância acompanhar o universo da criação e do desenvolvimento das exposições de arte, da realização de performances e obras de arte, até a organização de exposições na rua. Acompanhando atividades burocráticas realizadas pela minha mãe quando Presidente da Associação dos Escultores do Estado do Rio Grande do Sul (AEERGS) até Vice-Presidente do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), tive contato com a promoção de diferentes eventos de arte dessas instituições. Contudo, foi por meio de visitas à Bienais e o acompanhamento de performances artísticas, que cultivei ao longo dos anos gosto pela arte e maior interesse por suas vertentes contemporâneas: Arte Digital, Arte Tecnológica, Immersive Digital Art e Art Game (esse último instigado principalmente a partir do desenvolvimento da Dissertação de Mestrado na área de Educação).

A paixão pela arte se aprofundou e amadureceu ao longo dos anos, em 2019 finalizei um Mestrado em Educação na UNISINOS em que abordei as artes imersivas, tecnológicas e interativas em diálogos com a Educação e as tecnologias digitais – o que culminou na elaboração de um produto vinculado à escrita da Dissertação. Assim, Art Game Experience nasceu dessa concepção vinculada ao Mestrado, unindo tecnologias da realidade aumentada, art game e o uso de QR CODES– e tornando-se uma vivência singular para aqueles que participaram no Campus da UNISINOS, em São Leopoldo-RS.

Do Mestrado e de Art Game Experience, surgiu o interesse de dar novos vôos e decidi trilhar meu Doutorado em outro Pós-Graduação, no qual pudesse escolher realmente pesquisar assuntos diretamente vinculados à arte, à memória social e aos bens culturais. Assim, surgiu a oportunidade de cursar Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, na Universidade La Salle (Canoas-RS).

Da seleção ao começo das aulas, em 17 de março de 2020, houve a motivação incessante de persistir em busca dessa oportunidade, principalmente, celebrando a possibilidade ímpar de ser contemplada com uma Bolsa Integral CAPES PROSUC. Do início das aulas, em março de 2020, vários desafios foram enfrentados, culminando na certeza que sou uma das várias estudantes que teve que se reinventar ao longo da pandemia de COVID-19 – tendo a alegria de estudar na Universidade La Salle e ser contemplada com aulas sincrônicas no ambiente digital do *Google Meet*, o que possibilitou que aprofundássemos vínculos, mantivéssemos nossas aulas e nos reiventássemos.

Da formação de Psicologia às vivências na Educação, e aos atuais estudos como Doutoranda nas áreas de Memória Social, Bens Culturais e Arte – surgem na mente e no coração o empenho de que todos possamos juntos ser potência de criatividade. Da paixão que me motiva constantemente a seguir pesquisando, surge a potência que me motivou a enfrentar a pandemia, para seguir em frente, com meus estudos, pesquisas e participação em atividades de extensão; a fim de que juntos todos possamos nos reinventar.

Assim, o principal foco dessa Tese foram os desafios enfrentados pelos museus brasileiros no período de eclosão da pandemia por COVID-19, iniciada em 11 de março de 2020. Destaca-se a forma intensa com que esses desafios foram vivenciados, nas situações que se seguiram nos anos 2020, 2021, 2022 e 2023; em particular quanto à oportunidade desses espaços museais e culturais migrarem para o digital, assim como investirem em soluções digitais na forma de diferentes apropriações digitais, empreendidas em diversos ambientes digitais. É relevante, que a pesquisa iniciada nas pesquisas e interações digitais, foram depois complementadas pela visão de atores implicados no processo: colaboradores e gestões de museus. A partir das entrevistas, optou-se por aprofundar nosso estudo e abarcar o ano de 2023 e o ano subsequente; porque a pandemia seguiu até 05 de maio de 2023 e, também porque em 2024, ainda haviam projetos digitais que começaram na época da pandemia, e permaneciam na fala e no cotidiano de alguns dos nossos colaboradores e seus espaços que foram escolhidos para esta pesquisa: o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo*.

2 INTRODUÇÃO

No primeiro semestre de 2020, o coronavírus SARS-CoV-2 propaga-se em escala mundial, tendo a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificado em março como uma pandemia. Na busca de proteção e contenção, governos adotam protocolos de saúde vinculados ao distanciamento social, a fim de evitar situações de possível risco de transmissão do vírus e suas variantes. A arte também é atingida pela pandemia: artistas, produtores e instituições culturais e museais têm suas atividades interrompidas abruptamente na medida em que precisam fechar suas portas à visitação pública. Surgem reações das mais diversas, e artistas, profissionais da cultura e museus, dentro desse contexto, passam a dialogar com a pandemia e com as medidas de distanciamento social, adotadas por meio da arte, da criatividade e da tecnologia.

Da sensação de constante impermanência propagada pela pandemia, práticas e processos se ressignificam a partir da reinvenção e de reapropriação artística, intensificadas ao longo do período pandêmico. No anseio por um olhar apurado em relação aos efeitos da pandemia no meio artístico, se busca perceber diferentes nuances que se transversalizam e se entrecruzam ao longo dos anos de 2020, 2021, 2022 e 2023, e no ano subsequente de 2024. Desta inquietação relativa ao impacto abrupto da pandemia e os diferentes processos que instaura, surge o interesse em pesquisar as problemáticas enfrentadas pelos museus brasileiros ao longo desse período, buscando observar de forma mais atenta como se dão as diferentes apropriações digitais instauradas por esses espaços museais.

No contexto desta pesquisa, o termo apropriação digital é utilizado para indicar soluções digitais que tenham sido empregadas de forma original ou criativa, tendo sido ressignificadas pelos usuários, assim como incidindo como incremento da participação social, da colaboração, da cooperação e da cocriação. É significativo que se perceba que as apropriações digitais surgiram a partir de processos que abarcam o uso e a ressignificação de diferentes soluções digitais, que passam a ser utilizadas sozinhas ou em conjunto, formando um modo singular e peculiar de apropriarem-se do digital e, por assim dizer, diversificar possibilidades de aplicações em forma de soluções digitais. Ao longo do processo de escrita desta Tese, algumas dessas apropriações digitais estarão vislumbradas, e maiores detalhes podem ser acessados no mapeamento feito em sete espaços museais e culturais brasileiros, o que poderá ser acessado no Capítulo 6. Foram analisados os seguintes espaços museológicos: o *Museu do Amanhã*, o *Museu Oscar Niemeyer (MON)*, a *Fundação Iberê Camargo*, o *Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)*, o *Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia*

(MuBE), o *Museu da Pessoa* e o *Museu Diários do Isolamento* (MuDI). Tal proposta traz em seu cerne, a possibilidade de trazer maior vivacidade à Tese, visibilizando alguns aspectos singulares ao pontuar alguns aspectos relativos às dimensões das apropriações digitais dos sete museus brasileiros preliminarmente mapeados. Optamos por manter o levantamento como capítulo, tanto como um registro de memória quanto para um panorama das apropriações digitais em forma de soluções digitais empreendidas por esses espaços museais e culturais em virtude dos desafios suscitados pela pandemia de COVID-19.

A presente tese, desenvolvida no contexto da Linha Memória e Linguagens Culturais, oportuniza discussões alinhavadas aos desafios trazidos pela pandemia e seu caráter abrupto e intempestivo – que rompeu com rotinas, trouxe reveses financeiros, ceifou vidas e interferiu em várias cadeias, incluindo, o impacto que reverberou no funcionamento em torno do ecossistema¹ museológico brasileiro, principalmente, quanto aos desafios relativos à sobrevivência cultural-econômico-financeira dos museus brasileiros. Tal processo incide em todo um ecossistema de gestão que abarca a cultura e as instituições museais, além de englobar todos que estão envolvidos, assim como investimentos em políticas públicas e privadas vinculados às problemáticas e principais desafios enfrentados pelos museus brasileiros.

2.1 Hipótese e objetivos

A pandemia pode ter intensificado tanto as migrações dos museus para o digital, quanto influenciado na maneira como têm se relacionado com as tecnologias digitais, ainda que algumas dessas instituições museológicas e culturais, possam não ter tido uma organização, estrutura efetiva e nem colaboradores com formação adequada - para lidar imediatamente com os desafios digitais no momento da eclosão da pandemia no Brasil, a partir de março de 2020. Desta reflexão, surge uma **questão de pesquisa**: como se deu as apropriações digitais por espaços museais e culturais durante e logo após o período

¹ Nas ciências naturais, um ecossistema se refere a uma comunidade de organismos interagindo com outros organismos e com o ambiente físico. Por analogia, podemos conceber ecossistemas sociais e culturais nos quais ocorrem a vida humana, os processos e interações sociais, a mudança e o desenvolvimento sociocultural. É somente em ecossistemas socioculturais que envolvem interação humana que a comunicação é dotada de camadas subjetivas de construção de significado e interpretação, no que diz respeito às dimensões da produção e troca de conhecimento. (SABIESCU; CHARATZOPOULOU, 2018, p.328-329).

pandêmico da COVID-19? Assim, poderiam esses espaços museais ter estado em diferentes momentos de efervescência e processos de experimentação, já que o digital e suas diferentes possibilidades é um processo que têm emergido na historicidade e realidade de diversas instituições ao longo dos anos, na tentativa de acompanhar a evolução dos processos tecnológicos digitais. Contudo, é ao observar-se de forma mais próxima, o processo em si, vivenciado por gestores e colaboradores dessas instituições museais e culturais - que há a possibilidade de avançar-se na compreensão desse processo e o quanto as apropriações digitais foram para esses espaços, cruciais para a forma como buscaram lidar com os desafios inusitados, que irromperam a partir da eclosão pandêmica, principalmente, os que dizem respeito a fechar de forma abrupta as portas das instituições museais e culturais à visitação pública, por longo período, incluindo vários meses, principalmente, no período brasileiro mais crítico e fatal da pandemia - o ano de 2020.

Assim, o principal foco dessa Tese são os desafios enfrentados pelos museus brasileiros no período de eclosão da pandemia por COVID-19, iniciada em 11 março de 2020, e vivenciada de forma intensa nos desafios que se seguiram nos anos 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024; em particular quanto a oportunidade de migrarem para o digital, assim como investirem em soluções digitais na forma de diferentes apropriações digitais, empreendidas em diversos ambientes digitais.

Deste modo, parte-se da **hipótese** de que a pandemia intensificou as apropriações digitais pelos (gestores de) museus, influenciando na maneira como têm se relacionado com as tecnologias digitais.

Definiu-se como **objetivo geral** compreender as apropriações digitais utilizadas pelo *Museu do Amanhã* e pela *Fundação Iberê Camargo*, ao longo dos anos de 2020 a 2024, a partir das perspectivas de gestores e colaboradores desses espaços museais e culturais.

Ao buscar compreender as apropriações digitais utilizadas a partir das perspectivas de gestores e colaboradores desses espaços museais e culturais, inicialmente teríamos o recorte dos anos de 2020, 2021, 2022, mas optamos por ampliar para os anos de 2023 e 2024, o que permitiria observar outros aspectos presentes nos relatos dos entrevistados, principalmente os respectivos ao ano de 2024. Delineamos a partir deste objetivo geral, os seguintes objetivos específicos:

- a) Rastrear indícios das apropriações digitais utilizadas por museus selecionados buscando contextualizar tais iniciativas com os desafios trazidos pela pandemia e em sua relação com o ecossistema museal;

- b) Analisar a relação das apropriações digitais empreendidas com a gestão dos museus pesquisados e o trabalho desenvolvido por seus colaboradores;
- c) Compreender como gestores e colaboradores dos museus brasileiros pesquisados lidaram com as questões relativas às apropriações digitais, tangenciando aspectos relacionados à ressignificação e à reinvenção desses espaços museais e culturais em meio ao ecossistema ao qual estão inseridos e aos desafios pandêmicos aos quais se perceberam submetidos;
- d) Visibilizar processos de ressignificação e reinvenção das instituições museais mapeadas, trazendo questões relacionadas à democratização dos museus, suas diferentes formas de interação com o público, assim como aspectos participativos sociais, respectivos à colaboração, à cooperação e à cocriação.

Desta maneira, pretende-se atender ao objetivo geral pesquisando as soluções digitais empreendidas por dois museus brasileiros: o *Museu do Amanhã* (Rio de Janeiro/RJ) e a *Fundação Iberê Camargo* (Porto Alegre/RS).

2.2 Justificativa

Ao contemplar o fato de que o desenvolvimento dessa Tese tem o apoio econômico-financeiro provindo de subsídios da Bolsa Integral CAPES PROSUC, obtendo o respaldo público bem como o compromisso de estar vinculada à relevância sócio-cultural-econômica; delineia-se o compromisso de realizar uma pesquisa que possa ser de benefício público, trazendo a oportunidade de se contemplar as apropriações digitais empreendidas por esses espaços museais em face aos desafios enfrentados pelos museus brasileiros nos anos de período pandêmico. A compreensão e o compartilhamento destas apropriações, em particular as boas práticas, permitirá que outras entidades possam se beneficiar deste conhecimento.

Destaca-se também, a Política Nacional de Museus (PNM) (BRASIL, 2007), em que há ênfase na democratização e acesso aos bens culturais onde se prescreve a necessidade de que se criem mecanismos de documentação, organização, conservação, restauração, informatização e disponibilização dos acervos – como meta a ser seguida pelos museus e instituições culturais brasileiras. Da qual abaixo, segue-se a descrição de um dos eixos programáticos:

4. Informatização dos Museus, destacando-se a criação de políticas de apoio aos processos de desenvolvimento de sistemas informatizados de documentação e gestão de acervos, ao estímulo de projetos para disponibilização de informações sobre museus em mídias eletrônicas e ao apoio aos projetos institucionais de transferência

de tecnologias para outras instituições de memória. (NASCIMENTO JÚNIOR; CHAGAS, 2008, p.46).

Desta forma, sendo o termo mídias sociais também compreendido como redes sociais, já aparece na época de delineamento dessas políticas, indicando a importância e o interesse estratégico em relação aos museus conquistarem maior visibilidade nas mídias sociais e internet.

Assim, ao se buscar compreender melhor os processos engendrados a partir das apropriações digitais empreendidas pelos museus brasileiros, se estará desenvolvendo uma pesquisa que contemplará também processos de democratização dos museus, bem como respectivos à participação social, vigente a partir da colaboração, cooperação e cocriação. Buscar compreender de forma acurada e contextual, os processos de resignificação e reinvenção aos quais os museus brasileiros vivenciaram ao longo do período pandêmico – traz profícua oportunidade de contemplar soluções empreendidas por gestores e equipes de colaboradores, em meio às demandas de isolamento e distanciamento social abruptamente trazidas pela pandemia, culminando em longos períodos de fechamento desses espaços museais ao longo da pandemia causada pela COVID-19.

Cabe ressaltar que não se pretende analisar as exposições presenciais desses museus brasileiros nem tampouco assuntos diretamente relacionados à curadoria de exposições museográficas. Temas como a expografia e curadoria são relevantes quanto as suas correlações com a temática dos museus, contudo, somente serão abordados quanto estiverem diretamente relacionados aos objetivos e questões norteadoras, referenciadas ao longo desta Tese.

Desta maneira, optou-se para a elaboração desta Tese, partir de uma análise preliminar de alguns dos rastros digitais deixados por esses espaços museais e culturais brasileiros, mapeados em seus *sites* e *fanpages* em redes sociais, para que fossem vir a formar o primeiro grupo de sete museus brasileiros detalhados no Capítulo 6. Após a qualificação do Projeto de Tese, tendo sido definidos o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo* como foco, equipes de gestores e colaboradores desses espaços museais e culturais brasileiros foram contactados. Assim, nessa segunda etapa, foi possível analisar não somente as apropriações digitais em forma de soluções digitais mapeadas, como também como gestores e colaboradores desses espaços museais e culturais brasileiros buscaram lidar com os desafios de enfrentamento surgidos a partir da eclosão da pandemia, no período em que se pretende debruçar às discussões e olhares pontuais dessa pesquisa. Assim, apresentamos um breve panorama da memória organizacional do *Museu do Amanhã* e da *Fundação Iberê Camargo*

no Capítulo 7, para na escrita do Capítulo 8 apresentar uma narrativa contextualizada com as falas dos nossos entrevistados de ambos espaços.

Nossa escolha pelo *Museu do Amanhã* se deve ao fato de ter sido o único que ganhou nesse período um significativo prêmio internacional, LCD Leading Culture Destinations Award 2022 (Melhor Experiência Digital em Museus no ano de 2021) – pelo reconhecimento que destacou o pioneirismo da experiência do *Museu do Amanhã* no ambiente digital e junto do seu público dentro de um período desafiado pela pandemia e pela iminência de contaminação da COVID-19. Já ao que tange a opção pela *Fundação Iberê Camargo* justifica-se principalmente por estar situada na capital Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, estado ao qual estamos realizando esse estudo ao qual originou a presente Tese de Doutorado.

Também foi realizado um levantamento das Teses e Dissertações que de alguma forma se relacionassem com essa pesquisa, seus objetivos e hipóteses, o que será apresentado a seguir.

2.3 Levantamento de trabalhos relacionados

A fim de rastrear as produções científicas acadêmicas que tivessem relação com os temas propostos na elaboração desta Tese, realizaram-se duas buscas distintas, empreendidas em momentos diferentes da elaboração desta proposta de pesquisa. De ambas buscas, foram selecionadas as Teses e Dissertações, listadas em detalhes na tabela a seguir.

Quadro 1 - Teses e dissertações selecionadas após primeiro levantamento sistemático

Autor	Ano	Título	Curso e Universidade
REIS, Andréa de Lennhoff Pereira	2021	Interdisciplinaridade, Participação, Colaboração e Imersão: design e narrativas museais na contemporaneidade.	Doutorado em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio.
CHAVES, Rafael Texeira.	2020	Cibermusealização: estudo de caso do Museu Virtual das Coisas Banais da Universidade Federal de Pelotas/RS.	Mestrado em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul, UFRGS.
SILVEIRA, Giulia Drumond Imazio	2021	Exposições Artísticas: estratégias de instituições museológicas em espaços expositivos contemporâneos.	Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF.

REIS, Marina Gowert dos.	2019	Patrimônio Cultural Brasileiro na era digital: da digitalização de acervos à preservação participativa na internet.	Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, UFPEL.
REIS, Marina Gowert dos.	2014	A internet como ferramenta de participação social: uma análise das mobilizações para preservação do Centro Histórico de Santo Ângelo – RS	Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, UFPEL.
AQUINO, Ricardo Rodrigues de	2010	Museu e produção de subjetividades.	Doutorado em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UFRJ.
CÔRREA, Vitor Freire.	2017	Patrimônio Arquivístico Digital: práticas memoriais de preservação digital dos arquivos públicos no Brasil.	Doutorado em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UFRJ.

Fonte: Produzido pela autora, 2022.

No ano de 2020, após a eclosão da pandemia de COVID-19 e a observação acurada das transformações, houve o reconhecimento de que buscar aprofundar a compreensão de como os espaços museais brasileiros estavam lidando com os principais desafios surgidos a partir da pandemia poderia se tornar uma questão relevante de pesquisa. Assim, cabe ressaltar que destacam-se nos desafios enfrentados pelos museus brasileiros em meio ao período pandêmico – o fechamento abrupto de suas portas à visitação pública, dificuldades financeiras e questões vinculadas à organização de suas equipes de colaboradores em relação ao trabalho e a gestão dos espaços museais e culturais.

A primeira busca de Teses e Dissertações, foi bastante preliminar, ainda em 2020, ano ao qual poderia tornar-se mais difícil encontrar publicações que tivessem a palavra-chave COVID-19 junto a palavra-chave museus, optando-se nessa busca rastrear material que obtivesse ambas palavras e, de certa maneira, com o termo “apropriação digital” no Banco de Teses da CAPES. Na época não se encontraram materiais que tivessem essas duas palavras-chaves juntas, nem tampouco, relativos à apropriação digital. Assim, optou-se por uma busca mais restrita, buscando nos títulos e resumos algo que pudesse se relacionar com alguns dos principais temas que se pretendia desenvolver ao longo da Tese, focada em Programas de Pós-Graduação brasileiros que trabalhassem com temas relacionados ao Projeto de Tese.

Assim, como o relatado acima, foi realizada a primeira pesquisa de rastreamento de Dissertações e Teses, de 2020, na qual se encontraram quatro trabalhos distintos, destacando-se duas produções da mesma autora: Reis (2019) e Reis (2014), respectivamente, Tese e Dissertação, ambas defendidas no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no Rio Grande do Sul. Tais trabalhos foram relevantes para aprimorar alguns pontos desta Tese, em que a participação social na forma como foi abordada pela autora, em diferentes possibilidades ao longo dos dois trabalhos, trouxe reverberações, que foram abordadas na escrita do desenvolvimento teórico desta tese.

Outras duas teses que surgiram já na primeira busca foram defendidas, respectivamente, por Côrrea (2017) e Aquino (2010), ambas no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Côrrea (2017) amplia para um olhar histórico para as diversas possibilidades de preservação digital, historicamente, utilizadas no Brasil, tangenciando o tema com alguns dos principais desafios enfrentados na área. Já Aquino (2010), amplia para abordar a subjetividade, reconhecendo os museus como produtores de subjetividade, trazendo diferentes aspectos que corroboram para compreender o quanto esses espaços museais e culturais se interrelacionam com a cultura, com a sociedade e o contexto global.

Como haveria possibilidade de publicação de Teses e Dissertações que abordassem o tema da COVID-19 entrelaçada com os museus, aspectos da cultura digital e o uso de redes sociais, nos anos seguintes, realizamos uma nova busca, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que engloba todas as produções de Teses e Dissertações brasileiras e internacionais. Desta vez, optamos por um recorte que se utilizasse das palavras-chaves: a) museus; b) COVID-19; c) cultura digital; d) tecnologia digital; e) memória social e f) pandemia. Também utilizamos outras palavras-chave em um segundo momento, como: a) apropriação digital b) mídia digital e c) redes sociais. É significativo contemplar que nossa busca utilizando-se da BDTD, não se restringiu a produções acadêmicas restritas à área desta Tese, mas que buscou ampliar-se a todo e qualquer trabalho relevante que pudesse conter esses cruzamentos, independente da área ao qual estiver vinculado.

Do levantamento realizado no segundo semestre de 2022, optamos por destacar três trabalhos: uma Tese e duas Dissertações. Nesta nova busca, optamos por não restringir a área do conhecimento. Assim, a Tese de Reis (2021), defendida na área do Design, na PUC-RIO, trouxe para a roda de discussões aspectos relevantes referentes à interdisciplinaridade, à participação, à colaboração e à imersão - relacionadas aos aspectos presentes nas narrativas

museológicas contemporâneas. Das Dissertações selecionadas, a de Silveira (2021), proveniente do Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), aborda as mudanças que o setor cultural sofreu ao longo dos anos, em especial, no que tange a intensificação do uso das redes sociais e dos meios digitais devido a pandemia de COVID-19. A autora pontua o fato de que instituições museológicas precisaram, ao longo desse processo - repensar suas estratégias de gestão, comunicação e marketing digital, a fim de buscarem atender às demandas de uma sociedade cada vez mais conectada. Também há destaque para a valorização das experiências do público: fruição, aprendizado, construção de narrativas expositivas e formação crítica do sujeito; buscando perceber novas formas de relacionamento entre público e espaços de arte, vislumbrando aspectos tecnológicos, sociais, ambientais e culturais.

Finalmente a dissertação de Chaves (2020), do Mestrado em Museologia e Patrimônio, da Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul (UFRGS), destaca como tema a cibermusealização, em que a partir do estudo de caso do Museu Virtual das Coisas Banais da Universidade Federal de Pelotas/RS (UFPEL), são abordados diversos aspectos, inclusive, referentes à nova museologia e ao uso da tecnologia.

É significativo que se pondere que o material aqui representado no Quadro 1 é um retrato da produção acadêmica científica relacionada com o tema, sob a incidência de um dado recorte temporal. Desta maneira, considerando-se as transformações vigentes, relacionadas à produção e catalogação como parte do processo científico, assim, do momento de apresentação do Projeto de Tese ao desenvolvimento desta pesquisa e Defesa da Tese, já houve inserções de outras obras e estudos, respectivos aos anos seguintes.

Antes da entrega desta Tese, em 30 de novembro de 2024, foi ainda realizada uma terceira busca, bem mais focal, em que se optou por utilizar apenas duas palavras-chaves – COVID-19 e museus – no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e não foram encontradas nenhuma publicação, já se inserirmos somente a palavra-chave COVID-19, encontram-se 9194 publicações, mas nenhuma delas têm relação com o contexto dos museus.

A busca realizada, na mesma data (30/11/2024) e com as mesmas palavras-chaves (COVID-19 e museus), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) retornou 37 trabalhos entre Teses e Dissertações. Contudo, dos 37 trabalhos apontados, apenas 13 dissertações faziam alusão à pandemia de COVID-19 e a relacionavam ao assunto museus, aos quais encontram-se relacionadas a seguir no Quadro 2.

Quadro 2 - Teses e dissertações selecionadas após segundo levantamento sistemático

Autor	Ano	Título	Curso e Universidade
SÁ-GUIMARÃES, Givago da Encarnação	2023	Os museus de ciência e a comunicação com o público turístico em tempos de pandemia.	Mestrado em Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
FOLADOR, Heloísa de Faria.	2021	Museus virtuais de ciências: possibilidades e desafios para a divulgação científica	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, UFTM.
SILVEIRA, Giulia Drumond Imazio	2021	Exposições artísticas: estratégias de instituições museológicas em espaços expositivos contemporâneos	Mestrado em Artes, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF.
FAURI, Larissa Dalla Nora	2022	A mediação cultural na pandemia: torções entre neoliberalismo e invenção.	Mestrado em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul, UFRGS.
NUNES, Amanda Canabarro.	2022	Desafios dos museus em tempos de pandemia: o Museu Joaquim José Felizardo em Porto Alegre.	Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS.
MENEZES, Débora Teixeira dos Santos e	2021	Público ausente no território de centros e museus de ciências: caminhos para a cidadania e o engajamento.	Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ.
FAZANI, Isabella Favero	2023	Os museus no ciberespaço: comunicação do Museu Imperial (Petrópolis) e do Museu do Diamante (Diamantina) através da Internet.	Mestrado em Museologia, Universidade de São Paulo, USP.
CANTO, Aylana Teixeira P.	2022	A Mediação Cultural Online como estratégia educativa: um estudo de caso no Museu de Arte de São Paulo - MASP	Mestrado em Museologia, Universidade Federal da Bahia, UFBA.
SILVA, Thatiane da	2023	O Instagram como ferramenta de comunicação museológica na era da cultura digital	Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.
SÁ, Manuel Henrique dos Santos Alves de.	2022	Design estratégico para planejamento museal em tempos de pandemia : o caso Museu da Abolição.	Mestrado em Design, Universidade Federal de Pernambuco.

MANJARRÉS USAQUÉN, Daniel Alberto.	2021	Propuesta museológica para la consolidación del Museo de Bogotá.	Mestrado em Museologia, Universidade de São Paulo, USP.
CHAVES, Rafael Teixeira	2023	O fato museal na virtualidade: reinvenção a partir da pandemia de COVID-19.	Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, UFPEL.
OLIVEIRA, Aline Maria Andrade de.	2022	Os mediadores da Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro e seus desafios diante da pandemia (SARS-CoV-2).	Mestrado em Ensino de Biociências e Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ.

Fonte: Produzido pela autora, 2024.

Para buscar atingir nosso objetivo de ter um panorama mais atualizado a respeito das Dissertações e Teses que abrangessem o tema, de diferentes áreas do conhecimento, nos utilizamos do uso das palavras-chaves (COVID-19, museus) e optamos por utilizar o conector “AND” entre as palavras-chaves, para que pudéssemos obter uma maior objetividade e refinamento da busca. Deste material, foi encontrada uma única Tese, da Universidade Nacional de Brasília (UNB), mas que não foi possível acessar o conteúdo e, tampouco, visibilizar se ela realmente teria relação maior com os temas desenvolvidos por esta Tese, por isso, optamos não relacioná-la no nosso quadro 2.

Detalhes relacionados às especificidades referentes à proposta de desenvolvimento deste estudo encontram-se no Capítulo 3, a seguir, dedicado à Metodologia. É destaque o fato de que ao avançarmos adiante, pretende-se tratar no Capítulo 4 de um breve histórico da pandemia de COVID-19, seguido no Capítulo 5, da contextualização das reflexões a serem feitas no campo de estudos de memória social, motivo pelo qual são apresentados alguns diálogos com autores de base.

3 METODOLOGIA

A fim de que se possa avançar nas questões de pesquisa e buscar alcançar os objetivos, delineamos a proposta metodológica baseada inicialmente na sistematização de métodos de pesquisa no contexto da internet na perspectiva das pesquisadoras Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011). Neste sentido, cabe esclarecer a opção por uma pesquisa qualitativa, na qual assumimos a perspectiva da internet como artefato cultural observando a inserção da tecnologia no cotidiano, o que nas palavras das referidas autoras implica que "A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso. O objeto internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações". (FRAGOSO et al, 2011, p. 42). Ainda nesta perspectiva concordamos que a "A noção de internet como artefato cultural oportuniza o entendimento do objeto como um local intersticial no qual as fronteiras entre online e offline são fluidas e ambos interatuam" (FRAGOSO et al, 2011, p. 42).

O delineamento metodológico foi realizado buscando contemplar os interesses dessa pesquisa relativos às diversas apropriações digitais empreendidas pelos museus brasileiros, ao longo do período pandêmico, anos que também coincidem com o período de desenvolvimento da Tese. Desta maneira, há o intuito de contextualizar tais apropriações digitais, manifestadas por meio do uso de soluções digitais; bem como em aprofundar de forma pontual as análises relativas às especificidades das apropriações digitais, tendo em vista também o quanto representaram de desafios em relação às estratégias adotadas por gestores e colaboradores dos espaços museais mapeados, os quais são parte dessa pesquisa.

As apropriações digitais aqui mencionadas, partem representadas nesta Tese, por dez categorias principais:

1. uso de realidade aumentada;
2. uso de realidade virtual;
3. uso de imagens em 360 graus;
4. exposições digitais virtuais;
5. visitas sincrônicas digitais;
6. uso de QR CODES;
7. realidade expandida a partir do uso de soluções gamificadas;
8. uso de hologramas;
9. palestras sincrônicas digitais;
10. oficinas sincrônicas digitais.

Em relação às apropriações digitais que buscam-se mapear como também contextualizar nesta tese, há significativo interesse para que se possa vislumbrar quanto do tanto que significaram na forma de soluções digitais vinculadas aos desafios enfrentados por gestores e colaboradores dos museus brasileiros pesquisados, ao longo dos anos demarcados por essa pesquisa. É fundamental que se tenha em mente que o período demarcado pela eclosão da pandemia causada pelo vírus da COVID-19 – a partir de 11 de março de 2020 – foram momentos repletos de desafios que reverberaram na necessidade e exigência de medidas sanitárias de isolamento e distanciamento social, como contenção da circulação de pessoas em locais públicos e privados, para tentar conter o perigo iminente de aumento dos níveis de transmissibilidade do vírus e suas variantes, que estavam causando tantas mortes.

Para que se possa empreender a meta de se rastrear, de forma sistemática, as apropriações digitais, realizadas pelos museus brasileiros pesquisados nesta Tese, no período compreendido – 2020, 2021, 2022 e 2023 e ano subsequente, 2024 – buscou-se referências na netnografia digital, abordada por Kozinets (2014) em sua obra – *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. A metodologia para o desenvolvimento desta Tese encontra-se amplamente baseada nos apontamentos de Kozinets (2014), no qual enfatiza o quanto levantamentos são utilizados para informar questões significativas a respeito de comunidades e culturas on-line, podendo ser bastante férteis para fornecer visão geral e maior compreensão de padrões que se deseja visualizar. Desta maneira, torna-se bastante útil a forma como se busca agrupar macros conjuntos em menores, ou seja, na medida em que se vai avançando nos levantamentos e filtrando, conforme as variáveis que se tenha em destaque, até culminar em conjuntos menores. Tendo a entrevista on-line tornado-se principal elemento da pesquisa netnográfica, em que o autor Kozinets (2014) cita ter estado presente nos métodos presentes nas descrições dos autores: a) Bayn (1995), (1999); b) Correll (1995); c) Kozinets (1998; 1999) e d) Markham (1998) - também houve a opção metodológico por parte desta tese em lançar mão dessa estratégia combinada. Assim, as entrevistas com colaboradores da *Fundação Iberê Camargo* foram realizadas presencialmente, enquanto as entrevistas com os colaboradores do carioca *Museu do Amanhã* foram realizadas por meio do Google Meet.

A opção pela netnografia digital, nas concepções acima delineadas, permite partir de metodologia consagrada, já desenvolvida por diversos autores ao longo de décadas, e ao mesmo tempo permitir acesso ao campo durante os períodos de isolamento social. A fim de que se pudesse melhor desenvolver os objetivos que constam nesta Tese, foram delimitados, já na escrita do Projeto de Qualificação, um grupo de museus brasileiros que, por ter sido rastreado em relação à adoção de apropriações digitais no período pandêmico, foram

delimitados como proposta a participar das análises preliminares dessa pesquisa e por trazerem aspectos por vezes bastante disruptivos, continuam a fazer parte desta Tese, compondo o Capítulo 6.

Partindo dessa etapa de rastreamento, foram escolhidas duas das sete mapeadas, para então prosseguir, em segundo momento, rumo ao desenvolvimento de entrevistas semi-estruturadas que nos subsidiaram análises mais profundas de toda a complexidade envolvida – não só em torno da adoção de apropriações digitais por parte desses espaços, como também tudo que representaram enquanto soluções digitais e possibilidades estratégias de lidar com os desafios pandêmicos. Na segunda etapa, avançou-se nos contatos específicos com gestores das instituições museais e culturais escolhidas: *Museu do Amanhã* e *Fundação Iberê Camargo*. A opção de realizar entrevistas com gestores e/ou colaboradores, aporta mais dados por meio das vivências sobre o planejamento e execução de vários dos elementos que foram rastreados na primeira etapa para cada uma das instituições. As entrevistas temáticas, buscando identificar aproximações e singularidades de cada um desses espaços museais e culturais, se pautaram pelos apontamentos de Gaskell (2005). O quadro 3 explicita este percurso metodológico, indicando as fontes de coletas de dados que ajudam a atender aos objetivos específicos propostos.

Quadro 3 - Relação dos objetivos específicos e das fontes de dados.

Objetivos Específicos	Fonte de coleta de dados
(a) Rastrear indícios das apropriações digitais utilizadas por museus selecionados buscando contextualizar tais iniciativas com os desafios trazidos pela pandemia e em sua relação com o ecossistema museal;	Rastreamento em sites e mídias sociais Participação em eventos/atividades virtuais dos museus Entrevistas: tema " <u>sobre iniciativas durante a pandemia</u> "
(b) Analisar a relação das apropriações digitais empreendidas com a gestão dos museus pesquisados e o trabalho desenvolvido por seus colaboradores;	Entrevistas: tema " <u>sobre equipes e desafios na gestão do museu</u> "
(c) Compreender como gestores e colaboradores dos museus brasileiros pesquisados lidaram com as questões relativas às apropriações digitais, tangenciando aspectos relacionados à resignificação e à reinvenção desses espaços museais e culturais em meio ao ecossistema ao qual estão inseridos e aos desafios pandêmicos aos quais se perceberam submetidos;	Entrevistas: tema " <u>sobre alterações e aprendizagens no uso de tecnologias ao longo dos tempos</u> "

(d) Visibilizar processos de ressignificação e reinvenção das instituições museais mapeadas, trazendo questões relacionadas à democratização dos museus, suas diferentes formas de interação com o público, assim como aspectos participativos sociais, respectivos à colaboração, à cooperação e à cocriação.	Entrevistas: tema " <u>sobre interação com o público</u> " Análise do conjunto total de dados
--	--

Fonte: Produzido pela autora, 2023.

Desta forma, partiu-se de um levantamento inicial, que permitiu diferentes agrupamentos de dados relativos aos espaços museais e culturais e que culminou em dois escolhidos – o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo* – para formar o foco de aprofundamento da pesquisa, utilizando-se também de entrevistas on-line e presenciais. Assim, tivemos possibilidades de contato com atores implicados nas práticas de apropriação digital e de aprofundamento do nosso olhar na direção a esses espaços museais e culturais, ao desenvolver nossas entrevistas com gestores e colaboradores. Desta maneira, tornou-se possível avançar por meio do desenvolvimento de entrevistas sincrônicas on-line digitais, preferencialmente, desenvolvidas por meio da plataforma digital do *Google Meet* junto aos membros da equipe do *Museu do Amanhã*, e a opção por entrevistas presenciais, desenvolvidas junto à gestão e colaboradores da *Fundação Iberê Camargo*, na capital Porto Alegre.

3.1 Apontamentos sobre o rastreamento digital

Com relação ao rastreamento inicial (Capítulo 6) pretendeu dar origem a um levantamento que buscasse nos trazer informações úteis a respeito dos museus brasileiros participantes dessa pesquisa, em relação a sua trajetória nos anos de 2020, 2021 e 2022 (tendo como ponto de referência o início da pandemia de COVID-19). Na busca de contemplar a complexidade relativa à adoção de apropriações digitais como possibilidades de soluções digitais, empreendidas pelos museus brasileiros participantes desse primeiro rastreamento, apresentamos algumas reflexões sobre sete espaços museais e culturais preliminarmente rastreados para o desenvolvimento desta Tese: o *Museu do Amanhã*, o *Museu Oscar Niemeyer* (MON), a *Fundação Iberê Camargo*, o *Museu de Arte do Rio Grande do Sul* (MARGS), o *Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia* (MuBE), o *Museu da Pessoa* e o *Museu Diários do Isolamento* (MuDI).

Tornaram-se relevantes nesse estudo em que se pretendeu desenvolver, o fato dessas instituições museais e culturais terem se utilizado de apropriações digitais, visíveis em suas

redes sociais oficiais aqui também nomeadas *fanpages* (*Facebook*, *Instagram*, *LinkedIn*, *YouTube*, *Twitter* (*atual X*) e *Tik Tok*) e em seus *sites*. Também nos interessaram quais foram essas apropriações digitais utilizadas, em busca de indícios de que tenham se utilizado no período pandêmico de algumas das categorias em apropriações digitais já especificadas nesta Tese; assim, como o fato de que se pertencem ou não as categorias previamente pontuadas no desenvolvimento da Tese. Assim, caso não constassem, poderiam ser catalogadas como outras formas de apropriações digitais não referenciadas, mas que por suas questões digitais, tornam-se significativas para a pesquisa. E esse é um dos aspectos relevantes que surge fruto da perspectiva surgida a partir das falas dos colaboradores dessa pesquisa, visibilizadas e contextualizadas ao longo do Capítulo 8.

É imprescindível, se destacar, que quando partimos de levantamentos em redes sociais, *fanpages* e *sites*, também se busca estar atento às interações, graus de pertencimento e sociabilidades vigentes nesses ambientes digitais. Por exemplo, caso se encontre uma determinada forma de apropriação digital, empreendida por um determinado museu ou instituição cultural brasileira, no período vigente dessa pesquisa; e esse material esteja de alguma forma postado no *site* e/ou redes sociais oficiais dos espaços museais e culturais mapeados – poderá se buscar atentamente analisar as interações com grupos de pessoas e comunidades on-line que estejam inter-relacionadas com essas postagens. Desta maneira, pretendeu-se também observar os vestígios em forma de comentários e outros tipos de interação, como compartilhamentos de postagens, que possam ter sido deixados socialmente por esse público digital. Assim, pode tornar-se possível se perceber traços de sentimentos de pertencimento, afetos e novas formas de relacionamento por parte das pessoas que acessam esse material e interagem, podendo inclusive tornarem-se interessantes para visibilizar questões referentes à colaboração, à cooperação, à cocriação e à participação social, bem como relacionadas à democratização dos museus brasileiros.

Tais questões tornam-se bastante significativas para o ponto de vista de uma netnografia digital, na medida em que são potenciais oportunidades de análise das relações vivenciadas pelos grupos de pessoas que interagem com essas apropriações digitais, como também, uma forma, caso se tenha interesse, de entrar em contato com esses grupos de pessoas, dialogando por meio de comentários ou outros meios digitais de troca de mensagens.

O autor Kozinets (2014) ressalta ser na reunião social estabelecida por participantes que se encontram presentes em diferentes partes do mundo, geograficamente dispersos, mas instantaneamente acessíveis uns aos outros – o ponto culminante que traz em si um ethos participativo e democrático predominante nas relações sociais estabelecidas entre seus

membros. Desta maneira, poderíamos dizer que as comunicações on-line abrem potencialmente múltiplas possibilidades, assim como também privam, na medida em que limitações tecnológicas e de banda larga de acesso à internet, podem repercutir em defasagens no tempo e falhas que podem interferir na qualidade e perpetuação de atividades sincrônicas digitais, como também na inviabilização de acesso à internet e suas inúmeras possibilidades.

Também há destaque quando Kozinets (2014) ressalta o quanto a netnografia envolve a abordagem indutiva quanto à análise de dados qualitativos, partindo do pressuposto de que indução é uma forma de raciocínio lógico, na forma que observações subjetivas são construídas para que se possa abarcar um determinado fenômeno. Desta forma, a análise é o exame detalhado do todo, decompondo-o em partes, traçando diferentes tipos de comparações; abrangendo todo o processo de transformar o que foi rastreado nos levantamentos junto às observações dos vestígios de interação, da participação e da observação netnográfica. Assim, podem fazer parte desse material a catalogar – capturas de telas, arquivos de texto e gráficos, notas de campo reflexivas, transcrições de entrevistas on-line, assim como notas referentes à grupos focais on-line; de forma que isso possa orientar o subgrupamento dos dados coletados pelo pesquisador, ao começar a localizar temas relevantes ou realizar classificações que julga relevantes.

Tais espaços se utilizaram de apropriações digitais em forma de soluções digitais no período pandêmico (2020, 2021, 2022 e 2023 e no ano subsequente de 2024, assinaladas nos seus *sites* e *fanpages* em redes sociais. Há destaque ao período específico de corte dessa pesquisa, em que se pretende observar de forma mais apurada os principais desafios enfrentados pelos museus brasileiros com a eclosão da pandemia, pontuando também suas estratégias de enfrentamento para as exigências sanitárias de isolamento e distanciamento social adotadas para evitar o aumento da proliferação do vírus que incide exponencialmente no aumento das taxas de transmissibilidade, expansão de variantes virais e riscos de morte.

3.2 Apontamentos sobre as entrevistas

Para responder aos objetivos específicos da Tese, tendo sido feita a escolha pontual de um segundo grupo de museus brasileiros formado pelo *Museu do Amanhã* e pela *Fundação Iberê Camargo*, procedeu-se ao planejamento e execução das entrevistas. Desta maneira, as entrevistas temáticas realizadas foram uma forma de trazer, a partir das falas de gestores e colaboradores, subsídios para que pudéssemos compreender com mais profundidade as diferentes vivências e possíveis reverberações que a pandemia suscitou na gestão e no

relacionamento entre as equipes de colaboradores desses espaços. Os roteiros das entrevistas semi estruturadas são apresentadas no Apêndice A. Os quadros 4 e 5 a seguir apresentam os entrevistados e seus dados de perfil.

Quadro 4 - Entrevistados do Museu do Amanhã

Entrevistado	Cargo	Idade	Formação	Vínculo com o Museu	Outras experiências
Felipe Floriano	Desenvolvimento Científico e Comunicação	26	Jornalismo - Universidade Veiga de Almeida Pós-Graduação em Comunicação Integrada	Desde agosto de 2019	O Museu do Amanhã foi sua primeira experiência com trabalho cultural. Estagiou anteriormente no IBGE.
Cleyton Santana	Comunicador e Gestor de Projetos Culturais - Gestão de Comunicação	26	Comunicação Social - Jornalismo - UFRRJ	Desde março 2019	O Museu do Amanhã foi sua primeira experiência com trabalho cultural.
Amarílis Lage	Coordenadora de Exposições - Gestão de vários projetos	45	Comunicação Social - Jornalismo - UFC Mestrado e Doutorado em Letras - PUC-Rio	Desde 2021*	Trabalhou na área de comunicação e com eventos para vários festivais e equipamentos culturais cariocas.
Camila Oliveira	Coordenação de Educação, atualmente, Gerência de Educação e Gerente Geral de Conteúdo	33	Artes Visuais - UFRJ Pós-Graduação Especialização em Arte e Filosofia na PUC-Rio Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes - UFF	Desde novembro de 2018	Atuação com Curadoria Educativa, Consultoria em Arte, Cultura, Educação e Acessibilidade e Parecerista de Projetos Culturais.

* Em 2020 fez conteúdo como games para exposições e foi responsável por elaborar o livro da Exposição Inovações, mas era ainda como contratada autônoma pelo Museu do Amanhã para elaborar esse conteúdo.

Fonte: Produzido pela autora, 2024.

Quadro 5 - Entrevistados da Fundação Iberê Camargo

Entrevistado	Cargo	Idade	Formação	Vínculo com o Museu	Outras experiências
Emílio Kalil	Diretor Executivo	72	Comunicação Social - Jornalismo	Desde 2019	Criador da TV Educativa em Porto Alegre. Dirigiu o Grupo Corpo (Dança) em Belo Horizonte. Bienal de São Paulo. Diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Secretário de Cultura no Rio de Janeiro.
Ilana Machado	Coordenadora do Educativo	45	Artes Visuais (Gravura) - UFPEL Pós-Graduação em Arte Transformadora - PUCRS Mestrado em Educação (Arte e Linguagem) - UFRGS.	Desde janeiro de 2021	Supervisora de mediadores na Bienal do Mercosul em três edições, em Porto Alegre, Quando em Los Angeles trabalhou no Museu da cidade de Los Angeles no Educativo, e também em Nova York, na produção de vídeo e desenvolvimento de conteúdo para programas de TV (em espanhol e português)
José Kalil	Comunicação	30	Comunicação Social (Jornalismo) - PUCRS	Desde março de 2020	A Fundação Iberê Camargo foi sua primeira experiência junto a um equipamento cultural, tendo atuado antes na área de jornalismo.
Luciane Zwetsch	Secretária Executiva da Diretoria 2020/21 e atual Gestão Financeira e Administrativa	45	Técnica em Contabilidade Letras Pós-Graduação em Psicopedagogia Cursando segunda graduação em Direito.	Desde janeiro de 2019	A Fundação Iberê Camargo foi sua primeira experiência junto a um equipamento cultural. Trabalhava anteriormente com o Grupo Gerdau.
Laura Palma	Orientadora de Espaço no Educativo e atualmente está na Recepção	57	Fotografia Marketing.	Desde maio de 2019	Área comercial e coordenadora na Livraria Saraiva por 07 anos

Fonte: Produzido pela autora, 2024.

É a partir das entrevistas realizadas com o segundo grupo de museus brasileiros dessa pesquisa, que se avançou na compreensão, de forma mais sutil e pontual, das diferentes nuances relativas aos principais desafios que instituições museais e culturais enfrentaram no período pandêmico de recorte dessa Tese de Doutorado. No Apêndice B encontram-se alguns registros imagéticos feitos após as entrevistas.

Ao se estabelecer contato direto com a fala dos gestores e colaboradores desses espaços, por meio de uma escuta atenta e acurada é possível compreender melhor aspectos mais sutis e específicos vinculados às vivências e características desse espaços museais, suas experimentações e as reverberações que os desafios pandêmicos trouxeram para suas instituições. Assim, se avançou ao longo dessa Tese na oportunidade de vislumbrar de que maneira se desenvolveram as escolhas relativas às apropriações digitais pontuais utilizadas por esses espaços museais e culturais, tendo também como base as análises realizadas em suas *fanpages* em redes sociais e seus *sites* oficiais, tendo como base o período pandêmico e seus desafios inusitados.

Buscar compreender aspectos relacionados às apropriações digitais empreendidas pelos museus brasileiros propostos nesta pesquisa, traz possibilidade profícua de rastrear indícios das apropriações digitais utilizadas, como aprofundar relações dessas com o impacto que tais soluções digitais tiveram tanto para essas instituições como para a comunidade. Desta maneira, se busca contextualizar tais iniciativas com os desafios trazidos pela pandemia, podendo também contribuir para uma melhor compreensão do ecossistema museal e suas interrelações.

4 COVID-19: DESAFIOS PANDEMICOS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

O SARS-CoV-2, causador da COVID-19, foi identificado pela primeira vez em seres humanos em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, do fato que se tratava de uma nova cepa de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos.

Fotografia 1 - Coronavirus



Fonte: Cumming (2020) – Coronavirus Graffiti – London's famous Leake Street Tunnel.

De dezembro de 2019 a janeiro de 2020, os casos e a gravidade do surto de COVID-19 se agravaram na cidade de Wuhan, abrangendo rapidamente outros países. Desta maneira, em 30 de janeiro de 2020 a OMS passa a declarar que o surto do novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão internacional, de caráter emergencial, buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus.

E os casos de COVID-19, em fevereiro e março de 2020, se propagaram de forma rápida e exponencial por vários países, incluindo a Europa e os EUA. Na época, nenhum país sabia como lidar com essa gripe, que causava síndrome respiratória aguda junto a outros graves sintomas, tornando a prevalência do vírus altamente mortal para um grande número de pessoas. O ano de 2020 foi um ano em que o mundo teve que lidar globalmente com o desafio de tentar frear a transmissibilidade da COVID-19, assim como sua rápida capacidade de compor variantes virais, algumas delas ainda mais transmissíveis, outras mais graves em sintomas e com consequências mortais.

Dos grandes desafios relativos à COVID-19, lida-se a todo o momento com um vírus de alto nível transmissível e de grandes repercussões em forma de novas variantes, que exigem dos cientistas alta capacidade de mapear suas variantes e como elas têm se

comportado pelos vários países do mundo. Assim, em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, designação que se refere à distribuição geográfica de uma doença, reconhecendo que existiam surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

Ressalta-se, que no Brasil, segundo dados oficiais, identificou-se a primeira contaminação pela COVID-19 no final de fevereiro de 2020, enquanto que em 12 de março de 2020 foi indicada a primeira morte no Brasil pela doença no estado de São Paulo (G1, 2020), em 24 de março tivemos o primeiro óbito de uma senhora de 91 anos no Rio Grande do Sul (G1, 2023); enquanto que na Europa já se registravam centenas de casos. Contudo, a declaração de transmissão comunitária no Brasil veio somente em 20 de março de 2020, sendo seguida por uma série de medidas protetivas, buscando no lockdown uma forma de conter a rápida transmissibilidade do vírus, assim como sua capacidade de compor novas variantes, desenvolvendo novas cepas do vírus da COVID-19.

Fotografia 2 - A big salute to corona warriors



Fonte: Sajjad Hussain/AFP (2020) - Nova Délhi – Índia.

As vacinas, rapidamente desenvolvidas e testadas, foram uma das grandes inovações científicas que respaldaram as populações mundiais, para que pudessem lidar com a propagação do vírus da COVID-19. Segundo dados da WIKIPEDIA (2022), em 25 de março

de 2021 haviam 12 vacinas contra a COVID-19 que tinham recebido autorização de uso por pelo menos uma entidade reguladora nacional em todo o mundo.

Se no primeiro semestre de 2022 podemos viver alguns meses com a sensação de mais liberdade e tranquilidade, em relação ao receio de casos de COVID-19, tal fato se desenrola, principalmente, por uma significativa parte da população brasileira estar vacinada com o esquema vacinal completo (duas doses ou dose única), com alguns que também já tomaram suas doses de reforço (terceira dose e quarta dose) – o que minimizou em algum grau os impactos mortais da variante ômicron e outras subvariantes. Contudo, em função do negacionismo vigente em diferentes grupos de pessoas, que insistem em negar os princípios salutareos das vacinas e sua capacidade de proteger de casos graves de COVID-19; o Brasil ainda enfrentou altos índices de casos da doença, que obtiveram crescimento exponencial em janeiro e fevereiro de 2022, repercutindo no aceleração de mortes, chegando a índices próximos a mil mortes por dia, na primeira quinzena de fevereiro de 2022. Tais reverberações ainda persistem, nas novas ondas de aceleração de contaminações de COVID-19, que aumentaram vertiginosamente, em maio, junho e julho de 2022, em âmbito brasileiro, trazendo novas sobrecargas aos sistemas de saúde, além de enormes desafios relativos à relevância de se vacinar o maior número possível da população com a terceira e quarta doses de reforço da vacina de COVID-19. Há inclusive países como os EUA, que liberaram em junho de 2022, o uso de dois imunizantes – *Pfizer e Moderna* – para crianças a partir de seis meses de idade, o que possivelmente, poderá ser seguido pelos demais países mundo afora. No Brasil, as vacinas utilizadas nas crianças, em julho de 2022, são a *Pfizer* (6 anos em diante) e a *CoronaVac* (a de 03 a 05 anos) seguidas adiante, pela fabricante *Pfizer*, que encaminhou pedido para que suas vacinas fossem utilizadas em crianças de 6 meses à 4 anos.

Desta maneira, as atenções desse período pandêmico brasileiro, no primeiro semestre de 2022, foram para as crianças brasileiras, que têm aumentado em número de internações por contaminação pela COVID-19, tendo, inicialmente, sido vacinadas a partir de 05 anos com doses específicas da vacina da *Pfizer* e a partir de 03 anos com doses da *Coronovac*. A pauta da vacinação das crianças tem sido discutida tanto a nível das políticas de saúde pública brasileira, quanto ao nível legislativo, como um direito constitucional de toda criança de ser protegida e receber as vacinas de forma efetiva e adequada.

Contudo, segundo dados da imprensa, veiculados no Jornal RBS TV, 27 mil crianças, na capital gaúcha de Porto Alegre, em 18 de junho de 2022, encontravam-se com suas segundas doses da vacina da COVID-19 em atraso, ou seja, só foram levadas para tomar a primeira dose da vacina. Tal questão é uma preocupação de saúde pública, pois têm

reverberações que implicam influenciando vários setores, desde a economia até questões respectivas à Educação e a efetiva segurança de que se possa transitar nas Escolas, de forma tranquila e segura, sem receios de novas contaminações providas da COVID-19. Ainda mais, se pensarmos que em países desenvolvidos como nos EUA, bebês já estão sendo vacinados junto às crianças menores – é perceptível o retrocesso que pode repercutir a não vacinação de nossas crianças, assim como atrasos, que ignoram a forma adequada de vacinação, que incide no uso de duas doses da vacina, aplicadas nos intervalos regulamentares, formalizados pelas diversas fabricantes de imunizantes.

Em meados de julho de 2022, no território brasileiro, as vacinações de COVID-19 prosseguiram em adolescentes e crianças a partir de 03 anos, ampliando-se a quarta dose (também conhecida como segunda dose de reforço) à terceira idade, maiores de 40 anos e profissionais de saúde; respeitando algumas especificidades em número de vacinas disponíveis nos postos de saúde geridos pelas Prefeituras das diferentes cidades brasileiras. Infelizmente, há atrasos em algumas cidades brasileiras, respectivos aos grupos de aplicação desta quarta dose, o que mostrou uma discrepância – há cidades que já vacinam maiores de 40 anos, enquanto outras nem sequer avançaram para os públicos a partir de 55 anos, enquanto alguns municípios passaram a vacinar com a segunda dose de reforço, públicos com idade menor de 40 anos.

Se contemplarmos os dados divulgados, em 10 de agosto de 2022, pelo *Consórcio de Veículos de Imprensa*², em matéria do G1 (2022b), 78,89% da população brasileira encontra-se totalmente imunizada ao tomar a segunda dose ou a dose única de vacinas contra à COVID-19; enquanto a dose de reforço foi aplicada em 47,59% da população. Já em relação às crianças a partir de 3 a 5 anos de idade, encontram-se parcialmente imunizadas, com 90,06% (primeira dose) e crianças totalmente imunizadas somam 84,68%. Entretanto, a dose de reforço (terceira dose) foi aplicada em 56,91% da população com 12 anos de idade ou mais, faixa de idade que atualmente pode receber o reforço da vacinação. Já em relação as crianças com mais de 6 anos, quase 51,18% da população nessa faixa de idade tomou a

² O *Consórcio de Veículos de Imprensa* foi criado em 08 de junho de 2021, como parceria estabelecida entre veículos de imprensa brasileiros (O Estado de São Paulo, G1, O Globo, Extra, Folha de São Paulo e UOL) para informar dados da pandemia de COVID-19 no Brasil, recebidos das secretarias estaduais de saúde e do Distrito Federal. Desta forma, diversos veículos de comunicação impressa, digital e de redes de televisão, têm divulgado os dados disponibilizados, inclusive, as edições diárias do Jornal Nacional, da TV GLOBO.

primeira dose, estando totalmente imunizadas ao tomar a segunda dose de vacinas, apenas 33,04% da população deste grupo.

Tais questões preocuparam bastante os médicos infectologistas e autoridades públicas de saúde na época, pois a imunidade conferida pelas vacinas tendia a diminuir com o tempo, sendo que há muitos grupos populacionais que já tomaram a terceira dose (primeira dose de reforço) há muito mais de quatro meses, o que repercute na diminuição da imunidade conferida pelas vacinas tomadas – o que influencia na necessidade de que busquem a imunização da segunda dose de reforço, ou também conhecida como quarta dose da vacina da COVID-19. Assim, no quesito da vacinação da quarta dose, em 2022, a procura pela população brasileira tem sido relativamente baixa, tendo diferenças entre as populações vacinadas nos diferentes estados brasileiros, incluindo-se o Distrito Federal.

Há ainda outro fator que intensificou as preocupações brasileiras referentes aos meses de junho e julho de 2022, relativas ao crescente índice de contaminação da COVID-19 e ao aumento de mortes, que cresceram em muito seus índices, indicando uma nova onda de contaminações de COVID-19 no Brasil – junto ao não uso de máscaras pela população, que veio ao encontro de diversas iniciativas governamentais, de cunho municipal, estadual e federal, que propagaram o uso facultativo e não obrigatório de máscaras, em diferentes locais, dos públicos aos privados. Todas essas iniciativas referentes à liberação da obrigatoriedade do uso de máscaras, além de criarem enormes confusões em função de que cada cidade brasileira tem sua própria regulação – trouxeram, possivelmente, uma falsa ideia, que poderia-se comparar a sensação de ilusão de que tudo está sob controle e que há segurança em transitar nos locais, sem correr riscos de se contaminar pela COVID-19.

Contudo, novos crescimentos no número de casos e as superlotações dos hospitais e unidades de pronto-atendimento, têm mostrado uma realidade que precisou urgentemente ser repensada, ponderada, na época, para que não se atingisse elevado aumento vertiginoso de casos, seguido por aumento de mortes por COVID-19. Tais repercussões ainda permaneceram como uma preocupação, presente ainda na primeira quinzena de agosto de 2022, em que o Brasil atingiu o marco de 680 mil mortes por COVID-19, ainda permanecendo com índices altos de contaminação (considerando-se apenas as notificações), já que muitas pessoas fazem os testes em casa e não avisam os órgãos públicos de que estão contaminadas, há possibilidades de que sejam ainda maiores os casos do que apareceram notificados nesse período. Assim, a pandemia ainda permaneceu com graus elevados de contaminação e mortes no Brasil, no período que abarcou a primeira quinzena de agosto de 2022. E no que tange o segundo semestre de 2022, em que estávamos adentrando o mês de dezembro na época de

Qualificação desta Tese, obteram-se elevações consideráveis, atingindo a média de 21 mil casos brasileiros notificados diários, em 26 de novembro de 2022, o que incidiria em uma nova onda brasileira de contaminação de COVID-19, visível nos dados veiculados diariamente pelo *Consórcio de Veículos de Imprensa*.

Tais fatos alarmantes preocuparam autoridades brasileiras em relação às possíveis políticas de vacinação que deveriam ser adotadas, aumentando, na época, o investimento em campanhas de vacinação à população, para que incentivem e conscientizem as pessoas da importância em tomar a segunda e terceira dose de reforço da COVID-19. Inclusive, alguns estados brasileiros já estavam ingressando no final de 2022, na distribuição da terceira dose de reforço, para todas as populações. Outras questões de discussão na pauta de políticas públicas de saúde brasileiras, têm sido quando e como vacinar as crianças menores de 3 anos, o que somente no mês de novembro de 2022, foi adotado em algumas cidades brasileiras como Porto Alegre, por atrasos do governo brasileiro em liberar as vacinas específicas da *Pfizer*.

Ao final do primeiro semestre, em julho de 2022, mesmo com quase oitenta e cinco por cento da população brasileira tendo completado seu esquema vacinal, segundo dados do *Consórcio de Veículos de Imprensa*, os índices de contaminados com COVID-19 cresceram vertiginosamente, e muitos museus brasileiros, além das medidas sanitárias de proteção – uso de máscaras adequadas, de álcool gel e observação de protocolos de distanciamento social – optaram por suspender suas atividades presenciais por novo período de tempo, assim como ao incentivo de atividades digitais, promovidas e divulgadas em seus *sites* e *fanpages* de suas redes sociais. Tal repercussão também foi observada no mundo, quando os EUA foi um dos primeiros países a ser atingido pelos altos índices de transmissibilidade da variante ômicron, tendo também a necessidade de adotar novas medidas restritivas, mesmo tendo já obtido índices de vacinação entre a população americana. Outro país que optou por suspender suas atividades, em dois períodos distintos do primeiro semestre de 2022, adotando um completo lockdown, foi a China que quando detectou em sua população novos casos de COVID-19, passou a testar toda a população e restringir de forma bastante coerciva as atividades de diferentes segmentos, assim como a livre circulação de pessoas nos diversos ambientes.

Em meados de novembro de 2022, faltando cerca de quarenta e cinco dias para o final de 2022, novas discussões e encaminhamentos urgentes foram negociados para que o quanto antes o Brasil pudesse ter acesso às vacinas bivalentes da COVID-19, as quais teriam mais abrangência de proteção viral, pois têm na sua formulação as principais variantes mundiais, que surgiram ao longo desses quase três anos de COVID-19.

E em 2023 o Brasil, finalmente, teve sua vacinação com as vacinas bivalentes, disponível à população brasileira. Contudo, em 2024 houve muitos problemas de cobertura vacinal, o que repercutiu na falta de vacinas da COVID-19 disponíveis para a população alvo e também a sobra de vacinas que invalidaram e foram jogadas no lixo. Assim, tal situação no mínimo alarmante, nos traz aqui um ponto de exclamação, de nos questionarmos como têm sido realizadas as distribuições e o gerenciamento de vacinas para os estados brasileiros.

Em Porto Alegre, realidade da autora desta Tese, não foi possível tomar a vacina da COVID-19 que deveria ser disponibilizada para os profissionais de saúde em 2024, o que completaria a sexta dose. As vacinas que chegariam atualizadas, só ficaram disponíveis para a terceira idade e outros públicos, próximas ao Natal. Tal iniciativa foi bem mal divulgada na imprensa, o que ainda preocupa em relação a existência de um possível negacionismo velado. Contudo, atualmente, a partir de final de dezembro de 2024, foi adotado um novo protocolo brasileiro de vacinação de COVID-19, em que há novos esquemas vacinais para grupos específicos, conforme divulgado em Ministério da Saúde (2024).

Ao que parece, a COVID-19 é uma doença viral muito mais abrangente e letal que as demais gripes, que leva bem mais tempo para ser extinta, se espalha de forma viral e exponencial rapidamente e têm alto teor de propagação em novas variantes. Contudo, as vacinas utilizadas em diferentes partes do mundo parecem ter abrangência e efetividade para evitar casos graves e mortes, porém, ainda é um enorme desafio à Medicina e às políticas públicas de saúde, dar conta de elaborar as vacinas adequadas, atualizadas, assim como distribuí-las em tempo hábil para evitar globalmente novos surtos de casos e o crescimento de mortes.

No que tange a problemática instaurada de forma abrupta pela pandemia, todas as rotinas se tornaram invadidas pelas emergências de isolamento e distanciamento social. Desta forma, tudo que se fazia antes, de forma rotineira, foi completamente alterado, quando não suspenso, pelas emergentes necessidades de restrição de circulação social, trazendo à tona a necessária observação aos protocolos de saúde pública, elaborados para tentar evitar a rápida disseminação do vírus da COVID-19.

Os impactos da pandemia não se restringiram apenas às problemáticas e desafios brasileiros, mas também a toda a população mundial, uma vez que o vírus estava por todos os lugares, fazendo mutações e se transformando, a de ter sua transmissão cada vez mais intensa, em diferentes momentos dos anos de 2020, 2021, e que também têm se estendido nos meses do primeiro e segundo semestre de 2022 e se perpetuado ao longo de 2023, incidindo até maio de 2023 quando foi declarado o término da pandemia. Contudo, o término da pandemia, não

significa que o vírus tenha saído completamente de circulação nem tampouco que tenha perdido sua capacidade de propagar variantes; neste quesito, apenas sua abrangência mundial foi minimizada, o que exige constante monitoramento de todas as autoridades de saúde, a nível nacional e mundial.

É destaque o fato de que quando pensamos em janeiro e fevereiro de 2022, a Europa, os EUA e o Brasil foram atingidos por uma nova onda de COVID-19, intensificada por uma variante viral ainda mais transmissível do que as outras, atingindo recordes alarmantes de contaminação por todo o mundo, sob eminente perigo de atingir crianças ainda não vacinadas e grupos negacionistas que evitaram se vacinar. Assim, o monitoramento da propagação de variantes da COVID-19 aliado à atualização e distribuição das vacinas, atualmente, em 2025, é uma prerrogativa imprescindível, para que a COVID-19 não venha a torna-se novamente uma pandemia decretada pela OMS.

Fotografia 3 - Kobra: vacina e esperança



Fonte: Kobra (2020b) Instagram @kobrastreetart

Contudo, como em várias partes do mundo já haviam sido atingidos índices de esquema vacinal abrangendo duas a quatro doses de vacinas, a intensidade mortal do vírus da COVID-19 teve sua abrangência minimizada, em função da boa resposta dos imunizantes usados para combater a pandemia. Entretanto, a desigualdade entre países em relação ao acesso as vacinas, assim como pensamentos negacionistas espalhados em diferentes nações mundiais, em relação a importância imunizante das vacinas; atrapalharam que mundialmente se pudesse atingir ainda melhores resultados de efetiva contenção viral e impedimento da transmissão do vírus e suas variantes, repercutindo ainda em um enorme desafio para que se possa atingir efetivamente a erradicação global do vírus da COVID-19.

Na época da Qualificação desta Tese, tais desafios, acima problematizados, permaneceram presentes nos meses do primeiro semestre de 2022, e foi indicado a possibilidade de permanecerem ainda por mais algum período, que poderia vir a abranger, com maior ou menor impacto mundial, ainda todos os meses dos anos de 2022 e 2023. Tal afirmação, realmente veio a se concretizar, uma vez que a pandemia continuou decretada assim pela OMS até 05 de maio de 2023, visível em OMS (2023), o que significa que deixou de ser pandemia, mas que continua a ser alvo de prioridade e monitoramento em relação às variantes da COVID-19 e sua propagação mundial. No que tange esse detalhe de que a COVID-19 continua sendo uma prioridade de monitoramento em relação a possível propagação de suas variantes, é bastante significativo, que as populações compreendam, que a COVID-19 ainda está entre todos nós e espalhada mundialmente, o que diminuiu foi seu grau de transmissibilidade, por isso deixou de ser considerada pandemia pela OMS. Contudo, os esquemas vacinais precisam ser mantidos em todos os países junto ao uso adequado de vacinas para a COVID-19 devidamente atualizadas com as variantes em circulação.

Afinal, lidar com uma pandemia global e trabalhar para a erradicação de um vírus que matou até o primeiro trimestre de 2022, mais de cinco milhões de pessoas pelo mundo afora se tornou um desafio não só para a ciência e seus pesquisadores, como também a toda a humanidade – englobando sua capacidade de resiliência e persistência em seguir corretamente os protocolos de saúde pública, que envolveram o uso de máscaras adequadas, álcool gel e restrições que buscaram evitar aglomerações sociais, buscando no distanciamento social uma alternativa para refrear os altos índices de transmissibilidade do vírus, assim como sua capacidade de desenvolver variantes.

Trabalhar para conter uma pandemia, a proliferação de um vírus e suas variantes torna-se um desafio global, que envolve todas as pessoas, todos os grupos populacionais do planeta, além de governos e cientistas. Para que se possa ter sucesso em busca da conquista da

erradicação de uma pandemia, há a necessidade preeminente coletiva de que todos juntos atuem em prol de um único objetivo, empreendendo seu papel cidadão de completar seus esquemas vacinais de forma adequada e efetiva, além de ter o total e irrestrito apoio das políticas públicas de saúde para que possam ter acesso adequado e gratuito aos imunizantes efetivos. Entretanto, tais questões, ainda permanecem como um enorme desafio às nações mundiais, pois a COVID-19 ainda está entre nós, seja em 2024 ou mesmo, atualmente, em janeiro de 2025.

Contudo, se algo podemos dizer, é que se estamos aqui, é porque, de certa forma, sobrevivemos ao vírus – porém, certeza de que nunca vamos ser contaminados, essa nunca tivemos – apenas de que as vacinas cientificamente desenvolvidas têm sido gradualmente distribuídas à população brasileira, ainda que tardiamente, como também distribuídas, ainda em desigualdade entre países, à população mundial. Dos desafios de cunho negacionista, brasileiros e mundiais, há daqueles que insistem em negar a presença do vírus entre nós evitando seguir as recomendações sanitárias de contenção do vírus, ou mesmo negam-se a tomar as vacinas desenvolvidas alegando que essas não têm efeitos; ou ainda, idéias negacionistas que são fruto de teorias conspiratórias, que beiram a crenças absurdas, muitas delas desenvolvidas e compartilhadas por meio de *fake news* amplamente distribuídas em redes sociais populares, como o *WhatsApp* e o *Telegram*.

Nesse panorama há em si vários desafios e uma espécie de pensamento coletivo, ou seja, uma espécie de conjunto de percepções formada por sentimentos, afetos e emoções que possivelmente tenham povoado, como também possam ainda permanecer latentes nas mentes e nos corações de muitos habitantes desse planeta. O medo da morte, de certa forma, está no coração dessas vivências, já que o vírus só no Brasil, matou mais de setecentas mil pessoas, em dados do *Consórcio de Veículos de Imprensa* da segunda quinzena de outubro de 2021. Das constantes medidas de proteção sanitária – uso adequado de máscaras, lavar as mãos com álcool gel e evitar aglomerações sociais – haverá aqueles que poderão desenvolver algum tipo de transtorno obsessivo compulsivo pós-pandemia, ou mesmo, transtornos da ordem do pânico, como a agorafobia, ou diferentes nuances de depressão, transtornos de ansiedade e de estresse pós-traumático. E sim, vencer o vírus e estar vivo já é por si só estar no grupo de sobreviventes, portanto, sequelas poderão permanecer, por muito ou algum tempo, mas há no âmago desse processo a semente para buscar alternativas para compreender essas questões e aprender a lidar com essa situação de forma mais saudável.

Fotografia 4 - Kobra: todos unidos contra a pandemia



Fonte: Kobra (2020a) Instagram @kobrastreetart.

Destaco o convite para que o leitor desta Tese acesse pelo QR CODE abaixo um vídeo realizado pela autora, na época da pandemia, em 2020, com imagens inéditas de *street art*, sintetizando muitos dos desafios que convivemos ao longo desse período pandêmico.

QR CODE – Vídeo: Pandemia COVID-19



Fonte: TatyButterfly (2020).

5 MEMÓRIA, MUSEUS E PANDEMIA

Avançar na compreensão de como os museus brasileiros lidaram com os desafios proporcionados pela pandemia vinculada à COVID-19 – têm ressonâncias que abarcam tanto o digital em forma de soluções que surgiram para lidar com as demandas de distanciamento e isolamento social, como a incidência de toda uma problemática mundial que influenciou não só no funcionamento dos museus como na própria rotina de vida das pessoas. Assim, torna-se imprescindível, que antes de nos deter na problemática relativa às apropriações digitais e aos desafios enfrentados por gestores e colaboradores, possamos primeiro vislumbrar o contexto pandêmico ao qual se desenrolaram tais desafios, assim como foi a incidência pandêmica do vírus da COVID-19 no que tange à realidade brasileira. No Capítulo 4, anterior a este, há um registro pessoal sobre marcos sobre a pandemia, escrito por ocasião do exame de qualificação, foi mantido para futuras referências de todo o contexto histórico que abrangeu a época como também influenciou a escrita desta Tese.

Nesse Capítulo 5 optou-se por contextualizar alguns temas relacionados à museologia, pontuando questões relativas à democratização dos museus, à participação social, à cibermuseologia aos desafios dos gestores dos museus brasileiros em tempos de crise pandêmica da COVID-19, os quais serão aprofundados no desenvolvimento da Tese.

5.1 Será a pandemia um acontecimento a ser esquecido?

Será a pandemia um acontecimento que num futuro próximo todos desejariam esquecer!? Ao me debruçar a respeito de todas essas questões contextuais, que são o panorama de fundo dessa pesquisa relacionada aos museus brasileiros, busco refúgio nas considerações de alguns autores representativos dos estudos da memória social, como também referentes às áreas de patrimônio, que trago para diálogo ao longo deste capítulo.

Em relação à memória de eventos traumáticos, Candau (2019) aborda o fato da memória das tragédias pertencer ao território subjetivo dos acontecimentos, os quais contribuem agenciando a definição do que se constituirá memorável. A partir dessa perspectiva, o autor reforça que há uma interpretação, uma leitura da história das tragédias vinculada à memória dos sofrimentos, às memórias que se processam como dolorosas, frutos de infortúnios. Tais traços vinculados a essas memórias, são compartilhados, por muito tempo, por aqueles que sofreram tais infortúnios, assim como os que tiveram amigos e parentes que tenham sofrido. Tais perspectivas de sofrimento, profundamente arraigadas na

memória, deixam traços bastante significativos nas personalidades e, por consequente, na subjetividade das pessoas e dos grupos que vivenciaram tais tragédias.

São situações de intenso infortúnio, como a da pandemia, as quais são colocados à prova, conflitos e situações mal resolvidas já existentes nos grupos sociais, aflorando muitas vezes de forma desorganizada e contundente. Tais vivências incidem na dialética das memórias que serão amalgamadas ao longo dos processos instaurados pela pandemia, e terão várias reverberações, tanto relativas às vidas das pessoas, quanto à organização dos grupos sociais, países e suas instituições. E, ao que tange os museus brasileiros, nosso foco de estudo, tal contexto incidiu e influenciará vários aspectos referenciados tanto em seus desafios cotidianos quanto no que tange a constituição dos processos de ressignificação que possam vir a reverberar tangenciados pelos desafios de sobrevivência instaurados pela pandemia, uma vez que os próprios espaços museais e culturais se perceberam também ameaçados em relação a sua existência e sobrevivência institucional.

Desta maneira, é um grande desafio para as diferentes populações ao redor do mundo, o fato de terem que lidar com o sofrimento advindo do caráter trágico, causado pelo possível trauma provindo das inúmeras mortes desencadeadas pelo vírus da COVID-19. Ao considerar-se, dentre essa problemática, a própria situação brasileira, com o crescente aumento vertiginoso de mortes no primeiro semestre de 2021 que superou o meio milhão de pessoas – os desafios potencializam-se na ressignificação do quanto de traumática e trágica a pandemia causada pelo vírus da COVID-19 tornou-se pelas diferentes vivências que instaurou – relacionando-se intensamente com as memórias coletivas dos brasileiros, sendo ainda um território subjetivo a se desbravar, compreender e se ressignificar.

Lidar com desafios que trazem em seu âmago o caráter abrupto e intempestivo dos acontecimentos inesperados, traz características ainda mais emotivas, partindo-se do ponto de vista subjetivo dos afetos, dos sentimentos, assim como das estratégias subjetivas para lidar com desafios que coloquem em risco a própria vida. A pandemia foi um imediato e abrupto desafio que atingiu milhares de pessoas, levando muitas a morte, ceifando famílias e trazendo à tona dramas vividos individualmente e no coletivo, quanto a morte prematura de familiares e amigos causada pelo vírus.

Se avançarmos na busca por aproximar nosso olhar para os afetos instaurados nesse processo de trauma e sofrimento coletivo, poderemos perceber vários movimentos no âmago desse processo, inacabado e complexo - do vir a ser, do ressignificar-se em meio ao caos e a ação intempestiva e impermanente de um vírus inusitado e, para muitos, mortal. Para a autora Assmann (2011), o afeto tem um papel potencializador da percepção, na medida em que ele é

capaz de conservar elementos da recordação, que como micronarrativas dobradas, ficam armazenados desconexamente. No trauma, se o afeto passa a ultrapassar graus de suportabilidade subjetiva, ele excede e passa a não estabilizar mais as recordações, mas sim, destruí-las, fazendo do corpo sua área de gravação. Assim, há a constatação: “O trauma é a impossibilidade da narração” (ASSMANN, 2011, p. 283).

Dos traumas que surgem ao longo da vida ficam marcas emocionais, físicas e que parecem inscritas no próprio corpo. Das vivências pós-traumáticas e do quanto essas incidem em sintomas, sensações e sentimentos; aos quais, muitas vezes, não são compreendidas, surgem sem que se possa, de imediato, compreender suas origens ou os contextos que as originaram.

Mas, quando falamos de museus, de certa forma, estamos falando também de patrimônio, e no âmago de uma necessidade interior das pessoas e dos grupos sociais de se sentirem representados e lembrados, de pertencimento a algo que em afeto acreditam ser parte de si representada. Deste modo, o processo em si de patrimonialização envolve não só o que passa a ser patrimonializado como também todos aqueles que participam desse processo, inclusive, os grupos sociais que se relacionam com os diferentes tipos de patrimônio, aos quais desenvolvem relações de pertencimento com esses bens culturais. Para Candau (2019) a patrimonialização é em si o fiel reflexo da diversidade e da variedade de lógicas identitárias, na qual há o distanciamento das grandes memórias organizadoras, para que se possa interrogar a tradição.

Em si, há uma miríade de transformações presentes nesse processo que hoje abarcam uma sociedade em constante transformação e ressignificação, da qual poderia-se aferir ser da ordem do desejo, dos afetos – o que traria a idéia de constante devir, de vir a ser em processo contínuo de ressignificação, a qual compõe-se com a idéia das identidades rizomáticas, processuais e em devir, em transformação e permeadas pela impermanência.

Ainda Candau (2019) afirma que na própria elaboração do patrimônio, há em si engendrado o movimento das memórias, o qual acompanha a construção das identidades. De tal maneira, que o patrimônio se expande quando as memórias se tornam mais numerosas; retrocedendo quando vinculado à existência de identidades fugazes, ou que permanecem sendo evitadas pelos sujeitos, seja pela natureza das suas lembranças evocadas ou pelo que simbolizam enquanto sofrimento.

A partir desta perspectiva a qual abrange vários aspectos de nossa sociedade contemporânea, poderia-se refletir que vivenciamos uma rapidez de diferentes proporções de acontecimentos, que beiram a fluidez, afetando tanto a formação de identidades como as

próprias memórias que são dialeticamente amalgamadas nesse processo. Contudo, mesmo que haja a detecção de rapidez e fluidez aliadas à transitoriedade dos acontecimentos, como às transformações vinculadas a própria impermanência e efemeridade da vida; há sempre o que fica e permanece, mesmo que seja por algum tempo, como também aqueles que valorizam e reconhecem-se nos diferentes patrimônios possíveis ressignificados nas vivências subjetivas contemporâneas.

5.2 Museus frente às memórias da pandemia

Halbwachs (2006) nos traz um elemento significativo – a seletividade de toda memória – em que há um processo de negociação precedente, no qual há o concílio entre as memórias coletivas e as memórias individuais. A partir dessa perspectiva, para que a memória possa se beneficiar de um testemunho, é imprescindível, que essa memória individual testemunhal tenha pontos de conexão e contato junto às memórias coletivas; na medida, em que precisa se perceber, como reconhecida para que haja o processo de ressignificação adjacente – ou seja, a lembrança trazida via testemunhos possa ser reconstruída tendo uma base comum.

Tal questão pode tornar-se bastante significativa, quando nos aproximamos com o intuito de refletir acerca das memórias compartilhadas vinculadas à pandemia surgida pelo COVID-19, que repercutiram como diferentes práticas vinculadas ao universo digital. Dentre elas, ressaltam-se diversas iniciativas de instituições culturais e museais em desenvolverem estratégias digitais para que o público participasse contribuindo com o envio ou postagem de suas próprias memórias da pandemia.

Se tensionarmos nosso olhar para além dessas publicações relativas às memórias da pandemia, é possível perceber que são testemunhos individuais da percepção das pessoas. Cada um desses meios, seja por vídeo, fotografias, objetos enviados, ou mesmo, gravações de áudio em forma de depoimentos; são elos com memórias individuais que se tornam coletivas no momento em que passam a ser ressignificadas por aqueles que entram em contato com elas, aos que se sentem conectados a essas experiências. Há destaque, nessa sinergia, principalmente, ao fato de que tais experiências de memória e testemunho individual causam empatia a algumas pessoas que têm contato com elas, possivelmente, trazendo reverberações, como o fato de poderem ser compartilhadas com outros grupos de pessoas, usando-se de alguma forma de participação social. Desta maneira, há um processo de ressignificação da memória que antes era de cunho individual, a tornar-se memória coletiva, na medida em que é

apropriada pelo público, ou mesmo, quando passa a ser compartilhada por aqueles aos quais causou empatia, podendo também ser ressignificada por outros que tenham contato com esse material mnêmico compartilhado,

Há que se considerar também as contribuições de Pollak (1992), nas quais é possível vislumbrar a importância que o autor dá aos elementos constituintes da memória, referida aos eventos, pessoas e personagens. A partir dessa concepção, os lugares de memória são aqueles constituídos pelos vínculos a uma determinada lembrança, que pode ser pessoal, ou mesmo ligada aos grupos; ou que pode ser vinculada a uma lembrança recente ou mesmo distante do espaço e tempo que estamos no momento em que estamos vivendo.

Sob tal perspectiva, pode-se avançar na reflexão que as instituições culturais e museais são, sob certo aspecto, parte preponderante das memórias coletivas. E ainda, que tais representações da memória estão subjetivamente em constante processo de ressignificação, pois sempre estão em relação com as pessoas e os grupos coletivos que se relacionam com esses espaços da memória, os constituem e o ressignificam ao longo dos tempos.

Assim, a partir dessas concepções, podemos aprofundar nosso olhar e embasamento referente às memórias da pandemia e seu próprio papel enlaçador de memórias vinculadas a um determinado evento, que se pode, inclusive, considerar evento traumático a níveis globais para toda a humanidade. Tendo em vista que a pandemia ainda é um enorme desafio e que as diversas questões suscitadas pela COVID-19 se ampliaram para muito além do que se esperava em meados de 2020, seguindo-se, no primeiro semestre de 2021, para novas ondas de contaminação e variantes do vírus, e dependendo da distribuição rápida, efetiva e equânime de vacinas no mundo.

Avançamos em 2022, no início de fevereiro, já com altos índices de contaminação com a chegada da variante *ômicron* no território brasileiro, o que incidiu em novo aumento exponencial de mortes. Contudo, no Brasil, já há nesse primeiro trimestre de 2022, a incidência de altos índices de contaminação pela COVID-19, mas, no entanto, seguidos de menores índices de mortalidade, o que têm demonstrado que a maioria dos internados e casos graves, são aqueles que não tomaram vacinas ou não completaram os esquemas vacinais de forma adequada.

Contudo, Pollak (1989) nos traz outro aspecto referente a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável – que estaria a separar uma memória coletiva subterrânea referente a uma sociedade civil dominada de uma memória coletiva organizada, que resumiria, de certa forma, a imagem que uma sociedade majoritária, ou mesmo, o Estado, desejam passar.

Ao aprofundar reflexões relacionadas ao próprio significado que podem adquirir as memórias da pandemia, ao se imbricarem em relação às transformações sócio-culturais-econômicas globais e locais; se percebe que tal tensionamento apontado no parágrafo acima pelo autor, poderá ser parte integrante, ou mesmo, vir a ser, caso as memórias coletivas da pandemia, compartilhadas, tornem-se cada vez mais subterrâneas. É possível que tais memórias se tornem subterrâneas, uma vez que há toda uma política vigente, principalmente, na perspectiva brasileira, de incredulidade e negacionismo em relação à pandemia e sua necessidade de vacinação, da necessidade de cuidados sanitários (uso adequado de máscaras e álcool gel), prática de distanciamento e isolamento social. Desta perspectiva, há a possibilidade de que por algum ou muito tempo, algumas pessoas não se permitam dizer o que realmente pensam a respeito da pandemia, como também em relação às suas experiências pessoais vigentes no período da pandemia; ou que tenham dificuldade de falar a respeito, preferindo ficar caladas, ou mesmo, sintam-se traumatizadas pelo impacto dos eventos surgidos a partir da pandemia em suas vidas.

Ainda Pollak (1989) aponta para o problema que se coloca a longo prazo, referente às memórias clandestinas e inaudíveis, do quanto elas conseguem se transmitir de forma intacta ao aproveitar uma ocasião para se fazerem presentes no espaço público, passando do “não-dito” para à contestação e à reivindicação.

Tais memórias clandestinas ou inaudíveis (POLLAK, 1989) poderiam também ser aquelas que surgem por meio de traumas, situações opressoras e bastante estigmatizantes, em que a repressão e o calar-se tornam-se possibilidades de vivência social, assim como de sobrevivência psíquica. A questão que surge a partir dessas reflexões é do quanto as memórias individuais da pandemia trazidas ao coletivo; mas também, aquelas memórias mantidas em segredo, no território do indizível – poderão assim tornar-se subterrâneas e, mesmo, ao emergir desse estado, o quanto ainda não serão, sob certa forma, memórias clandestinas, no que tange suas relações, ressignificações e tangenciamentos relacionados às suas repercussões com os modos de ser e viver vigentes de cunho sócio-cultural-político-econômico.

Ou ainda, se tais possíveis traumas que podem se constituírem a partir das vivências e desafios da pandemia causada pelo vírus da COVID-19, avançarem para além das memórias subterrâneas (considerando-se o discurso governamental oficial minimizando os efeitos da pandemia), para a percepção de uma memória em que possam ser percebidas de forma semelhante ao que o autor enfatiza: “É como se esse sofrimento extremo exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispõe nem de porta-voz nem de pessoal de enquadramento adequado” (POLLAK, 1989, p.15). Assim,

frente ao trauma e as questões relativas ao indizível e inaudito, grupos de pessoas teriam grandes dificuldades em externar suas percepções e vivências relacionadas à pandemia. Contudo, porém, ao obtiverem contato com as memórias da pandemia que foram materializadas e perpetuadas por outras pessoas, em diferentes possibilidades – por vídeo, foto, áudio e objetos – presentificadas em iniciativas de diferentes instituições culturais e museais, no Brasil e no mundo, há a possibilidade de ressignificação e problematização contextual e psíquica dessas experiências de vida.

5.3 Museus presentes no digital: participação social e democratização de acervos

Ao aproximar nosso olhar em direção aos museus e à participação social, encontramos também ressonâncias nas contribuições de Reis (2019) no realce ao patrimônio como algo que deve estar acessível a todos, de modo que se esteja atento às relações que são estabelecidas por esse patrimônio e os grupos em torno dele. É significativo pensar de que forma nos apropriamos das memórias vinculadas a esses patrimônios e, de que, sob tais aspectos se dá a participação social.

No que tange aos patrimônios e sua formação, são as possibilidades de trocas engendradas através da participação social que surge fruto dos vínculos – engajamento e sentimentos de pertencimento que surgem por parte das pessoas – que movimentam potenciais possibilidades de interação e expansão participativa, na forma do compartilhar de opiniões e do estreitamento de laços. Há desta maneira, ganhos em trocas e interação por parte de diferentes grupos de pessoas, o que se torna parte preponderante e integral da relação de participação social estabelecida.

Há um caráter dialético na relação público-museu que Silva (2020) enfatiza na contemporaneidade, a qual se amplia também ao patrimônio cultural, na medida em que aceleram cada vez mais os deslocamentos entre espaços e tempos que se situam na essência presente nos imbricamentos desses espaços, por serem lugares onde se acumulam espaços e tempos diversos, que coexistem junto a outros seres.

Se partirmos do engajamento e dos sentimentos de pertencimento, presentes nas relações entre público e museus, que fazem com que haja interesse nas pessoas, de interagir e compartilhar com ações digitais, publicações em redes sociais e propostas presentes em *sites* e ambientes digitais - é possível se compreender que tais possibilidades alavancam em si, processos que desenvolvem um papel que incide na aceleração dos deslocamentos entre espaços e tempos. A partir dessa perspectiva estabelecem-se profícuos imbricamentos entre

espaços e tempos, que em si, têm na pervasividade, uma característica marcante, pois nas próprias estratégias de ações digitais, há muitas que se utilizam da pervasividade como meio de se infiltrar tanto no espaço digital ocupado pelas pessoas, em redes sociais e *sites*, como no *feed* de notícias presente em seus *smartphones*.

Também Aquino (2010) enfatiza o fato do museu ser um dispositivo que produz subjetividades, não apenas no que tange exposições ou ações educativas, mas nas representações que veicula através da mídia, também presente nas atitudes e valores que transmite. Tal questão se vincula ao fato dos museus fazerem parte de um conjunto de instituições que organizam saberes, estabelecem ou reforçam regras e, mesmo, geram ou consolidam modos de sentir e de pensar; de forma, que somos afetados na dimensão afetiva, cognitiva, sensorial e motora, ou seja, em todas nossas dimensões subjetivas ao entrarmos em contato com os museus.

É indiscutível o papel que os museus exercem nas sociedades como também na forma como se relacionam e passam a fazer sentido para a vida das pessoas. “Da modernidade ao mundo contemporâneo, os museus são conhecidos por seu poder de produzir metamorfoses de significados e funções, por sua aptidão para a adaptação aos condicionamentos históricos e sociais e por sua vocação para a mediação cultural” (CHAGAS, 2008, p. 59).

Ainda Chagas (2008) bem pontua o fato dos museus resultarem de gestos criadores, aos quais ao unir o simbólico e o material, passam a unir também o sensível e o inteligível. “Por isso mesmo cabe-lhes bem a metáfora da ponte lançada entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói com imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque” (CHAGAS, 2008, p. 59).

Contudo, essa mesma ponte, ressaltada pelo autor, no parágrafo acima, pode se tornar impactada, na forma como se relaciona com os espaços tempos, se pensarmos em uma outra lógica, a referente aos metaversos e seu impacto atual no cotidiano e na vida das pessoas. Mas para que possamos melhor compreender esse processo, primeiro parece interessante, aproximar nossa lupa do que realmente significam neste contexto, os metaversos. Kovacs (2021, s/p.) traz o conceito de metaverso: “Espaço virtual compartilhado coletivo, criado pela convergência de realidade física virtualmente aprimorada e espaço virtual fisicamente persistente, incluindo a soma de todos os mundos virtuais, realidade aumentada e a internet”.

A partir desses pontos de vista, na dialética instaurada pela relação que os museus estabelecem com as pessoas, os diferentes processos passam a estar presentes tanto na maneira como esses espaços museais se relacionam com as pessoas, com o tipo de informação

e a maneira como a veiculam; como com a imagem que passam tanto em seus espaços presenciais quanto em suas *fanpages* em redes sociais e *sites* oficiais.

É na experiencição do patrimônio cultural, para Silva (2019), que na contemporaneidade, constitui-se, cada vez mais, um movimento de transformação, de contínuo processo que pressupõe fusões, hibridismos e mutações. De tal maneira, em que há a vivência do patrimônio cultural em tempos e espaços expandidos, entendidos como sobrepostos, não-lineares e dinâmicos. Assim, ao se pensar no caráter transcendental do patrimônio cultural tensionado pelas tecnologias digitais e em rede, há em si o refletir acerca das reconfigurações da materialidade e da imaterialidade, como em torno do devir em fluxo presente no limiar de forças das sociedades complexas. Afinal, o patrimônio cultural mobilizado pelas tecnologias digitais se vê diante dos questionamentos sobre o devir, mais do que o ser, já que devir pressupõe sempre uma relação do sempre vir a ser.

Para os autores Rocha; Bandeira (2016), em relação à realidade contemporânea, há o vir a ser de processos em fluxo, os quais requerem novos modos de atualização das informações, que se disponibilizam em variados dispositivos, formatos, dimensões e processos interativos. Da experiência contemporânea, percebe-se não ser mais contemplativa ou da ordem da densidade temporal, mas referenciada na relevância de experiências que se alinham, se justapõem e atuam na constituição de múltiplos processos subjetivos que parecem adquirir igual relevância ao sujeito. Do processo de subjetivação da experiência individual surge o dimensionamento da densidade da experiência, que não coloca em foco a qualidade da experiência ou mesmo os juízos de valor referentes à relevância.

Deste processo, o que interessa no campo de forças subjetivo, do vir a ser, do devir em processo, é compreender que tudo está em constante transformação, visto que está sempre em movimento, em processo, em devir. Ao nos aproximarmos dos contextos vinculados às tecnologias digitais tais características tornam-se ainda mais visíveis e marcantes tanto quanto influenciam a constituição subjetiva dos sujeitos, quanto sua percepção dos patrimônios culturais, suas percepções de memória e, mesmo, a constituição dos museus.

5.4 Museus presentes no digital: museus no contexto da era digital

O ponto de culminância dessas breves reflexões vai ao encontro tanto das discussões contemporâneas relativas ao campo da cibermuseologia, como também ao impacto das tecnologias digitais nos museus brasileiros e mundiais. É bastante interessante, o quanto movimentos referentes às áreas da museologia, que já vinham se delineando até meados de

2020, têm adquirido novos nuances. Tal processo se presentifica em como diferentes formas de apropriações digitais e usos das tecnologias digitais têm surgido como também se amplificado, influenciadas pela eclosão da pandemia a partir de março de 2020, considerando-se tudo que ainda representa em termos de desafios às populações, às comunidades, ao mundo e para diferentes instituições, organizações e governos.

É relevante ponderar as transformações contemporâneas vigentes nos espaços museais e culturais, também levando em consideração os apontamentos da citação a seguir, proferidos em evento internacional de museologia, posteriormente, publicado em livro:

Os museus conquistaram notável centralidade no panorama político e cultural do mundo contemporâneo. Deixaram de ser compreendidos por setores da política e da intelectualidade brasileira apenas como casas onde se guardam relíquias de um certo passado, ou, na melhor das hipóteses, como lugares de interesse secundário do ponto de vista sociocultural. Eles passaram a ser percebidos como práticas sociais complexas, que se desenvolvem no presente, para o presente e para o futuro, como centros (ou pontos) envolvidos com a criação, comunicação, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais. Por tudo isso, o interesse político nesse território simbólico está em franca expansão. (NASCIMENTO JÚNIOR; CHAGAS, 2008, p.41).

Buscando compreender com foco mais apurado as apropriações digitais em tempos da eclosão e, mesmo, do enfrentamento dos desafios relacionados à COVID-19 e suas necessidades sanitárias de distanciamento e isolamento social; há uma miríade de desafios que surgem, intempestivamente, de forma abrupta, e passam a permanecer presentes em ciclos na vida das pessoas e na rotina dos museus mundo afora. Foi tão intenso e avassalador o processo de adoção de medidas sanitárias de fechamento de locais públicos e privados durante momentos demarcados da pandemia, que tal aspecto marcou com bastante dramaticidade o pleno vigor e o funcionamento dos diferentes museus, sejam no Brasil como ao redor do mundo.

A autora Silva (2020), problematiza os impactos da pandemia causada pela COVID-19, trazendo dados das pesquisas realizadas pelo Conselho Internacional de Museus – International Council of Museums (ICOM) e pela Organização das Nações Unidas para Educação e a Cultura – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO), datadas de 2020, divulgando dados relativos ao fechamento de quase 95% dos museus no mundo, no mês de abril de 2020, chegando a 99,9% na América Latina e Caribe.

Tais índices relativos ao fechamento dos museus, têm íntima relação com a necessidade preeminente de distanciamento e isolamento social como uma tentativa dos países, principalmente, no primeiro semestre de 2020, de conterem a pandemia, a fim de

conseguirem evitar os altos contágios e o crescimento da transmissibilidade entre as populações globais. Desafios que foram bravamente enfrentados por várias nações mundiais, em que muitas, inclusive, optaram por adotar o *lockdown* – uma espécie de fechamento de inúmeros serviços, seguido pela proibição de tráfego em locais públicos, só ficando restrito à abertura de serviços essenciais à população.

É exatamente nesse momento propício às transformações, movidas pelo inusitado e pela forma abrupta como os fatos foram se desenrolando, principalmente, no primeiro semestre de 2020, relativos aos desafios enfrentados frente à iminente pandemia que se alastrou rapidamente em todo o planeta – que museus de todas as partes do mundo, ao mesmo tempo que se viram obrigados a fechar suas portas físicas, pensaram nas possibilidades que poderiam ter em termos de ganho, caso ousassem se utilizar de soluções digitais e, mesmo, migrassem por algum tempo, para os meios digitais, apropriando-se de diferentes recursos tecnológicos possíveis.

As autoras Silva e Jesus (2019) já enfatizavam o fato dos museus terem se mostrado cada vez mais abertos ao uso das inovações tecnológicas, tanto em relação ao auxílio da construção das narrativas expositivas até o uso de recursos de baixo custo como os QR CODES, bem como aqueles que demandam maior complexidade, como a realidade virtual e realidade aumentada, o desenvolvimento de softwares, o uso de hologramas e o desenvolvimento de games. São novas interações que propiciam a inserção de elementos digitais nos espaços físicos dos museus, permitindo ao público que se conecte de forma diferente com as exposições. A autora ressaltou, o fato de que tais tecnologias estavam se tornando bastante presentes, frequentemente, aliadas ao crescente número de pessoas no mundo com acesso aos dispositivos móveis, os *smartphones*, que possibilitam aos seus usuários recursos quase ilimitados de funcionalidades.

A autora Silva (2020) traz à luz relevante aspecto relacionado às atuais e inesperadas transformações que fizeram o mundo se repensar em meio à pandemia, o quanto também afetam as conexões entre público e museus, evidenciando ainda mais as virtualidades e acelerando sua expansão para o ciberespaço, podendo atingir as discussões em torno da nova definição e a (re)existência dos museus. A própria concepção de museu se expande, a partir dessa perspectiva, para se (re)construir nos deslocamentos cognitivos que se atualizam por meio das memórias tecidas em rede. São essas redes que tecem hoje os museus, ficando mais evidente em tempos de pandemia, onde os esforços de vivência encontram-se em trânsito, muitas vezes, de forma simbiótica – entre o físico e o digital, o presencial e o conectado – sinalizando um modo de ser, fitgal, ciberfísico ou ciberhíbrido.

Ao avançar na percepção da compreensão do que poderia ser o conceito de cibermuseu, as autoras Silva; Jesus (2019) enfatizam o fato do cibermuseu partir não só da presença dos museus nas redes da internet e suas inúmeras possibilidades digitais de uso, mas também por se constituir das pessoas que as utilizam, que se presentificam nos meios digitais, que poderíamos afirmar ser seu “ciber-público”, ao qual pode construir e desconstruir seus “ciberpersonagens” além de uma possível multiplicidade multifacetada de personalidades.

Para que se possam compreender melhor as intersecções entre as apropriações digitais e a participação social, vinculadas aos museus no meio digital – há alguns aspectos em que Reis (2019) corrobora, um deles relativo aos desdobramentos digitais relacionados as apropriações, que passam a ser vistos como instrumentos de preservação, especialmente, em relação a sua potência privilegiada de compartilhamento de informações. Ao que condiz tal aspecto, é destaque o fato de que os esforços de preservação, notoriamente, estariam vinculados à participação social em meio ao contexto da era digital e o surgimento de novas formas de preservação.

Reis (2014) já enfatizava a participação social na internet em seus estudos anteriores, quando debruçou-se em detalhes vinculados ao modo como um grupo organizou-se a partir do *Facebook*. Para a autora, interessavam os pontos de tensão entre o grupo digital e as ações efetivas de preservação, incluindo a organização e posterior encaminhamento de um abaixo-assinado digital direcionado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAЕ), pedindo o tombamento de diversas edificações do Centro Histórico da cidade de Santo Ângelo, em justificativa da relevância histórica e da importância de preservação do conjunto de tais patrimônios. Já em sua nova fase de pesquisa Reis (2019) amplia seu olhar para tal caso, observando-o sob a ótica da preservação participativa na internet vinculada às manifestações relacionadas ao patrimônio cultural na era digital e, principalmente, enfatizando diferentes manifestações na forma de apropriação social dos bens patrimoniais, possibilitadas e ampliadas pela internet.

Ao vislumbrarmos o fato de que a participação social já estava se vinculando ao uso dos meios digitais e suas estratégias em forma de soluções digitais, possivelmente, surgindo como parte de um processo em que museus, vinculavam-se, ao ousar em inovações em forma de soluções digitais já antes da eclosão da pandemia em 2020, isso indica que, mesmo já existindo, tais soluções digitais estavam em diferentes momentos de efervescência, assim como em processos de experimentação, já que o digital e suas diferentes possibilidades, foram evoluindo nos primeiros anos ao longo do início do século XX1.

Ainda a autora Reis (2019) enfatiza, em sua pesquisa recente, a importância de se perceber as tecnologias digitais como enraizadas culturalmente, de forma que nos fica difícil compreender como vivíamos no passado sem o uso e apropriação dessas tecnologias digitais, muitas vezes, na crença que sem as quais, não nos seja cabível projetar um futuro possível. Contudo, por se tratarem de tecnologias extremamente novas, fluídas e voláteis, têm no contrassenso a ideia de que hoje são a suposta forma mais segura de armazenamento de informações.

A humanidade em peso, em sua imensa maioria, coloca toda sua vida nos espaços digitais; na forma como diferentes publicações, compartilhamentos de informações e presença se intensificam por e através dos diferentes ambientes digitais, como das próprias redes sociais, em que perfis surgem e se presentificam de forma global. É tão intensa a forma como pervasivamente o digital têm feito parte de nossas vidas, que somente ousar pensar que poderíamos ficar sem utilizar nossos *smartphones* pessoais por algum tempo, é algo que para a grande maioria já é em si símbolo de transtornos, assim como um fator intensificador de ansiedade, temores e grandes receios. Nesse aspecto, não se trata apenas de usar os *smartphones* para realizar ligações telefônicas, mas, principalmente, porque neles há diversos tipos de aplicativos com diferentes serviços, além da possibilidade de acesso rápido e efetivo aos mais variados tipos de redes sociais. Cada vez mais usamos nossos *smartphones* para fazer compras em aplicativos de lojas, como também para acompanhar nossas transações financeiras pelos aplicativos bancários disponíveis; além de ser, para muitos usuários, imprescindível, para que possam usar aplicativos de mobilidade urbana, como serviços de transporte coletivo de carros como o UBER, de aluguel de patinetes, de transporte elétrico como o Grilo (Porto Alegre e São Paulo), como também de aluguel de bicicletas.

No entanto, é significativo refletir a respeito do que Côrrea (2017) enfatiza em relação à importância de que se contemple a perenidade dos arquivos de preservação digital ao mesmo tempo que sua necessária utilização para fins de arquivamento patrimonial. Desta forma, ressalta que é preciso contemplar também os aspectos referentes a garantia que a informação nas mídias permaneça acessível e com qualidade e autenticidade suficientes para que possa ser interpretada no futuro, mesmo que se tenha que recorrer a uma plataforma tecnológica diferente da utilizada no momento da sua criação.

Tal problema é bastante recorrente e de significativa importância, abrangendo vários aspectos relevantes referentes à preservação digital. É visível tais desafios nas questões relativas às aquisições de acervos patrimoniais, exemplificada, no fato do *Museu MOMA de New York* ter realizado a aquisição de 14 títulos de games juntamente com seus códigos

fontes; a fim de poder adaptá-los mais facilmente às tecnologias futuras, evitando possíveis intempéries provindas da obsolescência tecnológica dos suportes digitais ao longo dos tempos.

Há tantas questões abrangentes nesse patamar, que precisam ser observadas com especial cuidado e atenção, por exemplo, há diferenças substanciais vinculadas às questões de preservação do patrimônio na era digital, do que em si, vinculadas a preservação do patrimônio digital. E isso influencia a perspectiva que se deseja olhar e ressignificar tais processos. Reis (2019) explicita tais questões na medida que diferencia patrimônio digital como aquele que não é uma instituição semelhante ao patrimônio material e imaterial, mas da ordem do que é digitalizado; de patrimônio na era digital, que seria como os diferentes patrimônios se relacionam com as questões e especificidades vinculadas à cultura digital.

No que concerne ao desenvolvimento e a concepção desta Tese, é no foco relacionado ao patrimônio na era digital, que se encontram todas nossas ponderações e interesse nas análises relativas às apropriações digitais e seus desdobramentos em possíveis soluções digitais, empreendidas pelos museus brasileiros. Desta maneira, interessa na contextualização do desenrolar desta Tese, o interesse em ter avançado na compreensão de como os diferentes patrimônios se relacionam a respeito das especificidades presentes na cultura digital; utilizando-se da metodologia já proposta e delineada nesta Tese.

Contudo, é significativo que se ressalte à respeito das mídias digitais, e que aqui optamos por contemplar em foco, como redes sociais, algumas das reflexões tensionadas por Reis (2019), que contemplam o fato das redes sociais, extremamente populares, perderem a relevância ao longo do tempo, passando a não ser mais o polo de encontro de determinados públicos, na medida, que naturalmente, esses tendem a migrar para outras redes sociais que passam a tornar-se mais interessantes e instigantes enquanto experiência e interatividade. A autora enfatiza, que as redes sociais, assim como outras ferramentas digitais, podem ter sua popularidade representada por um gráfico que começa com poucos adeptos, cresce exponencialmente e alcança um estado de estagnação, como um platô, que pode após seguir-se em decrescência, caso o público venha a eleger outros ambientes digitais, ou mesmo, outras redes sociais como mais atrativas e interessantes.

Em relação à cultura digital e sua rápida propagação como também a presença das redes sociais, já Recuero (2009) problematizava tais aspectos quando se referia tanto ao fato do *Orkut* ter se desdobrado para uma transição de usuários em direção ao *Facebook*, quanto em relação aos jogos sociais, grupos, páginas e eventos em meios digitais. A autora enfatizava estar no caráter migratório, uma das características digitais, em que os usuários acabam indo

para outras redes sociais e ambientes digitais propícios aos relacionamentos, para que não permaneçam isolados de seus grupos sociais.

Tal fenômeno foi bastante perceptível quando no passado havia uma migração dos usuários do *Orkut* – uma das redes sociais mais populares no Brasil – para o *Facebook*. Tal fato traz em seu âmago o fenômeno frequente de migração digital entre usuários de redes sociais, já que a rede social *Orkut* mesmo estando por anos em auge no âmbito digital brasileiro e mundial, acabou por sucumbir à extinção em setembro de 2014, ano em que foi retirada do ar. De lá para cá, se passaram quase oito anos, para que seu fundador, Orkut Buyukkokten, em março de 2022, reativasse o *site* da rede social, anunciando que estava trabalhando em um novo projeto. Tal iniciativa foi amplamente divulgada na imprensa e também por Tavares (2022), em que enfatiza na matéria tanto o histórico da rede social, quanto sua importância e popularidade a nível mundial quanto brasileiro.

É um tanto insólito imaginar que uma rede social que foi extinta pela *Google*, em 2014, possa agora, em 2022, ter retornado às mãos de seu fundador, que enfatiza: *“Eu sou uma pessoa otimista. Acredito no poder da conexão para mudar o mundo. Acredito que o mundo é um lugar melhor quando nos conhecemos um pouco mais”* em Tavares (2022), em que ainda salienta o convite - *“É por isso que eu trouxe o **orkut.com** para tantos de vocês ao redor do mundo. E é por isso que estou construindo algo novo. Vejo você em breve!”*. A repercussão dessa notícia trouxe inúmeras reverberações, muitas das quais ainda estão tendo amplitude por aí afora, nos diferentes âmbitos digitais, do mercado concorrido das redes sociais até o universo concorrido e volátil acerca das campanhas de marketing digital e mobile marketing.

Mas no que tange as migrações vigentes nas diversas redes sociais existentes, é notório, também em nossos tempos, em meados de 2022, já se falar de uma migração cada vez maior do *Facebook* para redes como o *Instagram*, *LinkedIn*, *Twitter (atual X)*, *Tinder*, *Tik Tok*, assim como redes de troca de mensagens como *Whatsapp* e o *Telegram*. O que ainda não se sabe, mas que pode ser uma tendência, é se essas mesmas migrações não tenderão a se curvar a novidade e, principalmente, ao interesse em testar algo curioso, ou seja, a volta de uma rede social extremamente popular no passado, extinta em 2014 - a rede social *Orkut*. Contudo, tais capítulos desse segmento das redes sociais e seus usuários, só saberemos ao longo do tempo, observando tanto os processos que vão sendo engendrados, quanto em si e de que maneira os diferentes públicos se relacionam com tais aspectos disruptivos.

Entretanto, mesmo havendo movimentos migratórios digitais de usuários de redes sociais pela internet, a importância e o papel pervasivo das redes sociais permanece

preponderante na vida de milhares de pessoas mundo afora. Tal fato demonstra o quanto permanecer presentificado em diferentes redes sociais, pode, no que tange museus, ser tão significativo – como ponto de aproximação de públicos e de convergência de fidelização e pertencimento, como possibilidades de culminância no processo de ressignificação desses espaços patrimoniais.

Se aproximarmos nosso olhar para as características dos ambientes digitais para Primo (2008), parte-se da observação do meio digital como livre e aberto, provido do potencial de transformar qualquer pessoa em um emissor de informações. Tal caráter disruptor vinculado ao digital já era observado por Lévy (1999), quando desenvolveu o conceito de cibercultura, em que técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores se desenvolvem a partir e em conjunto ao crescimento do universo proporcionado pelo advento da internet, num ambiente profícuo para a criação coletiva. Desta forma, há um fenômeno em que usuários passam a apropriar-se dessa tecnologia e passam a moldar o meio digital. Para Lemos (2009) é significativo, que se compreenda, a disponibilidade e o acesso facilitados pelas tecnologias digitais, como cultura digital. Nesse âmbito, a cibercultura só seria possível pelo momento de cultura digital, ou seja, de imersão e apropriação das tecnologias digitais.

No que condiz o verbete *cibercultura*, escrito por Mangan (2017a), é possível perceber que o verbete adquire a compreensão de que se trata de um processo social complexo que permite a interação de indivíduos por meio e através de diversas tecnologias de informação e comunicação, que são potencializadas pela internet. Aponta, inclusive, para o fato de que a partir da popularização da internet, na década de 1990, termos como “ciberespaço” e “cibercultura” surgiram. E a partir da década de 2000, a popularização dos dispositivos computacionais móveis conectados à internet e das redes sociais na internet, permitiram interações e a socialização de informações em escala global e tempo real.

Desta forma, ingressamos no uso e apropriação cada vez mais ampla e exponencial dos conhecidos smartphones, aparelhos celulares que são projetados em proximidade com minicomputadores, com todas as possibilidades e características que ampliam potencialmente nossa capacidade de compartilhamento de informações. Ao ingressar no que poderíamos afirmar ser o mundo *mobile*, há possibilidades extremamente pervasivas, que adentram nossas vidas, de tal maneira, que fazem com que esses aparelhos após essa experiência vívida e potencial, jamais possam ser deixados de lado - uma vez que são portáteis em que é possível acessar conteúdo pela internet (através de *wifi* ou rede de dados de internet), publicá-lo e compartilhá-lo das mais variadas maneiras possíveis. Nossos atuais smartphones, mesmo em suas versões mais simples, são hoje, em meados de 2020, capazes de processar informações

na qualidade de computadores, com o potencial de disseminação desse conteúdo em nível exponencial; podendo-se utilizar tanto do acesso as redes sociais, quanto e-mail, *sites* e o uso dos mais diversos tipos de aplicativos. Tais dimensões vinculadas ao mobile têm trazido transformações significativas na vida de muitas pessoas, no mundo inteiro, que passam a se perceber inseridas em processos cada vez mais globais de disseminação de informação na forma de conteúdos.

Para que se possa compreender ainda mais a potência que tais perspectivas passaram a adquirir na nossa cultura digital, o verbete *ciberespaço* escrito por Mangan (2017b), traz em seu cerne, a concepção de que a cibercultura tem seu desenvolvimento no ciberespaço, que por sua vez, é o espaço que passa a existir no momento em que o usuário se conecta com a internet. Ainda para Lévy (1999), há vários aspectos vinculados a esse espaço – o ciberespaço – das quais destacam-se características respectivas ao fato de ser fluído, plástico, calculável, de tempo real, hipertextual e interativo.

É interessante contextualizar, de forma adequada, mesmo que breve, os aspectos relacionados à cultura digital, à cibercultura e ao ciberespaço; para que possamos aqui refletir que tais aspectos já estavam presentes em meados de 1990 e, para muitos, ainda antes, quando começaram as primeiras experiências vinculadas à internet. É extremamente significativo tangenciar tais aspectos com a historicidade das diferentes mudanças tecnológicas vinculadas à cultura digital, para que se possa compreender que os processos que hoje percebemos já engendrados em meados de 2020, já estavam sendo vivenciados de forma inicial e começavam a ser problematizados, em alguma esfera do conhecimento, já no século passado, em meio ao surgimento de algumas das principais tecnologias. Hoje algumas dessas tecnologias seguem presentes, outras foram reformuladas, mas todas, de alguma forma seguem ressignificadas por parte dos sujeitos que as contemplam e as vivenciam.

Ainda se olharmos mais a fundo, na própria concepção de internet, presente em Lévy (1999), se percebe ser fundamental percebê-la como um meio de comunicação universal não totalizante, na medida em que favorece a emergência de diversas opiniões, informações, e diferentes formas para compreender os acontecimentos; em que a comunicação não é mais localizada, e sim, é por meio da qual que falamos para o mundo e também o ouvimos por meio de diversas possibilidades como as comunidades virtuais.

A autora Mangan (2010) traz de forma abrangente e contextual uma miríade de processos históricos vinculados a própria constituição da cibercultura, contextualizando desafios próprios do ciberespaço. Dentre eles, destacam-se a memória digital e a memória virtual, sua significação enquanto processo de produção de memória coletiva, assim como o

quanto podem se tornar realmente perenes e do quanto se constituem efêmeras no universo digital. É instigante, e, ao mesmo tempo, um tanto perturbador, refletir-se que ao transformar nossas memórias digitais em virtuais, no momento em que as publicamos em ambientes digitais na internet; além de enfrentar os desafios vinculados à privacidade de dados, poderemos correr o risco de perdê-las, caso não as tenhamos salvas em dispositivos adequados. E, mesmo as tendo salvas, em diferentes dispositivos, como *pen drives*, discos rígidos e cds, ou mesmo na *nuvem*, não quer dizer que não corremos algum risco de perdê-las enquanto registro, de forma que só minimizamos em alguns graus as possibilidades de perda desse material digital.

Mas há algo instigante se observarmos o outro lado dessas memórias que se tornam coletivas e virtuais porque passam a ser postadas na internet – o quesito colaborativo o qual as vincula às diferentes estratégias de participação social. Dentro desse aspecto, não quer dizer que toda a memória digital que é publicada e se constitui memória virtual é, necessariamente, algo que se constituirá colaborativamente, ou mesmo passará pela apropriação provinda de um processo de participação social, cooperativo e/ou coocriativo na internet. Contudo, as questões variáveis que vão incidir e tornar essa memória virtual vinculada aos processos participativos ou, avançar à colaboração, cooperação e coocriação; serão respectivas, principalmente, às questões de onde e de que forma são publicadas tais memórias na internet, e com quais propostas de apropriação digital estão associadas. Ainda assim, tendo-se presentes essas variáveis participativas, colaborativas, cooperativas e coocriativas; não há garantias totais que haja interação com essas memórias virtuais, pois tal aspecto dependerá também de ações de ressignificação das pessoas que têm contato com tais memórias por meio da internet e suas variadas propostas em forma de ambientes digitais e redes sociais.

Para além desta perspectiva, Côrrea (2017), enfatiza que os museus adquirem papel potencial de extrema importância acerca da democratização da informação. Já Lévy (1999), também enfatizava o fato da existência de uma nova dinâmica que passa a ser questionada, presente nas novas formas de construção do conhecimento vinculadas ao digital, que contemplam a democratização do acesso à informação

Embora ambos autores discorram em torno de diferentes aspectos, um em relação aos museus e o outro em relação à construção do conhecimento em meio à cultura digital; é relevante o quanto a democratização do acesso à informação estava presente em ambas reflexões. É contundente e ao mesmo tempo significativo se observar tal questão, porque a democratização do acesso à informação está em seu cerne, tanto cada vez mais presente na

cultura digital quanto cada vez mais emergente e significativa para os museus em sua dimensão sócio-cultural-econômica.

Para Chagas (2008) já em seus apontamentos era possível observar transformações vigentes, respectivas aos museus, principalmente, em relação ao processo de democratização, à ressignificação e à apropriação cultural. Inclusive, ressalta que não se trata apenas de democratizar o acesso aos museus já instaurado, mas de democratizar o próprio museu, que passa a ser compreendido como tecnologia, percebido como ferramenta de trabalho, como um dispositivo estratégico, para que possam ser estabelecidas relações com o passado, o presente e o futuro. O autor ainda ressalta que é a partir desse sentido que o museu passa a se transformar, além de que reconhece o fato dessas transformações já estarem ocorrendo, em franco processo de tecedura - o que traz grande importância para os movimentos sociais, na medida que os ressignifica e fornece possibilidades de registros de memória.

Ao contemplar as questões suscitadas acima, relativas à democratização dos museus e suas transformações, que os colocam sob outra perspectiva sócio-cultural-econômica; percebemos o quanto há de potência de ressignificação e reinvenção no âmago desses processos vigentes. Ao perceber a natureza vívida desses processos vinculados às transformações que rondam esses espaços museais e culturais, percebe-se o quanto há uma dialética instaurada entre os desafios que a sociedade contemporânea vivencia e essas instituições museais e culturais. Desta forma, não seria tão absurdo refletir em relação ao fato de que ao vivenciarmos uma sociedade contemporânea cada vez mais digital, estaríamos de certa forma também integrados a uma possível dialética suscitada pelos processos instaurados entre o digital e os museus.

É na moldura da modernidade que o museu se enquadra como palco, tecnologia, e nave do tempo e da memória. Como palco, ele é espaço de teatralização e narração de dramas, romances, comédias e tragédias, coletivas e individuais; como tecnologia, ele se constitui em dispositivo e ferramenta de intervenção social; como nave, ele promove deslocamentos imaginários e memoráveis no rio da memória e do tempo. Tudo isso implica a produção de novos sentidos e conhecimentos, a partir de sentidos, sentimentos e conhecimentos anteriores. (CHAGAS, 2008, p. 61).

É também nesse território em que o público passa a ter cada vez mais um papel protagonista e imprescindível para os museus, em que a autora Silva (2020) enfatiza o público como constituído de sujeitos dialógicos, capazes de cooperar, de forma justa e igualitária, para expandir os museus para conjuntos de ambientes sinérgicos e democráticos. Tal processo também na cultura digital, se dinamiza e se presentifica, na medida em que se transcodifica,

podendo ser incrementado de forma interativa e colaborativa na produção de conhecimentos e no compartilhamento de vivências.

Partindo dessas concepções, há possibilidades de refletir a respeito do papel cada vez mais significativo do público em relação aos museus, e, principalmente, acerca do papel relacionado à participação social, à colaboração, à cooperação e à coocriação; abrangendo novas formas de pensar tanto dos espaços museais e culturais quanto em relação às possíveis interações que se possa vivenciar. É nos processos em transformação, que tais questões se presentificam, em uma dialética instaurada pelo próprio devir; pelos processos desencadeados em vista do imbricamento de espaços e tempos, de modos de ser e viver, cada vez mais intensificados pelos meios digitais.

Considerando-se Silveira (2021), o século XXI traz a ressignificação do papel do espectador em relação à arte, pelo fato de que ela torna-se aberta a tantas experimentações de sua forma e conteúdo, que passa a se expandir para além dos espaços institucionais do campo artístico, ampliando-se, passa, desta forma, a não se restringir mais aos espaços dos museus.

É a partir dessa perspectiva que há diversos tipos de transformações, repletas de possibilidades de ressignificação, em que há diferentes possibilidades relacionadas tanto a estética como também a adoção de diferentes formas de diálogo e experimentação artística. Tais transformações repercutem também na forma como os espaços museológicos e culturais se percebem e passam a se relacionar com o meio artístico, assim como na forma como passam a se projetar em relação aos diversos espectadores que possam ter contato com esses espaços.

Para Silveira (2021) é no cerne desse movimento que há o impulso para que as instituições culturais e artísticas passem a perceber a necessidade de reavaliar a forma como estão produzindo suas exposições, tanto em relação a acomodar acervos de diferentes museus tanto quanto a se adaptar às novas tecnologias, às diferentes instalações artísticas, mas principalmente, no intuito de buscarem atrair a população para dentro de seus espaços culturais e museológicos.

Ainda para Silva e Jesus (2019) vivenciar o patrimônio cultural e os espaços museológicos, na contemporaneidade, implica em experiência em processo de expansão e de fortalecimento da conexão entre espaços e tempos múltiplos, portanto, não excludentes.

Como um deslocar-se do passado ao presente, diante do futuro, através de ambientes e representações, sincréticos, que como portais, convidam à passagem pendular entre o esquecimento e a memória, entre a significação e a ressignificação, entre o (des)conhecimento e o (re)conhecimento. Um movimento processual e dinâmico, mas não-linear, que deixa exposta a complexidade desta era da comunicação digital

em rede quando se trata da expansão dos usos do patrimônio, especialmente, na Web. (SILVA; JESUS, 2019, p. 167).

Ao dialogar com as questões suscitadas pela citação acima, em que a autora propõe que não só se contemplem as transformações contemporâneas digitais, mas que as percebam à luz das transformações vivenciadas pelo patrimônio cultural e os espaços museológicos - há em si um processo dialético, em que tudo de certa forma está interligado e interconectado. Desta maneira, acolher a complexidade contemporânea, é em si, uma forma de olhar para os museus e buscar acolher seus processos de ressignificação e reinvenção, bem como suas transformações vigentes.

Talvez fosse adequado para melhor compreendê-los numa perspectiva crítica, aceitar a obviedade: os museus são lugares de memória e de esquecimento, assim como são lugares de poder, de combate, de litígio, de silêncio e de resistência; em certos casos podem até mesmo ser não-lugares. Toda a tentativa de reduzir os museus a um único aspecto corre o risco de não dar conta da complexidade do panorama museal no mundo contemporâneo. (CHAGAS, 2008, p. 66).

Desta forma, é bastante interessante se perceber, na contemporaneidade, e, principalmente, nesse período pandêmico, o incremento de ações por parte dos museus, em direção tanto ao estreitamento de laços com o público quanto da democratização de seus acervos. Tais museus uma vez que passam a se utilizar em grau muito maior e mais intenso de diferentes possibilidades de apropriações digitais, avançam na direção às inovações da ordem do híbrido, ou mesmo na criação de ambientações digitais, investindo na imersibilidade e na realidade aumentada, na realidade virtual, assim como em soluções hológraficas como também gamificadas, nos quais extrapolam a disponibilização de acervos para acesso digital em *sites* ou em plataformas digitais como o *Google Arts & Culture*.

Tais diferentes propostas em apropriações digitais trazem possibilidades tão singulares, que muitas dessas trazem inovações antes nunca usadas ou mesmo pensadas como possíveis; trazendo significativas rupturas que necessitam ser compreendidas à luz de olhares mais pontuais, sutis e atentos. Em relação ao digital e suas possibilidades engendradas pelas apropriações digitais, há aspectos relevantes, como por exemplo, a democratização dos museus, surgida também em virtude dos incrementos em forma de participação do público junto aos espaços museais e culturais; assim como possíveis incrementos relativos à colaboração, à cooperação e à cocriação surgidas no aprofundamento das noções de pertencimento dos públicos que interagem com essas soluções digitais e sua presentificação digital.

É relevante perceber o fato das apropriações digitais trazerem ressonâncias tanto relacionadas à memória coletiva, quanto às diferentes ressignificações presentes na própria forma como passamos a perceber o mundo, ampliando-se aos desafios digitais contemporâneos, presentes nas áreas de realidade aumentada e virtual, assim como no desenvolvimento de hologramas e soluções gamificadas. É no bojo do desenvolvimento dessas soluções digitais, empreendidas pelos museus mundo afora, que se justificam os objetivos desenvolvidos nesta Tese; apontando a necessidade significativa de pesquisar tal fenômeno digital e suas intersecções com as realidades dos museus brasileiros, intensificadas pela eclosão da pandemia de COVID-19, a partir de 11 de março de 2020.

Buscar compreender de forma mais apurada, contextual, como também atenta, tais soluções digitais empreendidas pelos museus brasileiros, em um determinado recorte de tempo, que envolve o período pandêmico (2020, 2021 e 2022), ressignifica a oportunidade de desenvolvimento desse estudo de Doutorado, ao qual foi atravessado pela pandemia de COVID-19. Ousar estudar as nuances e fenômenos digitais que influenciaram o cotidiano dos museus brasileiros, seus desafios, assim como soluções desenvolvidas ao longo do período pandêmico – traz a oportunidade ímpar de poder contribuir com o desenvolvimento de um estudo relacionado às diferentes vivências que o período pandêmico trouxe para esses espaços museais e culturais junto aos seus gestores e colaboradores.

De algum modo os museus nos desesperam, e ainda assim, guardam os tesouros da nossa humanidade, tesouros que nos aguardam e que, para serem encontrados e desfrutados, exigem coragem de ser, coragem de lidar com eles de modo sensível e criativo. É preciso que nos aproximemos deles sem ingenuidade, mas também sem a arrogância do tudo saber. É preciso que nos apropriemos deles. Um de nossos desafios é aceitá-los como campos de tensão. Tensão entre a mudança e a permanência, entre a mobilidade e a imobilidade, entre o fixo e o volátil, entre a diferença e a identidade, entre o passado e o futuro, entre a memória e o esquecimento, entre o poder e a resistência. (CHAGAS, 2008, p. 67-68).

5.5 Desafios na gestão dos museus brasileiros em tempos de pandemia

Ao nos debruçarmos em relação ao panorama vinculado aos desafios que os museus brasileiros enfrentaram a partir da eclosão da pandemia de COVID-19, há destaque para buscarmos compreender de forma pontual os diferentes processos existentes, a partir do ponto de vista dos gestores e colaboradores desses espaços museais e culturais. É fundamental aprofundar olhares em relação às vivências que as equipes e gestores dos museus brasileiros enfrentaram ao longo do período pandêmico, para que se possa compreender com mais

profundidade o que tais desafios significaram enquanto possibilidade de resignificação e reinvenção.

Desta maneira, se faz pertinente considerar alguns dos apontamentos de Baltá (2020), referentes aos desafios, possivelmente, presentes no período que se seguirá, pós COVID-19; em que ele enfatiza a existência de um contexto social marcado pela vulnerabilidade, medo e sofrimento, frisando a necessidade e a capacidade da cultura de ouvir e ser sensível a dor e a solidão, na possibilidade de oferecer histórias que se conectam com as pessoas ao mesmo tempo em que geram empatia. Para o autor há ênfase na importância de tornar mais presente e mais visível o senso de responsabilidade da cultura em relação à sociedade como um todo. É bastante significativo, sob tal perspectiva, o fato de mesmo em meio a todas as dificuldades, a gestão cultural buscar ater-se em ajudar a articular os diálogos e colaborações necessários por meio do reconhecimento de que o período de crise pandêmico fez da cultura um elemento-chave presente na vida de muitas pessoas. Há ainda ênfase nos aspectos relacionados à colaboração como um elemento importante na definição de novas maneiras de fazer as coisas a partir da gestão cultural. Todos estes elementos corroboram com a importância das diversas iniciativas que permitiriam o envolvimento mais ativo da comunidade local bem como dos visitantes virtuais dos museus, suas ações e exposições.

E no que tange em especial, o interesse pelas apropriações digitais e suas possíveis relações com a gestão cultural, torna-se relevante refletir acerca das palavras de Baltá (2020) quando cita François Matarasso em relação ao fato de assumir que todas as instituições culturais terão que rever as formas de se relacionar com os públicos; sublinhando, essencialmente, a necessidade de revisar os modelos de governança, oferecendo novas maneiras de participar coletivamente tanto na tomada de decisões quanto no gerenciamento de processos e atividades culturais.

E ainda no meio de todas essas questões interligadas, há um aspecto psico-sócio-cultural que esteve, de certa forma, presente, em vários países que lutaram contra a disseminação do vírus causador da COVID-19. É visível, globalmente, os desafios vinculados à conscientização das populações em relação à adoção de medidas sanitárias preventivas respectivas à contaminação do vírus COVID-19 e questões relacionadas às necessidades de distanciamento social e estar fora de situações que promovessem aglomerações sociais. Tais aspectos, estão dentre os principais desafios enfrentados pelos países ao longo da pandemia, que eclodiu mundialmente, em 2020, e ainda, em 2021 e 2022, está sob circunstâncias de cuidados sanitários, uma vez que a vacinação mundial com fins de imunizar o maior número de pessoas a níveis globais, é um desafio que requer logística e

recursos financeiros; mas também doses de sabedoria e discernimento por parte tanto das populações mundiais quanto também dos governantes, evitando atitudes de negacionismo exacerbado da pandemia e suas graves consequências.

É destaque buscar compreender, que a partir das considerações desta Tese, e, principalmente, das escolhas metodológicas e teóricas adotadas, ao longo da pesquisa, se pretende buscar contemplar uma visão que enfatiza visibilizar os espaços museais e culturais participantes dessa pesquisa, como parte de um ecossistema museal e cultural. Desta maneira, o termo ecossistema, cada vez mais utilizado nas áreas de gestão e administração, nos remete a visibilizar tais espaços museais e culturais, como ampliados, no que condiz respeito, principalmente, aos contextos aos quais estão inseridos e que interconectam-se mutuamente. “Em suma, os museus fazem parte do tecido das sociedades e comunidades, sendo seu valor reconhecido e potencializado pela busca e fortalecimento de relações, trocas e atividades dentro desses ecossistemas aninhados”. (SABIESCU; CHARATZOPOULOU, 2018, p. 330).

Para avançar na compreensão do conceito de ecossistema e sua intrincada relação com os museus, as autoras Sabiescu; Charatzopoulou (2018) nos trazem significativas contribuições que nos servem como ponto de reflexão. Em recente artigo, nos chamam atenção para duas perspectivas inter-relacionadas ao posicionando das experiências de aprendizagem do museu: a) primeiro, sua incorporação no museu ecossistema, que inclui as coleções e os espaços, mas também o pessoal do museu, audiências, processos, tecnologias mediadoras e as intrincadas teias de interações e relacionamentos que sustentam, de forma inter-relacionada, o cotidiano desse espaço museal; e b) o lugar do museu em um ecossistema sociocultural mais amplo, que inclui provedores de educação formal e informal, alunos, bem como outros atores sociais e institucionais que sustentam diferentes tipos de relações, trocas e atividades, aos quais moldam contextualmente as práticas socioculturais.

Partindo dessas considerações, há a visão que contempla a complexidade do todo, relativa a todo o ecossistema museal, formado por diversos grupos de museus, que ao estabelecerem diferentes relações entre si, e de parte a tudo que englobam, trazem, por conseguinte, toda a miríade de atores sociais e os papéis que exercem, em todas as atividades, áreas e cadeias do amplo ecossistema de relações estabelecidas pelos processos que emergem a partir desses espaços museais e culturais.

Da outra parte, há em si o próprio ecossistema de processos e intrincadas relações estabelecidas por todos aqueles que se relacionam com um dado museu. Assim, nos interessa no que condiz esse ecossistema, os processos que são presentes desde a gestão e seus colaboradores até os diferentes públicos aos quais estabelecem relações e divulgam suas

atividades; aos quais buscam ampliar o espectro tanto em variedades do que dispõem aos diferentes segmentos de públicos, quanto em relação àqueles grupos que passam a se juntar por interesses diversos, aos temas e as iniciativas desenvolvidas por esses espaços museais e culturais.

Ao percebermos os museus como ecossistemas vívidos, contextualizados e inter-relacionados, há o ganho de uma visão mais complexa e abrangente, que pode abarcar vários aspectos presentes nos processos engendrados. Em Bell (2002) apud Sabiescu; Charatzopoulou (2018), há a opção pela noção de ecologia cultural, sob o intuito de buscar capturar o que há presente tanto no espaço ocupado pelos museus quanto pela experiência dos próprios museus em seu espaço cultural. Desta maneira, suas estruturas se concentram nas possibilidades interacionais oferecidas por esses espaços museais e culturais; oportunizando que cada visita seja vivenciada como um ritual realizado pela interação com objetos e pessoas, acessando informações e derivando significados e entendimentos pessoais.

Já para Latham e Simmons (*apud* SABIESCU; CHARATZOPOULOU, 2018) há a introdução de uma visão de ecossistema holístico museal, ao englobar, de forma interpenetrada e contextualizada: a) o sistema interno composto pelo museu interno formado pelas coleções e grupos de pessoas que as estudam e administram, que integra-se ao museu externo, composto pelos dispositivos e programas que realizam a transformação desse conhecimento em informação para divulgação ao público; e b) o sistema externo, ao qual representa os contextos local e global, que influenciam o funcionamento do museu de maneira complexa e articulada.

Todas essas visões acima nos orientam, de certa forma, para visualizarmos os museus como espaços sócio-culturais contextuais, inclusive, ampliando consideravelmente essa percepção para propor perceber museus como ecossistemas, em que há uma miríade de relações e processos emergentes, tanto internamente, quanto externamente, no que propõem e no modo como se relacionam com seu público e a sociedade tanto a nível local quanto mundial.

Ainda ao contemplarmos Gay e Hembrooke (*apud* SABIESCU; CHARATZOPOULOU, 2018) há ênfase nas experiências daqueles que visitam os museus, em que há a presença da interação e dos atos de interpretação vinculados às experiências sensoriais e subjetivas dos visitantes subdivididas em três categorias: a) ecologia do espaço sagrado, onde o museu pode ser percebido como um lugar de conhecimento, mas que também remete ao recolhimento e a introspecção; b) ecologia social e recreativa, na qual o museu é percebido como o lugar das sociabilidades, promoção de interação e envolvimento, mas

associados ao descanso, ao lazer e à diversão; e c) ecologia da aprendizagem, em que o museu é percebido como um local de aprendizagem.

Ao buscar-se compreender os museus como espaços dotados de vida, contextuais por natureza, por estarem imersos nos processos engendrados no âmbito sócio-cultural-econômico; ousamos ampliar nosso olhar para uma concepção que busca abarcar a complexidade aos quais, espaços museais e culturais, estão inseridos, em nossa sociedade contemporânea. Desta maneira, aqui não interessam apenas um ou outro aspecto, em detrimento de algum outro que possa tomar a dianteira de nossas reflexões; mas buscar contemplar e compreender o quanto um determinado fator chama a atenção assim como se relaciona com o processo e o contexto ao qual encontra-se inserido. É dessa natureza, ao qual se busca compreender os museus como ecossistemas, vívidos e intercambiantes, interpenetráveis entre si, assim como interrelacionados com todos os processos que o todo tem a promover, uma vez de que estamos inseridos em um mundo contemporâneo em constante e impermanente processo de transformação.

Assim, é interesse ao longo do desenvolvimento da Tese, contemplar a complexidade respectiva ao ecossistema museológico, referente aos diferentes aspectos que se interrelacionam e interpenetram, presentes nos museus brasileiros participantes desta pesquisa. Assim, pretende-se ponderar tanto quanto as decisões de gestão e colaboradores estão interconectadas com os contextos mais amplos aos quais estão submetidas, quanto em relação aos desafios a nível sócio-cultural-econômicos, tanto locais, nacionais e internacionais - o que engloba tanto os grupos de pessoas que se relacionam ao longo desses processos quanto as diversas políticas públicas e privadas, referentes à área museológica.

6 MAPEANDO MUSEUS E SUAS APROPRIAÇÕES DIGITAIS

Buscar compreender os museus brasileiros a partir dos desafios que a pandemia de COVID-19 significou, observando suas trajetórias, estratégias e apropriações digitais, empreendidas por gestores e colaboradores; traz valiosa oportunidade de compreender processos de ressignificação desses patrimônios, enquanto ponto de diálogo com a sociedade, seus desafios, pontos de tensão e conflitos. Tais aspectos dimensionam outras possibilidades, que pouco a pouco, já têm feito parte de diversos projetos vinculados às instituições museais e culturais, compondo-se num panorama digital, que foi, ainda mais intensificado em tempos pandêmicos, em vista de que várias instituições estiveram muito tempo fechadas ao público e preocupadas em se utilizarem de ações digitais urgentes para manter laços com seu público, ou mesmo, estreitar laços e buscar novos públicos.

6.1 Museus e comunicação digital

Torna-se relevante compreender como tais questões digitais e relativas aos desafios enfrentados por gestores e colaboradores das instituições museais brasileiras, entrelaçam-se também com o fato de que a pandemia de COVID-19 significou o fechamento dos equipamentos culturais para visitação pública de forma intempestiva, trazendo possíveis impactos à demanda do digital de forma contundente para os museus. Considerando-se os tradicionalmente escassos recursos para a área da cultura, é possível que muitas dessas instituições, principalmente as que dependem exclusivamente de verbas públicas, ainda não tinham uma organização e estrutura efetiva, e nem colaboradores com formação adequada, para lidarem imediatamente com esses desafios digitais no momento da eclosão da pandemia no Brasil, a partir de março de 2020. Entretanto, é visível o quanto instituições museais e culturais têm sido criativas em soluções digitais originais, empreendendo ações digitais em busca de conquistarem maior participação social, estreitamento de laços com novos públicos e avanços relacionados à cooperação, à cocriação e à colaboração social, principalmente, ao buscarem vincular a atenção desse público para suas ações e publicações de cunho digital.

Contudo, nem sempre uma boa proposta digital é bem compreendida, ou mesmo, reconhecida pelos pares, pois também depende de como ela tem sido visibilizada, geralmente por meio de compartilhamento nas redes sociais, ambientes digitais e *sites*. Para que ações digitais estratégicas possam ser reconhecidas e, principalmente, (re)compartilhadas, é preciso que a proposta chegue, preferencialmente de forma exponencial (ou viral), a muitas pessoas

de diferentes grupos, para que haja oportunidade, sinergicamente, de atingir públicos mais amplos.

Dentro deste ponto de vista, não se trata apenas da natureza da apropriação digital que é feita por uma determinada instituição museal ou cultural, mas também do quanto esse conteúdo vinculado digitalmente é posto em diálogo com o público, e do quanto também essas iniciativas geram engajamento e são propulsoras de novos diálogos e ressignificações. Em outras palavras, deve ser significativo para a instituição e para o público alvo. Para que haja participação social vinculada à proposta disponibilizada junto a um determinado conteúdo digital, é preciso também que essa seja ressignificada pelo público que acompanha e interage com as publicações. E para que possam atingir cada vez mais grupos de pessoas e cheguem a conquistar novos públicos, essas propostas precisam sinergicamente se fazer presentes, de forma dinâmica e estratégica, em diferentes redes sociais, ambientes digitais e *sites*; que possam ser interessantes tanto para divulgar tais propostas, quanto para estimular maior engajamento do público, incrementar a noção de pertencimento, assim como o compartilhamento espontâneo desses conteúdos digitais para outros pares.

Deste modo, seria esperado que as instituições desenvolvam um planejamento que abranja comunicação digital, na qual se pretenda focar no desenrolar e aplicação de uma campanha de marketing digital – apoiar-se de forma coerente nas principais demandas do espaço ao qual se pretende vincular, assim como aos aspectos relativos à imagem e estratégias que se pretende desenvolver ao longo da campanha. Para que se possa analisar essas demandas que influenciam nas decisões digitais que serão tomadas, é preciso considerar as especificidades de cada área que esteja correlacionada ao que se pretende desenvolver de forma digital; uma vez que todos os aspectos do espaço são parte significativa do que ele se firma, da sua imagem e do que se propõe veicular e visibilizar aos diferentes públicos que o acompanham.

Desta forma, não é efetivo realizar uma campanha de comunicação digital se utilizando de várias estratégias de marketing digital, sem levar em conta todas as principais especificidades próprias dos museus a que se pretende vincular as ações digitais. Se isso for ignorado, corre-se o risco de desenvolver ações digitais desarticuladas entre si, que pareçam desconectadas quando visíveis em todas as redes sociais da instituição; e pior, perde-se boa parte do potencial dessas ações digitais atingirem estrategicamente públicos específicos, ou mesmo, aproveitar situações inusitadas que possam se fazer presentes a partir desses âmbitos digitais. Há ainda o risco de que a continuidade dessas ações digitais empreendidas possa se

perder, em parte ou completamente, por falhas presentes em seu desenvolvimento estratégico ou em relação à organização articulada dessas ações digitais.

É significativo que os museus passem a compreender a importância estratégica vital de desenvolverem ações de conteúdo digital, que envolvam sinergicamente várias áreas estratégicas – as áreas de Gestão, Comunicação, Curadoria, Educação, Museologia e Tecnologia – melhor representadas pela figura a seguir, em que essas seis áreas estão representadas por círculos de cores diferentes, correlacionadas e integradas umas às outras, o que sugere a forte ideia de sinergia e entrelaçamento.

Figura 1 - Comunicação Digital



Fonte: Produzido pela autora, 2021.

Conforme indicado no capítulo de Introdução, a fim de compreender as diferentes possibilidades que o digital pode engendrar para as instituições museais e culturais, optou-se por fazer uso do termo apropriações digitais a fim de designar diferentes ações de cunho digital, desenvolvidas pelos museus brasileiros e internacionais. Nessa concepção, há interesse de abarcar soluções na forma de apropriações digitais, designadas em dez categorias principais, tal como citado no capítulo Metodologia: a) uso de realidade aumentada; b) uso de realidade virtual; c) uso de imagens em 360 graus; d) exposições digitais virtuais; e) visitas síncronas digitais; f) uso de QR CODES; g) realidade expandida a partir do uso de soluções

gamificadas; h) uso de hologramas; i) palestras síncronas digitais; e j) oficinas síncronas digitais.

Essas soluções digitais, aqui especificadas como potenciais apropriações digitais, bem como a opção estratégica de assim as denominar, serão brevemente referenciadas aqui neste projeto e melhor definidas e explicitadas ao longo do desenvolvimento da Tese.

Tais iniciativas surgem a fim de buscar, nos desafios pandêmicos, fôlego para ousar e investir em soluções digitais. É muitas vezes em meio a grandes desafios que a criatividade traz em seu bojo possibilidades em forma de inovações. É no desvendar das minúcias desse panorama que partem alguns dos principais pressupostos visibilizados nesta Tese, principalmente, de aspectos norteadores, presentes nos capítulos anteriores (objetivos, justificativa e metodologia), aos quais se pretende abarcar por meio do desenvolvimento da pesquisa que compreende o desenvolvimento da Tese.

É a partir desse contexto detectado acima, que é perceptível em alguns museus, o desenvolvimento de diferentes soluções digitais quanto às suas apropriações digitais, almejando tanto a criação de ambientes híbridos e imersivos, como também a própria ressignificação dos ambientes museológicos. Tais aspectos tornam-se inovadores na medida em que passam a imbricarem-se com propostas de visitas realizadas ao vivo e em tempo real – visitas síncronas digitais – aos quais junto a outras possibilidades em apropriações digitais, têm estreitado laços pela internet a níveis globais, assim como se ampliado em possibilidades de ressignificação da arte e do ecossistema museológico. Tais processos trazem em seu bojo significado advindo de um possível acréscimo no processo de democratização dos museus e seus acervos patrimoniais; seguidos por um aumento da participação social advinda das relações que o público passa a estabelecer com as diferentes soluções digitais vigentes.

Para que fosse possível contextualizar algumas das questões relacionadas às apropriações digitais, empreendidas por espaços museais e culturais, na forma de soluções digitais, ao longo dos anos pandêmicos (2020, 2021, 2022, 2023 e ano subsequente, 2024) focos desta Tese - foi realizado um levantamento de quais espaços destacaram-se ao realizarem tais iniciativas, intimamente vinculadas aos desafios que enfrentaram a nível de gestão e colaboradores, suscitados pela emergência de distanciamento social em meio a pandemia. Inicialmente, esse levantamento considerou os anos de 2020, 2021 e 2022.

Fazem parte desse levantamento, que é apresentado na sequência: o *Museu do Amanhã*, o *Museu Oscar Niemeyer (MON)*, a *Fundação Iberê Camargo*, o *Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)*, o *Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE)*, o *Museu da Pessoa* e o *Museu Diários do Isolamento (MuDI)*.

É visível no processo ao qual os museus brasileiros e mundiais deparam-se, um maior aporte digital em forma de adoção de soluções digitais. Ao longo desse processo, é significativo observar o fato – não que seja em si um movimento organizado ou mesmo cuidadosamente planejado com antecedência, mas algo que se presentificou na rotina e nas escolhas de vários museus mundo afora, já que foram abruptamente obrigados a fecharem suas portas em função dos altos índices de casos de COVID-19 crescendo entre as populações, principalmente, nos períodos em que ainda não tinham-se vacinas desenvolvidas, tendo o vírus altos índices de mortalidade.

As escolhas levaram em consideração tanto a natureza das propostas digitais empreendidas, período de vigência, bem como o quanto essas possibilidades digitais engendradas, se encontravam disponíveis para diferentes públicos na internet. Em alguns desses espaços a autora desta Tese pode realizar um processo de observação participante, seja em projetos de formação ou como participação em eventos digitais, para que pudesse sentir de forma mais próxima o desenvolvimento das diferentes ações digitais desenvolvidas pelos museus brasileiros mencionados.

6.2 Museu do Amanhã

O *Museu do Amanhã* está sediado presencialmente na cidade do Rio de Janeiro, no centro histórico carioca. Em *Museu do Amanhã* (2022d), que é uma página do *site* oficial do museu, há destaque para o que significou o período pandêmico em relação aos desafios enfrentados pela equipe de colaboradores e gestores do *Museu do Amanhã*, na expressão “*A nova realidade nos obrigou a encontrar soluções criativas para continuarmos ativos*” e ainda na frase: “*O ano de 2020 ficará em nossa memória para sempre. Um ano de mudanças e muitos desafios. Um deles foi fazer o Museu do Amanhã chegar aos nossos públicos apesar das portas fechadas*”. É tão intenso o desafio que a equipe de colaboradores decidiu postar um vídeo no canal oficial do *Museu do Amanhã*, no *YouTube*, em 06 de julho de 2021, intitulado – *Como foi fazer o Museu do Amanhã chegar a você apesar das portas fechadas?* (MUSEU DO AMANHÃ, 2021a).

A trajetória desafiadora que o *Museu do Amanhã* vivenciou, a partir de 2020, quando do início abrupto da pandemia de COVID-19, trouxe ao espaço também uma oportunidade, de concorrer a um dos maiores prêmios internacionais - o **LCD Berlin Awards (Leading Culture Destinations Awards)**, considerado o "Oscar dos Museus"). Tal iniciativa trouxe ao *Museu do Amanhã* o prêmio - **Melhor Experiência Digital em Museus** - referente às

vivências digitais que propiciou, por ter engajado público e ampliado o alcance em suas redes sociais e internet, de forma digital, em 2021. É possível acompanhar detalhes do Prêmio, no vídeo da matéria que foi ao ar no Jornal Nacional, em 07 de abril de 2022, visível em G1 (2022a) e também noticiado em Museu do Amanhã (2022f).

A importância de, em abril de 2022, um museu brasileiro ter conquistado o **Prêmio de Melhor Experiência Digital em Museus**, em âmbito internacional, no **LCD Berlin Awards** - traz em evidência um fato de que transpor os desafios presentes no enfrentamento da pandemia, principalmente, os relativos aos fechamentos e necessidades de distanciamento e isolamento social; assinalaram em profícua oportunidade para que gestores e equipes de colaboradores ousassem se reinventar nesse processo, assim como se ressignificassem enquanto promotores de conhecimento.

Há também outra premiação recente, conquistada pelo *Museu do Amanhã*, destacada na publicação na *fanpage* do Facebook, em Museu do Amanhã (2022f), conquistando o **Prêmio de Melhor Filme ou Vídeo do Festival de Produções Audiovisuais e Inovadoras de Mídias Museológicas**, organizado pelo *International Council of Museums* (ICOM). A premiação recém conquistada neste ano de 2022, abordou o tema pandêmico suscitado pela incidência do vírus da COVID-19, pautando como o *Museu do Amanhã* transformou-se buscando estreitar laços com o público, ao enfrentar desafios e buscar superar o isolamento e distanciamento social, surgidos abruptamente pela pandemia. A cerimônia de premiação, realizada em 25 de agosto de 2022, foi em Praga, durante a *Conferência Geral do ICOM*. Houve destaque para o fato do *Museu do Amanhã*, merecer o prêmio pelo vídeo, em função da relevância do conteúdo, em que buscou-se narrar o processo de mudança do Museu ao longo do período pandêmico, focando na Educação e na troca de conhecimento e busca pela cooperação com o público no trabalho museológico.

O *Museu do Amanhã*, sem dúvida, é um dos museus que interessam a pesquisa desta Tese, principalmente, no que tange a abrangência de ir mais profundamente, buscando contato com gestores e colaboradores, por meio de entrevistas digitais, para compreender de forma mais pontual e apurada questões relacionadas aos processos suscitados pelas vivências digitais assim como pela própria pandemia e o quanto ela tem significado enquanto desafio.

É a partir desses vestígios presentes tanto no *site* oficial do *Museu do Amanhã*, quando publicados sob diferentes formas em suas redes sociais, que é possível se ter acesso às vivências experienciadas pelo museu brasileiro ao longo do período pandêmico. Tal caso aqui exemplificado nos serve como ponto de referência para que seja demonstrado um pouco de como se deu o levantamento dos museus brasileiros que, efetivamente, realizaram

apropriações digitais, nesse período pandêmico, que pretende abarcar em nossas análises, os anos de 2020, 2021 e 2022. Fez parte como foco desse rastreamento tanto as apropriações digitais empreendidas por alguns dos museus brasileiros, nesse período, como também aspectos que estejam visíveis na forma como esses se relacionaram com os desafios da pandemia.

Há, inclusive, uma apropriação digital mapeada, recentemente, no *site* oficial do museu, quando do desenvolvimento desta Tese, em que o Museu do Amanhã (2022b) apresenta o projeto “*O Programa de Educação do Museu do Amanhã, comprometido com o público e segurança de visita em tempos de pandemia, oferece um formato de visita virtual por agendamento: as Televisitas*”. As visitas ocorrem a partir de janeiro de 2022, de terça a sexta, às 10h30 da manhã, tendo a duração de 1h30, utilizando-se da plataforma digital *Google Meet*, sendo mediadas em português ou libras. O público inscrito por meio da plataforma de formulários do *Google* escolhe as datas que deseja participar, além das possibilidades de escolher uma exposição por visita virtual, ou mesmo, a modalidade que inclui ambas, a exposição de longa duração e a nova exposição **FRUTUROS Tempos Amazônicos**. Segundo o *site*, em Museu do Amanhã (2022b) “*Nesta modalidade, os educadores apresentam o museu presencialmente para grupos conectados via sala de conferência on-line*”.

E ainda, seguem-se no *site* em Museu do Amanhã (2022m), outras novidades, rastreadas em janeiro de 2022, como **Televisivas** realizadas pela *Exposição FRUTUROS*, por meio da rede social *Tik Tok*, em 28 de janeiro de 2022, em uma visita das 11hs às 12hs, sem inscrições prévias, realizada ao vivo direto do perfil oficial do *Museu do Amanhã* no *Tik Tok*. Outra possibilidade explorada pelo *Museu do Amanhã*, em conexão com as publicações do *Tik Tok*, no segundo semestre de 2021, foi a proposta de uso da *hashtag* #museudoamanha, em 29 de setembro de 2021, em que incita o público a realizar publicações nas redes sociais usando essa *hashtag* e a frase: “*Quer aparecer em nossas redes? Marque nosso perfil e coloque a #museudoamanha no post! Amamos observar os conteúdos incríveis que vocês publicam!*”

Desta forma, é visível a apropriação digital realizada pelo *Museu do Amanhã* para aproximar-se do público em tempos pandêmicos, em que ainda existem demandas relacionadas à necessidade de distanciamento social. Tal subsídio desenvolvido pelo *Museu do Amanhã*, torna-se uma solução digital, utilizando-se do ambiente digital do *Google Meet* como estrutura de mediação digital vinculada à modalidade de visitas síncronas digitais, realizadas pela equipe de colaboradores que trabalha junto ao público das exposições do

museu brasileiro. E ainda ampliando tal perspectiva de visita sincrônica digital à rede social *Tik Tok*, na ação digital desenvolvida em janeiro de 2022, visível em Museu do Amanhã (2022m).

Há também destaque para outra iniciativa, noticiada em 20 de julho de 2022, em postagem em *fanpage* do *Facebook*, visível em Museu do Amanhã (2022e) - em que a Exposição **FRUTUROS Tempos Amazônicos** surge novamente, disponível ao público, mas dessa vez em versão digital, possibilitando acesso de qualquer parte do mundo; frisando o acesso às informações e propostas relativas à Amazônia como um compromisso em manter a floresta em pé, além de incentivar a importância de se fazer conhecer as riquezas da região. Desta maneira, o *Museu do Amanhã*, desenvolveu uma plataforma digital on line, a qual inclui um tour virtual da exposição e conteúdos educativos que visam estimular debates relativos à Amazônia. Houve uma preocupação das equipes do *Museu do Amanhã*, em preparar, para educadores e professores, uma proposta de atividades destinada às diferentes faixas etárias, pontuando a biodiversidade amazônica na versão digital de **FRUTUROS**.

Figura 2 - Museu do Amanhã: FRUTUROS - Tempos Amazônicos



Fonte: Museu do Amanhã (2021d).

Desta forma, ao mapeamos tais vestígios, descritos nos parágrafos desenvolvidos, usamos da metodologia da netnografia digital em Kozinets (2014) como suporte de apoio para que possamos ir mais além, de forma a buscar chegar mais perto de possíveis postagens, interações digitais do público, assim como junto à equipe de colaboradores e gestores, vir a realizar diferentes tipos de intervenções, que poderão repercutir no desenvolvimento de

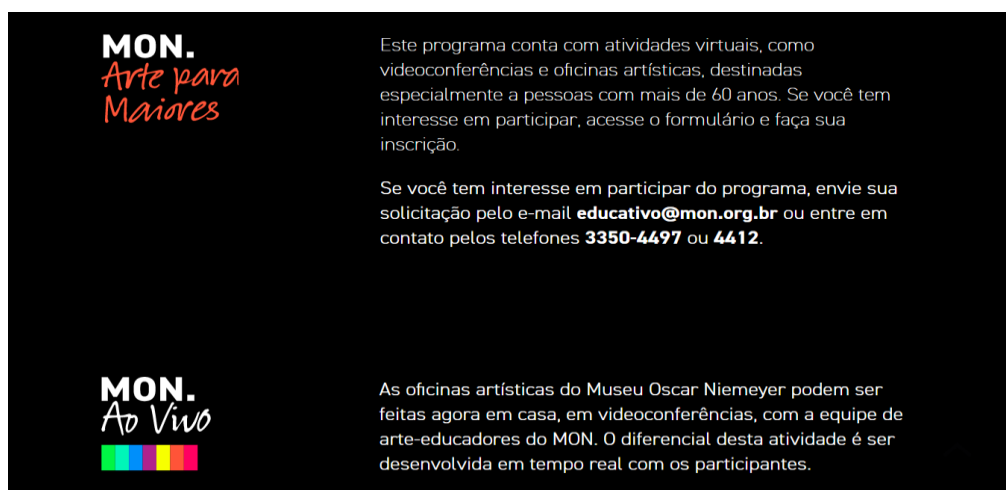
entrevistas, os quais, inclusive, estão planejados para serem desenvolvidos, de forma síncrona digital, também no ambiente digital do *Google Meet*.

Assim, justifica-se, no capítulo anterior, dedicado à metodologia, o detalhamento dos aspectos referentes à netnografia digital, assim como assinalar a necessidade de posterior desenvolvimento de estratégias de aproximação com as equipes dos museus brasileiros pesquisados.

6.3 Museu Oscar Niemeyer (MON)

O *Museu Oscar Niemeyer*, sediado em Curitiba, no estado do Paraná, em seu *site* referenciado em Museu Oscar Niemeyer (2022), consultado em 28 de janeiro de 2022, explicita: *“As atividades como visitas agendadas, visitas mediadas, oficinas e demais encontros presenciais, estão temporariamente suspensas. As oficinas artísticas e visitas mediadas ganharam versões virtuais em nossas redes sociais”*. Possivelmente, tais iniciativas foram inspiradas pelo aumento da variante ômicron da COVID-19 no território brasileiro nesse mês de janeiro de 2022, atingindo altos índices de contaminação e transmissibilidade. Em destaque na matéria Agência Estadual de Notícias (2022), em *site* oficial do Governo do Estado do Paraná, há alusão a várias atividades educativas on-line, promovidas desde 2020 pelas redes sociais do *Museu Oscar Niemeyer* (52 oficinas artísticas, 20 mediações e 19 exposições no *Google Arts & Culture* – <https://artsandculture.google.com/partner/museu-oscar-niemeyer>), em 2021 também houveram duas novas atividades (MON ao Vivo – oficinas artísticas em tempo real por meio de videoconferências; MON na Escola – versão reformulada e virtual do tradicional MON para Educadores).

Figura 3 - Museu Oscar Niemeyer: projetos MON.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Tal exemplo referente ao *Museu Oscar Niemeyer*, traz mais um desses casos referentes aos museus brasileiros que fizeram de diferentes apropriações digitais, possibilidades engendradas na forma de soluções digitais, para dar conta de lidar com os constantes desafios relativos à pandemia causada pelo vírus da COVID-19. É o mapeamento atento desses espaços museais brasileiros – usando-se de sistemática metodológica, presente na netnografia digital de Kozinets (2014) e contida em detalhes nesta Tese, no Capítulo Metodologia – que traz possibilidades de aprofundamento de várias questões, além de poder pontuar e contextualizar conceitos como o pertencimento, a democratização dos museus, a participação social, a colaboração, a cooperação e a cocriação.

Figura 4 - Museu Oscar Niemeyer: #monemcasa



Fonte: arquivo pessoal da autora.

6.4 Fundação Iberê Camargo

A *Fundação Iberê Camargo*, sediada na capital gaúcha Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, trouxe para sua página oficial do *Facebook*, em Fundação Iberê Camargo (2022b), várias propostas, dentre elas, a que convida, em 24 de junho de 2022, os visitantes a prestigiarem as exposições presenciais promovidas, realizando um registro da visita marcando @fundacaoibere, para que sejam selecionados registros para serem postados na *fanpage*, visível em Fundação Iberê Camargo (2022a). Dentre as postagens no *Facebook*, também destaca-se a divulgação de várias atividades, na qual houve a oficina desenvolvida no ambiente digital do *Google Meet*, postada em Fundação Iberê Camargo (2021c), também descrita no *site* disponível em Fundação Iberê (2021d) e Fundação Iberê (2021e) vinculada ao evento da Exposição em Fundação Iberê Camargo (2021b). Também há destaque para outro

evento digital, divulgado na *fanpage* do *Facebook*, em Fundação Iberê Camargo (2021a), que na postagem divulga e convida para uma série de *Lives* que seriam realizadas em sua página oficial do *YouTube*.

Dentre as diferentes experiências nos meios digitais, que foram desenvolvidas pela autora desta Tese a fim de se aproximar das nuances que acerbam a temática das apropriações digitais e suas possíveis soluções digitais; uma delas foi se inscrever para participar de forma sincrônica em uma das atividades desenvolvidas pela *Fundação Iberê Camargo*, desenvolvida totalmente em ambiente digital, com postagem em Fundação Iberê Camargo (2021c) e divulgação do evento no *site* em Fundação Iberê (2021d). Tal metodologia de participar de forma espontânea, como qualquer outra pessoa, do grupo que se encontrava digitalmente, é fruto da adoção prática das técnicas de metodologia da netnografia digital, em que quando se percebe necessário, há a devida aproximação do que se pretende observar.

Figura 5 - Fundação Iberê Camargo: Fabuloso Universo de Tomo Koizumi no meet



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O encontro digital, mediado de forma sincrônica no *Google Meet*, por colaboradores da equipe da *Fundação Iberê Camargo*, refletia-se como uma das ações digitais vinculadas a uma de suas exposições – **O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi** – tendo seu ápice em aspectos disruptivos na forma como foi conduzido, no qual duas *drag queens* passavam o tempo todo com a câmera aberta, maquiando-se e olhando diretamente à câmera, ao longo do encontro sincrônico digital promovido. Em paralelo a esse gestual, vários aspectos iam sendo

conduzidos para discussão pelos colaboradores e organizadores do encontro, mediado pelo *Google Meet*; de tal forma que pelas conversas que se seguiam, haviam comentários a respeito de aspectos relacionados à montagem da exposição, da vida e obra do artista e das possíveis estratégias que foram utilizadas para que o ambiente pudesse tornar-se fiel a personalidade e principais ideias do artista.

É destaque o fato de que a exposição da obra de Tomo Koizumi foi realizada em parceria com Japan House, sediada na capital paulista, São Paulo, da qual as obras viajaram até Porto Alegre, para que aqui fosse desenvolvida a curadoria dessa exposição que ficou vários meses em 2021, aberta à visitação pública presencial, com todos os protocolos de segurança sanitárias, e regras vigentes para evitar a propagação do vírus da COVID-19, que podem ser visibilizadas em detalhes em Sympla (2022):

Para acessar o prédio é necessário estar de acordo com todas as medidas de segurança:

- *Apresentar certificado de vacinação contra a COVID-19 (impresso ou digital);
- *Seguir todas as indicações sanitárias;
- *Respeitar capacidade máxima por horário;
- *Verificar temperatura na entrada;
- *Uso de máscara em todos os locais da Instituição;
- *Higienização de mãos e calçados;
- *Distanciamento mínimo de dois metros;
- *Sentido único de circulação.

Tais regras acima delineadas servem para nos dar um panorama das várias exigências adotadas pelos museus brasileiros, para tentar frear a propagação do vírus da COVID-19 e suas variantes, quando do retorno as suas atividades presenciais. Tal descrição acima é referente à compra de ingressos para as exposições vigentes na *Fundação Iberê Camargo*, na capital gaúcha, em Porto Alegre, em janeiro de 2022. Também cabe destacar que o uso de máscaras continua sendo exigência em muitos espaços museais brasileiros, ao longo de todo o semestre de 2022 - seja como uma medida de evitar contágios e preservar a saúde tanto de colaboradores quanto de visitantes, como também medida de precaução para que possam se evitar novos crescimentos de casos de COVID-19 na população brasileira.

Ao contemplar os parágrafos que descrevem alguns pontos respectivos à *Fundação Iberê Camargo* e suas medidas sanitárias vigentes, como principalmente, algumas de suas iniciativas digitais, divulgadas no *Facebook* e no *site*; percebem-se, quanto à divulgação estratégica digital de atividades, tanto em redes sociais oficiais quanto no *site*, pode compor em uma maior visibilização das ações digitais. Desta forma, o desenvolvimento de tais atividades pode vir a abranger, concomitantemente, diferentes públicos, compondo um

ambiente digital que pode ser profícuo para a ampliação de diferentes espectros de públicos, assim como a fidelização de públicos já existentes, como também incrementos nos sentimentos de pertencimento da relação das pessoas com as diferentes propostas da instituição.

Se hoje, quando em 2022, há a retomada das visitas presenciais nas Exposições, ainda se percebe um interesse em inspirar o público a postar em suas redes sociais registros digitais das diferentes vivências que teve na *Fundação Iberê Camargo*, para que possam ser selecionadas, posteriormente, pelo próprio espaço, para serem parte de sua *fanpage*, visível na postagem em Fundação Iberê Camargo (2022a) - enquanto que no passado não muito longínquo houveram iniciativas digitais que contemplaram a promoção e realização de atividades sincrônicas digitais no *Google Meet*.

Outro aspecto relevante, é que ao se utilizar da netnografia digital como metodologia principal, houve a estratégia da autora desta Tese, de se inscrever em algumas das atividades que estavam sendo desenvolvidas pela *Fundação Iberê Camargo*, digitalmente, para poder compreender melhor, na prática, como a equipe de colaboradores estava desenvolvendo tais iniciativas em soluções digitais. Desta maneira, foi possível estreitar laços, assim como buscar melhor compreender, por aproximação, como decompõem-se aspectos que possam ser significativos, relativos às apropriações digitais realizadas no período do segundo semestre de 2021, pela *Fundação Iberê Camargo*.

6.5 Museu De Arte Do Rio Grande Do Sul (MARGS)

O *Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)*, sediado na capital Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, recentemente, em sua rede social *Facebook*, postou em MARGS (2022), em 27 de janeiro de 2022, um vídeo convidando o público para ver a versão virtual de uma de suas exposições realizadas no presencial. Sob o título – “Você já realizou o tour virtual pela **1ª Exposição de arte brasileira contemporânea: 1955/2021?** – O MARGS explica que disponibilizou a exposição em forma virtual, apresentando no *Facebook*, um vídeo com o apresentador João Freire, integrante do *site Catraca Livre*, apresentando aspectos relativos ao MARGS e à **1ª Exposição de Arte Brasileira Contemporânea: 1955/2021 — Resgate da exposição de estreia do MARGS e formação inicial do Acervo**, que agora passa a estar disponível em ambiente on-line, além das obras o tour também conta com as legendas e informações da exposição. É dada ênfase, inclusive, à iniciativa do MARGS em convidar para que acessem o link para realizar o tour virtual e visitar a remontagem da

exposição de estreia do *MARGS* em sua própria *bio* (descritivo das páginas do *Facebook*). O tour por essa exposição virtual também se encontra divulgado no *site* oficial, em *MARGS* (2015).

Ao se ponderar o fato do *MARGS* disponibilizar em uma postagem realizada em sua *fanpage* do *Facebook*, um convite, realizado em forma de vídeo por um apresentador de um reconhecido *site* de conteúdos; apresentando presencialmente o museu e determinada exposição temática, para então convidar o público para visitar a versão virtual dessa Exposição – percebe-se o nítido uso de uma apropriação digital, que poderíamos desmembrar em diferentes soluções digitais: a) postagem em redes sociais; b) uso de vídeo postado; c) postagem ao mesmo tempo em mais de uma rede social oficial; e d) desenvolvimento, realização e divulgação de uma exposição virtual com material da exposição presencial.

Figura 6 - MARGS: Arte Brasileira Contemporânea 1955/2021



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Desta maneira, compreender o entrelaçamento dessas categorias, para que se alcance determinada meta, exemplifica como as apropriações digitais relacionadas, no que concerne essa Tese, às problemáticas e desafios enfrentados pelos museus brasileiros – podem repercutir em ganhos de estreitamento de laços, possibilidades de ampliação do foco na direção à democratização de museus, ganhos em aspectos como ampliação de sentimentos de

pertencimento e possibilidades de avanços do público nas noções de colaboração, cooperação e cocriação.

Contudo, se faz evidente como também pertinente, afirmar que aqui tais questões estão apenas delineadas, a fim de uma breve demonstração prática nesta Tese, relacionada às apropriações digitais aos quais se deseja mapear e contextualizar, utilizando-se da metodologia já explicitada em capítulo anterior. No desenvolvimento da Tese, ao seguir as etapas metodológicas e os objetivos, por meio das entrevistas realizadas com dois espaços – *Museu do Amanhã* e *Fundação Iberê Camargo*, pode-se aprofundar na direção às análises mais complexas e contextuais.

6.6 Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MUBE)

O *Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MuBE)* está dentre os museus, que ao longo dos anos respectivos à pandemia (2020, 2021 e 2022), intensificaram iniciativas promotoras de interação e participação social, na forma também de ações digitais que traziam para ambientes digitais e virtuais, as exposições que também faziam-se presentes no presencial; assim como promoviam por plataformas de videoconferência, como o *zoom*, palestras e debates com artistas e integrantes vinculados às comunidades de interesse, culminando na abordagem de assuntos tanto respectivos às exposições promovidas quanto aos temas transversais tidos como significativos.

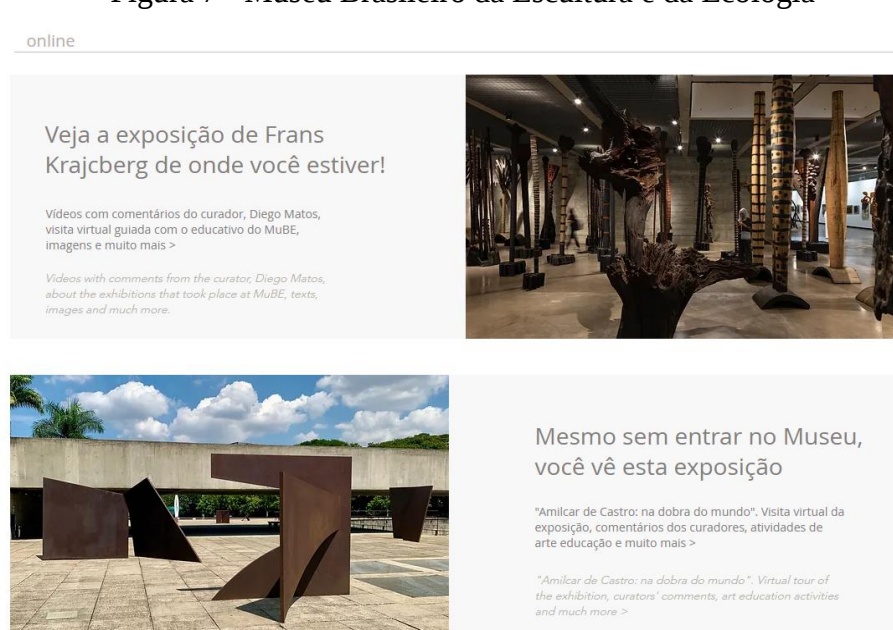
O *Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MuBE)* investiu em diversas iniciativas digitais ao longo desse período, principalmente, respectivas à promoção de palestras e debates via plataforma *zoom*, das quais houve maciça divulgação por meio de sua *fanpage* do *Facebook*, em MUBE (2022d), o que aparece divulgado a partir de 15 de outubro de 2020, em diversas postagens realizadas, visíveis em MUBE (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2020f, 2020g, 2020h e 2020i). Na postagem, de 15 de outubro, visível em MUBE (2020e), há ênfase na série de mediações pelo *zoom*, de conversas em torno de - *E ainda assim a Terra se comove* - projeto em parceria com a SOS Mata Atlântica. Promovido entre 15 de outubro e 26 de novembro de 2020. O evento digital foi organizado dentro desse período, via *zoom*, privilegiando o acesso livre e gratuito de todos os interessados, sendo divulgados todos os encontros na *fanpage* do *Facebook* do *MuBE* - sob mediação da curadora-chefe Galciani Neves, convidados como artistas, cientistas e ativistas ambientais; participaram de debates em torno das complexidades e interdisciplinaridades que a arte e a

ecologia suscitam, com o intuito de poderem contribuir para a compreensão da coletividade e da existência da rede de relações com outros seres não-humanos e com o espaço.

Há destaque ao fato de tais iniciativas terem surgido publicadas na *fanpage* do *Facebook*, visível em MUBE (2022d), a partir de 07 de outubro de 2020, o que visibiliza, que entre fevereiro a outubro de 2020, não houve a divulgação de nenhuma atividade por parte do *MuBE* em sua *fanpage* do *Facebook*, o que sugere que possa ter estado fechado nesse período em função da pandemia de COVID-19. Quando retornou, já havia uma exposição que surgiu organizada, presencialmente, com público reduzido, por visitação por marcação de horário, assim como exigência de uso de máscaras e apresentação de carteira de vacinação, como itens obrigatórios. Na sequência de eventos organizados pelo *MuBe* na plataforma do *zoom*, surgem em 2020, mas também há destaque em relação ao início do ano de 2021, em que outro evento passa também a ser divulgado e organizado de forma digital, divulgado na *fanpage* do *Facebook*, visíveis em MUBE (2021a, 2021b), no qual convidam os participantes interessados da comunidade, a participarem de forma livre e gratuita, da nova série “Na exatidão do sonho”: conversas e ensaios sobre Amílcar de Castro” junto a exposição presencial no *MuBE*.

Houve também iniciativas, que buscavam trazer para ambientes digitais e virtuais, as exposições que também faziam-se presentes no presencial, destacando-se a recente exposição, *Frans Krajcberg: por uma arquitetura da natureza*, neste segundo semestre de 2022, visível em MUBE (2022c), em postagem de 25 de julho de 2022, em que aborda recente matéria do *Jornal Estadão*, que dá ênfase no fato da exposição ganhar uma versão virtual, disponível a partir de 28 de julho de 2022, acessível em MUBE (2022b), no *site* em MUBE (2022a).

Figura 7 - Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Contudo, também é destaque o fato de que algumas dessas ações descritas nos parágrafos anteriores, possam ter sofrido algum tipo de influência quanto ao interesse em incentivar graus de pertencimento por meio da participação social e interação de artistas e público. Há um histórico de ações, realizadas pelo *Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MuBE)*, que ainda que não fossem digitais, privilegiavam a participação e interação de diferentes segmentos da comunidade, e que já vinham sendo realizadas, em períodos anteriores à 2020.

É destaque, o fato de que o *Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MuBE)* já vinha investindo em ações que incitavam à participação e interação há quase dez anos atrás, o que pode ser visibilizado no folder do projeto presente em Mail Art Cupcake (2016) no qual *MAIL ART*, consistia em uma série de exposições colaborativas que aconteceram no *MuBE* dentre 2007 a 2013, contando com os correios como peça fundamental para sua realização. Assim, por meio do correio os participantes recebiam o material a partir do qual a obra deveria ser desenvolvida, também devendo usá-lo para o posterior envio da sua obra customizada à exposição. O Projeto ganhou destaque internacional, e uma de suas exposições, comentada por Marques (2013) teve o apoio da Empresa Estrela, fabricante brasileira de brinquedos infantis, que foi responsável pela fabricação das bonecas a serem entregues via correio a todos os interessados, tendo como resultado o fato de que mais de 220 bonecas foram personalizadas por representantes das comunidades artísticas do mundo todo, culminando na organização da exposição presencial, na antiga sede do *MuBE*, em São Paulo. É possível, inclusive, conferir fotos da Exposição realizada em 2013, pelo *MuBE*, publicadas no BLOG, visível em Divagando Alto (2013), em que há nesta publicação da internet grande variedade de fotos das diferentes bonecas que receberam intervenções artísticas de pessoas da comunidade, tanto artistas consagrados como outros profissionais e pessoas interessadas em participar do projeto.

Cabe frisar que mesmo tratando-se de uma vivência artística vinculada a uma boneca a ser customizada, fabricada em parceria diretamente para esse fim - o fato de ser enviada aos participantes, principalmente, que ao se inscreverem vinham a receber por correio todo o material para realizarem suas intervenções - trazia em si elementos significativos como a incitação à participação social da comunidade, e, notoriamente, o envio e recebimento da obra, realizado e intercambiado pela promoção do *MuBE*. Desta maneira, mesmo aqui não dispondo de foco em ações digitais, o interesse pela participação da comunidade impera e traz o diferencial ao Projeto. O digital, nesse projeto, ainda entrou como coadjuvante, uma vez que a Exposição foi fotografada e o material foi divulgado em *site* para todos os participantes,

uma vez que haviam muitos artistas de fora, tanto do estado de São Paulo quanto, de fora do Brasil.

Buscar compreender tanto as apropriações digitais na forma de ações digitais, desenvolvidas pelo *Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MuBE)* ao longo dos anos 2020, 2021 e 2022; quanto atividades que tenham sido realizadas em outros projetos do *MuBE* que também tinham como foco a participação social - traz oportunidade profícua para buscar compreender o quanto o contexto de intensos e inusitados desafios, desencadeado pela pandemia de COVID-19, trouxe reverberações e, nesse caso do *MuBE*, também pode ter se revertido em oportunidades para desenvolvimento de projetos no digital, que buscassem privilegiar também a participação social da comunidade.

Ao pensar na possibilidade de desenvolver um acompanhamento mais apurado junto ao *MuBE*, há o interesse de se utilizar tanto da netnografia digital para aprimorar as observações referentes às apropriações digitais utilizadas; quanto da possibilidade de entrevistas com gestores e colaboradores, a fim de melhor compreender os diferentes processos que se constituíram ao longo da pandemia, reverberando nas ações digitais adotadas; como também o quanto outras iniciativas desenvolvidas no passado, foram ou não parte desse processo, tendo como pauta a participação social e seu papel transversal ao longo desses projetos.

6.7 Museu da Pessoa

O *Museu da Pessoa*, surgido em 1991, historicamente, está dentre os primeiros museus virtuais brasileiros, sediado presencialmente em São Paulo, habita o digital desde sua criação. É destaque o fato de que o *Museu da Pessoa* sofreu diversos tipos de reformulações ao longo dos anos, relativas ao desenvolvimento de seu *site*, em *Museu da Pessoa* (2022c), onde estão suas diferentes coleções de exposições virtuais. Atualmente, o *Museu da Pessoa*, desde 2020 tem intensificado suas ações nas diferentes redes sociais, expandindo e presentificando sua imagem de forma sinérgica, com ampla publicação de conteúdos digitais, fazendo-se presente inclusive na rede social *LinkedIn*.

Dentre as experiências realizadas pela autora, houve a participação em 2020 da **Formação de Formadores no Uso da Tecnologia Social da Memória**, gratuita e sob seleção de inscritos, foi realizada totalmente de forma digital, certificada em outubro de 2020, com encontros síncronos no ambiente digital do *zoom* junto à equipe do *Museu da Pessoa*. Tal formação teve duração de seis meses e trouxe a possibilidade de obter mais intimidade

com as estratégias de trabalho utilizadas pelo *Museu da Pessoa*, além de proporcionar a oportunidade de estreitar laços com sua equipe de colaboradores.

Das diferentes possibilidades de interagir com o *Museu da Pessoa*, desde a inscrição e participação na formação digital, até o acompanhamento de suas postagens em suas principais redes sociais, foram realizadas observações pontuais. Desta maneira, foram detectados projetos do *Museu da Pessoa* desenvolvidos com o intuito de mapear as diferentes nuances de experiências vinculadas à pandemia causada pela COVID-19, convergindo na forma de depoimentos recolhidos em áudios, fotos e vídeos, de forma espontânea, divulgadas nas principais redes sociais (*Facebook* e *LinkedIn*) do *Museu da Pessoa*.

Figura 8 - Museu da Pessoa: Jornada Diário para o Futuro



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Ao acompanhar as postagens presentes no *Facebook* em Museu da Pessoa (2021b), percebe-se a primeira iniciativa promovida em 2020, para obter registros de memória a respeito da pandemia, ao qual se deu por meio da abertura de inscrições para participar de forma gratuita do Projeto - *Jornada para o Futuro*. Todos os que desejassem participar teriam a oportunidade de contribuir com seus depoimentos a respeito do momento em que estavam vivendo, dos desafios relacionados à pandemia, podendo refletir em relação à vida e ao futuro. Assim, houve a oportunidade de qualquer pessoa participar gravando áudios, vídeos e imagens e os publicando no link da plataforma criada especificamente pelo *Museu da Pessoa*

para esse fim. Após o encerramento desse ciclo, meses depois, em meados de novembro de 2020, foram publicados nas redes sociais do *Museu da Pessoa*, os números representativos dessa jornada, desde o número de participantes até outros dados quantitativos significativos. Tais indicativos, publicados no *Facebook* em Museu da Pessoa (2021b), trouxeram importantes apontamentos como: 247 pessoas que contaram 582 histórias, das quais, 306 por texto, 174 por vídeo e 102 por áudio, além do indicativo que em 05 meses no ar, recebeu 04 histórias únicas por dia. É significativo o fato de que todo esse material, recolhido em 2020, está sob curadoria digital para que possa ser disponibilizado em forma de exposição digital no *site* do *Museu da Pessoa* em momento futuro.

Outra iniciativa do *Museu da Pessoa*, relativa às memórias da pandemia, contadas por todos aqueles que se sentiram motivados a compartilhá-las, surgiu em 14 de abril de 2021 e se chama *My Pandemic Diary*. Essa iniciativa usou da plataforma do *Facebook* para se visibilizar, estando disponível em Museu da Pessoa (2021a). Há parcerias internacionais nessa iniciativa, as quais incidem em sua amplitude e abrangência, destacando-se o apoio do *Consulado Geral da Holanda em São Paulo*, do *Reino dos Países Baixos no Brasil* e a parceria com a *Fontys Hogeschool voor de Kunsten and Performing Public Space*, em que serão mostrados adiante, por meio de intervenções artísticas e de uma exposição virtual, como culturas diversas estão vivenciando a pandemia de COVID-19.

Figura 9 - Museu da Pessoa: My Pandemic Diary



my pandemic diary
Has the pandemic changed our lives?

From physical contact to video calls. From the right to the city to lockdown. From hope to uncertainty. We all saw our lives (and the world) changing in different ways during the pandemic. The Museum of the Person, a Brazilian digital museum, in partnership with Fontys School of Fine and Performing Arts, invites you to contribute to "My Pandemic Diary" campaign.

A global project that seeks to document people's stories and experiences during the pandemic. To collectively re-imagine the future by sharing our present.

A collaboration project by:
MUSEU DA PESSOA
Fontys Hogeschool voor de Kunsten and Performing Public Space
Kingdom of the Netherlands

14

QUARTA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 2021 ÀS 10:00 UTC-03

My Pandemic Diary

Evento online

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Há também o registro, em matéria divulgada por Alves (2021), da exposição virtual desenvolvida pelo *Museu da Pessoa*, em 3 de junho de 2021, intitulada – **Diários da Pandemia: Um Dia Por Vez**. A Exposição surgiu fruto da parceria com a *School of Fine and Performing Arts da Universidade Fontys*, da Holanda, com apoio do *Consulado Geral dos Países Baixos no Brasil*. A mostra apresentou relatos de brasileiros e holandeses a respeito do cotidiano durante a pandemia de COVID-19, trazendo, inclusive, a descrição de sonhos coletados na pesquisa **Inventário de Sonhos 2**, desenvolvida em parceria com o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

É possível tanto se compreender detalhes a respeito de como foi a organização dessa exposição virtual - **Diários da Pandemia: Um Dia Por Vez** - postado em Museu da Pessoa (2022b), como também visitar a Exposição em Museu da Pessoa (2022a), podendo escolher se deseja visitá-la em português, inglês ou holandês. É intuito desse projeto salvaguardar os depoimentos dessas pessoas, a respeito de suas histórias de vida ao longo da pandemia de COVID-19; tanto para que gerações futuras possam compreender o que a pandemia significou enquanto desafio, assim como hoje se possam ressignificar essas vivências por meio da experientiação da Exposição virtual.

A citação a seguir, nos revela aspectos relativos ao significado que os organizadores de **Diários da Pandemia: Um Dia Por Vez**, trazem à tona, na abertura da Exposição virtual.

Nesta exposição virtual você vai ver e ler histórias que são não apenas impressionantes e indicam perfeitamente o impacto de cada indivíduo, seja morando no Brasil ou na Holanda: essas histórias alimentam todos nós de pensamentos: o impacto da pandemia, como continuar nossas vidas e como nós percebemos e até certo ponto fomos capazes de nos adaptar a isso. (MUSEU DA PESSOA, 2022c)

Das iniciativas que embarcam a problematização contextual e a ressignificação da pandemia, tais relatos promovidos por meio das iniciativas dessa Exposição, trazem, a partir dos relatos de histórias de vida dos participantes, significativas possibilidades de compreensão tanto do que representaram os desafios suscitados pela pandemia, quanto, principalmente, o que se há como possibilidade de ressignificação a partir das memórias compartilhadas de histórias de vida pelos participantes. Também há destaque no Projeto - **Diários da Pandemia: Um Dia Por Vez**. O fato de que não há só memórias compartilhadas por brasileiros, mas também por pessoas de outra nacionalidade, ou seja, há pessoas que falam diferentes línguas, provindas de diferentes países, que compartilham suas histórias de vida e hábitos, e como lidaram com os desafios suscitados pela COVID-19.

6.8 Museu Diários do Isolamento (MuDI)

O último exemplo trata-se de um museu de natureza bastante distinta conforme esclarece seu *site*:

O Museu Diários do Isolamento (MuDI) é um projeto de extensão, vinculado ao Núcleo de Estudos Sobre Museus, Ciência e Sociedade (NEMuCS), do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Sediado em território digital, é um museu de virtuais conexões, no qual a navegação é potencializadora de mudanças (MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO, 2022i).

Já quanto ao *Museu Diários do Isolamento*, nas análises realizadas em seu *site*, em Museu Diários do Isolamento (2022i) e no *Facebook* em Museu Diários do Isolamento (2020a) – foi possível ter uma idéia de que surgiu em 12 de maio de 2020, data da criação de sua página oficial no *Facebook*. Sua implementação e desenvolvimento são mantidos pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), bem como as publicações realizadas no *Facebook* e as ações promovidas no *site*. Houve iniciativas que evocaram a participação social da comunidade, em 2020 e 2021, surgindo em pleno ano de eclosão da pandemia e estendendo-se à 2022, as quais foram desenvolvidas pelo *Museu Diários do Isolamento*, compartilhadas em seu *Facebook* no Museu Diários do Isolamento (2020a) e no *site* Museu Diários do Isolamento (2022i) e na descrição do Projeto, em Museu Diários do Isolamento (2022j).

Figura 10 - Museu do Isolamento Social: Projeto cartas que levam abraços



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Destaca-se a iniciativa *Cartas que levam Abraços*, expondo anseios, esperanças, sentimentos e vivências das cartas enviadas pelo público ao *Museu Diários do Isolamento*. Promovida com o intuito de ser exposta na **14ª Primavera dos Museus**, visível em Guia da 14ª Primavera dos Museus (2020), foi compartilhada ao público em forma de chamada na rede social *Facebook* e, depois, desenvolvida como exposição no *site* em Museu Diários do Isolamento (2020b) por tempo limitado – 21 de setembro de 2020 à 30 de novembro de 2020 – retornando à exposição digital em 2022, em novo link do *site*, o que pode ser conferido, atualmente, em Museu Diários do Isolamento (2022f).

Também há destaque no *site* para a Exposição *Memórias do Isolamento*, em Museu Diários do Isolamento (2022h), a qual traz o áudio de diferentes depoimentos referentes às percepções e sentimentos relativos à pandemia, além da Exposição *Bordando Memórias: Doces Linhas na Pandemia*, também relacionada com a pandemia de COVID-19, visível no *site* em Museu Diários do Isolamento (2022e).

A Exposição *Bordando Memórias: Doces Linhas na Pandemia*, apresentou um grupo de mulheres que borda linhas e que também compartilha afetos. Seja por entre suas histórias alinhavadas, seja por entre linhas de solidariedade, as diferentes biografias bordadas apresentadas, compartilham, de forma mágica e sensível, como um risco e um ponto podem fortalecer comunidades e aproximar os indivíduos, mesmo quando o tracejado não é visível e torna-se necessário se deixar guiar pelas linhas do coração. Os laços de afeto formados no grupo ajudaram a enfrentar momentos de crise, como durante o período de isolamento imposto pela pandemia da Covid-19. Das mãos inquietas e habilidosas do grupo também surgiu a solidariedade, criando ações que ajudaram a confortar aqueles que enfrentaram, na linha de frente, os desafios da distância e da perda. (MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO, 2022e).

Nas palavras acima, postadas no *site*, junto à Exposição, há a ressignificação do processo suscitado no grupo de participantes mulheres, em que o diálogo e o afeto acrescentam uma dimensão subjetiva para as vivências compartilhadas ao longo do grupo, promovendo potencialmente novas formas de lidar com os desafios pandêmicos. É destaque o fato, relacionado ao grupo de bordadeiras dentro desta perspectiva, de que o bordado torna-se uma forma potencialmente lúdica de relacionarem-se com a pandemia da COVID-19,

Contudo, em paralelo às exposições que têm íntima relação com a preocupação de recolher registros de memórias da pandemia e compartilhá-los com o público, em que há destaque para que o público possa deixar seus próprios comentários; há uma preocupação bastante presente no *Facebook*, visível em Museu Diários do Isolamento (2020a), em compartilhar notícias autênticas relacionadas aos grandes desafios da pandemia, relativos à ciência e à produção de vacinas, assim como acerca dos cuidados de saúde essenciais relativos

ao perigo de contaminação com o vírus da COVID-19. O nome dessas postagens, do *Museu Diários do Isolamento*, no *Facebook*, visíveis em Museu Diários do Isolamento (2020a) são, respectivamente, *Por Dentro da Pandemia* e *Ciência Compartilhada*. É destaque também as páginas específicas do *site* oficial do museu, nos quais se encontra: a) *Por Dentro da Pandemia*, visível em Museu Diários do Isolamento (2022k); b) *Ciência Compartilhada*, visível em Museu Diários do Isolamento (2022a); c) *É FAKE!* Visível em Museu Diários do Isolamento (2022b); d) *Solidariedade em Rede* visível em Museu Diários do Isolamento (2022l).

Recentemente, no segundo semestre de 2022, foi ao ar digitalmente a *Exposição: A Cultura da Vacinação no Brasil*, disponível em Museu Diários do Isolamento (2022m), que teve recente *Live de Abertura*, disponível no *YouTube* oficial do *Museu Diários do Isolamento*, gravada em 10 de novembro de 2022, intitulada – *Live de Abertura- Exposição “A Cultura da Vacinação no Brasil”* – referenciada em Museu Diários do Isolamento (2022g).

Figura 11 - Museu do Isolamento Social: A cultura da Vacinação no Brasil



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Há também histórico relativo às realizações de eventos, visível no *site* em Museu Diários do Isolamento (2022d), onde há destaque para as informações a respeito da *Exposição Re(Existência)* focada no lugar da mulher na pandemia. E também, no *site*, em Museu Diários do Isolamento (2022c), indicações de diferentes participações digitais, em *Lives*, em diferentes eventos, destacando-se, inclusive, a **14ª Primavera dos Museus**, promovida em

2020 pelo IBRAM. Há destaque para as transformações que o *site* sofreu, atualizadas em 2022, em que houve o desenvolvimento de novo *link* para acesso, novas informações agregadas ao *site*, além do desenvolvimento de uma página de destaque no *site*, explicando detalhes relacionados ao Projeto, presentes em Museu Diários do Isolamento (2022j).

Das observações realizadas, foi possível perceber que tanto o *Museu da Pessoa* quanto o *Museu Diários do Isolamento* focaram em iniciativas pontuais que tiveram como objetivo valorizar o registro das memórias da pandemia, por meio de diferentes estilos de publicações referentes às experiências de distanciamento e isolamento social. Contudo, há diferenças nas iniciativas empreendidas por ambos museus, como também referentes às suas propostas e caracterização de seus *sites* assim como em relação ao que veiculam em seus perfis oficiais da rede social *Facebook*.

6.9 14ª Primavera dos Museus: mundo digital em transformação

Para que fosse desenvolvido esta Tese foram realizadas algumas breves pesquisas visando a aproximação do tema das apropriações digitais realizadas pelos museus brasileiros. Desta maneira, foi realizado acompanhamento sistemático de alguns temas, dentre os quais, a **14ª Primavera dos Museus**, já citada em alguns dos rastreamentos anteriores, organizada no segundo semestre de 2020 pelo IBRAM. Tal pesquisa nos serviu como subsídio para que pudéssemos compor melhor alguns dos aspectos relativos às apropriações digitais, empreendidas pelos museus brasileiros na forma de soluções digitais. Usando-se da netnografia digital por Kozinets (2014) para fins de levantamento de alguns pontos, foi realizado um breve mapeamento de alguns aspectos-chaves relativos à edição do evento de 2020, considerando-se aspectos relativos ao comportamento das instituições museais e culturais brasileiras participantes do evento. Assim, desses resultados, há os que encontram-se a seguir descritos, como ponto de intersecção em relação ao fato dos movimentos das instituições museais e culturais, relativos ao digital, terem sido intensificados em 2020, possivelmente, pela eclosão abrupta da pandemia causada pelo vírus da COVID-19.

Tal pressuposto relativo à intensificação da presença dos museus brasileiros no meio digital no período a partir da eclosão da pandemia, foi colocada à prova nessa breve pesquisa presentificada no levantamento realizado na **14ª Primavera dos Museus**, que envolveu o rastreamento de algumas informações relativas ao evento, datado do segundo semestre de 2020.

Para que possamos compreender o foco desse levantamento, é significativo contemplar no que consistiu essa versão totalmente digital. Tal evento, já em sua décima quarta edição, tem significado abrangente para diferentes instituições culturais e museais brasileiras. No *site* visível em 14ª Primavera dos Museus (2020), foi possível acessar dados relativos a sua formulação, assim como toda a programação que abrangeu atividades de 21 a 27 de setembro de 2020, em âmbito digital; também nos sendo possível vislumbrar detalhes que subsidiaram o fato desta edição privilegiar o digital e suas possibilidades em ambientes digitais, redes sociais e *sites* na internet.

Da programação, publicada no Guia da 14ª Primavera dos Museus (2020), foram encontradas 56 instituições participantes que fizeram algum tipo de referência direta à pandemia (46 à palavra pandemia e 10 à palavra COVID-19). Dentre essas participantes, foram encontradas algumas alusões simples à pandemia, como justificativa para que as atividades dessa edição fossem realizadas digitalmente e somente pela internet; porém, destacaram-se práticas vinculadas à promoção de debates relacionados aos desafios enfrentados perante à pandemia, além de diferentes iniciativas, que visaram proporcionar espaços para que se ressignificassem aspectos relacionados mais diretamente às memórias respectivas à pandemia.

Nossa análise foi focada em pontuar e contextualizar as iniciativas referentes à pandemia de COVID-19, empreendidas pelas instituições museais e culturais participantes da **14ª Primavera dos Museus: Mundo Digital em Transformação**. Tal evento foi promovido, no Brasil, pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), que é uma autarquia vinculada ao Ministério do Turismo do Brasil, criada por meio da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, com a missão de “*promover a valorização dos museus e do campo museal a fim de garantir os direitos às memórias, o respeito à diversidade e a universalidade de acesso aos bens musealizados*”. (WIKIPÉDIA, 2011). Ainda a partir disso “*dentre suas atribuições, estão a coordenação da Política Nacional de Museus (PNM), além da promoção de políticas públicas, programas e projetos voltados à organização, gestão e desenvolvimento dos museus brasileiros e da memória nacional*”. (WIKIPÉDIA, 2011); além do “*aumento de visitação e arrecadação dos museus, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros*”. (GOV.BR, 2020a).

Dentre as observações dessa amostra de 56 instituições identificadas, torna-se inegável a importância de se constatar que há várias instituições culturais e museais que optaram por trazer à tona discussões sob diferentes aspectos relacionados aos desafios da pandemia e suas consequências a respeito das incontestáveis influências nas práticas culturais e museais. Tal

destaque traz importância no que tange o fato de potencializar possibilidades de ressignificação desse processo pelos próprios atores e público que vivenciam tais desafios. As diversas *Lives*, *Webinars* e encontros via *Google Meet* desenvolvidos por essas instituições rastreadas nessa amostra, relativa ao evento da **14ª Primavera dos Museus**, são o ponto culminante dessa trajetória processual que não começa e nem termina no âmbito desse evento. Tais aspectos norteadores dessa discussão relativa aos impactos pandêmicos nas atividades desenvolvidas pelas instituições culturais e museais têm sido pauta de diversos debates e parte significativa de diferentes eventos dos setores envolvidos, tanto em âmbito brasileiro quanto internacional, tendo-se em vista que os impactos da pandemia da COVID-19 são globais.

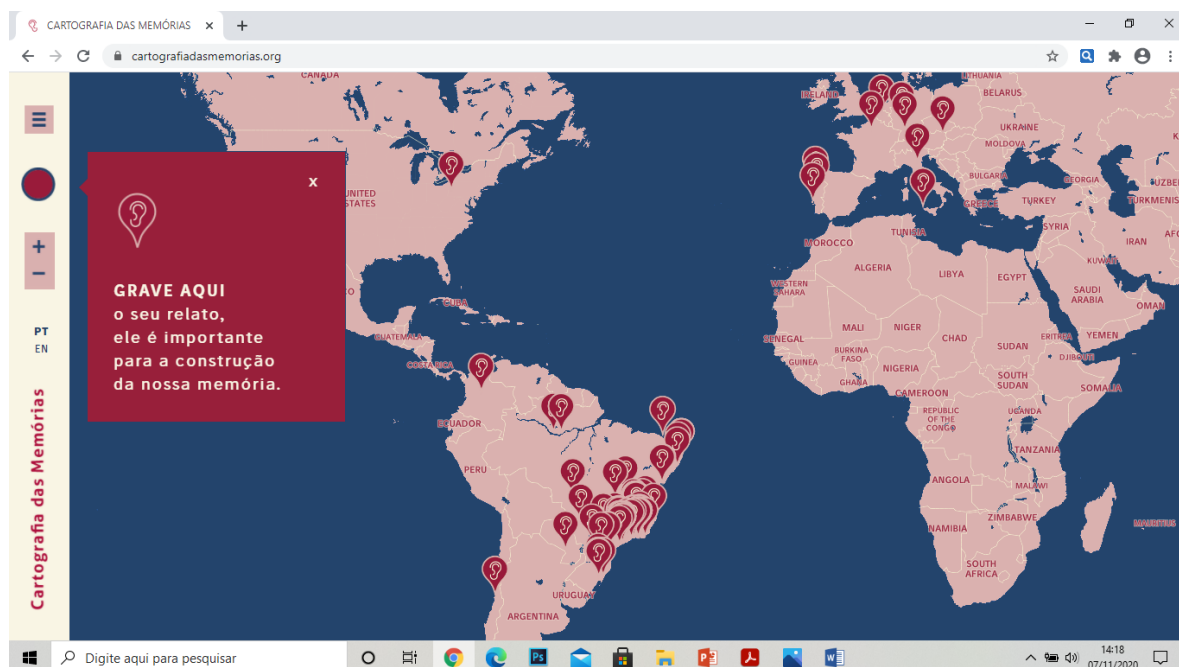
Para que se possa vislumbrar os resultados dessa breve pesquisa, nos cabe frisar nosso foco restrito à análise de iniciativas referentes à pandemia, divulgadas na programação oficial visível no Guia da 14ª Primavera dos Museus (2020). Contudo, interessa, nesse âmbito, também possíveis relações suscitadas, assim como a importância significativa que se pretende dar em relação à participação, colaboração, cooperação e cocriação, surgidas a partir do público que interage com essas publicações. Em relação a essa participação, que se pode dizer aqui, tratar-se de uma participação social, é imprescindível afirmar-se de que é algo que atua em meio ao digital, de forma potencial, na maneira como atua de forma a alavancar em forma de compartilhamento de publicações e ações digitais para outros âmbitos e outras redes de contatos, ressignificando, potencialmente, o que foi postado pelos participantes desta edição da **14ª Primavera dos Museus**. Tal aspecto amplia, consideravelmente, o potencial multiplicador dessas informações, podendo inclusive, ser um formador de opinião e, mesmo, uma forma de estreitar laços com novos públicos em escalas globais talvez antes nunca imaginadas.

Tais iniciativas, presentes no interesse em empreender essa breve pesquisa, na análise mais acurada e sutil, referente às diferentes iniciativas empreendidas pelas instituições culturais e museais participantes da **14ª Primavera dos Museus: Mundo Digital em Transformação**; vão ao encontro de análises que busquem também compreender algumas das apropriações digitais empreendidas pelas instituições que participaram do evento.

Das observações realizadas no escopo dessa amostra, foram encontradas iniciativas sob diferentes perspectivas abarcando a pandemia. Há destaque à Cartografia das Memórias (2020), que traz um projeto que busca oportunizar o resgate sonoro das memórias da pandemia, visível na descrição do site “O projeto “*Cartografia das Memórias*” é um mapa sonoro realizado a partir de uma iniciativa colaborativa que busca registrar e preservar, através de relatos orais, memórias de vivências pessoais durante a pandemia da COVID-19”.

Desta maneira, o projeto se propõe a registrar e preservar, através de relatos orais, as memórias de vivências individuais e coletivas durante a pandemia da COVID-19. Assim, sem fins lucrativos, o Projeto *Cartografia das Memórias* é formado por pessoas que atuam em diversas áreas, tendo se reunido, inicialmente, através do Laboratório de Emergência COVID-19, sob o intuito de atuar colaborativamente na construção de alternativas solidárias no contexto da pandemia. Atualmente, *Cartografia das Memórias* segue sendo realizado por esse grupo coletivo de colaboradores, com o apoio financeiro concedido pela *Open Society Foundations*, sendo gerenciado pelo *Centro de Direitos Humanos Aplicados – Universidade de York (Reino Unido)* [Arte + Ativismo Contra a Repressão Durante a Crise da COVID-19].

Figura 12 - Cartografia das Memórias



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Tal iniciativa do Projeto *Cartografia das Memórias* está presente em várias redes sociais – *Facebook*, *Twitter (atual X)* e *Instagram* – o que facilita a localização rápida, pois apresenta o mesmo logotipo como identidade visual junto ao link que leva ao *site* principal do Projeto. Contudo, ressalta-se que o Projeto *Cartografia das Memórias* não está com essas redes sociais estrategicamente atualizadas, nem atuando de forma sinérgica integrada. O projeto é muito interessante e se for mais cuidadosamente compartilhado nas redes sociais, de forma sinérgica e bem incorporada; poderá expandir-se ainda mais, de forma exponencial, não só em direção ao público que já conhece a proposta ou se interessa pela temática, como também em direção a novos públicos que possam vir a se interessar, participar, interagir e compartilhar a proposta. É significativo ressaltar que um dos grandes desafios relativos às

redes sociais culmina no fato de que necessitam ser atualizadas, pois precisam estar interligadas sinergicamente para que possam ser potenciais formas de promover o compartilhamento de informações, a interação e, principalmente, possam viabilizar diferentes formas de contato entre pessoas e grupos interessados.

Outra iniciativa, é realizada pelo *Museu Diários do Isolamento – MuDI*, vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no estado do Rio Grande do Sul, em que trouxe digitalmente a **Exposição “Cartas que levam abraços”** publicada em Museu Diários do Isolamento (2020b), também vinculada às atividades da **14ª Primavera dos Museus**. A Exposição surgiu da intenção de retomar o hábito de escrever cartas potencializadas como oportunidades de troca de carinho, da busca pela perpetuação de sentimentos e a ressignificação de memórias. Tais cartas surgiram a partir do refletir a respeito das rotinas em meio aos sentimentos de saudade e aos abraços que desejavam ser dados ao longo da pandemia, atualmente, retornando à exposição virtual, em 2022, em Museu Diários do Isolamento (2022f).

Já o *Museu da UFRGS*, de Porto Alegre, também no estado do Rio Grande do Sul, mantido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), trouxe perspectiva diferente mas complementar, no vídeo publicado no *YouTube*, em Museu da UFRGS (2020), no qual há um esquete teatral abordando diferentes reflexões acerca dos desafios enfrentados pelos idosos em tempos de pandemia. Dentre outras iniciativas, também se destaca o *Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura* (MAC/MCC), na Praia de Iracema, em Fortaleza, no estado do Ceará, que trouxe à roda conversas com pessoas deficientes visuais que precisam enfrentar desafios de locomoção em tempos de pandemia, publicado no *YouTube*, em Dragão do Mar (2020). Há também dentro da nossa amostra, a iniciativa da *Casa FIAT de Cultura* em que promoveu uma *Live*, de tradução simultânea, com o professor, sociólogo do trabalho e também escritor italiano *Domenico De Masi*, abordando o tema dos aprendizados que a sociedade está tendo durante a pandemia mundial da COVID-19, publicado no *YouTube*, em Casa FIAT de Cultura (2020).

Dentro desta perspectiva, é significativo frisar o que Halbwachs (2006) enfatiza em relação à memória, ao fato dela ser um hábito, que vem incorporada ao longo de nossas vidas, que está em nós, que parece estar inscrita em nosso próprio corpo. Desta forma, enfatiza a importância da memória coletiva dos grupos e das memórias subterrâneas, o quanto ambas estão imbricadas em seus processos de formação e ressignificação. Desta concepção, surge a necessidade de que haja um testemunho para um fato e que esse fato se torne memória para

um grupo. Assim, tal testemunho, serve para reforçar ou enfraquecer, como também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já tivemos alguma informação.

Tal perspectiva acima pontuada nos serviria tanto para buscar refletir a respeito da complexidade das memórias vinculadas aos diferentes tipos de patrimônios, como também o quanto se pode fazer de testemunhos, importantes e significativos tanto para os grupos que os compartilham, como também possíveis de serem considerados pertinentes no futuro, pelo que trazem de conteúdo de memórias do passado.

Sob tal perspectiva, se percebe que os diferentes tipos de testemunhos, como vestígios de memórias relacionadas às vivências da pandemia, sejam em forma de fotos, vídeos, áudios ou mesmo, objetos que adquiram significados vinculados à pandemia - trazem em seu âmago uma tendência que já pairava nos espaços museológicos, de potencializarem aquilo que também carrega em si o jogo de representações de memórias, em seu bojo corporificadas e ressignificadas por aqueles que dela fazem parte.

A musealização como prática social específica derramou-se para fora dos museus institucionalizados. Tudo passou a ser museável (ou passível de musealização), ainda que nem tudo pudesse, em termos práticos, ser musealizado. A imaginação museal e seus desdobramentos (museológicos e museográficos) passaram a poder ser lidos em qualquer parte onde estivesse em questão um jogo de representações de memórias corporificadas. (NASCIMENTO JÚNIOR; CHAGAS, 2008, p.41).

Nas diferentes intersecções propostas em meio à pandemia, museus e instituições culturais, espalhados pelo mundo e, também no âmbito brasileiro, têm recolhido em diferentes ações interativas digitais, depoimentos em forma de imagens, sons, vídeos e objetos a respeito da experiência da pandemia. Tais memórias vinculadas às histórias de vida dessas pessoas, são relatos e, principalmente, se intensificam quando vinculadas às memórias afetivas relativas ao evento da pandemia, em que trazem aspectos potenciais vinculados aos processos e desafios a que as pessoas estiveram submetidas abruptamente em meio às demandas de isolamento e distanciamento social, assim como em relação a possíveis conflitos e ao medo recorrente de sua morte e de seus familiares.

Ao trazer para o universo museal diversos tipos de relatos vinculados às experiências vivenciadas ao longo da pandemia, diferentes espaços museais e culturais ousaram na maneira como buscaram estreitar laços com a memória e sua dialética instauradora, potencialmente transformadora e ressignificadora de afetos e sentimentos.

O território fértil e propício para a imaginação criadora e generosa tem estrias produzidas pela memória; a possibilidade de criação humana habita e mora na aceitação da tensão entre recordar e esquecer, entre o mesmo e a negação da mesmice, entre a permanência e a mudança, entre a estagnação e o movimento. (CHAGAS, 2008, p. 68).

A fim de suscitar reflexões acerca do patrimônio afetivo, a partir de nossa amostra, o *Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado*, de Caçador, do estado de Santa Catarina, a partir de sua *fanpage* do *Facebook*, em Museu do Contestado (2020b), trouxe uma exposição on-line em suas redes sociais, de fotografias tiradas pela população caçadoreense, mostrando o que consideraram como patrimônio ao longo da pandemia, ação digital visível no post do *Facebook* em Museu do Contestado (2020a).

Também buscando ressignificar os processos de patrimônio junto à participação social do público, além de incentivar a colaboração e cocriação – o *Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner*, de Corupá, do estado de Santa Catarina, publicou em suas redes sociais, fotos dos visitantes do museu a fim de relembrar os tempos de visitação antes da pandemia, em destaque no *Facebook*, em Irmão Luiz Gartner (2020).

7 MUSEU DO AMANHÃ E FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO: CONHECENDO O LÓCUS DE PESQUISA

No início, quando do desenvolvimento do Projeto de Qualificação, foi apresentado um mapeamento prévio de sete espaços museais e culturais e suas apropriações digitais ao longo de uma parte do período pandêmico (Capítulo 6). Ao desenrolar da Tese, optou-se, por escolher desses sete espaços, dois locais – o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo* – como proposta de aprofundar a pesquisa e avançar nas entrevistas com os colaboradores desses dois espaços.

A escolha pelo *Museu do Amanhã* justifica-se por ter sido o único museu brasileiro a ter ganhado um prêmio internacional – LCD Leading Culture Destinations Award 2022 (Melhor Experiência Digital em Museus no ano de 2021) – pelo reconhecimento que destacou o pioneirismo da experiência do *Museu do Amanhã* no ambiente digital e junto do seu público em um ano desafiado pela pandemia e pela iminência de contaminação da COVID-19.

Já a escolha da *Fundação Iberê Camargo* se justifica por ser um espaço localizado na capital gaúcha Porto Alegre e no estado do Rio Grande do Sul, de forma que se pretendeu também contemplar um espaço que estivesse próximo da Universidade La Salle, localizada em Canoas. Assim, a *Fundação Iberê Camargo* se destaca tanto por sua arquitetura quanto pelo seu acervo e a qualidade de suas exposições e atividades desenvolvidas, um espaço de destaque para Porto Alegre e toda a região sul do Brasil.

Destaca-se ainda que alguns pontos em comum foram identificado entre a *Fundação Iberê Camargo* e o *Museu do Amanhã*. Entre eles, a valorização de sua arquitetura contemporânea e estar presente praticamente à beira das águas. Ambos possuem seu espaço especialmente desenhado para ela, para o fim a qual se destinam enquanto espaços expositivos, de educação e de guarda. Ambos também possuem o caráter de ser uma instituição público/privada. Assim, mesmo salvo proporções de tamanho e de número de colaboradores e visitantes, entre o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo*, podemos traçar paralelos entre ambos enquanto espaços relativamente novos, que têm uma proposta que perpassa a valorização de sua arquitetura original, que é também um de seus patrimônios em destaque, sempre valorizado de diferentes formas em suas propostas de visita.

Há também o detalhe que ambos os espaços recebem patrocínios e apoio de diferentes grupos empresariais, além de gerir e participar dos incentivos estaduais e federais de cultura. Contudo, é bastante importante destacar, que em nenhum momento dessa pesquisa se pretende comparar ambos os espaços, porque o que interessa aqui é sim aprofundar e valorizar

suas vivências ao longo dos anos pandêmicos, mantendo em mente que cada um têm suas especificidades. Dentre elas, estão os principais desafios enfrentados por suas equipes de colaboradores, delineados nesta pesquisa por meio da fala dos entrevistados, por aceitarem compartilhar suas vivências, sentimentos e emoções com a entrevistadora dessa pesquisa. São essas nuances que tornam tão singular essa pesquisa, porque tem como premissa partir da fala desses entrevistados, da riqueza compartilhada, da potência com que em muitos momentos, surgiram suas falas; para que então se pudesse entrelaçar alguns dos pontos de intersecção apresentados na tecedura dessa Tese, para que possam conduzir o leitor a compreender alguns dos objetivos específicos propostos no Capítulo 2.

Contudo, para que possamos conhecer brevemente um pouco de ambos espaços trazemos aqui uma breve descrição de alguns aspectos relacionados a como foram fundados e respectivos a historicidade presente em cada um, para que possam compor uma ideia de como são constituídos tais espaços museais, suas especificidades e características de seu espaço. É importante destacar aqui, que quando falamos de espaço, se tangenciam as características presentes na arquitetura de ambos – *Museu do Amanhã* e *Fundação Iberê Camargo* - assim como emergem características que permitiriam enquadrá-los enquanto bens culturais.

7.1 Museu do Amanhã

O *Museu do Amanhã* é um museu de ciências, criado em 17 de dezembro de 2015, sediado na capital carioca do Rio de Janeiro. Situado à beira das águas da Baía de Guanabara, localiza-se na zona portuária, próxima à Pequena África – local em que eram trazidos os primeiros escravizados para a capital, onde hoje ainda existem quilombos e, principalmente, locais que ainda trazem marcas do período da escravidão no Brasil. O *Museu do Amanhã* tem vários projetos voltados para as comunidades e territórios próximos a ele, valorizando a representatividade das comunidades próximas e buscando trazê-las para o convívio do museu. Assim, temas como a negritude, a africanidade e, principalmente, a valorização e o respeito à ancestralidade, são premissas de suas atividades em todas as áreas em que têm se dedicado. O trecho abaixo, extrato do texto presente no *site* e ilustrado na Figura 13, ilustra esse posicionamento institucional.

O Museu do Amanhã é um museu de ciências diferente. Um ambiente de ideias, explorações e perguntas sobre a época de grandes mudanças em que vivemos e os diferentes caminhos que se abrem para o futuro. O Amanhã não é uma data no calendário, não é um lugar aonde vamos chegar. É uma construção da qual participamos todos, como pessoas, cidadãos, membros da espécie humana. (MUSEU DO AMANHÃ, 2022k)

Figura 13 - Museu do Amanhã: definição



Fonte: Museu do Amanhã (2022k).

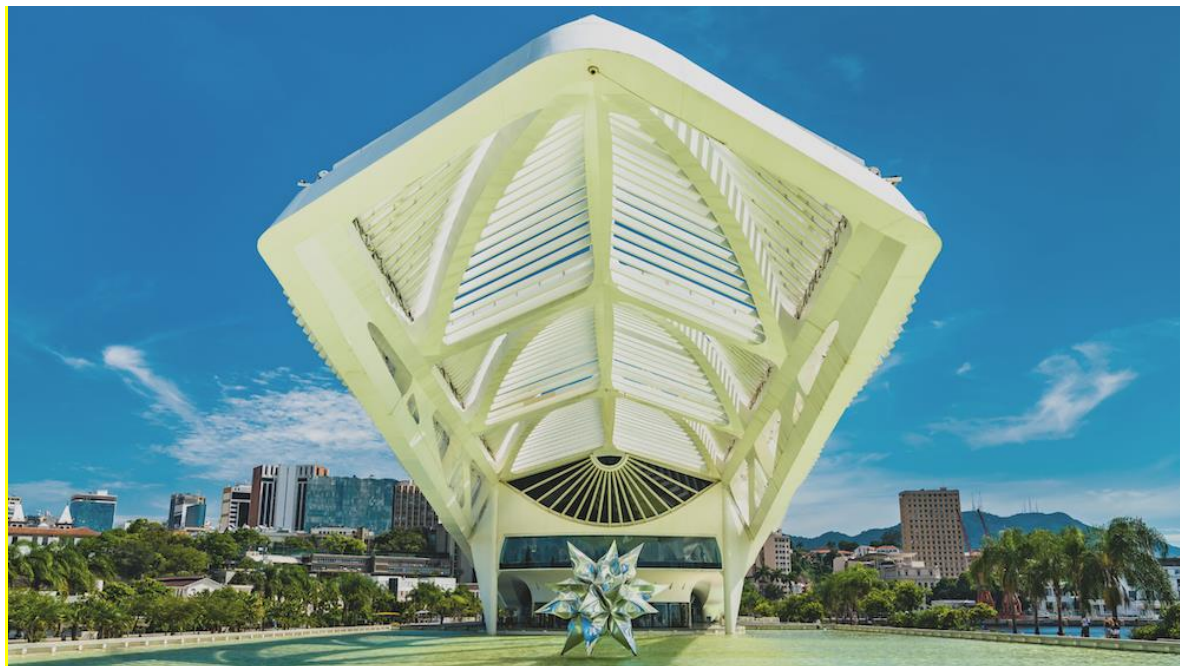
O prédio do *Museu do Amanhã* foi concebido por um arquiteto renomado espanhol, Santiago Calatrava, que esteve várias temporadas no Rio de Janeiro, chegando a compor mais de 600 aquarelas ao longo do projeto. Ele buscou conhecer o espaço para que pudesse sentir um pouco da energia dessa área da cidade, tanto da natureza quanto dos espaços que circundam o museu, em que há o Mosteiro de São Bento, o Edifício A Noite (sede da Rádio Nacional) e o Museu de Arte do Rio (MAR). Segundo Santiago Calatrava, “É o resultado de um diálogo muito consistente para que o edifício se alie à intenção de ser um museu para o futuro, como uma unidade educativa.” (MUSEU DO AMANHÃ, 2022a)

Fotografia 5 – Museu do Amanhã: pessoas ao redor



Fonte: Google.

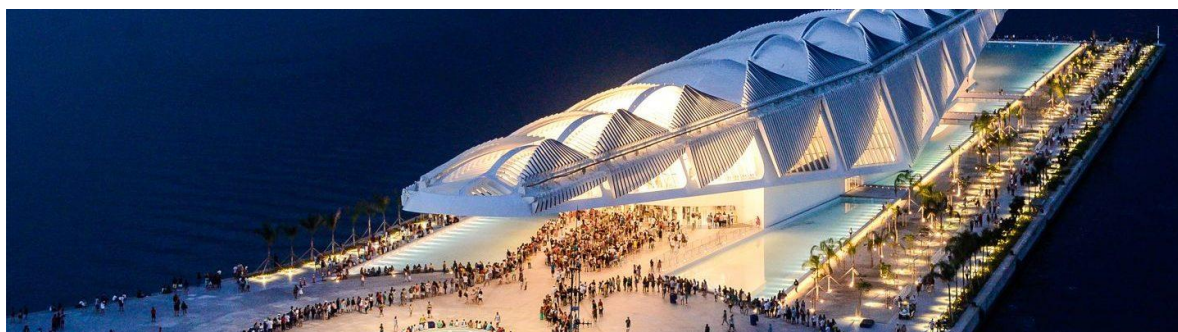
Fotografia 6 - Museu do Amanhã: frente



Fonte: Google.

A área ocupada pelo *Museu do Amanhã* é de 15 mil metros quadrados, composta por jardins, ciclovia, área de lazer e espelhos d'água; compondo uma área total de 34,6 mil metros quadrados do Pier Mauá. Ainda como indicado por Santiago Calatrava “A idéia é que o edifício fosse o mais etéreo possível, quase flutuando sobre o mar, como um barco, um pássaro ou uma planta.” (MUSEU DO AMANHÃ, 2022a). Calatrava diz ter se inspirado também nas bromélias do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, quando esteve na capital carioca, concebendo suas observações para o desenvolvimento da obra arquitetônica do *Museu do Amanhã*.

Fotografia 7 - Museu do Amanhã: vista aérea

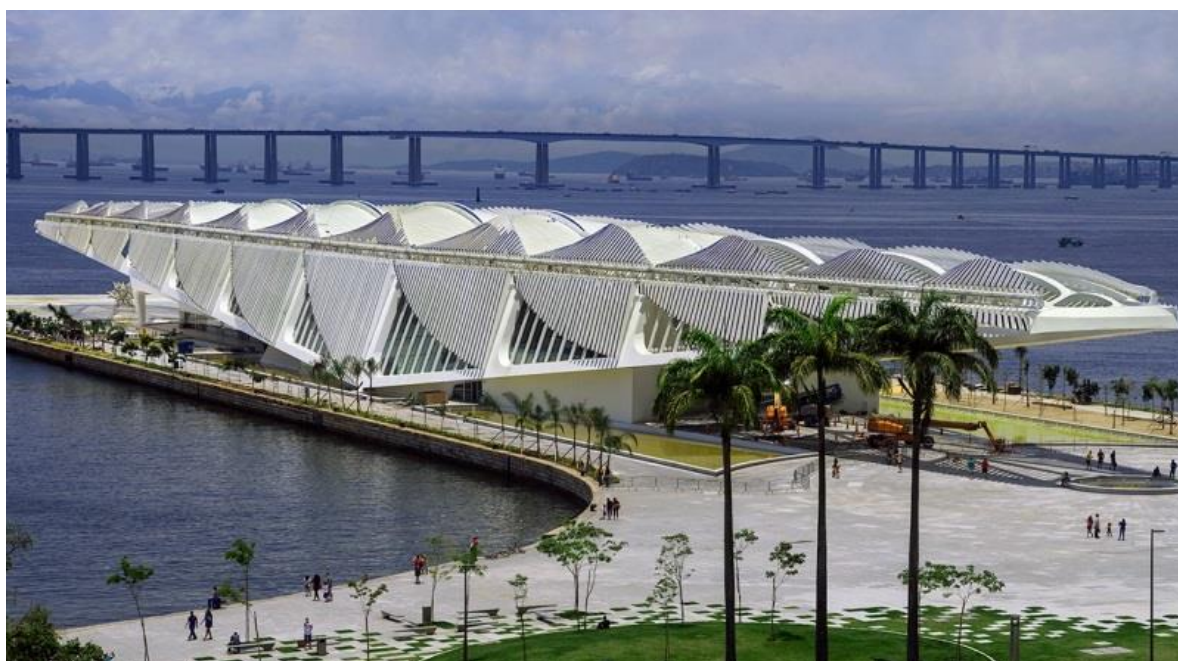


Fonte: Google.

É clara a preocupação e investimento do *Museu do Amanhã* na sustentabilidade, marca presente do arquiteto espanhol, em suas obras – no destaque carioca, a sustentabilidade surge fruto das células fotovoltaicas presentes nos painéis da cobertura do prédio, que têm seu

movimento guiado por 48 conjuntos de asas móveis que mexem de acordo com a trajetória do sol ao longo do dia, captando energia que será utilizada no espaço do museu. A captação de energia solar também se une, magistralmente, a captação da água da Baía de Guanabara e sua utilização no sistema de ar condicionado do museu, em que são utilizadas seis bombas no subsolo do prédio, que puxam águas que são usadas na troca de calor com o sistema de refrigeração, reduzindo níveis consideráveis de consumo de energia elétrica. “A fim de perseguir a eficiência energética, o *Museu do Amanhã* também faz uso de sistemas de climatização e iluminação de baixo consumo, aliados ao uso de bombas e motores de alta eficiência, possibilitando uma economia de até 50% em relação a outros prédios.” (MUSEU DO AMANHÃ, 2022l)

Fotografia 8 - Museu do Amanhã: lateral



Fonte: Google.

Há um destaque nos critérios de sustentabilidade utilizados pelo *Museu do Amanhã*, o fato de que depois de utilizadas as águas pelo sistema de climatização, um sistema garante que essas águas sejam, posteriormente, devolvidas mais limpas à Baía, o que é visível, em forma de cascata nos fundos do prédio; também presente nos espelhos d'água, que são alimentados pelas águas da Baía de Guanabara e diminuem em quase dois graus a temperatura ambiente interna do prédio. O *Museu do Amanhã* busca a maestria na racionalização do consumo de água, utilizando-se de calhas para captar a água das chuvas, armazenando-as nas estações de tratamento de água de reuso. É no reservatório de reuso onde também ficam armazenadas águas provenientes do sistema de ar-condicionado, lavatórios e chuveiros, que

depois que são tratadas, retornam ao reuso nas descargas dos banheiros, na irrigação dos jardins e na limpeza como na lavagem do chão. Segundo Museu do Amanhã (2022l), todas essas ações reduzem os índices de consumo de água potável, o que se amplia também pela escolha de louças e metais de alta eficiência aliada ao uso de pisos permeáveis de cores claras, evitando o calor excessivo e localizado; que ainda se beneficia pelo uso de madeira certificada FSC, pela seleção de materiais, realizada a partir de critérios ambientais, primando pela preferência a materiais com componentes reciclados, baixa toxicidade e alta durabilidade, produzidos próximos ao local da obra.

Fotografia 9 - Museu do Amanhã iluminado nas cores do arco íris



Fonte: Moreyra (2022a).

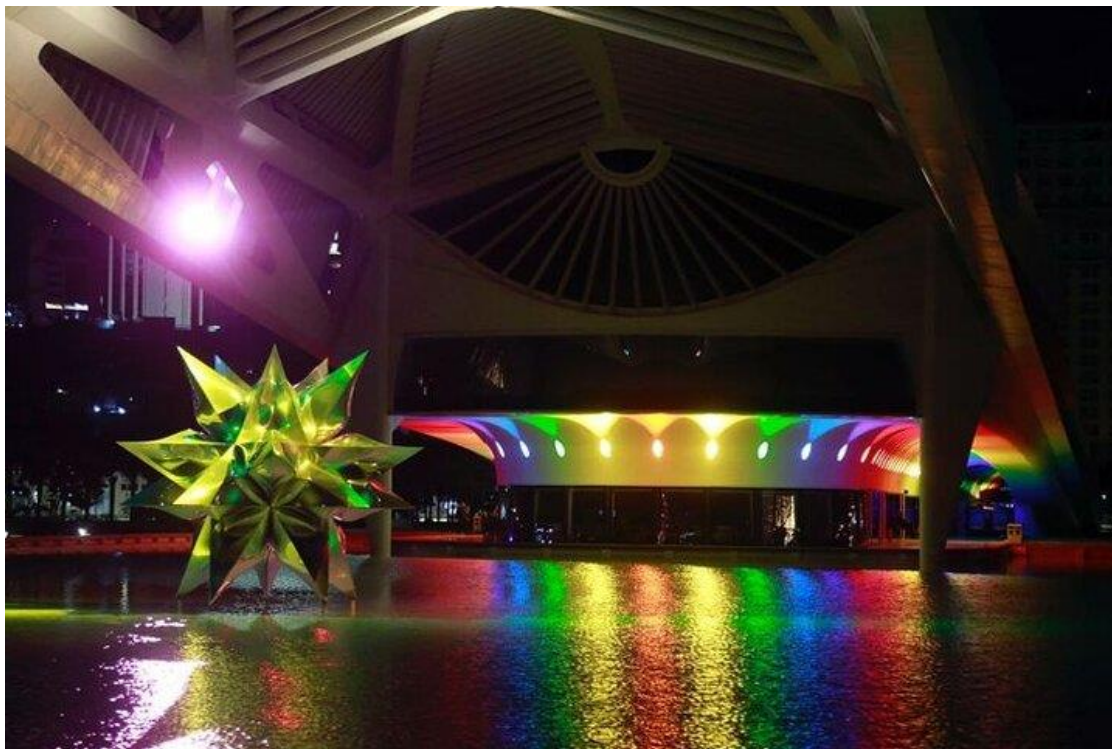
No que tange todos esses aspectos percebe-se que o *Museu do Amanhã* não pretende apenas trabalhar no viés do educativo com os pilares sustentabilidade e convivência destacados em suas premissas, mas que os vivencia intrinsecamente nos próprios aspectos vinculados a sua arquitetura e as escolhas que buscou realizar. “Estima-se que com a captação de água da Baía, sejam economizados 9,6 milhões de litros de água por ano.” (MUSEU DO AMANHÃ, 2022l).

Orientado pelos valores éticos da Sustentabilidade e da Convivência, essenciais para a nossa civilização, o Museu busca também promover a inovação, divulgar os avanços da ciência e publicar os sinais vitais do planeta. Um museu para ampliar nosso conhecimento e transformar nosso modo de pensar e agir. (MUSEU DO AMANHÃ, 2022l)

Da forma como se instauram e se subjetivam as características que motivam e moldam a imagem do *Museu do Amanhã*, tornando-se marcas registradas de sua atuação, em seu cerne estão as grandes perguntas da Humanidade: De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir? Da proposta de trabalhar com os infinitos amanhãs

possíveis, surge a premissa de valorizar o aqui e agora e, como nossas ações podem vir a influenciar o que virá adiante.

Fotografia 10 - Museu do Amanhã: colorido



Fonte: Google.

O *Museu do Amanhã* é gerido pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão – IDG, que também é responsável pela gestão de outros projetos culturais, como o Paço do Frevo, o Museu das Favelas, o Museu do Jardim Botânico, o Museu das Amazônias, o Memorial às Vítimas do Holocausto, o Cais do Sertão e o Cais do Valongo (próximo ao *Museu do Amanhã* é considerado o único vestígio material do desembarque de cerca de 1 milhão de africanos escravizados nas Américas).

O *Museu do Amanhã* também é uma iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro, concebido em conjunto com a Fundação Roberto Marinho, instituição ligada ao Grupo Globo. Também se destacam no *Museu do Amanhã*, patrocínios e parcerias que garantem sua manutenção e execução dos projetos e programas ao longo do ano, sendo fortalecido pelos valores arrecadados pelos ingressos da bilheteria, com destaque às terças-feiras gratuitas.

E é inspirada pelo Amanhã transversalizado por tantas vozes e tantos viéses, contextualizados pelo *Museu do Amanhã*, que trago para esta Tese a oportunidade de problematizar os impactos da pandemia e suas relações com as apropriações digitais, pela voz e forte presença dos colaboradores entrevistados: Felipe Floriano, Cleyton Santanna, Amarílis Lage e Camila Oliveira, de forma online sincrônica, via Google Meet, entre 2023 e 2024.

Fotografia 11 - Museu do Amanhã ao entardecer



Fonte: Google.

A fim de desbravar um pouco desse universo busco adiante pontuar por meio das falas dos entrevistados e sua memória desse período pandêmico, narrar como se consolida o *Museu do Amanhã* nesse período um tanto inusitado, próximo a celebrar, em 2025, uma década de existência. Assim, pontuo pela fala dos entrevistados, o quanto o museu foi colocado à prova nos anos pandêmicos, que trouxeram diversos desafios às equipes de colaboradores, assim como também oportunidades de reinvenção e ressignificação, intensificadas pelas diferentes formas em que o *Museu do Amanhã* experimentou o digital e fez desse espaço, profícuo e instigante, tanto para suas equipes quanto para o público que participava on line.

Fotografia 12 - Museu do Amanhã visto do alto



Fonte: Google.

7.2 Fundação Iberê Camargo

Na capital gaúcha, Porto Alegre, surge em 1995, a *Fundação Iberê Camargo* com a intenção de preservar, investigar e divulgar a obra do renomado artista gaúcho Iberê Camargo. Também está nas preocupações desse espaço, promover a arte e a reflexão artística em torno da cultura e educação por meio da transdisciplinaridade que perpassa todas as suas atividades, que transcendem a várias manifestações artísticas como cinema, música, arquitetura, teatro e literatura – além de outros campos do conhecimento que venham a dialogar com a diversidade de exposições e atividades que propõe.

Fotografia 13 - Fundação Iberê Camargo comemorando aniversário de 15 anos



Fonte: Santolin (2017).

É significativo frisar que em 2008, a *Fundação Iberê Camargo* se muda para o prédio atual, concebido pelo renomado arquiteto português Álvaro Siza, especialmente, para abrigar todo o acervo do estimado artista gaúcho Iberê Camargo; além de solidificar um espaço profícuo a ampliação do leque de atividades possíveis – por meio de salas expositivas, ateliê de gravura, ateliê específico para o programa educativo, auditório, reserva técnica, centro de documentação e pesquisa, loja, cafeteria e estacionamento próprio.

Fotografia 14 - Álvaro Siza e Fundação Iberê Camargo



Fonte: Fundação Iberê (2021b).

A localização do prédio da *Fundação Iberê Camargo* é praticamente à beira das águas do Guaíba, convidando seus visitantes a vivenciarem diferentes formas de imersão junto às águas deste lago, que banha de forma monumental Porto Alegre. Todos que conhecem a capital gaúcha sabem, junto aos seus moradores, o quanto vivenciar um pôr do sol à beira das águas do Guaíba, traz uma paz e uma profunda sensação imersiva, que faz da contemplação um convite a desacelerar das tarefas e do estresse do dia a dia.

Fotografia 15 - Fundação Iberê Camargo as margens do Guaíba



Fonte: registrado pela autora.

Quando somos convidados a conhecer a *Fundação Iberê Camargo*, nos debruçamos de diferentes formas nas águas do Guaíba, seja pelas inúmeras janelas em seu interior, que nos convidam a ver a paisagem das águas e da cidade, seja pelas vias sinuosas de sua passarela que faz com que sigamos de um andar ao outro, numa caminhada imersiva, sinuosa e inusitada, obra do premiado arquiteto português Álvaro Siza, que conseguiu também fazer do próprio prédio uma vivência um tanto inesperada, singular e imersiva.

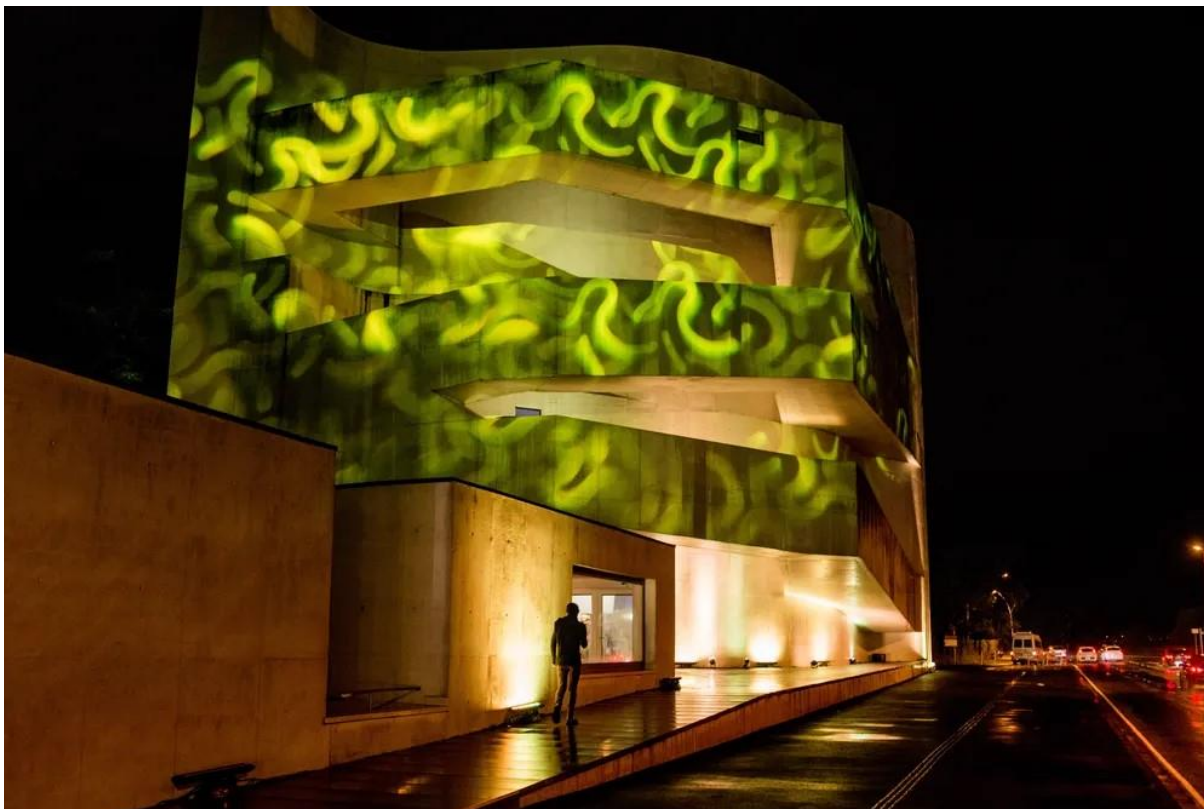
Fotografia 16 - Fundação Iberê Camargo e detalhe arquitetônico



Fonte: registrado pela autora.

Há quem busque na *Fundação Iberê Camargo* a tranquilidade e a paz, longe do burburinho das ruas mais movimentadas da cidade, com a companhia da paisagem numa das pontas do Guaíba, na zona sul da cidade. Assim, muitos encontram a possibilidade de mesclarem tanto a arte com uma miríade de possibilidades, quanto a natureza e seu vigor estonteante, espelhada nas águas do Guaíba e na paisagem de uma Porto Alegre que ao longe ressoa a margem de suas águas profundas.

Fotografia 17 - Fundação Iberê Camargo festiva e iluminada



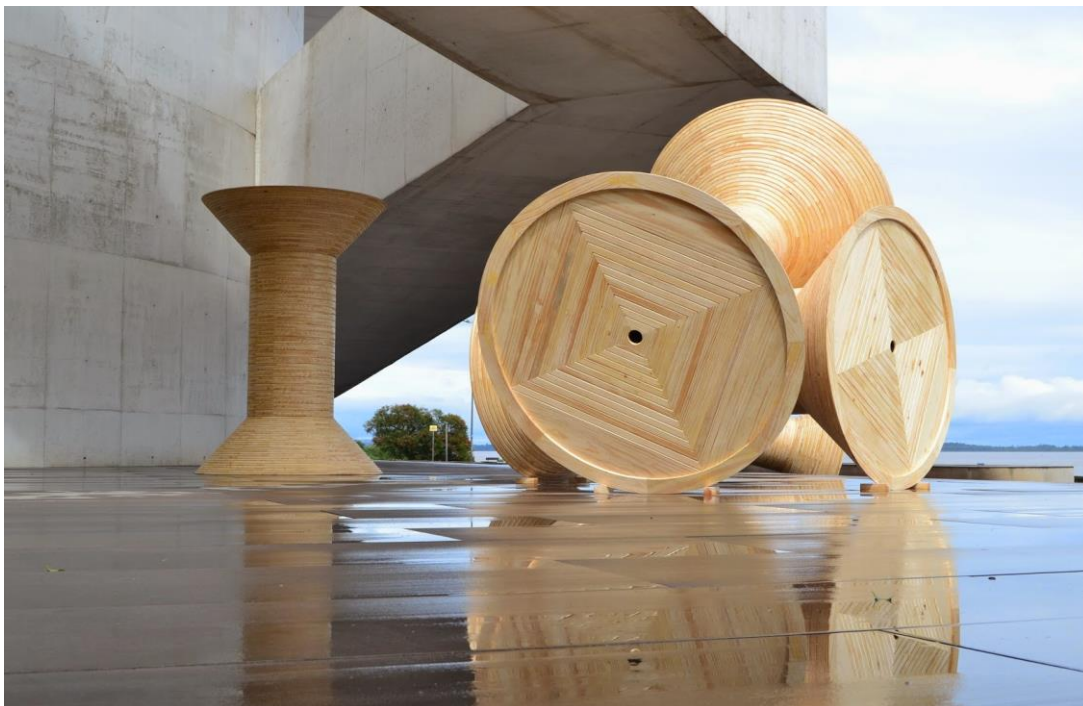
Fonte: Google

Fotografia 18 - Fundação Iberê Camargo



Fonte: Google

Fotografia 19 - Fundação Iberê Camargo: carretéis de Iberê



Fonte: Google

Acima, destaque para os carretéis reproduzidos em madeira, em uma das exposições emblemáticas da *Fundação Iberê Carmargo*. A seguir, destaque a uma das janelas de dentro da *Fundação Iberê Camargo* e os visitantes usando máscaras, no período da COVID-19.

Fotografia 20 - Fundação Iberê Camargo: janela interna e as águas do Guaíba



Fonte: registrado pela autora.

Em maio de 2024, em que houve a enchente que se alastrou por várias cidades do Rio Grande do Sul, houve o avanço das águas do Guaíba em muitas partes de Porto Alegre, algumas delas, inclusive, bem próximas da *Fundação Iberê Camargo*. A enchente recente, só havia sido vista semelhante em maio de 1941, e mesmo assim, naquela época não havia invadido muitas das áreas pelas quais as águas do Guaíba se alastraram, o que trouxe grandes desafios, como também novas reverberações. Assim, muitas reflexões têm surgido, inclusive a que se encontra a seguir, em uma das mais recentes exposições de arte da *Fundação Iberê Camargo* – *Iberê e o MARGS: trajetórias e encontros* – (27 jul. à 24 nov. 2024). Destacam-se as palavras:

Além de trazer novos sentidos a esta exposição, o trágico contexto do Rio Grande do Sul ressoa no posicionamento público de Iberê, ligado à urgência de uma “consciência ecológica”. É pelo olhar dele que podemos renovar o apelo, em nome das instituições de memória e enquanto sociedade, a um compromisso definitivo com a preservação da arte e do meio ambiente. (FUNDAÇÃO IBERÊ, 2024)

Fotografia 21 - Fundação Iberê Camargo: janela interna e avanço das águas do Guaíba (2024)



Fonte: registrado pela autora.

Das múltiplas reverberações contempladas pela *Fundação Iberê Camargo*, ao longo dos anos, há ênfase em seu posicionamento e também na preocupação de demarcar esse espaço. Outro detalhe bastante inusitado é de que “Entre a preparação desta exposição e sua abertura, o Rio Grande do Sul foi vítima do maior desastre natural de sua história. Uma tragédia resultante da devastação de grande parte do Estado.” (FUNDAÇÃO IBERÊ, 2024). É dramático o fato das águas da enchente terem atingido o andar térreo do MARGS, momentos antes do salvamento das obras do seu acervo, principalmente, as obras que se encontraram

expostas na exposição – *Iberê e o MARGS: trajetórias e encontros* – da *Fundação Iberê Camargo*, visível no site em Fundação Iberê (2024).

Fotografia 22 - Fundação Iberê Camargo: janela interna e o Guaíba (2021)



Fonte: registrado pela autora.

É interessante buscar perceber com olhar apurado as águas que aparecem nessa foto, logo acima, pois elas estão bem longe da pista de carros, sendo possível perceber, inclusive, as árvores e toda a vegetação. Se olharmos com atenção a foto da página anterior e as da página seguinte, veremos que as águas de maio de 2024 ocuparam toda essa parcela de terra e vegetação, ameaçando chegar na pista, o que poderia, inclusive, ameaçar chegar à *Fundação Iberê Camargo*.

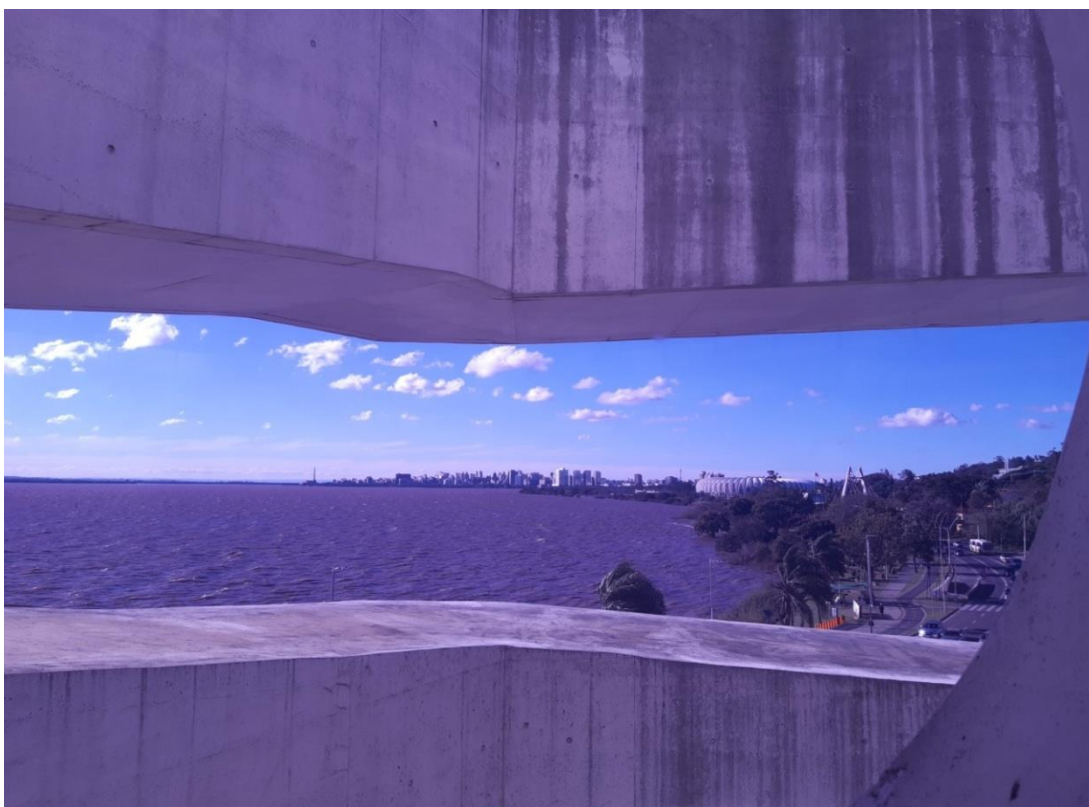
É destaque também nessa fotografia, retratada pela autora ainda no período da pandemia de COVID-19, o uso de máscaras, no período em que a *Fundação Iberê Camargo* recém abria suas portas para a visitação pública, Também se percebe a via de carros bastante vazia, o que nos passa um pouco da solidão desses tempos em que pouco se saía as ruas.

Fotografia 23 - Fundação Iberê Camargo: Guaíba quase entre na Fundação Iberê (2024)



Fonte: registrado pela autora.

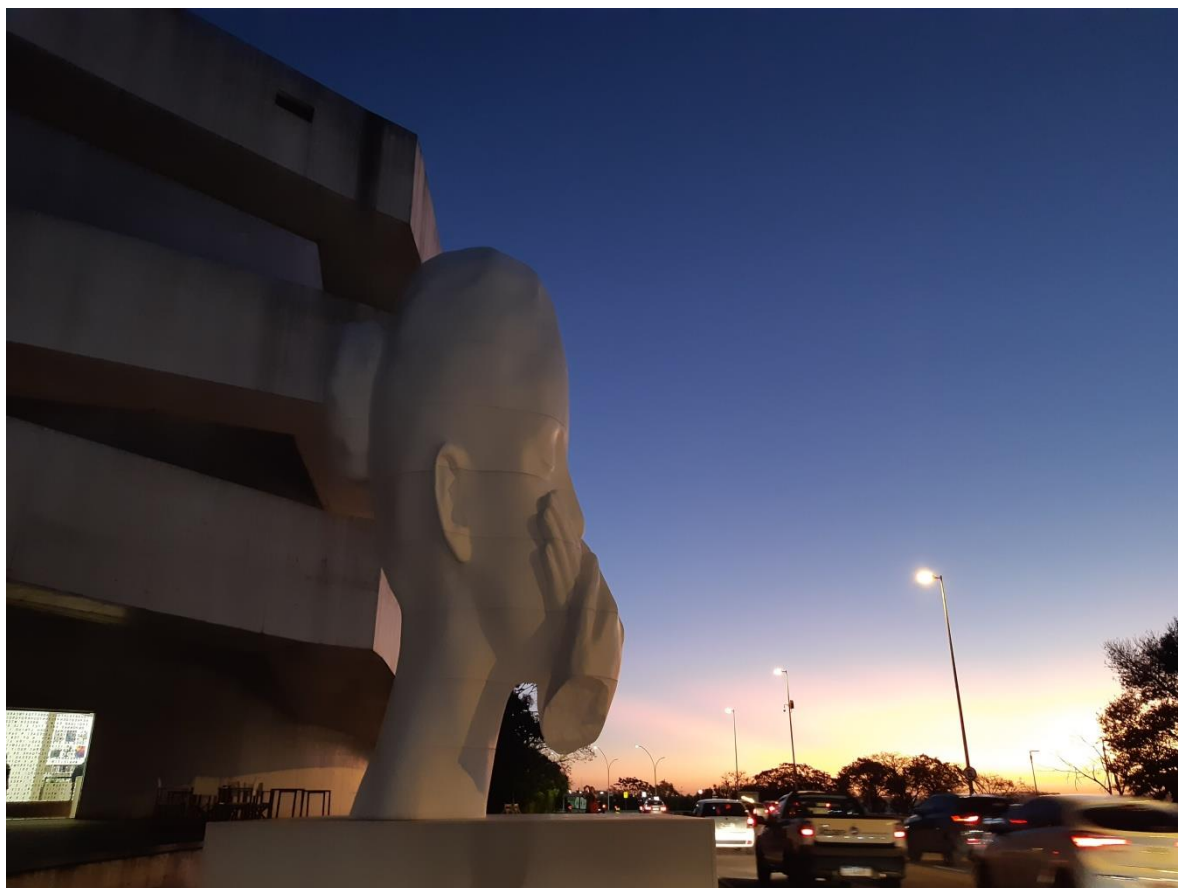
Fotografia 24 - Fundação Iberê Camargo: sob o olhar das janelas o Guaíba quase transborda



Fonte: registrado pela autora.

A programação da *Fundação Iberê Camargo*, contempla tanto a contextualização da obra de Iberê Camargo, quanto diferentes viéses da arte contemporânea e suas possibilidades. Recentemente, em 2023, recebeu a Bienal do Mercosul e a obra do artista catalão Plensa.

Fotografia 25 - Fundação Iberê Camargo: obra de Jaume Plensa na 13 Bienal do Mercosul

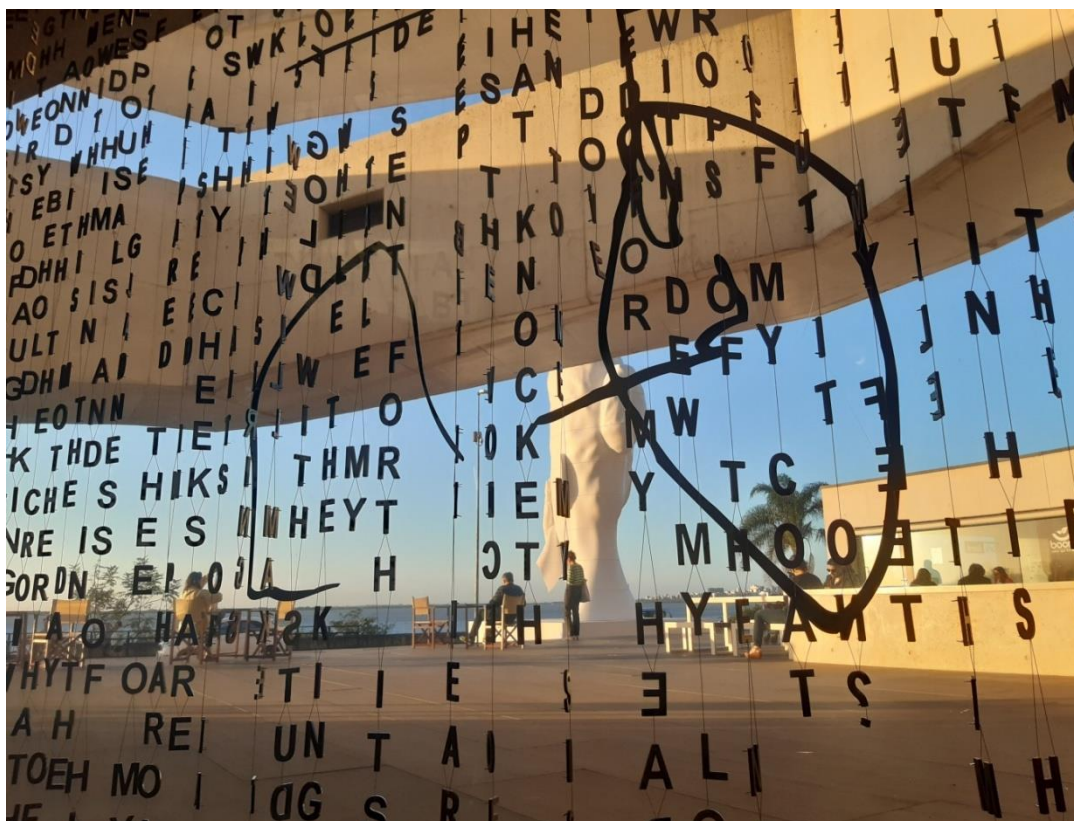


Fonte: registrado pela autora.

É destaque o fato dessa edição da Bienal do Mercosul, ser a primeira presencial, depois do auge da pandemia, sendo também chamada de Bienal 13, trabalhou com o tema *Trauma, Sonho e Fuga*, movimentando vários espaços da capital Porto Alegre, todos com visitação pública gratuita, no período de 2022.

Se você luta para dormir após uma experiência traumática, você não está sozinho. Quase todos os sobreviventes de trauma experimentam algum tipo de problema de sono, como insônia. Mas, para cerca de metade dos três quartos das pessoas, são os sonhos vívidos que dificultam o sono profundo e abrem as portas da consciência para um caminho a ser inventado. O trauma é o maior combustível da arte de todos os tempos e os sonhos são um estratagema para a fuga. A vivência de um trauma coletivo como a pandemia de 2020 impulsiona a criação artística para um território novo. O impacto no imaginário comum, através da ativação do onírico, dos sonhos e delírios, abre portas para o escape de uma condição imposta a todos nós. A sequência dessas três palavras — **trauma, sonho e fuga** — formam a linha narrativa que estamos buscando nas obras dos artistas para esta Bienal. (BIENAL13, 2022)

Fotografia 26 - Fundação Iberê Camargo: letras de obra da 13 Bienal do Mercosul



Fonte: registrado pela autora.

Fotografia 27 - Fundação Iberê Camargo: letras de obra da 13 Bienal do Mercosul e logotipo



Fonte: registrado pela autora.

Em final de 2024, a *Fundação Iberê Camargo* inaugurou a exposição com obras itinerantes da 35ª Bienal de São Paulo – *Coreografias do Impossível* (período previsto de 30 de novembro de 2024 à 09 de março de 2025).

Fotografia 28 - Fundação Iberê Camargo: registro *Coreografias do Impossível*



Fonte: registrado pela autora.

As atividades realizadas pela *Fundação Iberê Camargo* também englobam a organização de seminários e encontros com artistas, curadores e outras personalidades; buscando contextualizar temas de referência – assim como a realização de cursos, oficinas, atividades desenvolvidas diretamente para grupos de comunidades de Porto Alegre e outras cidades, em destaque, as cidades de Guaíba e Eldorado do Sul.

Há vários aspectos relevantes que fazem com que a *Fundação Iberê Camargo* adquira valor e presença para a população gaúcha, transcendendo a bela paisagem das águas que a margeiam, assim como também seu sentido turístico. Da arquitetura fluída e imersiva de Álvaro Siza e seu convite para desbravar os vários espaços da *Fundação Iberê Camargo*, surgem convites para desbravar diferentes obras de arte que remontam fases distintas de criação do renomado artista gaúcho Iberê Camargo à exposições emblemáticas históricas como Magliani, Jaume Plensa (Bienal do Mercosul), Louise Bourgeois, William Kentridge,

Abraham Palatnik, Tomo Koizumi, Xadalu Tupã Jekupé, Vera Chaves Barcellos, Tomie Ohtake, Regina Silveira e Elida Tessler.

Fotografia 29 - Fundação Iberê Camargo: registro de detalhe da Exposição Zero



Fonte: registrado pela autora.

Fotografia 30 - Fundação Iberê Camargo: obra de Louise Bourgeois



Fonte: registrado pela autora.

Fotografia 31 - Fundação Iberê Camargo: exposição Regina Silveira



Fonte: registrado pela autora.

Fotografia 32 - Fundação Iberê Camargo: exposição Regina Silveira 2



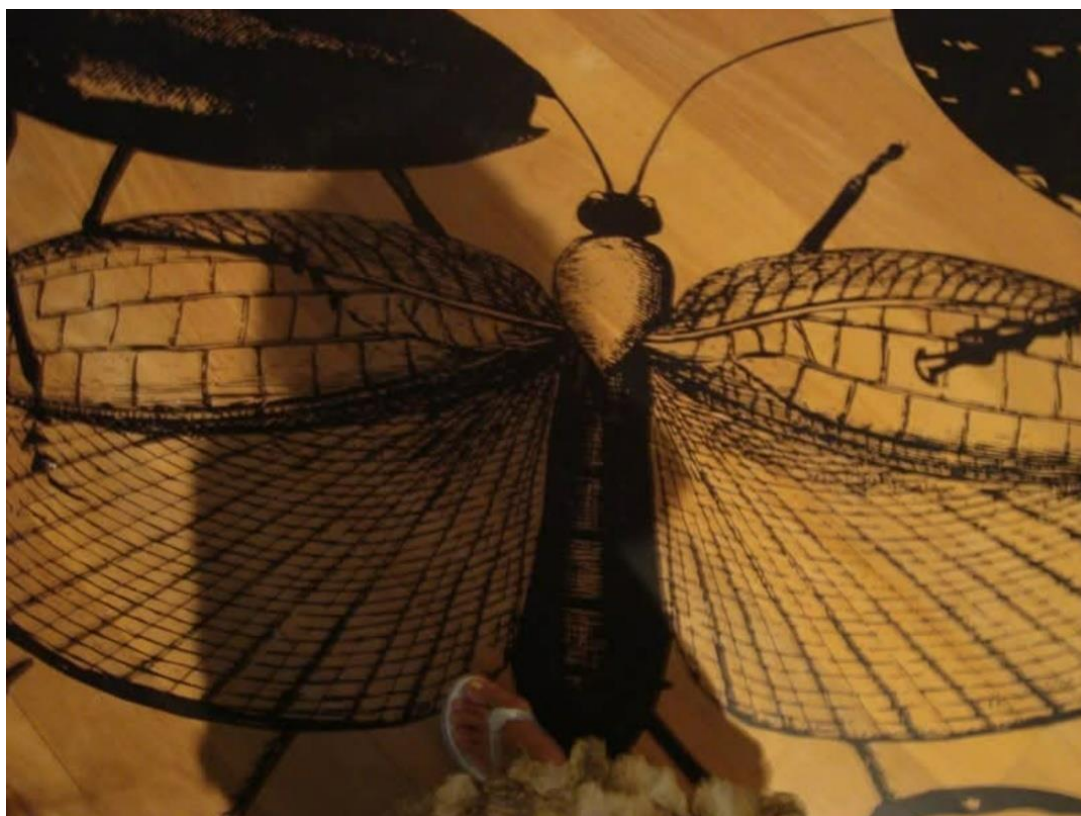
Fonte: registrado pela autora.

Fotografia 33 - Fundação Iberê Camargo: exposição Regina Silveira 3



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Fotografia 34 - Fundação Iberê Camargo: exposição Regina Silveira 4



Fonte: registrado pela autora.

Fotografia 35 - Fundação Iberê Camargo: por do sol no Guaíba



Fonte: registrado pela autora.

Para contar por meio de uma narrativa vívida e inspirada, os grandes desafios que os anos pandêmicos representaram para os colaboradores que fazem a história viva da *Fundação Iberê Camargo*, ponto de intersecção dessa Tese e das discussões que busca aprofundar, perpassando o digital e suas diferentes possibilidades em apropriações digitais, participaram das entrevistas dessa Tese: Emílio Kalil, Ilana Machado, José Kalil, Luciane Zwetsch e Laura Palma; realizadas, presencialmente, na *Fundação Iberê Camargo*, entre 2023 e 2024.

8 MUSEUS E PANDEMIA: ENTRE DESAFIOS E APROPRIAÇÕES DIGITAIS

Começamos a tramar dados coletados digitalmente ao longo da Tese com as entrevistas realizadas, contextualizando a gênese desta Tese: o início do curso e da pesquisa coincidindo com o início da pandemia de COVID-19.

A pandemia de COVID-19 instaura novos desafios, o inesperado presente no isolamento social e na necessidade de distanciamento social, como possibilidades de precaução e tentativa de conter a rápida contaminação. Nosso olhar se aproxima como o apontar de uma lupa, exatamente a partir do período em que a COVID-19 se alastra mundialmente e se constitui como pandemia em 20 de março de 2020, trazendo os desafios presentes na necessidade emergente de isolamento e distanciamento social. Nesse momento, o que ninguém imaginava, é que a COVID-19 seria presente por tanto tempo como uma emergência sanitária, perdurando como pandemia até 05 de maio de 2023, segundo as diretrizes e comunicados da Organização Mundial de Saúde, a OMS, emitidos ao longo desses três anos e três meses de duração da pandemia.

Contudo, pontuar a própria duração da COVID-19 enquanto patamar pandêmico, não significa tampouco que tenha sumido completamente de nossas vidas desde seu decretado fim pandêmico. Ainda seguimos parte de 2023 e 2024 tomando vacinas de reforço, disponibilizadas para grupos populacionais específicos, e ainda tendo o vírus até hoje em circulação. Principalmente, no segundo semestre de 2023, ainda haviam muitos casos graves de COVID-19 no Brasil. Hoje é provável que o que tenha mudado seja a tolerância ao vírus, devido às vacinas e a própria evolução de conhecimentos, permitindo lidar de forma mais adequada com os sintomas. Contudo, as variantes da COVID-19 ainda permanecem se modificando e se espalhando, e ainda que seja necessário o monitoramento, deixou de ser uma pandemia em meados de maio de 2023.

Para o início de nossas discussões, é preciso mais uma vez lembrar que a pandemia implicou medidas de distanciamento e de isolamento social, principalmente ao longo de 2020, 2021 e 2022. Essas transformações sociais vividas ao longo desse processo, bem como perdas de vidas, reforçam a importância de se considerar que houveram também impactos psicológicos e psicossomáticos praticamente em toda população mundial que esteve a vivenciar os desafios presentes na pandemia das mais diferentes formas.

Traumas e sequelas foram relatadas pela imprensa e por pesquisas da área médica. Em nossas pesquisas, praticamente, todos nossos colaboradores entrevistados trouxeram pontuais reflexões e ponderações a respeito do período da pandemia. Tais reverberações presentes em

suas falas, trago aqui para iniciar essa narrativa, fortalecida pela memória daqueles que foram também, como nós, desafiados a sobreviver ao vírus da COVID-19 e chamados a se reinventarem ao longo do início abrupto desse processo de resignificação.

Eu voltei em setembro de 2020. Então foi de março a setembro... foi o tempo todo em casa. Eu era casada na época e era isso, eu não via meus pais, a gente se via só por vídeo porque na época meu pai e minha avó eram grupo de risco então foi com meu pai e minha avó. Minha mãe e minha irmã moravam na Bahia, então a gente não se via. Eu voltei assim a ver os meus pais depois de um tempo né? Depois de alguns meses com máscara, com tudo, mas assim super restrito, que quando eu voltei para o museu também via pouquíssimo minha família. Porque eu tinha muito medo. Que eu comecei, a gente não sabia como seria isso, que risco né? A gente tá ali com outras pessoas em ambiente de trabalho, mas quando eu voltei, eu voltei presencial todos os dias. Então eu ficava de máscara todos os dias. Então eu tinha marquinha de máscara de N95 aqui no nariz e na bochecha.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Quando surge a COVID-19 e abruptamente todos precisam fechar suas portas, os equipamentos culturais também são atingidos. Desta forma, o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo*, locais de trabalho dos nossos entrevistados, também fecham suas portas e são imediatamente desafiados por diferentes aspectos, da sobrevivência financeira à nova organização laboral das atividades. Dentro deste ponto de vista, há diferentes reconfigurações, até que o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo* são novamente desafiados a medida que buscavam retomar a presencialidade, tanto nos processos sanitários quanto na forma como passam a se preparar e se configurar para esse retorno presencial.

A partir dessa recontextualização, iniciamos analisando como o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo*, junto com seus colaboradores, navegaram neste período de tantos desafios de não presencialidade. Na sequência, as oportunidades do mundo digital são mais exploradas, nas seções seguintes.

8.1 Museus fechados: isolamentos físicos e conexões digitais

O *Museu do Amanhã*, assim como todos os equipamentos culturais, viveram períodos em que não havia acesso de público em seus espaços físicos. Os entrevistados demonstraram sensibilidade frente à necessidade emergente que atingia toda a população – a de tentar se manter segura e sempre que possível manter distanciamento e ou isolamento social. No caso dos trabalhadores do *Museu do Amanhã*, buscaram se manter em casa o máximo de tempo possível e evitar o contato com pessoas que não pertencessem ao seu círculo de convívio

pessoal. Amarílis Lage fez a reflexão a seguir que contextualiza bem este cenário no âmbito dos trabalhadores do campo da cultura.

Vamos pensando juntos... é em primeiro lugar dizer que, necessariamente, foi uma situação desafiadora para todos os setores da sociedade, para todas as pessoas, né?! Mas, para algumas áreas, eu entendo que esse impacto foi, ainda, mais significativo. Por exemplo, equipamentos culturais no Brasil,... que a gente entende que é uma área que tradicionalmente enfrenta muitos desafios e que tá muito associada, por exemplo, a ingressos, a venda de ingressos,... o mesmo vale para festivais de música; vale para peças de teatro; para os cinemas... então, assim, foi uma área muito impactada que precisou se reinventar - de uma forma extremamente rápida e inovadora - porque não existia formatos prévios para indicar qual seria o melhor caminho para lidar com isso; ao mesmo tempo, é toda essa produção artística e cultural que foi tão prejudicada... ela se mostrou mais importante do que nunca para muitas pessoas; porque quando você tem parte da população... a maior parte da população isolada dentro das suas casas,... sofrendo, ou com receio de adoecer, ou com a perda de pessoas queridas, ou com a perda na sua renda, quão importante era... e acho que essa é uma vivência que todos nós temos,... você ter as lives, você sentir que conseguia se conectar com outras pessoas de alguma maneira, então; ao mesmo tempo, em que era muito desafiador para quem trabalha com cultura; também acho que foi um momento em que a importância da cultura ficou muito potente na vida de todos nós,... como uma grande fonte de esperança como uma grande fonte de conexão.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Também a *Fundação Iberê Camargo* se vê, assim como todos os outros equipamentos culturais, obrigada a fechar suas portas. Mas com um desafio ainda maior, a *Fundação Iberê Camargo*, precisou lidar com o fato de que vários membros pegaram COVID-19 antes da data oficial de fechamento – 16 de março de 2020. Ao realizarem um evento que envolvia muitas pessoas de fora do estado, tiveram contato preliminar com o vírus e, rapidamente, antes ainda do final de semana, ao começarem com sintomas, decidiram parar completamente todas as atividades e manter as portas fechadas ainda que antes dos avisos oficiais.

Tá eu entrei como eu falei, final de fevereiro, e acho que passou o quê, duas ou três semanas, e começou a Covid-19 no Brasil. E teve toda aquela questão inicial de lockdown, que a gente não sabia exatamente o que fazer, e, eu acho que foi bem generalizado essa questão de dúvida sobre o que vai acontecer, até quando. No momento que a gente ficou em quarentena, como se chamava, totalmente em casa, preso com medo de sair nas ruas, tu olhava as janelas, era tudo vazio. E essa dúvida de como é que seria o trabalho? Ali, porque na minha cabeça eu recém tinha entrado e a principal dúvida era: Vou continuar? Vou sair? Como é que vai acontecer? A gente não sabia como é que ia se transformar o andamento dos trabalhos e projetos que, aqui, como a gente trabalha numa Instituição, muitas questões são presenciais; aqui, quase tudo é presencial; depois da pandemia que a gente começou a trabalhar de uma maneira mais híbrida, e, até virtual. Mas naquele primeiro momento, ficou essa dúvida. Acho que, poxa, acho que é uma instituição de cultura, ali, que tá para abrir exposições; fecha as portas, não tem expectativa nenhuma de quando é que retorna. Então, foi uma experiência de bastante medo. Assim, no início, eu pensei: Putz!, Consegui um emprego e eu já vou ser demitido! A primeira coisa que eu pensei. Bah, não fazia um mês que tinha começado e tava em casa sem saber o que fazer; a gente não sabia o que produzir. Eu ainda não tinha o contato, assim, também, da equipe porque eu não conhecia todo mundo. Eu entrei num período que muita gente tava nessas férias, assim, de início de ano, então eu não conheci muita

gente, assim, nesse período da pandemia. Eu conheci, assim, por voz, no telefone, por e-mail, mas não sabia como é que era o rosto das pessoas, não sabia. A relação era muito estranha, nesse primeiro momento.

José Kalil - *Fundação Iberê Camargo*

Nesse âmbito, todos os cuidados de evitar convívio social se justificavam pelo fato de que rapidamente o vírus estava se alastrando, sobretudo, no Brasil, e sua intensidade somada a emergência sanitária que se estabelecia, extrapolou a capacidade de cuidados do sistema público de saúde brasileiro. Ao se alastrar, também contaminava equipes médicas e de cuidados de saúde, assim como trouxe inúmeras mortes e uma enorme quantidade de casos em que pessoas tiveram a chamada COVID-19 longa (uma gama de sintomas experimentados após se recuperar dos estágios iniciais da doença, que perduravam por muitos meses). Assim, quando pensamos no período pandêmico, que abarca 2020, 2021, 2022 e 2023, estamos, de certa forma, falando também de todo esse contexto, do processo ao mesmo tempo avassalador assim como desafiador, que acometeu tanto a população brasileira como a mundial.

Os desafios foram os médicos, qualquer outro cidadão no mundo teve, que foi o isolamento que automaticamente criou uma situação de uma falta de comunicação pessoal com as pessoas. Isso nos fez desenvolver aptidões digitais que nós não tínhamos antes. A Fundação eu acho que prontamente começou a informar seu público via redes sociais. É uma situação estranha para quem trabalha com artes visuais trabalhar digitalmente, então você não é um escritor que eu acho que ficou mais a vontade quando vai tratar desse assunto digital, porque ele continuou na sua solidão de criação. O artista visual ele trabalha visualmente então é complicado, mas nós precisamos criar digitalmente situações análogas ao pessoal, ao presencial. Em relação ao isolamento, logo depois eu tinha uma justificativa que a Fundação não iria fechar de forma radical. Por que uma Fundação Cultural fecha e um Shopping Center não fecha!? Então houve essa minha discussão com a Prefeitura de Porto Alegre, inclusive, e com o Governo do Estado do RS, que estava impondo esse fechamento radical. Eu achei um pouco exagerado. Claro que tem que ter todo cuidado do uso da máscara, do toque da mão lavada, mas não vamos criar uma situação onde as pessoas usam o trabalho remoto como desculpa para não fazer o presencial. Eu acho que foi o que aconteceu na grande parte do setor de todos. Então todo mundo se recolheu na sua casa ou nas suas férias ou foram para praia e assim por diante e usavam isso como desculpa da pandemia. A pandemia foi grave, foi horrível, matou milhares de pessoas. Estamos até hoje... Eu perdi minha mãe por causa da pandemia. Então eu tenho uma relação com esse problema muito forte, mas eu nunca me senti confortável em usar a pandemia para me desculpar, para poder me retirar.

Emílio Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Não há, desta maneira, como negar que todo esse contexto tenha influenciado a vida de tantas pessoas, seja de forma direta ou indireta, todos de certa maneira estavam inseridos em contextos sócio-culturais-econômicos, em que todas essas pautas eram parte principal de suas vidas, seja em nível das suas relações pessoais, sociais e laborais; seja a nível subjetivo, em que emoções e sentimentos trazem o tom de suas percepções, que em muitos momentos, surgem fruto do medo e da insegurança.

E eu acho que a gente demorou umas semanas... um parênteses que eu vou abrir que eu tava com sintomas da covid nessa época também, ali na primeira semana de lockdown. Eu tava com todos os sintomas possíveis de covid, tipo uma gripe bem forte, com febre alta que não baixava a dificuldade para respirar, muita dor no corpo. Foi uma coisa que se estendeu assim por uns 15 dias, eu fiquei mal e eu tava com parentes que tinham testado positivo. Em Porto Alegre aqui eu não consegui fazer os testes. Na época ainda não tinha nas unidades de saúde. Eu fui e me recomendaram só ficar em casa, ter distanciamento de tudo, não sair do quarto, não ter contato com a minha família. Eu morava com a minha avó ainda na época. Então era um pouquinho complicado a questão de ter idosos em casa.

José Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Esse contexto ao mesmo tempo serviu também para inspiração de curadorias no caso do *Museu do Amanhã*:

O mais difícil, assim, é porque na nossa experiência de Museu, a gente lida com temáticas que são abrangentes, que atravessam, mas, eu acho que a Coronaceno era um atravessamento tão direto e tão cotidiano que, assim, a gente estava na exposição e, ao mesmo tempo, tava tendo que olhar o distanciamento das pessoas porque o que a exposição tava falando, a gente tava vivendo; é diferente de tá falando de uma exposição da Amazônia, que a gente teve, a: Fruturos, que o clima de racismo ambiental, beleza... eu vivo o racismo ambiental com a minha família que mora em Jardim América, que é um bairro aqui do Rio, que é cercado por favela, que tem uma série de questões sociais, e, tá, tá ok! Eu vivo isso, mas eu vivo isso, localizado, específico! E não, necessariamente, em todos os pontos da situação.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Camila Oliveira, ao ser perguntada se achava que a COVID-19 ainda permanecia no imaginário das pessoas hoje, respondeu que “Sim, mesmo, eu acho que permanece. De largada de duas formas: como trauma e como negação. Trauma de ter vivido isso e uma negação de não lembro como foi”.

Nesse sentido, este sentimento manifestado dialoga com autores de memória social como Pollak (1989) e a memória traumática, que às vezes as pessoas não conseguem acessar ou não querem acessar, pois causa dor, e perpassa, em momentos distintos, os diálogos com os entrevistados. Ao considerar que todos se envolveram emocionalmente, tomamos o cuidado nas entrevistas para não tensionar ou pressionar por respostas.

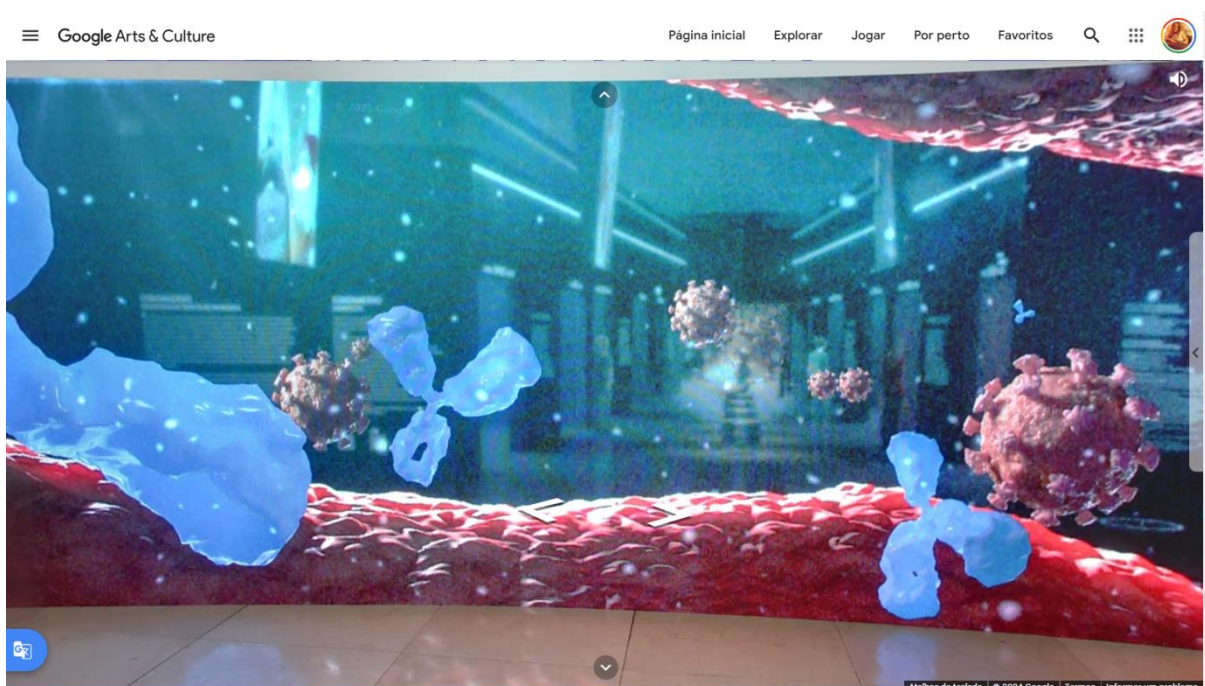
Tava tudo fechado ali no início em março de 2020. Quando eu digo fechado, era tipo olhar a janela e parece uma cidade fantasma. E é simplesmente. Eu morava no primeiro andar do centro histórico (Porto Alegre) e tentava olhar o centro, ele vazio, outra realidade.

José Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Mas enfim tinha esse medo de sair de casa absurdo, mas ao mesmo tempo era horrível ficar em casa. Então não tinha como rezar para que acabasse, em algum momento, só e nesse período, foi finalzinho de 2020. Eu me mudei ainda para ajudar, daí eu peguei e fui para um apartamento só para mim ter mais espaço e tudo mais, mas foi na época que tava realmente acabando a pandemia, tava dando aquelas baixas dos casos. E daí em 2021 voltou aquelas ondas, daí foi um momento que eu não saía de casa de novo.

José Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Figura 14 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: vírus



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

No caso das equipes do *Museu do Amanhã*, pudemos sentir que houve um envolvimento visceral observado nas conversas mediadas no Coronaceno e na visita em forma de Televisita. Mas mesmo envolvendo possíveis memórias traumáticas, ao serem perguntados sobre a exposição temporária Coronaceno, Camila Oliveira, Amarílis Lage, Cleyton Santanna e Felipe Floriano analisaram essa possibilidade de discutir sobre o próprio processo da COVID-19 que estava acontecendo, naquele momento, quando abrem a exposição em setembro de 2020.

Tudo que Coronaceno falava, eu tava vivendo, ali, naquele momento... tudo, tudo me atravessava. Então, eu acho que teve essa distinção, assim, e não era um tema distante, não era um tema de um tempo passado; era um tema vivenciado; assim, a gente estava, naquele momento, se organizando para,... não enfim... era complexo, assim, acho que era parte mais complexa.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

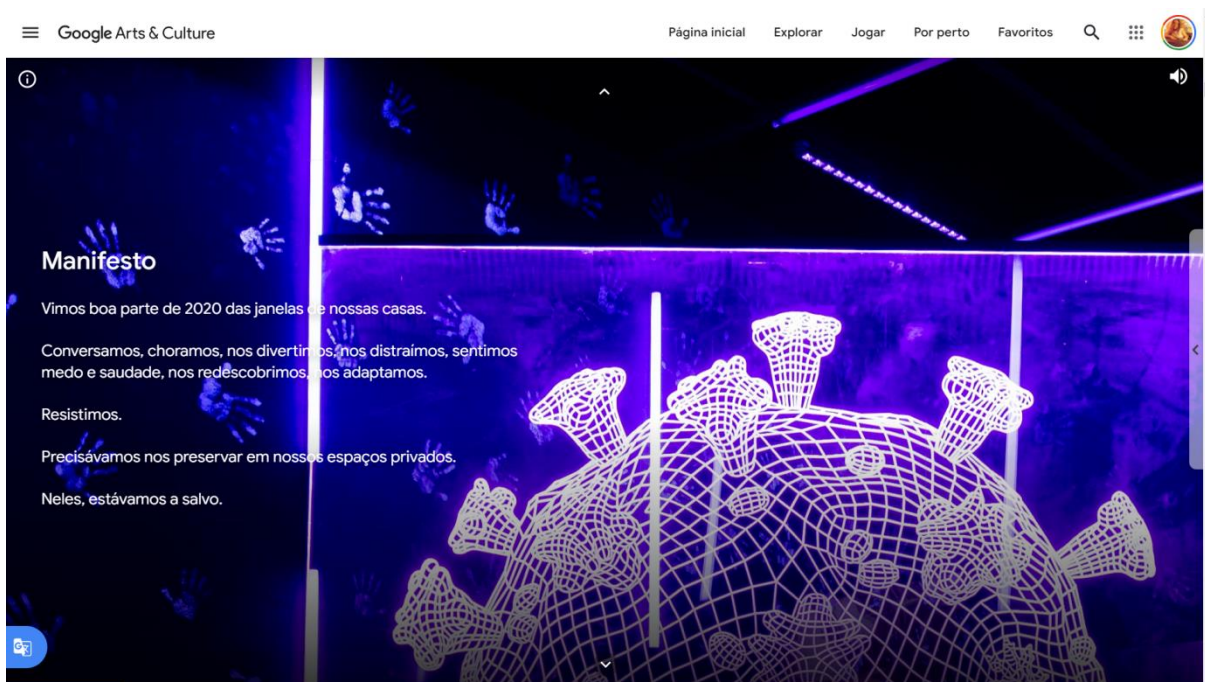
Então havia dentro do Museu essa percepção de que era muito importante que a gente conseguisse se reinventar para levar nossos conteúdos para a população é mas também sem saber muito bem quais seriam os caminhos possíveis né nesse sentido. E no caso do Museu do amanhã vale destacar que além de toda essa questão cultural a gente é um museu de ciência e isso significa que também existia ali um papel muito importante a ser desenvolvido pelo museu no que diz respeito à disseminação de informações corretas.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Foi um movimento de aprendizado muito grande assim. Acho que nesses últimos anos de pandemia eu aprendi muito. Eu amadureci muito, profissionalmente falando, acho que é importante dizer isso.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Figura 15 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: manifesto



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

Então isso chegou para a gente como uma demanda mesmo, tipo assim, olha o museu é um museu de ciência, então, a gente precisa contar a história desse momento; e foi, assim, algo chocante para todo mundo, assim, então, era dever do museu fazer algo sobre isso, não só para falar, mas, também para informar a população de como o Corona aconteceu e de que, tipo assim, se a nossa sociedade continuar com o modelo de desenvolvimento atual, vai ter outras pandemias. Então, assim, é meio que informar tanto esse como a gente chegou até aqui; é, basicamente, o modelo do desenvolvimento atual, e, como esse próprio modelo atual também tem impacto no futuro porque vai ter novas pandemias; então, assim, foi meio que o museu precisa falar sobre isso; então, a gente começou a pensar a exposição.

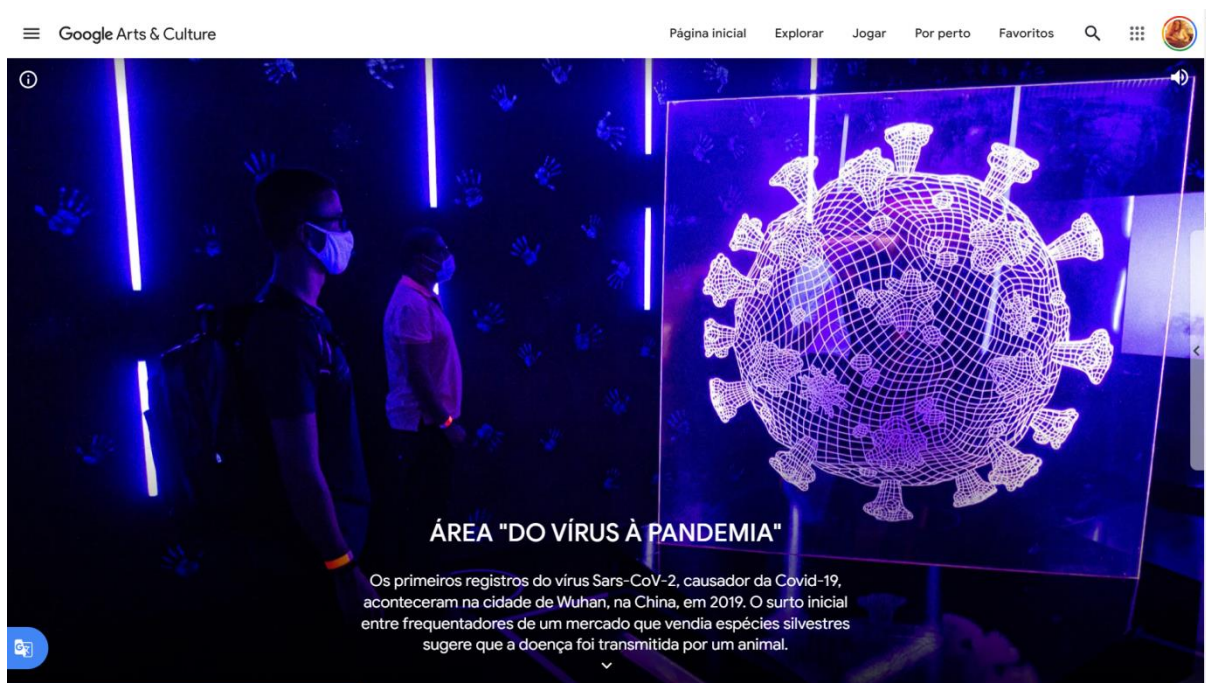
Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Os desafios demarcados pela pandemia de COVID-19, transcenderam as portas de casa para repercutirem na proposta vivenciada pelos colaboradores do Museu do Amanhã, em que ainda trabalhando em home office se percebem envolvidos no desenvolvimento da exposição temporária *Coronaceno*. Tais atravessamentos trouxeram diferentes reverberações para a equipe – tanto a nível de ressignificação pessoal do que é a pandemia e do que ela envolve, quanto a nível global, quando passam a compreender que também a pandemia estabelece relações com questões relacionadas com os modelos de desenvolvimento empreendidos pelas sociedades a nível micro tanto como de forma mundial a nível macro.

É a partir desse processo de ressignificação que os colaboradores entrevistados ingressam nas diferentes reflexões que realizaram a partir dessa vivência, trazendo em vários trechos diferentes aspectos provindos das diferentes reverberações que esse processo

instaurou em suas vidas, inclusive, marcadamente, com bastante ênfase, no período pandêmico que abarca os anos de 2020, 2021, 2022 e 2023, e no pós-covid em 2024.

Figura 16 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: do vírus à pandemia



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

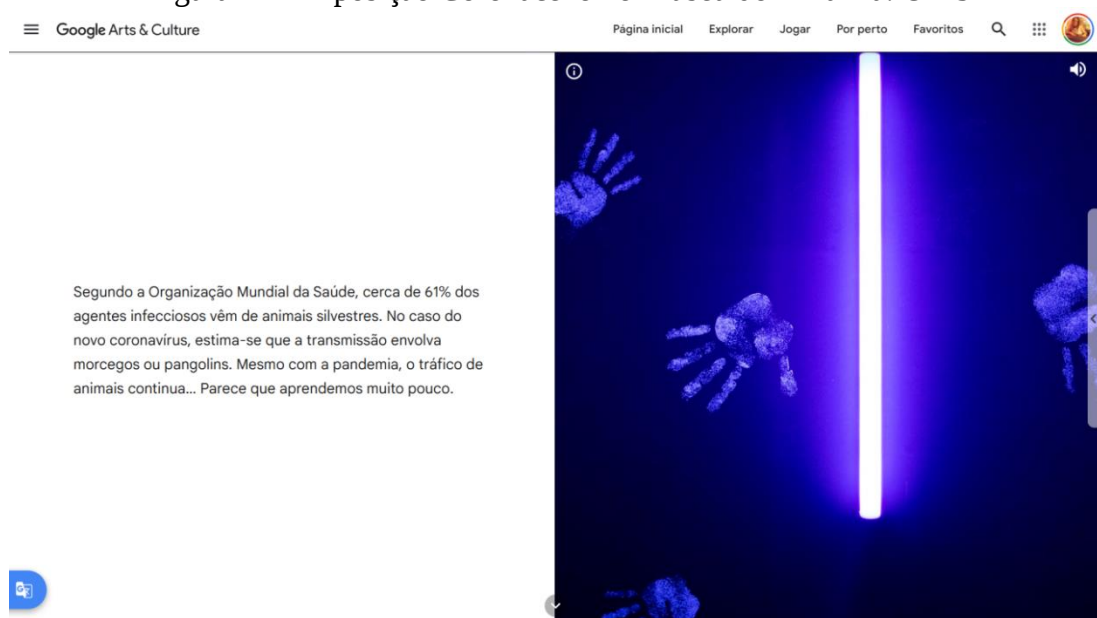
E, assim, vou te falar, pra fazer uma exposição demora um tempinho; o Coronaceno foi muito rápido. Assim, a gente teve que fazer muito rápido, sabe?! Foi meio que no corre, assim, para fazer; então, e como era tudo online, era algo mais difícil, ainda a gente estava se adaptando a esse momento online... assim, as nossas reuniões eram online. A gente não ia no museu, a gente só começou a ir no museu, no final; então, assim, era basicamente tudo pensado online, tudo discutido online, então foi basicamente isso, eu trabalhei muito nos textos dessa exposição, nos textos de parede. E não tinha interativo, porque... pandemia não ia ter interativo, então, basicamente, só os textos de parede e pensar junto, mesmo... a curadoria da exposição, as narrativas. Então, basicamente, foi isso assim que eu fiz, eu vou tentar recuperar... só aqui rapidinho,... quando ela foi lançada: foi **04 de março de 2021**.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Também se destaca nesse período que a exposição *Coronaceno* foi realizada completamente on line, com reuniões por videoconferência, com todos seus colaboradores em suas residências, salvaguardados de possíveis contaminações do vírus da COVID-19, em distanciamento social. Durante esses meses em que estiveram todos em casa e o *Museu do Amanhã* completamente de portas fechadas, foi o período de gestação da exposição temporária *Coronaceno*, planejada para ser o marco de abertura do *Museu do Amanhã*, quando realmente fosse possível, abrir as portas com segurança e cuidados sanitários adequados. Há também uma ressalva, o *Museu do Amanhã*, desde esse período, se preocupou em realizar uma extensão digital da Exposição *Coronaceno* no *Google Arts & Culture*, para

que aqueles que não pudessem visitar presencialmente a exposição, tivessem contato com seu conteúdo, e também uma idéia de como foi desenvolvida no *Museu do Amanhã*.

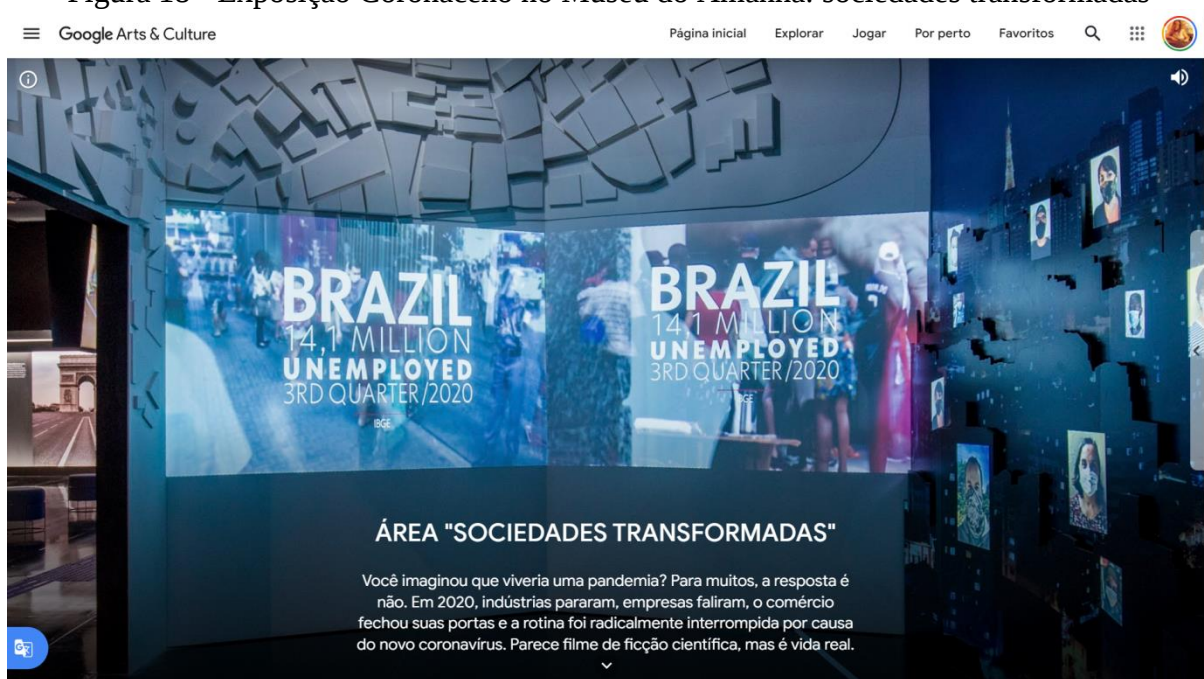
Figura 17 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: OMS



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

É interessante acompanhar detalhes ao longo da narrativa, nas inúmeras figuras relativas diretamente à Exposição *Coronaceno* no *Google Arts & Culture*, trazendo nas imagens e textos, toda a intensidade dessa exposição do *Museu do Amanhã*. É exatamente o recorte netnográfico, utilizado como opção metodológica, pela autora, que trouxe a possibilidade de incluir essas imagens, capturadas, a fim de instigar pontos de reflexão.

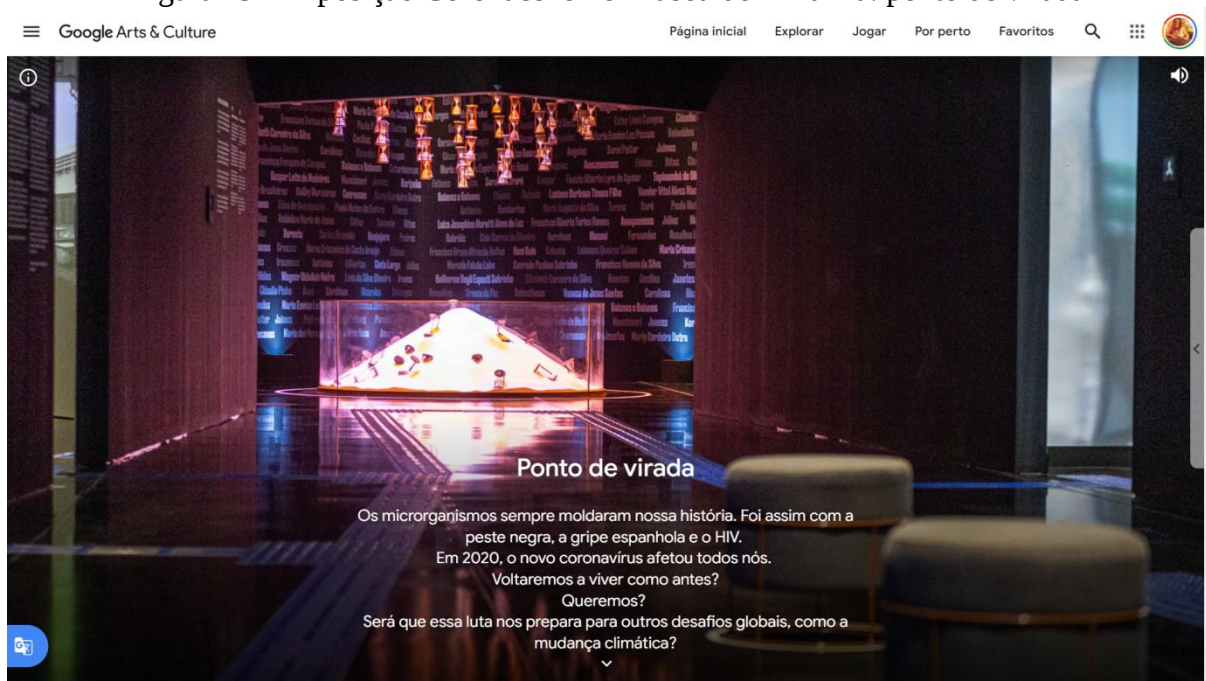
Figura 18 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: sociedades transformadas



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

As imagens da exposição *Coronaceno* em sua versão digital, trazem pontos de reflexão que vão do começo da pandemia de COVID-19 quanto tudo parou abruptamente, de forma inesperada e emergente; à realidade impermanente da vida humana, representada pelas inúmeras ampulhetas e a reflexão de que se a pandemia vai nos preparar para dar conta dos desafios futuros, como o das mudanças climáticas.

Figura 19 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: ponto de virada



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

Assim, acho que uma grande percepção do museu - de fato - que o Coronaceno, que o Coronavírus deixou, assim, é para informar a população é que, claro, o que a gente tá vivendo não tem como mais, então, meio que isso... meio que norteou os nossos próximos projetos; depois da pandemia, assim, sabe então, depois do Corona por exemplo, a gente teve... Futuros Urbanos, que era uma experiência imersiva; eu participei desta; até me esqueci de falar... era uma experiência imersiva sobre o futuro das cidades, então, assim... então, a gente trouxe cases, coisas que já tão acontecendo.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

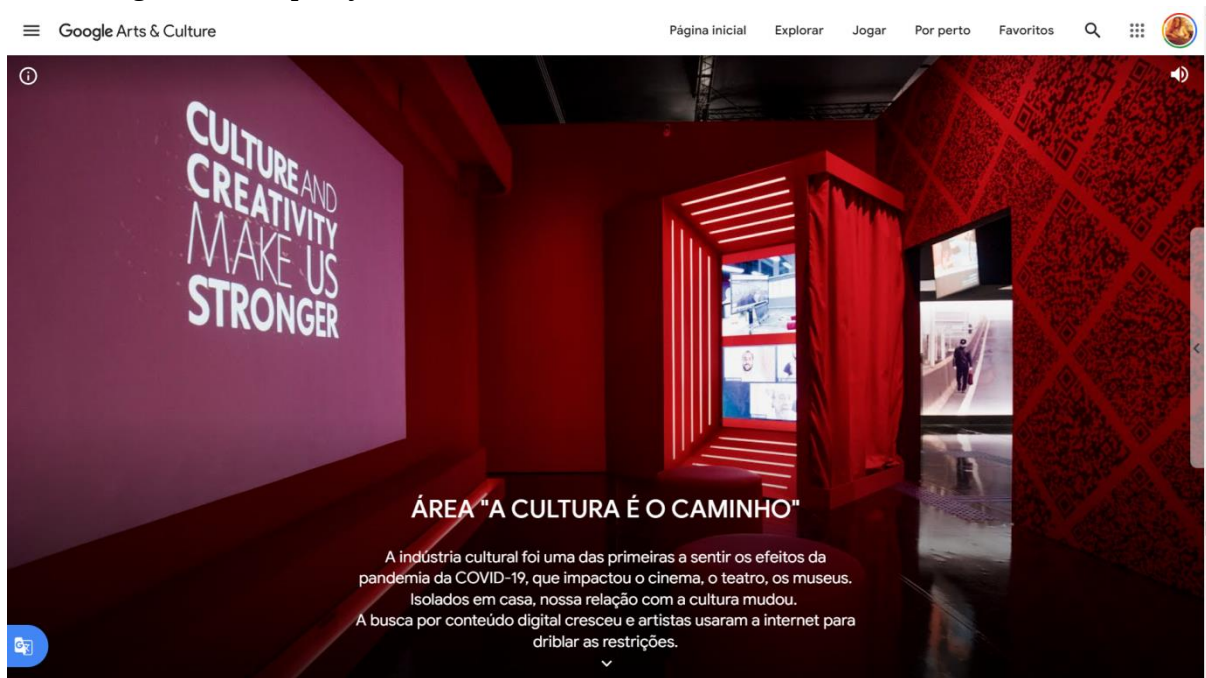
Assim, quando os espaços, enfim, abrem as portas, e conseguem não só autonomia para isso como também uma série de recomendações sanitárias, em busca de maior segurança, para o público e também para seus colaboradores, o *Museu do Amanhã* inaugura *Coronaceno*. Amarílis Lage descreve no trecho a seguir a organização e a proposta da exposição:

É uma exposição que tem algumas áreas, uma delas dedicada à importância da cultura para que a gente, como sociedade, conseguisse se reestruturar e fortalecer emocionalmente diante desse desafio. Mas, também tinha uma área dedicada, por exemplo, a produção científica: como que pesquisadores brasileiros foram fundamentais no mapeamento do DNA do vírus, na elaboração de vacina, no atendimento às pessoas que contraíam vírus, e, tinha uma área também de

homenagem às pessoas que partiram. Então, era uma área que era muito emocionante para todos.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

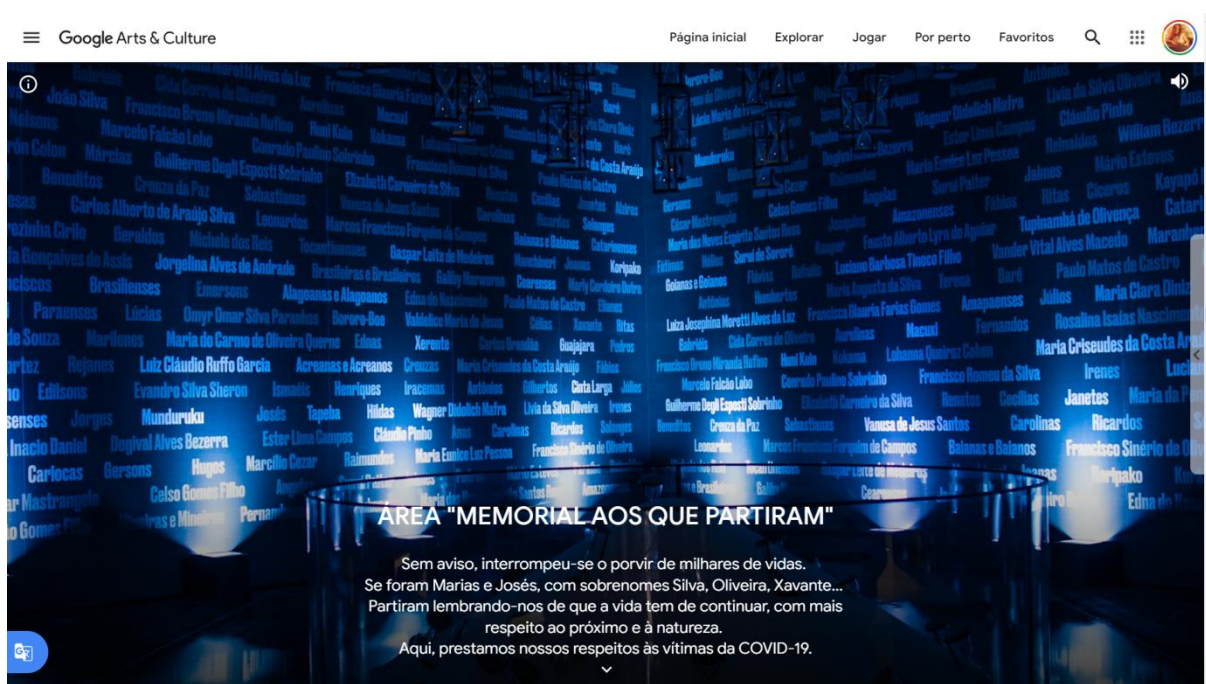
Figura 20 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: cultura é o caminho



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

Nas figuras 20 e 21 é possível se ver tanto detalhes da área que evidenciam a cultura como um possível caminho, quanto a área dedicada ao memorial aos que partiram, àqueles que não conseguiram sobreviver ao vírus da COVID-19.

Figura 21 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: memorial aos que partiram

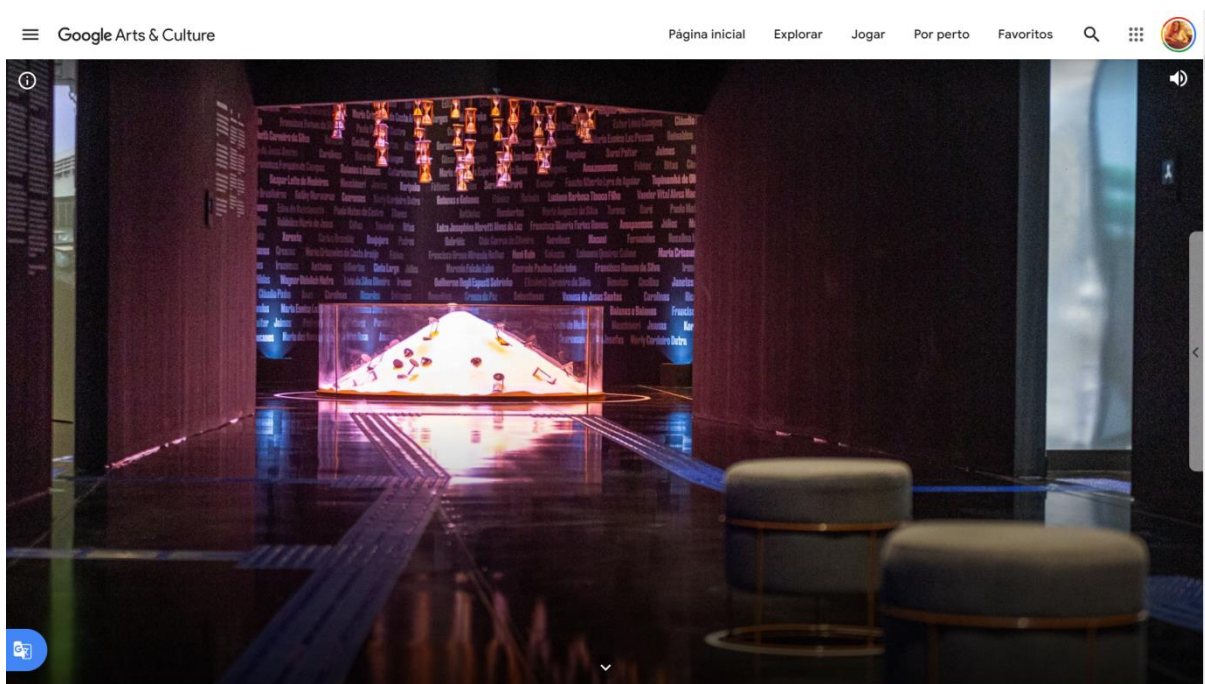


Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

Ela tinha uma grande sala, assim... e na parede... nome de pessoas que faleceram devido a COVID e uma instalação central que remeteria a uma ampulheta quebrada, como se a vida daquelas pessoas tivesse sido interrompida precocemente. Então, a passagem do tempo e a nossa percepção de tempo ficou muito abalada. A gente também tinha alguns painéis que destacavam algumas pessoas: os famosos, os anônimos, né?! Pessoas que nas suas atividades diárias tiveram um papel fundamental para que a situação não fosse pior ainda. Então, falava sobre... era uma homenagem aos trabalhadores da limpeza pública, que saíam de casa se expunham para fazer isso, e aos enfermeiros, e aqui uma enfermeira que aparecia, que é uma liderança indígena, que aqui no Amazonas conseguiu levar o atendimento à populações... também, tradicionalmente, desfavorecidas em relação a uma série de coisas, inclusive o atendimento da saúde.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

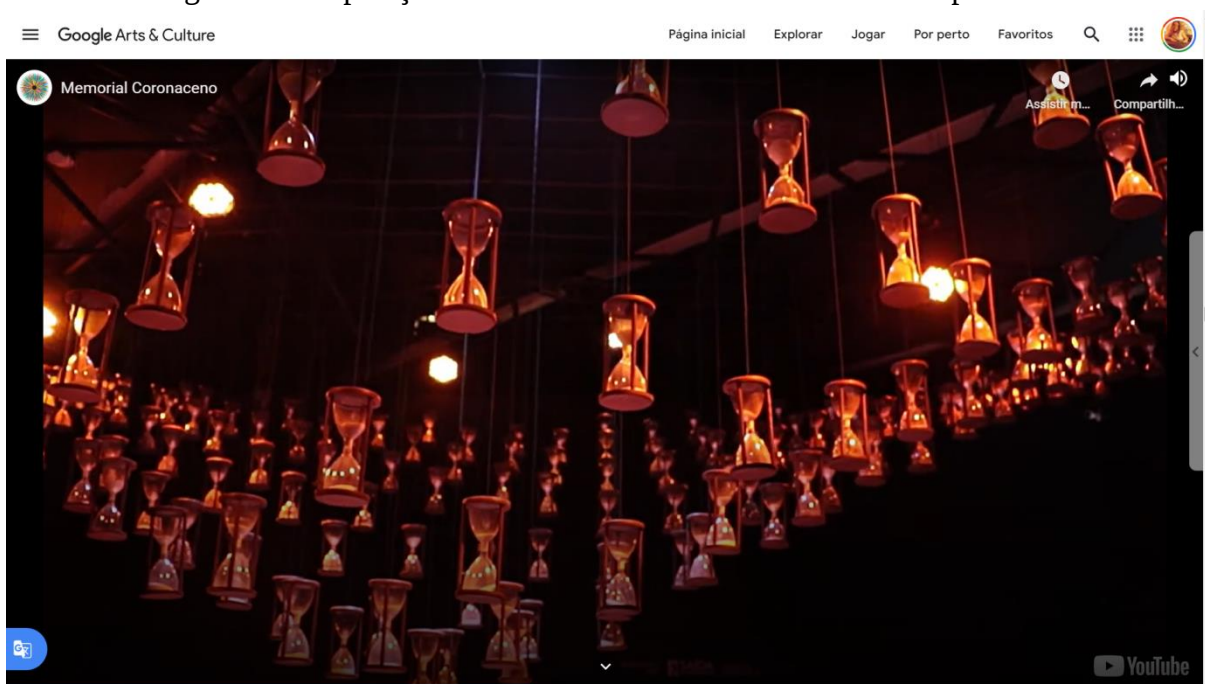
Figura 22 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: instalação



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

No centro da figura acima, na instalação que foi montada na exposição presencial *Coronaceno*, há uma grande metáfora relacionada com a passagem do tempo, com ampulhetas utilizadas de diferentes formas, em várias partes da obra, representando um convite para uma percepção acurada do tempo e de sua impermanência. Os detalhes a seguir, na outra página, nos remetem a proximidade desses elementos e nos trazem, mesmo que por imagens, um pouco do que possa ter sido para o público, ter contato direto com todos esses elementos; quando ao seguir a narrativa da exposição se deparava com a imagem logo acima e depois ao se aproximar, com as próximas imagens que seguem na página seguinte. A metáfora da ampulheta quebrada faz alusão a própria impermanência da vida humana e o quanto podemos ser vulneráveis as fatalidades tanto de saúde, quanto de origem climática.

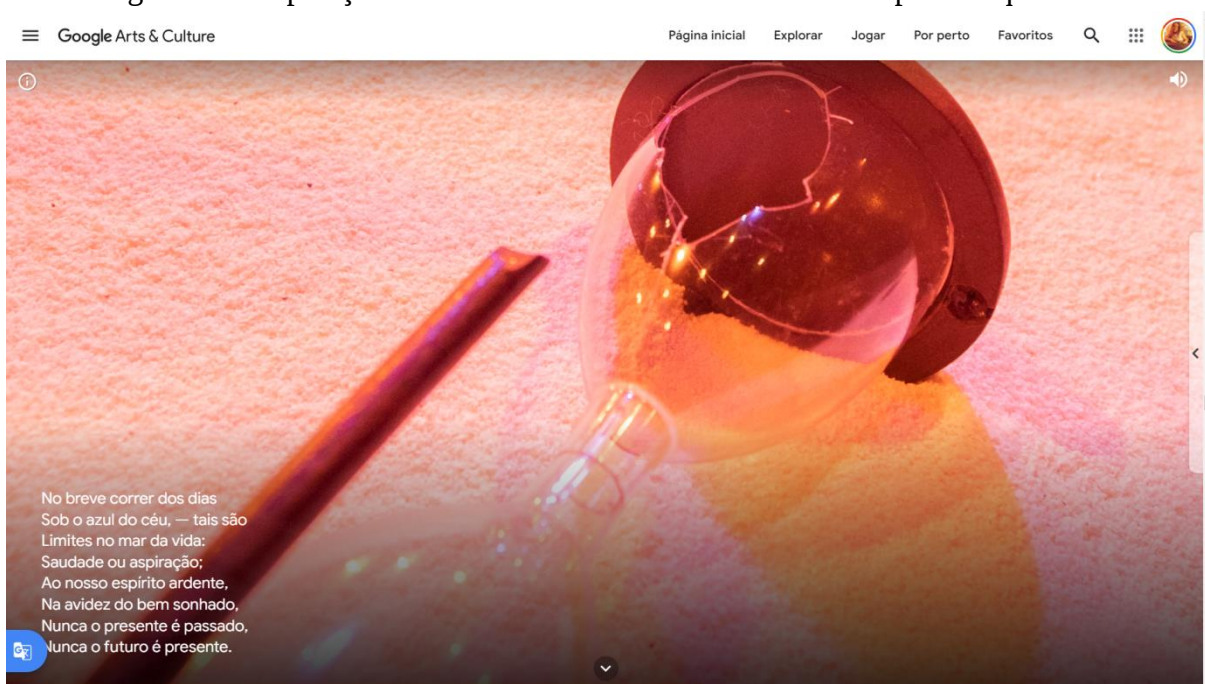
Figura 23 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: ampulhetas



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

As ampulhetas penduradas na instalação e também no detalhe que mostra que algumas dessas encontram-se quebradas, como que para mostrar o quanto a vida pode ser impermanente frente à iminência do vírus da COVID-19.

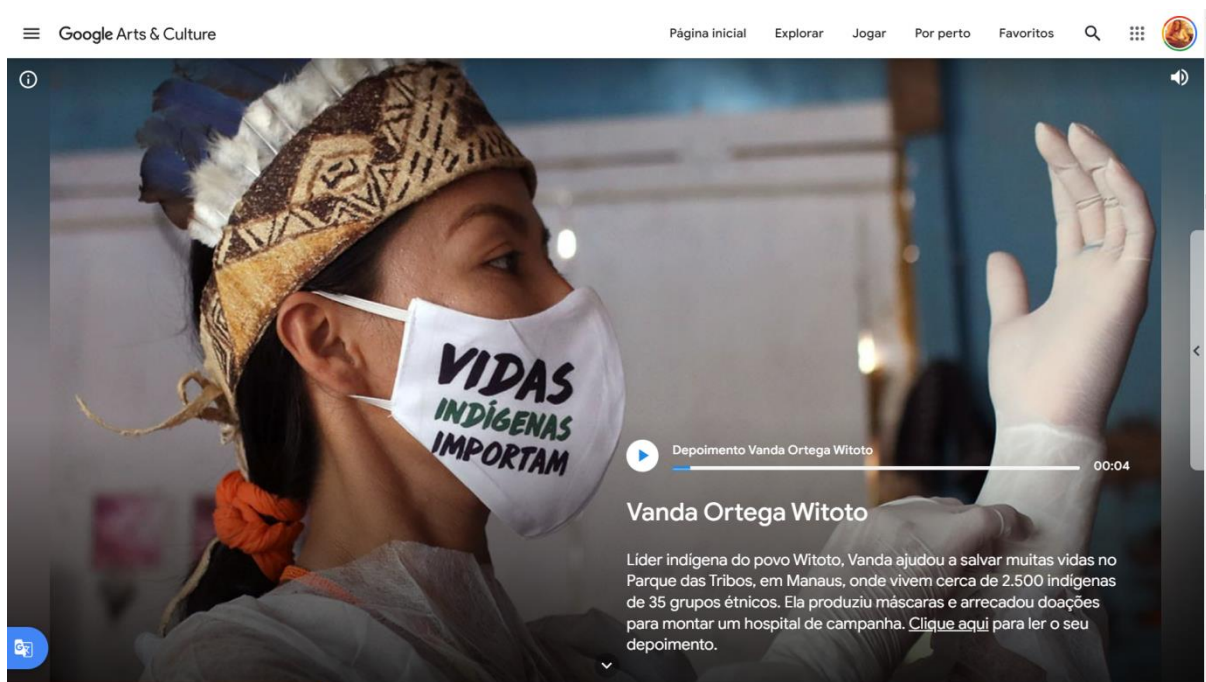
Figura 24 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: ampulheta quebrada



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

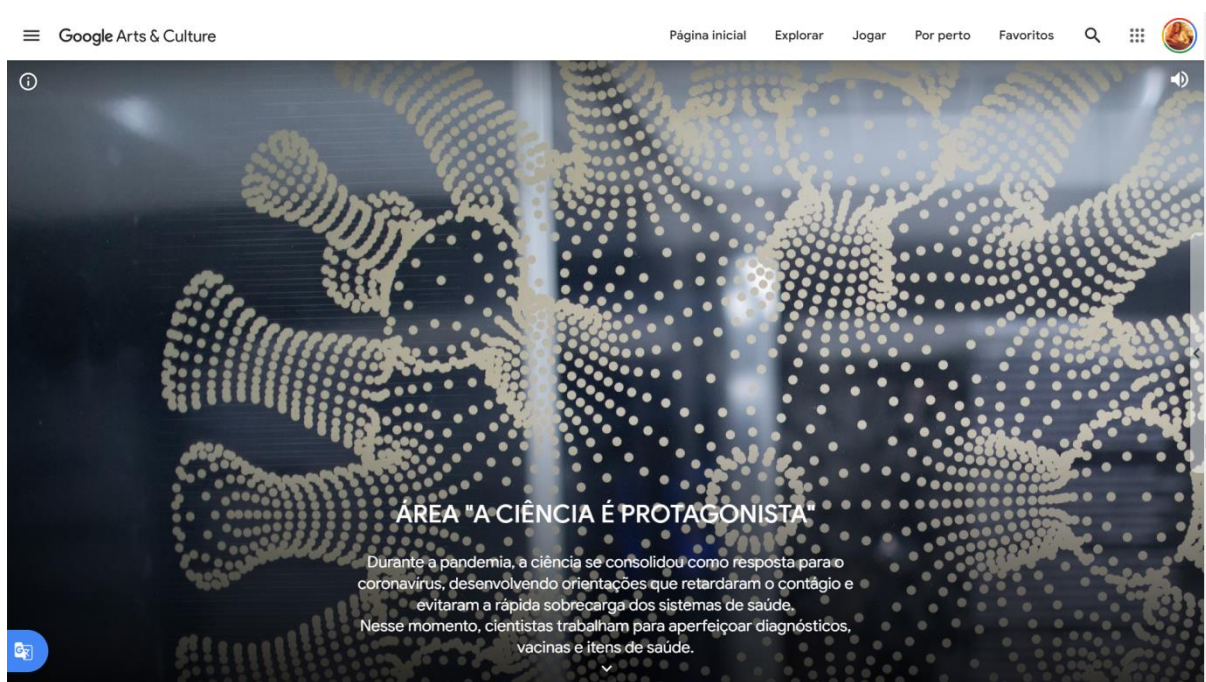
É também significativo que se atenhamos ao fato de que a exposição *Coronaceno*, foi a primeira exposição temporária aberta pelo *Museu do Amanhã*, quando enfim, pode abrir suas portas ao público; usando todas as restrições de segurança sanitária, para que a equipe de colaboradores como também o público pudessem estar protegidos em relação à possibilidade de contrair a COVID-19 ao longo da visita à exposição.

Figura 25 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: vidas indígenas importam



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

Figura 26 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: a ciência é protagonista



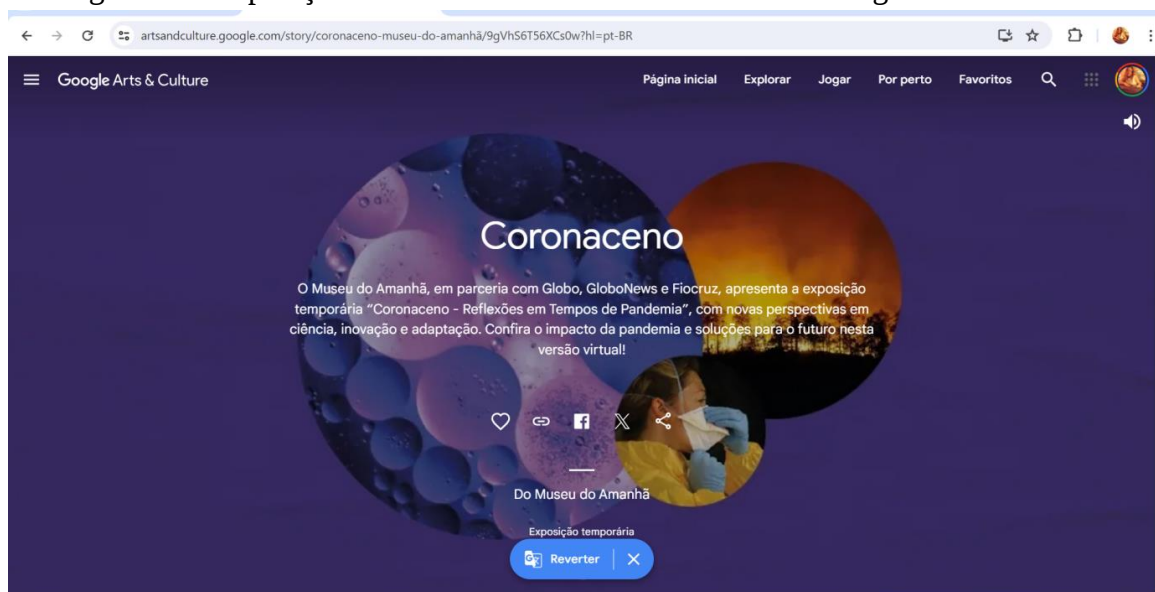
Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

Amarílis Lage nos conta aqui um pouco sobre a exposição temporária *Coronaceno* do *Museu do Amanhã*, que está disponível no *Google Arts & Culture*.

É, assim que eu cheguei no Museu a minha primeira missão foi promover a versão digital de uma exposição chamada *Coronaceno*. Ou seja, durante o ano, assim, logo após o início da pandemia, né, a equipe de conteúdo que atuava na época já teve assim essa imensa sagacidade e agilidade de dar início a produção de uma exposição que falasse sobre a COVID. E essa exposição que tá disponível na plataforma *Google Arts and Culture*.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Figura 27 - Exposição *Coronaceno* no Museu do Amanhã: *Google Arts & Culture*



Fonte: *Coronaceno* (2021) *Google Arts & Culture*.

E a minha primeira tarefa foi levar para o *Google Arts & Culture* essa exposição – a *Coronaceno* – e fazer uma adaptação dela. Para que aquelas pessoas que não pudessem visitar presencialmente no museu, nesse período de reabertura como você falou, pudessem de alguma maneira acessar esse conteúdo tendo assim uma... um maior alcance. Não só da dimensão artística como do reconhecimento da importância da pesquisa brasileira e de todos os outros trabalhadores de muitas outras áreas que contribuíram para que a coisa ficasse um pouco mais... é até difícil de descrever né? Contribuíram para amenizar uma situação que já era muito difícil para todos então.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Figura 28 - Exposição *Coronaceno* no Museu do Amanhã: site



Fonte: Museu do Amanhã (2021c).

Figura 29 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: CORONACEN



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

Mas a gente meio que deu uma parada assim, sabe, porque tanto que a nossa última exposição virtual lá foi o Coronaceno há 2 anos. Então a gente deu uma parada de fazer, mas o que acontece, nós fizemos as nossas exposições virtuais lá, fizemos Coronaceno. Aí depois teve Fruturos que foi da Amazônia, mas antes também teve Inovanças que foram duas exposições. As duas (Inovanças e Fruturos) o museu criou um *site* específico para elas e nesses *sites* tem um tour virtual. Então a pessoa pode fazer um tour virtual pelas exposições, ela pode ver ali, meio como se fosse um Google Street ali sabe, passando pela exposição toda. E ela consegue clicar e ler os textos de parede, ler o créditos. Ela lê tudo e vê tudo, vê os vídeos, tudo ela consegue ver. Então assim é um pouco uma exposição virtual, mas de forma diferente que a gente faz no *Google Arts & Culture*.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

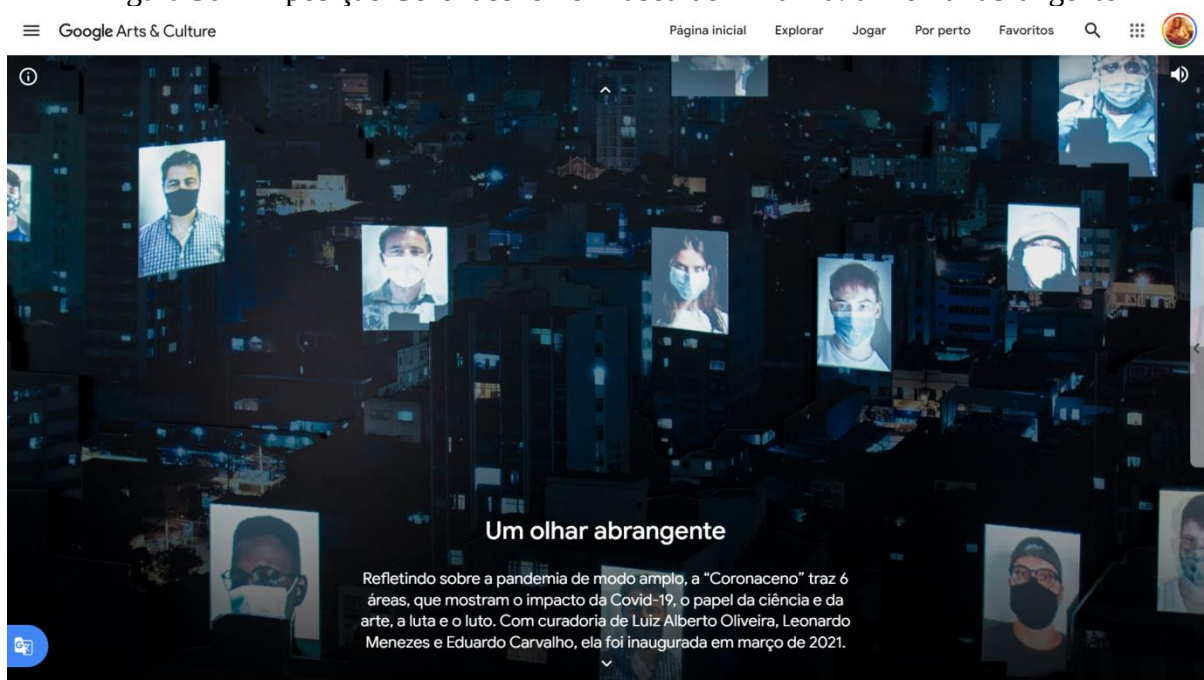
Também é importante destacar que a exposição Inovanças ela já foi uma exposição e que tinha uma versão digital, digamos assim, então você consegue navegar nessa exposição digitalmente. Embora ela seja antes da pandemia, porque desde antes o modelo já vinha sendo pensado muito nessa questão do digital e como que poderia utilizar a internet para levar o seu conteúdo para outros públicos, fosse por meio do *site*, das redes sociais, de toda digitalização das exposições.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

O meu primeiro contato com o Museu da Amanhã tem a ver com a produção de um catálogo de Exposição chamada Inovanças. E o objetivo dessa exposição era mostrar como que a inovação se dá por diversos caminhos, se dá por meio da errância, se dá por meio da gambiarra, resignificando esse termo como uma estratégia de apropriação dos recursos disponíveis para solução de problemas. Então o objetivo desse catálogo era a partir das soluções que eram apresentadas na exposição propor para o leitor uma série de atividades na qual ele pudesse experimentar esse sentimento de inventividade de solução. Então também o catálogo buscava trazer novas camadas assim, não só trazer aquilo que compunha a exposição como colocar pro leitor uma das mensagens da exposição - que todos nós temos capacidade de inventar, de solucionar problemas. E eram várias atividades que buscavam estimular esse tipo de relação e esse livro, fico muito feliz em dizer, que ele foi finalista do Jabuti no ano em que ele foi lançado.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Figura 30 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: um olhar abrangente



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

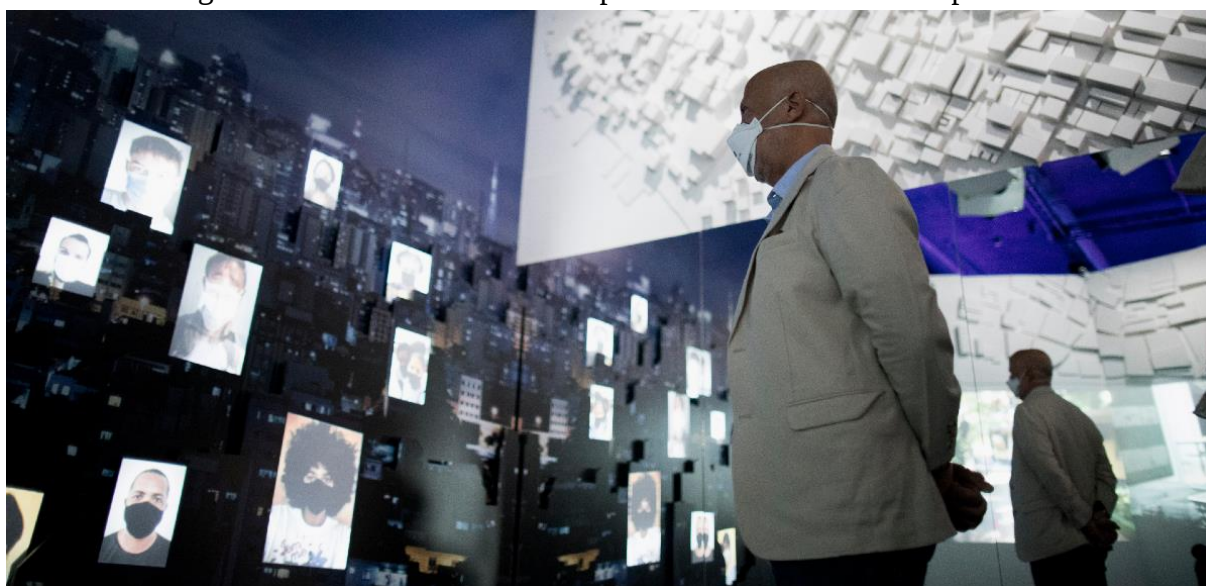
Além do desafio de migrar para um ambiente digital, no caso do *Museu do Amanhã* ilustrado pelas figuras relacionadas ao *Google Arts & Culture*, havia também o desafio de adaptar no presencial os diversos protocolos sanitários que precisavam ser observados. No caso do *Museu do Amanhã*, conforme explicado por Amarílis Lage, era preciso repensar as expografias que eram pensadas para contar com a interação do público. A Figura 31 mostra uma imagem da exposição na qual vemos visitantes de máscara e afastados dos objetos.

E uma outra coisa interessante sobre essa exposição é o seguinte: na nossa exposição de longa duração que tá completando oito anos em dezembro desse ano [2024], a gente tem muita interação por meio de tela. Não sei se você já teve a oportunidade de vir aqui no Museu, mas a gente tem uns conteúdos que a gente chama de interativos e que são umas bancadas em que você consegue acessar entrevistas, consegue acessar dados e tal. Então isso era algo já muito presente nas Exposições do museu. Até então você disponibiliza parte do conteúdo em telas sensíveis ao toque. Em Coronaceno, isso não era possível justamente que teve a questão de todos os cuidados com as superfícies. Como que você é higieniza? Se você vai sugerir que a pessoa toque ou não toque? Foi todo um trabalho também de reflexão nesse sentido, que estimulou a equipe a expor essas informações de outra maneira que não aquela que já era tão presente no trabalho do Museu por meio dos interativos.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Amarílis nos conta o quanto foi desafiador pensar tanto *Coronaceno* também como exposição presencial quanto também quais dinâmicas seriam utilizadas pelos colaboradores do *Museu do Amanhã* para a exposição permanente, que tem muitas telas de toque. Assim a higienização constante a cada toque das pessoas, como também vários avisos ao longo da exposição com instruções, deram suporte aos colaboradores e ao público (fotos 36, 37 e 38).

Fotografia 36 - Museu do Amanhã: público em Coronaceno na pandemia



Fonte: Leporace (2020)

Se voltarmos nosso pensamento para uma reflexão de que num tempo não muito longínquo, anos de 2020, 2021, principalmente, mas também em 2022 e 2023 – as pessoas usavam máscaras quando visitavam espaços públicos. E no caso dos espaços que fazem parte da nossa pesquisa, quando reabriram as portas, o uso adequado da máscara era um requisito imprescindível de acesso a esses espaços, tanto para o público quanto para os colaboradores.

Figura 31 - Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã: exposição presencial



Fonte: Coronaceno (2021) Google Arts & Culture.

Fotografia 37 - Museu do Amanhã: exposição de longa duração durante a COVID-19



Fonte: Google.

Na exposição de longa duração sim, boa parte do nosso conteúdo está disponível. E aí foram colocados avisos em muitos lugares relacionados ao uso do álcool gel principalmente. Foi algo que foi incorporado muito pelas equipes de atendimento educativo: o uso do álcool gel. Para segurança tanto da equipe quanto dos visitantes.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Fotografia 38 - Museu do Amanhã: cuidados sanitários na exposição de longa duração



Fonte: Museu do Amanhã (2020a).

Fotografia 39 - Museu do Amanhã: medidas de segurança sanitária na entrada



Fonte: Mendes (2020) Agência O DIA.

A cena acima divulgada na imprensa demonstra a realidade que o *Museu do Amanhã* vivenciou quando da abertura de suas portas ao público visitante. Na fotografia acima há um detalhe bastante claro na foto – o uso do medidor de temperatura, que, corretamente, deveria ser apontado na testa a fim de verificar se o visitante não estaria com alguma alteração de temperatura corporal que indicasse febre. Para visitar o *Museu do Amanhã*, em tempos pandêmicos, os visitantes precisavam estar usando máscaras de forma adequada, respeitar o distanciamento proposto pela marcação no chão, estar de posse de seus comprovantes de vacinação de acordo com sua faixa etária, não estar doentes e, principalmente, comprar seus ingressos no *site* do Sympla, escolhendo um dos horários disponíveis à visitação.

Já no momento da compra de ingressos, já era estabelecido pelo *Museu do Amanhã*, um número restrito de visitantes por hora, muito menor em número, em relação aos visitantes que antes lotavam os andares do *Museu do Amanhã*. As restrições em número de visitantes por hora, juntamente com os cuidados sanitários, eram uma forma de preservar a saúde tanto dos visitantes quanto dos próprios colaboradores que trabalhavam no *Museu do Amanhã*; aliadas aos cuidados sanitários de limpeza eram como uma forma de blindar o perigo de contaminação da COVID-19. É referenciado pelo próprio *Museu do Amanhã* e pelos nossos entrevistados, que todas as recomendações sanitárias que eles seguiram, foram desenvolvidas em parceria com o aconselhamento da equipe da FIOCRUZ. Assim, mesmo que a reabertura possa, à primeira vista, ter parecido algo normal, ela foi bastante complexa para todos os

envolvidos, representando um enorme desafio para todas as equipes de colaboradores envolvidas do *Museu do Amanhã*.

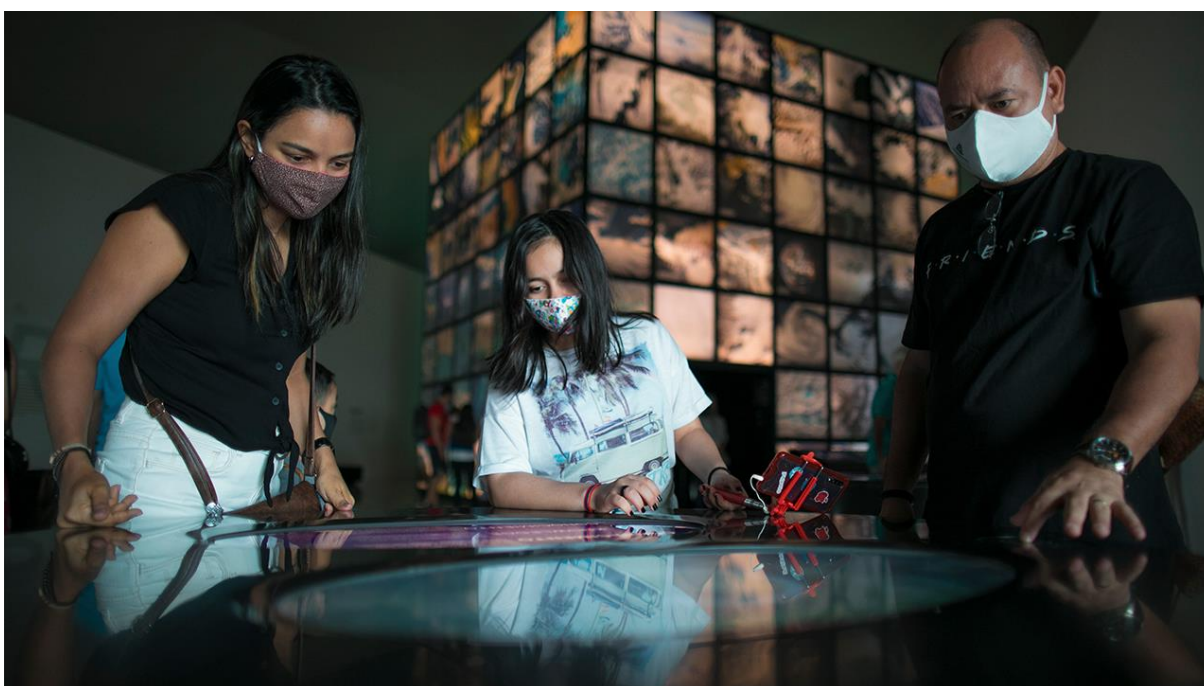
Fotografia 40 - Museu do Amanhã: cuidados sanitários em tempos de COVID-19



Fonte: Mendes (2020) Agência O DIA.

Público acompanha a exposição permanente do museu usando máscaras de proteção.

Fotografia 41 - Museu do Amanhã: público visita a exposição permanente usando máscaras



Fonte: Google.

Fotografia 42 - Museu do Amanhã: trabalhadores da limpeza em tempos de COVID-19



Fonte: IDG (2020).

O destaque dessas duas cenas é todo o aparato de equipamento de proteção que os colaboradores da limpeza do *Museu do Amanhã* passam a utilizar quando da reabertura, em tempos de COVID-19. As limpezas desses locais que as pessoas tocam constantemente ao longo da visita são mostradas nas fotografias, com ênfase para todo o arsenal de limpeza.

Fotografia 43 - Museu do Amanhã: limpeza das portas em tempos de COVID-19



Fonte: Leporace (2020) Museu do Amanhã.

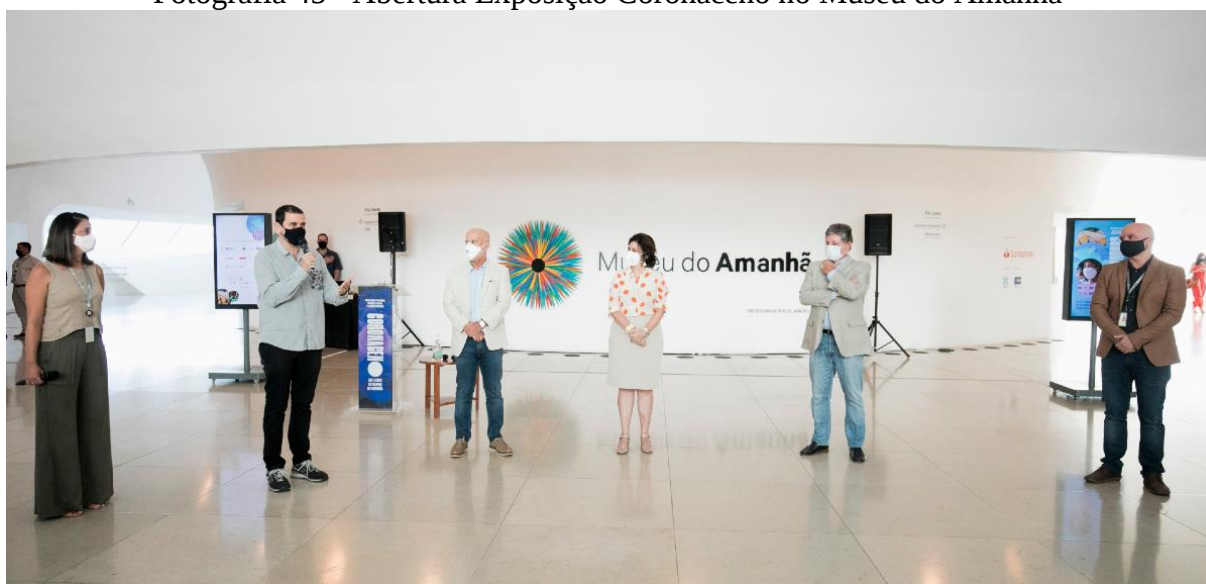
Fotografia 44 - Museu do Amanhã: limpeza das telas touch em tempos de COVID-19



Fonte: Leporace (2020) Museu do Amanhã.

Os cuidados tanto sanitários quanto de como e quando realizar a limpeza dos locais que sofriam grande circulação de pessoas se uniram à prerrogativa do uso da máscara tanto pelos trabalhadores responsáveis pela limpeza, quando pelos mediadores e monitores das exposições, como também toda a equipe gestora do *Museu do Amanhã*.

Fotografia 45 - Abertura Exposição Coronaceno no Museu do Amanhã



Fonte: IDG (2021).

A *Fundação Iberê Camargo* também passou por estes desafios de protocolos sanitários envolvendo uso de máscaras protetivas, álcool gel e restrições no número de visitantes, como foi explicado de forma detalhada por Ilana Machado, quando questionada como havia sido seu início de trabalho naquele período que havia uma reabertura gradual de espaços culturais.

Quando eu cheguei na Fundação ainda existia um momento de fechamento de atividades. E eu passei, cheguei aqui e a equipe ela estava muito mais enxuta. Porque a gente tava abrindo novamente para o público há pouquíssimo tempo, então até o carnaval, se não me engano, foi em março em 2021, a gente tava nesse momento de abrir com um público de 25 pessoas por andar. A gente fazia o controle de uso de máscara, de apresentação de carteira de vacinação, a gente não permitia que pessoas de grupos diferentes permanecessem juntas... então toda vez que alguém subia no elevador, subia sozinho sempre de máscara ou com seu pequeno grupo. A gente limitou o número de pessoas também não só nos andares, mas no elevador a gente tinha formação de fila. A gente tinha agendamento também para que as pessoas pudessem fazer a visitação nas Exposições. Nesse momento a equipe de mediadores ainda estava enxuta, mas a gente fazia não só esses atendimentos para o público que vinha nos visitar na Fundação Iberê como a gente mantinha ainda atividades que aconteciam no universo online. Porque durante todo o ano de 2020 as ações elas ficaram muito potentes no universo online em virtude do fechamento da casa mesmo por não poder existir uma visitação por risco de vida por causa da pandemia. Então a gente ainda tava nessa transição, nesse retorno a uma abertura de casa trabalhando nas duas coisas o remoto e o presencial.

Ilana Machado - *Fundação Iberê Camargo*

Esses relatos nos deram um pouco da percepção de o quão estes profissionais da cultura foram corajosos e se desafiaram neste processo. Aceitaram esse desafio e ao mesmo tempo se transformaram nesse processo. Algo que ainda vai se ressignificando e vai se reinventando nas vidas dos colaboradores, das equipes e dos visitantes. E isso leva a uma outra discussão sobre como foram percebidas essas experiências, vivenciadas as relações de equipe, considerando a preparação a esta retomada híbrida, onde os profissionais de ambos os museus ficaram trabalhando em formato *home office* por muito tempo e, algumas equipes, foram retornando ao presencial, pouco a pouco, outras de forma mais estruturada e demorada.

Nesse retorno ao presencial é destaque muitas das diferentes violências que os colaboradores de ambos espaços vieram a sofrer quando ao retorno para o presencial. No *Museu do Amanhã* houve relatos de dificuldades com visitantes que queriam tirar as máscaras no meio da exposição *Coronaceno* e gravar vídeos, se negando a respeitar as regras vigentes. Já na *Fundação Iberê Camargo*, houve problemas na entrada, quando as pessoas precisavam respeitar os critérios de apresentar suas carteiras de vacinação em dia, utilizar máscaras adequadamente e deixar que fosse medida sua temperatura corporal. É destaque o fato de que ambos espaços – *Museu do Amanhã* e *Fundação Iberê Camargo* – retornaram ao presencial com as mesmas regras de visitação e restrição de visitantes por andar.

Mas o desafio foi esse, foi lidar com esse tipo de pessoas e daí a gente atendia lá fora. É, a gente não atendia como abre a porta hoje. A gente atendia lá fora já conversando, tendo a delicadeza. Eu como tinha experiência com o público... E quando a pessoa era super educada era tranquilo. Mas também tinha pessoa totalmente mal educada e daí lá a gente filtrava. As pessoas de idade eram mais cuidadosas, diziam eu tomei a vacina e já chegavam com a carteirinha já aberta, já faziam a volta ali no café com a carteirinha aberta. Porque isso foi colocado pela comunicação, que já começou a colocar para entrar na Fundação exigia-se carteirinha e máscara - dois critérios. Então isso já fala que quem viesse aqui sem máscara ou sem carteirinha, estaria fora do critério. O desafio foi lidar com esse tipo de pessoa que não aceitava o fato de ter uma restrição para entrar dentro da Fundação. E se entender com pessoas bem grossas. Como é que se diz? Lidar com o negacionismo da doença foi um desafio. Sim tinha tudo isso. Mas eu te digo que a maioria, pelo fato de querer visitar, pelo fato de querer sair, as pessoas começaram a aceitar a máscara. Tipo se para eu sair e ter minha liberdade de volta eu preciso usar máscara, tomar vacina, vou fazer. Mas sempre tinha um negacionista que queria brigar, mas era um pouco das situações que eu passei ali na porta. E daí eu fico todo tempo. Acho que eu fico uns dois anos na porta, sim porque nessa época a pessoa que ficava na porta era uma pessoa fixa dentro daquela situação. Acho que uns dois anos, um ano e meio, daí depois começou a segunda dose da vacina, também acho que já tava na porta. Então esse trabalho é desafiador. Eu acho, mas foi muito importante, da psicologia da sensibilidade, do jogo de cintura, de ter um homem de 1,90 m de querer me bater, de querer dizer - não a senhora acharia direito, a senhora tá tirando o meu direito ao ver se eu não tomei vacina - Se o senhor não tem máscara não vai entrar... Nisso eu tive que bancar o Darth Vader.

Laura Palma – *Fundação Iberê Camargo*

Fotografia 46 - Fundação Iberê Camargo: Exposição Magliani e as passarelas entre andares



Fonte: registrado pela autora.

Na época de retorno ao presencial, em que havia os critérios vigentes para a visitação pública na *Fundação Iberê Camargo*, foram retradadas pela autora as fotos 46 e 47.

Fotografia 47 - Fundação Iberê Camargo: uso de máscaras em tempos de COVID-19



Fonte: registrado pela autora.

Ver se o controle também era respeitado. Eu acho que foi um trabalho sim muito significativo, em termos de cultura. De tu querer que esse público volte a circular, volte a frequentar uma instituição como essa. E tome esses critérios. Mesmo que alguns rejeitassem, mas a porcentagem foi muito pouca, a maioria das pessoas estavam com medo e tal, tomando consciência que era uma doença que matava. E matou realmente muitas pessoas, muitas pessoas e muitos familiares.

Laura Palma – *Fundação Iberê Camargo*

É porque então na pandemia após aquele ano ali sufocante de 2020, transcorreu basicamente normal, se a gente for contar, porque depois 2021 ali a gente fechou dois meses – março e abril - retornou em maio.

Luciane Zwetsch – *Fundação Iberê Camargo*

Porque aí antes da pandemia a gente tinha uma caixa de contribuição espontânea, a gente não cobrava entrada. E aí hoje, depois que a gente voltou em 2020, a gente tem a bilheteria. Mas a gente tem a gratuidade na quinta e cobra o final de semana: sexta, sábado e domingo. Aí a gente mantém esse valor até hoje: 20 reais. Antes a gente tinha um pacote: 40 reais - dois ingressos e um catálogo da exposição que está acontecendo; mas daí a gente viu que também não tinha saída ou até um estacionamento. Mas daí não agregava, então não adiantava muito. Então hoje a gente faz 20 reais. Só o que acontece então. Hoje a gente não faz cobrança no dia da abertura de exposição e o mês tipo fevereiro que foi gratuidade todo mês que é campanha de férias que a gente sabe que o público diminui. Mas a gente passou a ter bilheteria pós pandemia também, antes a gente não tinha.

Luciane Zwetsch – *Fundação Iberê Camargo*

É destaque a questão da cobrança de bilheteria, ela surge, na *Fundação Iberê Camargo*, no período de retorno, em 2020, com os ingressos sendo vendidos no Sympla, com restrições de pessoas por hora e por andar, com todos os descontos normais (estudantes, pessoas da terceira idade, etc). Contudo, essa cobrança de ingressos, que antes da pandemia não existia – depois das restrições por hora e andar do período crítico pandêmico exigirem essa cobrança – passa a ser mais flexível, ganhando gratuidade de ingressos não só nas quintas-feiras, como em dias de abertura de exposições e eventos específicos; para no segundo semestre de 2024, a gratuidade de ingressos se estender por todos os dias e por vários meses consecutivos até dezembro de 2024.

Contudo, embora possa parecer que a cobrança de ingressos não seja significativa para a subsistência econômico-financeira da *Fundação Iberê Camargo*, essa é uma mera ilusão, pois logo que eclodiu a pandemia, em 2020, vários recursos tornaram-se escassos e o rendimento com a bilheteria tornou-se bastante necessário, porém, também precário, pois as pessoas estavam recém se encorajando a sair de casa. Tanto que as dificuldades econômico-financeiras vivenciadas pela instituição naquele período, a levaram a se reinventar e desenvolver uma estratégia de arrecadação financeira, para garantir os gastos que viriam no próximo ano, ou seja, realizar um **leilão virtual** de obras de arte que tinham sido doadas para esse fim, a fim de apoiar a *Fundação Iberê Camargo* e sua futura subsistência no auge dos anos pandêmicos.

José Kalil e Luciane Zwetsch nos contam um pouco de como foi esse **leilão virtual**.

E uma coisa muito legal que a gente fez na época da pandemia foi uma Live que a gente fez, um leilão beneficente da Fundação. E foi tudo gravado ao vivo pelo *Instagram*, inclusive os lances. Era uma pessoa cuidando para acontecer ao vivo e da trabalho, todo o pessoal fazendo o lance. Daí a gente fica todo um plantão aqui na Fundação, porque ele foi de noite. Eu lembro que foi até umas 11 horas da noite e a gente aqui começou a 7 horas o leilão.

José Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Mas adquiria no *Instagram*, dava um pouco mais de emoção para o ato das pessoas enxergarem, que seria mais atrativo do que simplesmente entrar no *site* e dar um lance e ficar esperando. Sabe porque ali a gente mostrava, apresentava, falava sobre o artista e foi interessante e bem diferente. Eu acho que foi uma das lives de mais sucesso.

José Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

E aí começa um movimento para arrecadar dinheiro, sabe porque a gente só sobrevive é pagando. Mas a gente teve que romper alguns contratos. Mas a gente manteve a produção, a gente manteve o número, acho que duas ou três pessoas saíram assim de realmente sair. O resto, a gente conseguiu manter nesse tempo e aí a gente começa em junho ali um movimento para um leilão virtual, que aconteceu se não me engano 11, 12 de setembro de....

Luciane Zwetsch – *Fundação Iberê Camargo*

E aí dois finais de semana que a gente entregou ou que a pessoa no leilão comprava já com frete para entrega Mas foi bem legal assim dessas 120 obras, eu acho que sobraram umas dez só de obras que não foram leiloadas. Mas foi bem bacana. E aí a gente faz esse leilão, arrecadamos um bom valor para continuar sobrevivendo. E aí em setembro a gente faz esse leilão, mas em 19 de setembro a gente consegue abrir, consegue a permissão. Mas aí era uma abertura assim para controlar essas pessoas. Como é que a gente faz? Antes a gente era totalmente com gratuidade. Então a partir de setembro de 2020 a gente vem com uma parceria com o Sympla que é a bilheteira, para poder controlar esse número de pessoas. Então álcool gel, máscara, aí vem essa bilheteira e aí era questão de lei e toda hora mudava, que tinha que ter o distanciamento, então eram 10 pessoas por horário ou 20 pessoas. Então toda uma estrutura, um prédio para atender 10 pessoas só. Aí depois foi abrindo, mais só que daí 2021 a gente teve que fechar de novo por causa dos casos de covid-19.

Luciane Zwetsch – *Fundação Iberê Camargo*

Fotografia 48 - Fundação Iberê Camargo: Exposição Magliani



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Da primeira abertura de portas, tanto para a *Fundação Iberê Camargo* quanto para o *Museu do Amanhã*, houve um longo processo de idas e vindas, que exigiu, que novamente, fossem obrigados a fechar suas portas quando da alta do número de casos de COVID-19, respectivamente, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, capitais sedes dos dois espaços. A capacidade de resiliência das equipes de colaboradores bem como do público, de não

abandonar a visitação desses espaços, trouxe tantas reverberações, que muitas delas surgem intensas em vários trechos das falas dos colaboradores de ambos locais.

Figura 32 - Museu do Amanhã: Amanhã de Histórias adiado por causa da COVID-19



Fonte: Museu do Amanhã (2022c).

Percebe-se na figura 32, logo adiante a palavra – Atenção – o cancelamento da atividade em função da alta de casos de COVID-19 na cidade do Rio de Janeiro.

Ao refletir de que na pandemia houve o fato de que muitas pessoas encontraram no digital seu novo espaço de trabalho, o digital foi também para muitos um refúgio para sua solidão de presença física. Ainda que o Brasil tenha grandes desigualdades sociais que implica em uma não equidade digital, pesquisas mostraram que houve aumento no uso de telas de computadores, notebooks e smartphones – transcendendo, em muitos casos, a programação da televisão, para migrarem para o *streaming* em seus dispositivos digitais. Entretanto, houveram também aqueles que não tinham internet em seus lares e tampouco podiam participar das programações digitais que iam se formando rapidamente em todas as possibilidades de acesso digital como redes sociais, transmissões on line, *Lives*, e ambientes digitais desenvolvidos e aprimorados para experiências de videoconferência (*Google Meet*, *Zoom*, *Microsoft Teams*). Pesquisas realizadas pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) (NIC.BR, 2020a; 2020b; 2020c), no ano de 2020, explicitaram como as disparidades no acesso e no uso da rede tornaram-se mais evidentes.

Houve aqueles que estiveram excluídos do digital, sem dúvida, mas também houveram outras possibilidades que foram se aglutinando na tentativa de modificar essa realidade, como o período em que as redes sociais – *WhatsApp, Instagram, Facebook e YouTube* – passam a não ter seus dados de internet cobrados, quando navegadas; assim como houve um período em que as operadoras de telefonia liberam seus sinais para que as pessoas no período pandêmico pudessem usar a internet de forma livre.

Ao vislumbrar esses relatos tão contundentes, que pontuam o período em que todos os equipamentos culturais foram fechando suas portas abruptamente; é possível se perceber que o quanto esse período de incertezas influenciou a vida desses colaboradores. Em muitos desses momentos eles compartilhavam com seus colegas de trabalho, on line, suas angústias e anseios, como também o quanto se sentiam ora fortalecidos ora inseguros nesses tempos pandêmicos. Como driblar a solidão e trabalhar completamente on line quando deflagrado por uma pandemia tão inesperada e feroz?

Para mim, particularmente falando, acho que foi todo um movimento de estrutura de trabalho. Então você passa a trabalhar em casa, eu morava sozinho na época e foi muito difícil assim passar a noite toda de trabalho. Porque, assim, o Museu ele não parou em nenhum momento. Acho que é importante dizer que ele parou no sentido das programações: o museu de portas fechadas. Mas tudo se transformou para o digital. Então a demanda da comunicação acabou sendo, vamos dizer assim, a área mais importante daquele momento do museu. Porque a gente precisava comunicar com o público e fazer com que os projetos que já estavam elencados para aquele ano acontecessem de outras formas. E aí eu acho que o maior desafio para mim foi conseguir acomodar as emoções que estava vivenciando por estar morando sozinho, não tem ninguém e enfim eram 24 horas numa tela praticamente.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Para lidar com muitos dos aspectos deflagrados pela pandemia de COVID-19, algumas equipes de colaboradores se perceberam mais fortalecidas e unidas, de forma que seus vínculos ficaram mais fortes, aumentando a sensação de pertencimento; o que no período da pandemia possa ter surgido como uma maneira de lidar com a solidão e as necessidades de isolamento e distanciamento social.

E daí para a equipe eu acho que o maior desafio foi lidar com muita informação de comunicação, as informações, a gente estava lidando com as informações do museu e as informações sobre a pandemia. E absorver aquilo tudo... então a gente fez uma rede de apoio mesmo, acho que tem uma conexão muito grande. Hoje as pessoas que trabalharam comigo durante a pandemia, elas já estão em outros lugares, saíram do museu, tiveram alguns movimentos, mas a gente tem um apreço muito forte um pelo outro, a gente tem uma relação que ficou porque a gente foi... fez essa rede de apoio mesmo... porque eu morava sozinho e a minha gerente também morava só... as pessoas que estavam nas coordenações também moravam sozinhas... então acabou assim que a gente se uniu pelo trabalho e enfim criou mais grupos.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

É essa intensidade que parece estar por trás de muitos aspectos relacionados aos períodos pandêmicos e que também possa ser aquele traço que dá maior nitidez como também impacto àqueles que se queixam de índices de estresse pós-traumático, pesadelos, dificuldades de retornar ao presencial sem sensações de insegurança; enfim, o encontro de uma nova forma de lidar com o estresse e a ansiedade deflagrados pela pandemia de COVID-19 e sua abrupta necessidade de distanciamento e isolamento social.

É eu acho que, sem dúvida, acho que a base de tudo é o que é viver uma pandemia. Além disso, como é que a gente trabalha com público no meio desse contexto!? O que era isso!? Acho que a maior angústia que a gente tinha era antes do trabalho... era se a gente ia estar vivo - numero 1; era se a gente ia tá bem... então se essas pessoas também estariam e como a gente poderia contribuir para a saúde mental das pessoas... Porque o museu ele tem uma função social. Então como nosso trabalho também poderia ser ampliado nesse lugar de bem estar... então a informação o conhecimento de... sabe assim a gente ficava angustiado em diferentes frentes desde a vida porque é essencial é o que é o desdobramento do essencial o que é o bem estar. Então a gente tinha essa questão, depois a gente também foi entendendo os processos de adaptação de linguagem. Porque até então a gente tinha majoritariamente as atividades educativas de forma presencial, pontualmente era uma questão digital ou outra mas ainda muito vinculada a práticas experimentais junto ao laboratório. Por exemplo, mas basicamente o educativo era presencial, então assim a adaptação de linguagem e a criação de nova linguagem, e a preparação nossa para lidar com mediação de público virtualmente... a gente foi aprendendo na prática como é que a gente fazia... aí assim nesse processo que também muito me facilitou e nessa época também era uma conversa que eu tinha muito com a Érica que era essa Educadora na época, que depois virou supervisora. Mas a Érica eu conversava muito com ela porque eu também era professora, só que eu era professora só que de um curso de graduação e eu também tive que aprender práticas de ir a sala de aula dentro do virtual.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Há inclusive o relato a seguir, contundente na maneira como traduz os desafios enfrentados por um dos colaboradores entrevistados em retornar ao presencial. Assim como identificado em outras áreas laborais, este profissional da cultura indicou ter sentido necessidade de buscar apoio psicológico para lidar com as dificuldades vigentes que encontrou ao retornar ao presencial.

Eu acho que é importante até ressaltar aqui que no pós pandemia e até naquele movimento de flexibilização, eu acostumei muito com o digital, assim com as coisas em tela. Eu tive e até fazia já acompanhamento com a psicóloga e aí ao longo do pós pandemia... e fiz o movimento de sair do casulo porque eu não tava conseguindo vivenciar tipo presencial as coisas físicas. Eu tava com certa dificuldade assim acho que eu posso falar, ser bem honesto, que os impactos da pandemia para mim assim ficou reverberando até setembro de 2022 e um pouquinho mais assim... Então foi bem complexo fazer esse movimento... vamos sair, vamos ver gente, até outros ciclos de convívio foi interessante perceber isso também.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Os impactos da COVID-19 e de todo o período pandêmico que abarcou foram muito intensos e ainda reverberam tanto a nível mundial, quanto social e, mesmo subjetivo, as falas

tão vívidas dos colaboradores entrevistados nos trazem um pouco dessa nuance, mas também afirmam muitos fatores que na época fizeram diferença em suas vidas, inclusive, trazendo maior alento e segurança para lidar com os desafios pandêmicos.

Complexo, pra gente foi muito complexo, mas ao mesmo tempo era muito bom porque a gente tinha atualizações muito frescas. Era isso, a gente tava em contato com a Margarete Dalcomo, a gente tava em contato com a Natália Pasternaque, que também tava nesse processo específico da pandemia, a gente tava em contato com a Jaqueline Góes, a gente estava em contato com pessoas que tavam ali com muito afinco para conseguir fazer uma divulgação científica sobre a temática... ao mesmo tempo fazer com que as pessoas tivessem acesso aquilo de uma maneira didática. Então foi muito bom para a gente também porque até como cidadã né tive privilégio de ter acesso direto a essas pessoas que foram muito parceiras. Então foi complexo, mas a gente teve parceria sabe, a FIOCRUZ assim você nem tem a dimensão do que foi, eles foram muito parceiros, o tempo todo toda a equipe da FIOCRUZ tava sempre muito disposta e a gente - o museu - virou um posto de vacinação durante um tempo. Então assim tive muito contato assim com os órgãos de saúde e de prevenção, essa parte foi por um lado a melhor parte porque a gente teve muito acesso assim a conteúdos muito validados então isso foi...

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Fotografia 49 - Marion Timóteo foi a primeira criança a ser vacinada no Museu do Amanhã



Fonte: Santos (2022) Prefeitura do Rio.

Houve momentos marcantes em que o *Museu do Amanhã* se tornou ponto de vacinação em relação à COVID-19, sendo presentes nesses dois registros da imprensa, na foto acima em que Marion Timóteo é a primeira criança a ser vacinada e a de uma adulta a seguir.

Fotografia 50 - Vacinação no Museu do Amanhã



Fonte: Paula (2021) Prefeitura do Rio.

A imprensa destacou o fato do *Museu do Amanhã* também ser local de vacinação.

Fotografia 51 - Museu do Amanhã se torna um dos locais de vacinação contra a COVID-19



Fonte: Paula (2021) Prefeitura do Rio.

Nos relatos obtidos nesta pesquisa, evidencia-se que todas as equipes de colaboradores, tanto da *Fundação Iberê Camargo* quanto do *Museu do Amanhã*, puderam inicialmente trabalhar de suas casas e passaram a executar suas tarefas por meio digital, usando seus próprios recursos – celulares smartphones, internet, notebook e computadores. Nesse aspecto de retornarem a seus lares e executarem suas tarefas laborais de dentro de suas casas, preservados do convívio social e do trânsito até o trabalho; conseguiram proteger mais as equipes do contágio da COVID-19, mas também colocaram seus colaboradores, diretamente, face à face, com outros desafios derivados da mudança não planejada de suas rotinas e da transformação de seus lares também em escritórios de trabalho.

Houve aqueles que usufruíram dessa oportunidade e acreditam terem se beneficiado, tendo oportunidade de gerenciar seus horários com as tarefas domésticas. No entanto, mesmo sem perder tempo no deslocamento de suas casas até o museu, eles ainda tinham que reservar tempo e dedicar uma nova dinâmica de organização para dar conta também de suas tarefas domésticas, muitas delas relacionadas à preparação de seu alimento e a limpeza de sua casa.

A gente ficou muito dependente do celular, do computador, para gente conseguir trabalhar, estudar, desenvolver nossas relações familiares afetivas. Então o uso da tela foi muito intenso, a gente estava falando de relação de intensidade e também trouxe para muitas pessoas um sentimento de saturação.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Contudo, dos colaboradores entrevistados, como nos relatos abaixo do Felipe Floriano, uma das maiores queixas se relaciona ao inevitável estresse de telas, que aliado as multitarefas, pode ter exacerbado em muitos colaboradores, altos índices de estresse, ansiedade, podendo, inclusive beirar ao *Burnout*, citado, inclusive por um dos colaboradores do *Museu do Amanhã*.

Olha eu vou te falar uma coisa, 2021 foi meio que a gente ainda se manteve online, basicamente, vamos colocar tipo 80% do ano foi online, sabe 80% do ano foi online porque a gente viu que, tipo assim, beleza vai ficar indo para o museu, mas a gente pode fazer o que a gente tá fazendo lá, a gente pode fazer aqui, a gente já tinha se acostumado com o online, já tava acostumado. Não foi mais esse processo de se acostumar, a gente já tava acostumado. Então a gente ficava online mesmo, é então assim as dificuldades eram as mesmas. É pessoalmente falando, eu tinha muita dificuldade de foco, de focar nas minhas atividades. Olha eu tenho que fazer tal coisa, não conseguia focar, aí o que eu fazia, ia para o museu e aí lá eu tava lá imerso no museu, beleza eu consigo trabalhar. Então era basicamente isso. 2022 o museu quis ter uma virada de chave. Olha, vamos voltar ao presencial e vamos voltar as nossas atividades normais. Só que eu acho que o museu não soube fazer essa transição. Então ficou algo muito massivo e acelerado. Então assim eu tive muita dificuldade, minha equipe, principalmente, assim as pessoas que trabalham comigo, também eu vejo muitas dificuldades. Assim isso foi ansiedade, é *Burnout* sabe, porque, eu acho que o museu quis dar essa virada de chave muito rápido e sem o planejamento certo para fazer. Então assim no ano passado foi bem complicado, vou te ser bem sincero, foi bem complicado nesse quesito.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Outros relatos relevantes referem-se ao quanto foram intensas as relações estabelecidas entre colegas de trabalho nos anos da pandemia. Cleyton Santanna no trecho abaixo explica um pouco esta dinâmica. Um de nossos entrevistados relata também manter contato com todos os colegas, mesmo alguns não estando mais trabalhando no mesmo local. É fato de que muitos colaboradores moravam sozinhos no período pandêmico, e evitavam por receio de contágio, encontrar pais e avós, permanecendo sozinhos em seus lares.

Acabou que a gente se uniu pelo trabalho e enfim criou mais grupos o jeito é um dos grupos que criaram sei lá conversar sobre filmes, tomar uma cerveja, porque tinha que ter essas válvulas de escape, porque senão a gente ia dar aquela surtadinha de leve assim... E surtamos, choramos, acho que isso também aconteceu bastante, mas foi desafiador traduzir, fazer esse movimento de tradução, entender as plataformas que a gente vai usar digitalmente, como ia fazer e aí foi todo trabalho um trabalho assim de pesquisar aquilo mesmo, né colocar as melhores ferramentas para criar, para que as exposições acontecessem. Então acho que ao longo de os dois, os três primeiros meses da pandemia, foi essas adaptações... testa essa plataforma aqui, faz de outra forma, até a gente chegar no movimento que foi... cara agora a gente tem uma situação de trabalho mais confortável para fazer as transmissões. Ai foi aí que começou... foi e foi a gente fez sei lá 80 horas de programações digitais em 2020. Então foi muito desafiador, você imagina!

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Desta maneira, muitas horas de convívio, mesmo que on line, com os colegas de trabalho, poderiam reverberar no crescimento de um sentimento de pertencimento e na sensação de que os pares seriam um alicerce e também uma possível retaguarda para enfrentar os desafios pandêmicos que perduraram por pouco mais de três anos.

Interessante, pensar em um possível acréscimo no sentimentos de pertencimento, tanto relacionados ao convívio entre colegas de trabalho, quanto em intensidade e estreitamento de lações, quanto também nas reverberações possíveis desse processo de experimentação e ressignificação, quando vinculados aos processos suscitados pela pandemia de COVID-19. Assim, para um museu baseado nos alicerces da sustentabilidade e da convivência, pode-se avançar na reflexão que tamanha intensidade de diferentes experiências ao longo dos anos pandêmicos possam ter reverberado para acelerar e intensificar vivências entre esses grupos.

Eu me lembrei de um ponto que é muito interessante, que é o seguinte, o museu ele como você falou, ele fala sobre vários assuntos. Nós temos dois eixos éticos que é o eixo da sustentabilidade e o eixo da convivência, e que a gente entende que eles estão extremamente imbricados um no outro. Então a gente falar sobre sustentabilidade é também falar sobre as pessoas e como essas questões se influenciam mutuamente né, e como que a gente cuida do planeta, cuida das pessoas porque cuidar das pessoas é cuidar do planeta também. Essas coisas elas não podem ser vistas de maneiras desassociadas. Então a gente fala sobre muitos temas dentro desses eixos éticos. E eles permitem que a gente rode muitos temas e a gente aborda esses temas de muitas formas também. E eu posso falar com mais propriedade sobre a produção de conteúdo, sobre as Exposições, sobre alguns dos eventos, mas é importante destacar que o museu desenvolve também muitos projetos e os projetos não pararam durante a pandemia.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

8.2 Museus em reinvenção: explorando apropriações digitais

Nesse relato que fechou a seção anterior, tratava-se de uma equipe que estava aprendendo a trabalhar aquilo, que não sabia que ia viver uma pandemia ou como isso seria. Por isso, na entrevista com o Cleyton Santanna, foi também chamado a refletir sobre a apropriação dessas ferramentas digitais por parte dele e da equipe, como esse processo da rede de apoio, com viés afetivo, apoiou ou não em oportunidades de desenvolvimento pessoal, assim como questionado sobre ter percebido o digital e a pandemia interconectados:

Nossa tem vários. Acho que as programações, o museu sempre foi um museu com muitas programações, essas programações no formato talk, que eram as pessoas, os especialistas em algum termo no caso vão até o museu ou no caso vão até o auditório ou no observatório para falarem sobre determinadas temáticas. E aí durante a pandemia a gente criou o *Encontros para o Amanhã* que eram basicamente isso, então pessoas especialistas debatiam as temáticas que estavam em vigência ali no período da pandemia, então a gente fez alguns temas bem bacanas assim. Mas eu acho que o que surgiu de novo durante a pandemia foi as *Visitas Mediadas* online que o educativo criou e foram incríveis assim. E aí a gente conseguiu não só fazer as *Visitas Mediadas* para o público na exposição de longa duração, mas também nas exposições temporárias que foram aparecendo, e a gente conseguiu fazer as *Visitas Mediadas* para o público surdo, então a gente fez as visitas em Libras então assim o programa ficou pós-pandemia. Então a *Visita Mediada*, a *Televisita* que a gente chama, elas acontecem até hoje, então tem a possibilidade. Não tinha isso antes da pandemia. Então existiam as visitas mediadas, o público chegava ao museu e fazia a visita. E a gente agora tem as *Televisitas* e a *Televisita em Libras*. Ou seja a gente tem o educador surdo que também trabalha com a gente há bastante tempo que faz as visitas junto com o pessoal, os intérpretes de Libras. Então tem um pessoal, tem um público muito bacana assim, sabe tipo de ver as coisas acontecerem. E foi um dos projetos que eu fiquei mais orgulhoso de poder ajudar a mobilizar de alguma forma. E aí a gente fez sei lá é uma Live no *Tik Tok* fazendo, passando pela exposição temporária Fruturos e essa Live assim bombou, assim porque foi o Brasil todo assistindo e teve vários comentários. Aí teve um comentário muito engraçado que foi de um menino que o pai dele trabalhava na segurança, trabalhava na empresa terceirizada que faz a segurança para o museu, aí ele falou assim, manda um abraço para o meu pai, ele trabalha aí ele é tal tal tal e a gente foi achou o rapaz, pai do menino e mostrou a mensagem do filho dele. Então assim como o conteúdo nessa plataforma também serviu para conectar com alguém que a gente sequer tava imaginando, porque o menino não era um seguidor da página do museu. Ele viu a Live e foi muito bacana assim sabe. Então as *Televisitas* foi um dos produtos que veio e que ficou durante a pandemia.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

De todos os projetos do *Museu do Amanhã*, surgidos nesse período pandêmico, há um especial, as *Televisitas*, que teve uma trajetória bastante marcante e interessante e já foi citado na seção anterior. É um projeto que surge a partir de outro projeto, o *Conversas Mediadas*, mas o transcende, porque, necessariamente, não se trata de uma conversa nem de uma mediação em si, mas da proposta de se conduzir digitalmente visitantes nas exposições do *Museu do Amanhã*, podendo ser tanto as temporárias como as permanentes.

Durante alguns meses a Exposição FRUTUROS, vinculada à Amazônia era uma dessas exposições disponível para o *Televisitas*, podendo ser junto ou não com uma das exposições permanentes. O *Televisitas* surgiu bem no início da pandemia, e foi se transformando ao longo do tempo, iniciou-se diretamente focado nas escolas, depois foi ampliando seu público, chegando inclusive a ter participantes de outros países; até sair da videoconferência e seus limites para abarcar as redes sociais, tendo sido promovido no *Instagram* e no *Tik Tok* oficiais do *Museu do Amanhã*; também sendo realizado para pessoas surdas, no *Dia do Orgulho Surdo*, em 2021 (figura 33).

É as *Televisitas* por si só davam na gente: “Cara, caramba, o publico tá aqui!” Sabe? O público não tá fisicamente, mas o público tem um interesse! Então isso motivava bastante a gente. Verdade. Teve uns momentos bem interessantes. Caramba, a galera tá aqui interagindo falando como se fosse a visitação presencial, né? Então dúvidas surgiam e aí os educadores tiravam as dúvidas. E nessas *Televisitas* também o que foi feito: alguns grupos de escolas foram acionados. Então, essas *Televisitas* aconteciam para escolas, que, assim, provavelmente nunca teriam a possibilidade ou oportunidade de estarem no museu, e o conteúdo chegou para eles de uma maneira por tela sim, mas chegou. Sabe? Então foi bem bacana também.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Figura 33 - Museu do Amanhã: Televisita em LIBRAS



Fonte: Museu do Amanhã (2021e).

É porque tem dois pontos por aí, por exemplo, é esse tipo de democratização a tecnologia nunca vai, nunca vai exercer esse papel entendeu. Então é uma democratização mas sem o uso da tecnologia, o segundo, que não é só democratizar o acesso, é fazer com que a pessoa se sinta parte daquilo.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Felipe Floriano comenta a respeito da democratização, pontuando várias facetas, uma delas é bem significativa, que está em fazer com que as pessoas se sintam parte do museu.

No primeiro semestre de 2024, quando entrevistei Camila Oliveira, as *Televisitas* ainda continuavam sendo realizadas pelo *Museu do Amanhã*. Tendo sido um projeto que surge diretamente vinculado à pandemia, sofre diferentes transformações, adquire vários ressignificações por seus colaboradores e, passa por reinvenções em forma de modificações que culminam no seu formato, que permanece mantido, em 2024.

A seguir, há vários relatos da Camila Oliveira, de detalhes que contam para nós um pouco do que consistiu essa história, do início de *Conversas Mediadas* e também detalhes de como o *Televisitas* surgiu e como passou a funcionar, como ele se presentificava digitalmente para todos que se interessavam por fazer as visitas virtuais sincrônicas das exposições do *Museu do Amanhã*, participando do *Televisitas* e seus diferentes formatos.

Era uma lógica, é um processo que eram as palestras mediadas e aí a gente faz aproximação em relação aos temas da pandemia, explica o que eram as vacinas isso tudo através de jogos pedagógicos online. Então a gente criou vários jogos nesse período. E aí tinha um jogo que a gente especificamente criou que era quem é cientista, que era um jogo que falava sobre mulheres na ciência, mas a sua relação com a saúde. Então a gente também fazia essas articulações com as crianças e com as escolas, enfim foram vários temas, a gente falou sobre relações de gênero, a gente falou sobre acessibilidade, a gente falou sobre ciência no Museu do Amanhã, a gente apresentava as coisas (em outro estágio), a gente falou sobre racismo ambiental, a gente falou sobre antropoceno, a gente falou sobre uma exposição que abre no Museu do Amanhã chamada Coronaceno. Então a gente foi também apresentando ali as temáticas que nos (ampararam). Quando as escolas começaram a retornar, o museu reabre, a gente cria esse programa chamado *Televisitas*.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Nossa, a Coronaceno a gente chegou a fazer nas *Conversas Mediadas* porque teve bem um momento inicial em que a gente fazia as duas né tanto a gente oferecia televisita e conversa mediada que eram atividades do Educativo.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

E aí como é que funcionava!? Porque tava todo mundo exausto de Live, tava todo mundo exausto de cada um na sua casa e o museu já tava reaberto, mas não ainda com agendamento de escolas. A gente não recebeu escolas nesse primeiro momento de abertura justamente por uma segurança de não aglomeração. Nada que aglomerava a gente fazia, a gente começou a voltar algumas atividades em 2021 na horta do museu que é uma parte externa lateral do Museu do Amanhã, nada dentro. E aí a gente precisava que as pessoas entendessem o que era a exposição do museu e as escolas, a maioria nunca tinha visitado. E aí a gente abre as *Televisitas* que consiste em uma visita mediada dentro da exposição principal ao vivo com o educador é fazendo a visita, com fone de ouvido ouvindo a visita acontecendo, com outro educador que grava essa visita né fica ali não grava né mas fica com a câmera mostrando o que o educador tá apontando ou essa apresentação geral e um outro educador no chat com o grupo. Então a visita acontece dessa forma, o grupo fica remoto e aí a gente começou a atender também é pessoas de outros estados, então isso também mudou um pouco a perspectiva do museu porque até então a gente só atendia basicamente as escolas ou do Rio de Janeiro ou escolas próximas ao Rio de Janeiro, que vinham ou de municípios próximos ou por exemplo do interior de Minas, de São Paulo, que conseguiam chegar por excursão.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

É considerável o fato do *Televisitas* surgir em âmbito digital, quando o museu atravessa o período pandêmico e seus desafios. Mas, principalmente, se firma como uma forma digital de visita sincrônica ao vivo das diferentes exposições realizadas pelo *Museu do Amanhã*, permanecendo, inclusive, presente em sua programação, no primeiro semestre de 2024. Esse talvez seja um exemplo de um tipo de tecnologia museal que foi sendo aprimorada e apropriada pelo grupo.

Mas a gente nunca tinha atendido, por exemplo, uma escola do centro-oeste, uma escola do norte do estado, uma escola do sul. Então a gente começa a atender as escolas do Brasil e aí isso também gerou outras percepções em relação ao conteúdo que foi bem legal. É pessoas que, bom talvez não conheçam o Museu do Amanhã fisicamente, mas já conhecem o conteúdo do museu de forma virtual. Então até 2022 as *Televisitas* tinham uma procura considerável, era basicamente assim o maior número de visitas de que a gente tinha mesmo, porque era a rotina da gente. Já mais ao longo do ano, principalmente, do ano passado para cá, a gente teve um declínio mesmo de solicitação, porque a gente volta a ter uma grande demanda é presencial. Mas para a gente foi um aprendizado gigantesco porque realmente abriu portas e a gente chegou a fazer *Televisitas* para outro país, a gente fez com o grupo dos Estados Unidos e aí essa visita foi em inglês, mas foi um pouco diferente também a dinâmica, porque não era um grupo escolar, mas não eram todos de escola, mas era um grupo de adolescentes jovens, então eles conheceram o museu pelas *Televisitas*.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

É interessante perceber que o *Televisitas* tem seu início pensando no foco das escolas, mas começa a se desenvolver ampliando consideravelmente seu público, chegando a públicos internacionais. É exatamente à respeito da abrangência que *Televisitas* toma ao se ampliar que surge uma questão relevante em relação ao que essa Tese se propôs a pesquisar: muitas das apropriações digitais utilizadas pelos museus surgem da experimentação quando também fruto de processos de reinvenção, se transformam e, em muitos casos, permanecem enquanto prática para além da pandemia de COVID-19 e a abrangência de seus anos pandêmicos.

Desta maneira, essas apropriações digitais, como no caso, as *Televisitas*, do *Museu do Amanhã*, surgem em meio à pandemia, em momentos de restrição as visitas presenciais das escolas, em função da presença do vírus da COVID-19. Contudo, todo o processo que as *Televisitas* passam, ao longo do tempo, demonstra o quanto uma equipe de colaboradores atenta e aberta às experimentações, passa a transformar o projeto ao longo do tempo, buscando ampliar o público participante tanto para integrar os que acessam as redes sociais *Instagram* e *Tik Tok*, quanto para públicos surdos e públicos internacionais, para além das fronteiras brasileiras.

Foi esse desafio, mas que é um desafio também porque o educador que tá fazendo a visita não vê o grupo, o educador que tá na câmera tá vendo a pessoa que ele tá filmando, ele tá vendo a videochamada mas não necessariamente uma pessoa que participa da visita, ela participa mais fazendo essa direção do texto e do cuidado para que as pessoas consigam acessar o chat. É importante também porque o chat também vai contando para o educador que está fazendo e não tá vendo ninguém, é o

que as pessoas estão comentando, o que as pessoas querem ver para ele retornar para elas. Talvez falar mais de um assunto ou outro, então essa pessoa que tá no chat tá com microfone e tá acessando esse educador que faz a visita.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Camila nos conta em detalhes todo o funcionamento de *Televisitas*, o que nós remete a compreender o quanto esse projeto envolve uma série de apropriações digitais, utilizadas de forma inteligível e focada, para que tornassem possível as várias possibilidades engendradas pela equipe ao longo do processo e do percurso de *Televisitas* ao longo dos anos.

E aí era super interessante porque as crianças para além de conhecer um espaço novo, tavam conhecendo uma língua nova, uma pessoa que se comunicava de uma forma diferente para apresentar os contatos do museu. E aí na parte mais técnica da coisa a gente precisou de criar os pontos de rede do museu, a gente teve que fazer rede dedicada para que a conexão ficasse boa, estabelecida durante toda a visita. É a gente precisou preparar nossa sala do educativo, de antes ficava funcionando só como sala de reunião, sala de estudo, pesquisa, preparar para que nos momentos de *Televisita* ficasse só os educadores que estão na visita. E a gente também precisou criar alguns protocolos, então por exemplo, Cosmos é uma que é bem o início da exposição, é uma parte que a gente não pode filmar. Então porque tem direitos autorais né então ali a gente não mostrava na *Televisita*, mas a gente contextualizava a narrativa do museu. E aí seguia para as partes seguintes da exposição, para as outras quatro partes. Então basicamente era isso, a gente apresentava o museu, o átrio do museu, o globo e contextualizar o globo, o Cosmos contextualizar. No cosmos e explicava que era um filme que a gente não podia assistir, mas que falava sobre a origem da humanidade, como a Terra surge, a vida na Terra surge, a relação da matéria, da nossa matéria com a matéria estelar.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Figura 34 - Museu do Amanhã: Televisitas FRUTUROS no Tik Tok

EDUCATIVO

Televisita: Fruturos no TikTok

RECEBA NOSSAS NOVIDADES

INSCREVA-SE

Até 28.01.25
Brincar É Ciência - Férias de Janeiro
brinque

[Veja aqui a programação completa do Museu.](#)

Contemplando nossa programação de férias, no dia **28 de janeiro**, às 11h, teremos uma edição especial da nossa **Televisita**. Com os nossos educadores, percorreremos a exposição **Fruturos - Tempos Amazônicos**, ao vivo em nosso perfil do **TikTok**.

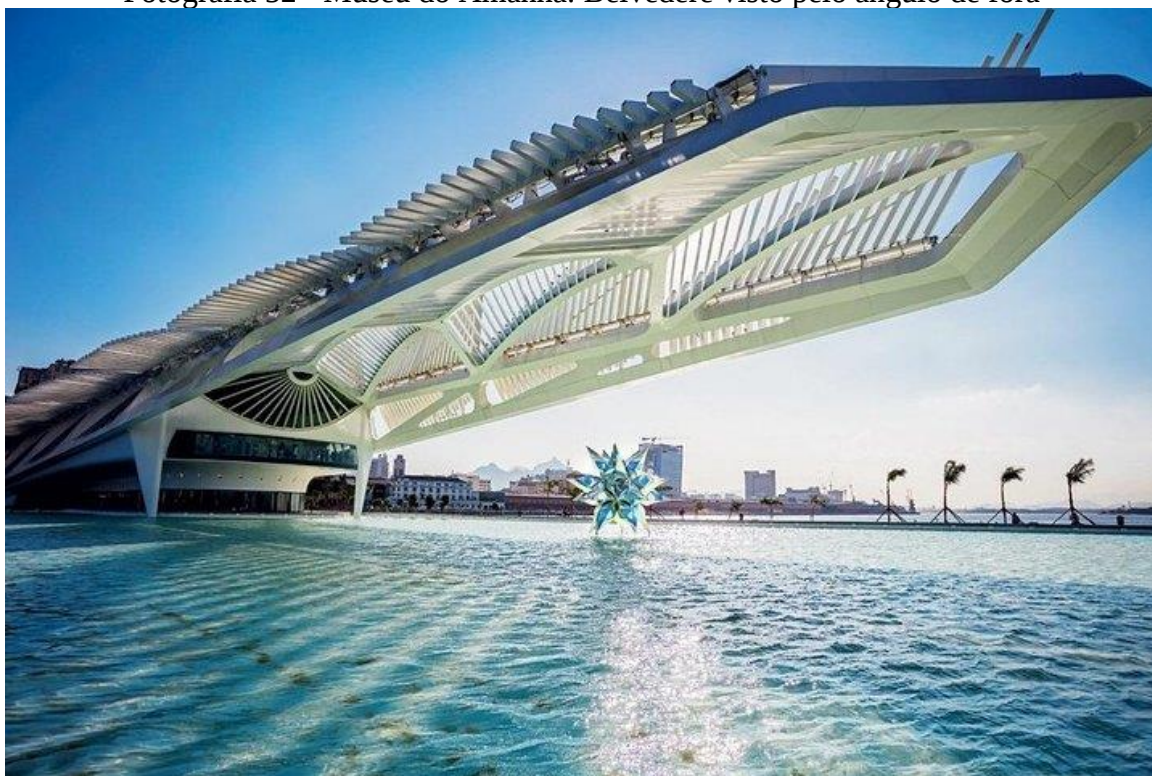
Já prepara a dancinha!
Segue a gente na rede vizinha, [clique aqui](#).

Início:
Sexta, 28 de janeiro de 2022 11:00

Término:
Sexta, 28 de janeiro de 2022 12:00

Fonte: Museu do Amanhã (2022m).

Fotografia 52 - Museu do Amanhã: Belvedere visto pelo ângulo de fora



Fonte: Google.

E aí depois a gente vai contando sobre as outras partes da exposição e aí sim mostrando pontos do museu; E aí sempre finalizava na parte da Baía de Guanabara, que a gente chama ali nessa parte do museu, do belvedere, aonde tem aquela escultura na água onde tu enxerga aquela amplitude, tem aquela escultura e a água

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Fotografia 53 - Museu do Amanhã: Belvedere visto de dentro do museu

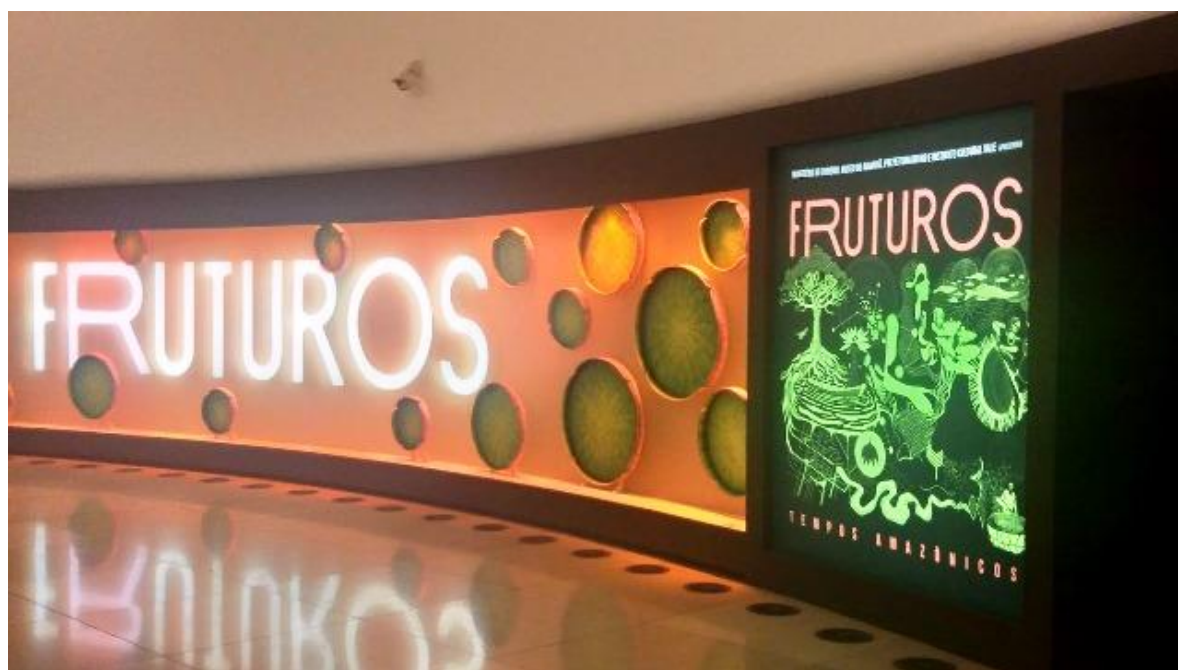


Fonte: Google.

As *Conversas Mediadas* elas tinham um caráter mais de atividade educativa então era sempre uma conversa a partir de uma atividade. As *Televisitas* eram sempre uma visita, uma mediação sobre a exposição, de maneira virtual, de uma forma bem diferente. E a *Fruturos* a gente chegou a fazer as *Televisitas*. Bom aí tem uma outra característica que é importante, nas *Televisitas*, porque em um dado momento a gente entendeu que seria interessante a gente experimentar outras plataformas. Porque até então a gente só tava fazendo com grupos agendados. Você agendava seu grupo e a gente fazia a visita com seu grupo. A gente começou a experimentar a *Televisita* aberta, ou seja, a gente começou a fazer a *Televisita* no *Instagram*, a gente começou a fazer *Televisita* no *Tik Tok*. E aí isso mudou totalmente o perfil de visita porque o público, é sei lá a gente atendeu a primeira *Televisita* que a gente fez a gente atingiu 72 mil pessoas. Isso é muita coisa!!!

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Fotografia 54 - Museu do Amanhã: exposição temporária FRUTUROS



Fonte: Google.

E aí nessa visita foi muito interessante... porque a gente tava... bom o educador tava fazendo, o educador ali na época. E um dos filhos... Cara isso foi impressionante! Um dos filhos de um dos seguranças do museu acessou a Live e aí começou a subir o comentário: meu pai tá aí, meu pai tá trabalhando aí hoje, meu pai é o segurança, fala com ele não sei o quê. Ele pediu para a gente procurar, que na época era um segurança chamado Pavão. E a gente vai atrás dele: Pavão seu filho tá vendo a gente no *Instagram* e aí foi super legal porque... Beleza estamos atingindo 72 mil pessoas!!! Mas a gente tá atingindo quem tá aí, sabe o filho de quem tá ali. Então isso pra gente foi muito marcante. E assim, talvez a escola dessa criança, talvez não tivesse acesso a fazer um tipo de visita como essa porque exige recurso.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Das falas apresentadas da Camila Oliveira, é possível perceber que a opção por se utilizar de redes sociais como o *Instagram* e o *Tik Tok* para fazer as transmissões do *Televisitas* e também para transmissões de *Lives*, surge fruto das necessidades vigentes no momento pandêmico. Na busca para que mais pessoas possam acessar, de forma gratuita e

segura o *Museu do Amanhã*, os organizadores desses eventos optam por alternativas como *Instagram* e *Tik Tok*. E a *Live* que todos os colaboradores compartilharam na entrevista, que foi uma *Televisita* realizada ao vivo pelo *Instagram*, em que o filho de um dos seguranças do museu acessa e conversa com a equipe via chat – é emblemática, porque foi uma vivência que trouxe diferentes reverberações, como indicam as falas desses colaboradores.

Então a gente achou melhor também abrir a possibilidade de ir para as redes sociais. Porque a gente sabe que muitas vezes é nesse período que a gente também teve uma ampliação até das operadoras de deixar a internet livre via *WhatsApp* e redes sociais, a gente não pagava, não tinha esse custo, mesmo que seu crédito acabasse você tinha acesso ao *Instagram* ao *WhatsApp* e *Tik Tok*. Então a gente falou: cara as pessoas continuam entrando e tendo acesso mesmo sem ter dinheiro para pagar. Então a gente começou a fazer realmente, a gente teve essa demanda assim de quantidade de pessoas. É a gente agora tem feito através do *Tik Tok* porque a gente tá entendendo que o público adolescente atualmente tá ainda usando essa rede. Então a gente tem feito dessa forma, a gente fez uma recente. Se não me engano, em janeiro, e dessa vez a gente fez com o Bruno que é esse educador que eu te falei. E aí também é isso, assim geram vários questionamentos em relação a língua. Perguntam se ele tá fazendo mímica, perguntam: o que é isso? Então a *Televisita* ela acaba sendo uma porta para divulgação de outras ordens que não estão só no contexto do museu né a gente passa pela questão da diversidade, a gente passa pela questão do acesso, a gente passa pela questão da relação por rede social, que ela não é uma interação compartilhada, é uma interação de repetição, então individual apesar da gente achar que não, mas é uma interação muito individualizada. Então a gente também foi tentando achar outras frentes que pensassem o digital de outra maneira. Então é isso, assim hoje as *Televisitas* a gente faz mais nesse formato de *Tik Tok*, que é aberta. E a gente continua oferecendo, mas as solicitações, de fato, tem se voltado para presencial.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Quando o *Televisitas* celebra o *Dia do Orgulho Surdo*, no ano 2021, surge uma outra proposta dentro dessa: uma proposta de inclusão. Assim, foi possível ampliar a experiência museológica para o público surdo, que antes já participava do projeto *Conversas Mediadas*.

A gente fez essa visita também com o Bruno que eu falei que é um educador surdo e também era um super desafio porque os intérpretes ficavam próximos ao educador que tava na câmera e com esse fone. O educador surdo não ficava de fone ficava com o intérprete e o intérprete ia passando atrás da câmera a tradução. E aí era um intérprete que fazia a versão voz do educador e um intérprete que fazia a tradução para libras - português.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

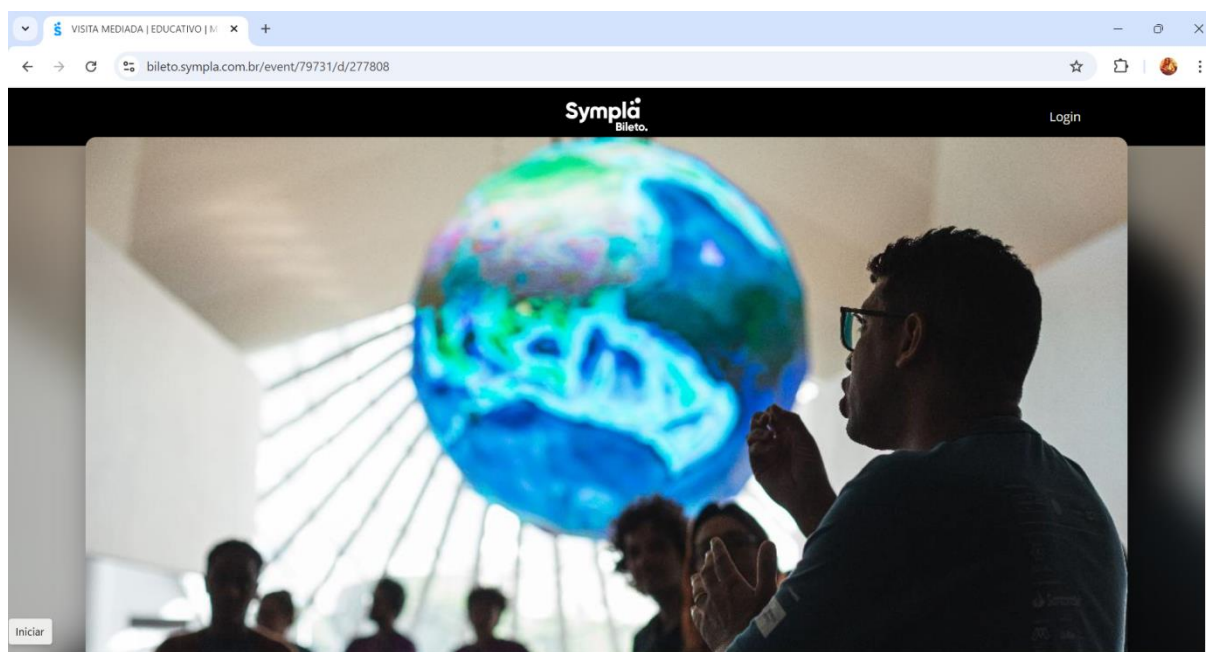
E outra coisa o museu é todos os projetos todos os projetos todos os projetos sem falta são pautados na acessibilidade todos são pautados na acessibilidade todos é deficiência visual, auditiva, é deficiência física todos todos são pautados pela acessibilidade nosso prédio em si é acessível então assim tudo traz acessibilidade.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Então eu acho que é esse tipo de conteúdo que o museu tá começando a produzir nas redes eu acho que talvez essa iniciativa assim que mais chame a atenção de forma digital para o público conhecer assim o museu como um todo não importa se ele tá no Rio ou enfim não importa no Pará ou se ele tá no Rio Grande do Sul se ele tá no Mato Grosso entendeu não importa sabe eu acho que o posicionamento do museu pelo posicionamento do museu ele sabe que é o *Museu do Amanhã* entendeu e eu acho que é um pouco isso sabe. Vai criando uma identidade.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Figura 35 - Museu do Amanhã: Educador Bruno realizando mediação cultural



Fonte: Sympla (2022).

Na figura 35, o educador Bruno aparece em um dos momentos em que realiza uma moderação da exposição do *Museu do Amanhã*, bem próximo ao globo localizado no átrio do museu. Aqui resta um trabalho futuro relevante, de problematizar o quanto a existência de uma equipe com diversidade cultural permitiu emergir soluções criativas bem como olhar realidades que muitas vezes estão invisibilizadas na nossa sociedade.

Nessa busca pela inclusão, Camila Oliveira pontua a seguir o papel do *Museu do Amanhã* para a comunidade surda. Reflete o quanto isso foi trabalhado ao longo dos anos pandêmicos, trazendo importantes elementos também para inspiração para outras instituições museais.

É importante de te contar porque desde 2017 existe uma Política Nacional da Educação Museal, a gente chama de PENEM. E a PENEM é uma política que gera uma série de diretrizes sobre a atuação de educativos em museus e o entendimento de que é uma educação museal, não é uma educação extracurricular das escolas, não é uma educação que complementa as escolas. Mas é uma educação específica que é desenvolvida dentro dos museus. E aí dentro dessa percepção a gente trabalha nos educativos que atuam através dessa política, a gente não trabalha com guiamento porque a gente entende que o guiamento ele é uma especificidade datada e formalizada pelos guias de turismo. Existe uma regulamentação para os guias, existe um outro trabalho que é desenvolvido ali que não é o trabalho do educador museal. Então dentro dessa função a gente trabalha com mediação, que é justamente esse espaço de curadoria educativa o qual a gente olha para a curadoria da exposição, seleciona esses conteúdos e cria desdobramentos desses conteúdos a partir do olhar do educador. Então, por exemplo, a equipe ela é multidisciplinar, eu tenho uma pessoa que é bióloga, uma pessoa que trabalha no cinema, com uma pessoa que é formada em geofísica. Cada educador vai propor um roteiro específico dentro dessa curadoria expográfica a partir de sua curadoria de formação, criando correlação com o grupo. Então se é um educador biólogo que vai receber um grupo de uma realidade social, um grupo de situação de vulnerabilidade, ele vai pensar o que dentro da

formação dele, dentro da exposição faz sentido para esse público. Um guiamento não necessariamente tem esse compromisso. O guiamento ele tem um compromisso com a informação, de passar toda aquela informação. O educador, ele tem compromisso com o grupo e com o conteúdo. Então ele precisa prestar atenção que público é esse e como ele vai fazer com que o público acesse esse conteúdo de maneira diferencial. Então a nossa preocupação é sempre com a experiência e não só com a informação. Como essa pessoa vai chegar ali, como ela vai se sentir acolhida, como ela vai se sentir pertencente aquela discussão, como ela vai se sentir apropriada daquela discussão durante a visita. Então tem essa distinção quando a gente fala de mediação. Então por isso que a gente fazia as *Conversas Mediadas*, porque não era só sobre informar, porque é para informar tinham vários outros meios de acessar, o que era com vídeo, mas, por exemplo, quando a gente fez as *Conversas Mediadas* em Libras sobre Coronaceno que era uma das exposições sobre a pandemia, o público surdo não tinha acesso a nenhum grau de informação, só acesso a *fake news*, foi um grande boom de *fake news* para a comunidade surda.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Para você ter idéia, eles não tinham noção do que que era *complexyfacility” de que era esse consórcio, não era uma vacina. Eles não tinham ideia da distinção do que que era Astrazeneca e Cononovac. Eles não sabiam que isso era vacina. Então assim era muito complexo, eles não tinham acesso de como se proteger do vírus, eles não tinham acesso, sobre a maioria né grande é mais de 90% do público inscrito não sabia se proteger da covid, não sabia o que significava vacina, não tinha dimensão dos riscos e nem do indicativo. Então a gente estava falando de ser um espaço de informação e de ser um espaço de experiência também, a gente tava correlacionando essas pessoas. Então é a gente foi percebendo que o museu acabou se tornan o um pólo de informação, ali pontual, para pessoas surdas, porque o jornal não era traduzido, as notícias não eram traduzidas. E tinham muitas palavras em português que não existiam sinais em Libras, o próprio educador quando estudou foi super desafiador.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

As notícias não eram traduzidas e tinham muitas palavras em português que não existiam sinais em Libras, para o próprio educador quando estudou foi super complexo da gente fazer né a preparação dele para que ele tivesse acesso para depois passar nas atividades que a gente podia propor para o público. Então assim era uma preparação absurda de estudo e enfim a gente fez, também acabou criando outras entradas, mas acho que talvez não faça sentido aqui, mas a gente criou um *Museu em Libras*, nessa época. Era uma atividade chamada *Museu em Libras*, que saiu das *Conversas Mediadas*. As *Conversas Mediadas* deu frente para duas coisas né as *Televisitas* e o *Museu em Libras*.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

É possível perceber neste processo a identificação de que a comunidade surda estava à margem das informações e das opções culturais. Percebe-se aqui uma trama com o conceito de nova museologia, que busca as demandas de sua comunidade, algo muito presente em várias falas da equipe do *Museu do Amanhã* e da *Fundação Iberê Camargo*. E para que isso possa se efetivar, são necessários processos de resignificação e reinvenção da própria equipe e das próprias atividades desenvolvidas. Neste caso específico que nos debruçamos, é possível identificar uma trajetória desse processo no *Televisitas*: surge de um projeto junto a demanda das escolas, junto com a identificação de outro público. Mas não seguiu como uma tentativa

de eliminar ou suplantar o presencial, e sim em um movimento de coexistência e complementariedade.

Há também destaque para o desenvolvimento desses projetos ao longo do período pandêmico, desenvolvidos pelo Educativo do *Museu do Amanhã*. Na fala de Camila Oliveira, ela destaca que o Projeto *Conversas Mediadas* deu forma a dois outros projetos: as *Televisitas* e o *Museu em Libras*. Assim, se percebe o quanto a experimentação e a ressignificação dos processos relacionados às apropriações digitais, pelas equipes do *Museu do Amanhã*, vieram a desenvolver outros projetos que também adquiriram relevância tanto para os colaboradores envolvidos quanto para o público. É destaque para o fato dos colaboradores envolvidos nesses projetos do *Museu do Amanhã*, não terem se acomodado com o sucesso desses, mas terem estado atentos para ampliar suas possibilidades sempre que percebiam uma grande demanda por parte do público e seus desafios ao longo dos anos pandêmicos, bem como no ano subsequente, 2024. Tal aspecto é bastante visível no que tange as temáticas relacionadas ao grupo de surdos.

Eu acho que o museu ele tem um apelo muito grande né do presencial então hoje a gente até investe muito no presencial. Mas a gente não abre mão do digital assim. Mas de fato existe uma demanda hoje do museu que é uma demanda presencial, inclusive com bilheteria. O museu, ele é um museu da prefeitura, que é público, um museu municipal, mas ele é museu sem verba. Ele é um museu que não recebe verba da prefeitura. É um museu que atua através de uma OES e tem uma série de patrocínios, mas uma parte do que sustenta o museu é a bilheteria. Então a gente precisa do presencial, inclusive para manter o museu em funcionamento, inclusive o que é digital. Então a gente atua com contrapartidas, tanto contrapartidas municipais em relação à prefeitura, quanto contrapartidas patrocinadas. Então é claro que dentro dessas contrapartidas patrocinadas, a gente tem demandas digitais. Mas o nosso foco maior é de fato o presencial. A gente muitas vezes foi aprendendo, também até pela tipologia do museu, de ser híbrido, então a gente entende que a nossa demanda é híbrida. A gente não abre nem mão do presencial e nem de estar no digital. Acho que é um pouco disso.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Na fala acima, de Camila Oliveira, se percebe nitidamente quando ela se refere ao *Museu do Amanhã* como um *museu híbrido*, em que ela coloca bastante ênfase no fato de que ao compreender que a demanda do museu é híbrida, não abrem mão nem do presencial e nem de ocuparem espaços no digital. Tal tensionamento que trouxe uma mudança de percepção por parte de Camila Oliveira surge fortemente impulsionado pelas vivências digitais propulsadas pela pandemia e seus desdobramentos; mas se transcende para além desse período e também do momento em que as portas estiveram fechadas, em direção a abarcar novos movimentos e transformações, na direção a outras demandas do público, que passaram a ser percebidas pelos colaboradores do *Museu do Amanhã*. É destaque o quanto o público

surdo, seus desafios ao longo da pandemia e todas suas demandas, passaram a influenciar os colaboradores do *Museu do Amanhã*, que passaram a reconhecer a importância desse público e suas demandas, para desenvolver projetos específicos para apoiar esse grupo, o que já foi contextualizado em maiores detalhes anteriormente.

No caso da *Fundação Iberê Camargo*, uma iniciativa em destaque é a de busca da inclusão do público cego. A busca da audiodescrição visou abranger tanto cegos, quanto visitantes com baixa ou baixíssima visão. E para isso, houve o envolvimento da comunidade local, o que amplia ainda mais as reverberações desse projeto.

Existe uma outra questão que aí tu falou, de acessibilidade, a gente tem através do nosso *site*, a gente tem aqui também um mp3 player que é físico, que a gente empresta um áudio guia. Esse áudio guia foi pensado todo ano passado... não ano retrasado. Todo 2022 a gente trabalhou com a OMNI. Então a gente recebeu a visita diversas vezes de um consultor cego e da Mimi Aragon, que eles criaram o conteúdo. Então a gente tem um audioguia que ele tem aproximadamente 40 minutos, um pouquinho menos, 38 minutos e alguns segundos. Ele vai falar sobre a arquitetura da fundação: para uma pessoa de baixa visão, baixíssima visão ou com cegueira a gente dá um panorama geral de que prédio é esse né? Então pensando na arquitetura e aí ele mescla falas do Iberê e do Álvaro Siza, que é o arquiteto responsável pelo projeto da Fundação Iberê. Então ele começa com parte de um documentário que foi feito por Marta Biavaschi, porque ela tem esses registros da fala de Iberê. Então a gente estuda muito material junto com a OMNI e diz: olha eu acho que talvez essa linguagem seja uma linguagem que vai trazer a poesia que é visitar a Fundação Iberê. Por que a gente tá falando de retas, a gente tá falando de curvas, a gente tá falando de um projeto que foi pensado para abrigar a obra do Iberê, então assim é uma obra de arte que abriga muita obra de arte. Então a gente teve um olhar que é para esse público não vidente, da mesma forma que a gente tem para o público infantil né? Porque como é que a gente comunica? Como é que a gente se aproxima desse público? Sempre buscando essa consultoria de pessoas que sabem como fazer esse diálogo. Porque às vezes a gente como vidente vai achar que a gente tá comunicando e a gente tá completamente enganado né? Então assim a gente se alia a pessoas que possam fazer acontecer essa comunicação efetivamente.

Ilana Machado - *Fundação Iberê Camargo*

Quando pesquisamos o *Museu do Amanhã*, ao iniciar o rastreamento de algumas instituições, foi identificada a concessão de um prêmio internacional em 2022 (LCD Leading Culture Destinations Award 2022 - Melhor Experiência Digital em Museus no ano de 2021), bem representativo para a área museal. O foco do prêmio era exatamente a qualidade de relacionamento e de engajamento que o *Museu do Amanhã* desenvolveu com o seu público. Essa qualidade de engajamento e relacionamento que o museu estabeleceu quando ele teve esse desafio da pandemia, fazendo o uso do digital para se relacionar com esse público de diferentes maneiras trouxe diferentes reverberações também para a equipe de colaboradores.

Uma notícia que trouxe muita alegria é claro a equipe ficou muito motivada é um reconhecimento que todo aquele esforço estava valendo a pena e que a gente estava conseguindo acessar não só o público que já nos conhecia como novos públicos é contribuir para a divulgação de informações que a gente considerava extremamente fundamentais naquele momento e fortalecer esse sentimento de comunidade que seja com grupos pequenos seja com grupos cada vez maiores então o impacto foi muito

positivo no sentido de motivar muito a gente a seguir buscando cada vez mais novas formas de avançar nesse processo.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Camila Oliveira destacou que na sua percepção esse prêmio e essas relações se estabeleceram como fruto de toda a equipe envolvida, demonstrando a importância de uma cultura organizacional inclusiva e participativa.

Vale o coletivo. Assim era quem ainda tava diretamente ainda conectado aos conteúdos do museu, a gente teve que se reorganizar, a gente se estruturou por conta de uma demanda digital, fazendo essa curadoria de conteúdo e de pessoas que eram pertinentes para o conteúdo do Museu do Amanhã. E aí a gente juntou todas as equipes de comunicação e desenvolvimento científico, laboratório, educação, e foi pensando estratégias de fazer esse conteúdo digital acontecer. Então a gente tinha reuniões de criação para fazer essa produção de conteúdo, foi mais ou menos dessa forma, a gente tinha uma gerência de conteúdo também na época. E aí a gente foi se organizando e se dividindo enquanto áreas para fazer essa relação acontecer.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

É eu acho que o que na verdade eu entendo é que a gente teve mudanças, na minha parte, certamente, muitas coisas mudaram, da minha percepção em relação as equipes, em relação ao público. Na minha percepção de público eu tinha acabado de sair de uma pesquisa, de estudar o próprio público do Museu do Amanhã, estudar a prática educativa do Museu do Amanhã e perceber que em 2022 eu tive um público totalmente diferente. Eu tô falando de três anos de diferença, isso é muito pouco quando a gente fala, tipo de público é muito pouco. Então a pandemia foi um corte muito trágico, a gente teve uma mudança na qualidade de interação das pessoas. Eu acho que foi um desafio de novo, assim, nossa, eu tenho que olhar tudo de novo. Tem que rever tudo, entender qual é a linguagem que essas pessoas estão usando é, mas certamente tem uma coisa que para mim não mudou enquanto compreensão do que é relevante dentro dessa função social que eu mencionei, que é cada vez mais uma necessidade da gente investir nas relações. Não é possível pensar o museu que não é relacional. Então eu acho que isso só ganhou mais força na pandemia quanto a gente adoeceu por falta de interatividade social, por falta de contato físico. Nós somos uma espécie que depende de contato, cientificamente comprovado, a gente necessita de criação de vínculo. Eu não sei se você já ouviu falar, tem um estudo de um cientista sobre vínculo e apego do macaco... do macaco de arame.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Ao longo dessas duas falas, Camila Oliveira coloca com ênfase o quanto somos relacionais e temos a necessidade de estabelecer vínculos – o que no seu ver ficou mais visível nos anos pandêmicos e seus grandes desafios de distanciamento e isolamento social. Há ênfase em suas falas nos aspectos em que pontua a importância de cada vez mais os museus investirem nas relações, compreendendo que têm um importante papel relacionado a interatividade e as próprias relações que pretendem incitar e desenvolver em relação ao público, como também ao todo, as sociedades e tudo que representam globalmente.

Apego do macaco que é do macaco de arame. Então a gente é uma espécie, é o mamífero, ele necessita de conforto, então independente do que tem acontecido, assim, que foi muito drástico, eu acho que a nossa cada vez mais função social é investir nas relações. E aí claro a gente vai ter que entender a que linguagem e a que custo de investimento, não só financeiramente falando de orçamento. Não é isso,

mas de a que custo emocional, a que custo moral. Inclusive de como a gente foi fazer isso não se perder e como os museus vão ser esses espaços de interação. Acho que o que me transformou é cada vez mais a certeza de que a gente precisa investir nisso e de que a gente precisa estar muito atento a esses novos públicos, novas interações que estão a surgir desde a pandemia.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Se o fechar as portas representou enormes desafios a todos os equipamentos culturais, sobretudo, os vinculados à sobrevivência financeira e também relacionados à insegurança de quando realmente poderiam abrir suas portas. Houve também outros desafios que surgiram quando foi decidido que seria possível abrir as portas, o que têm íntima relação com a maneira como os diferentes espaços precisavam se preparar para receber o público visitante.

O museu fornecia todo o epi para todo mundo, as máscaras N95, disponibilizava álcool gel para todo mundo, e principalmente, todo ano de 2020, 2021 a gente tinha óculos protetor de acrílico em acetato, a gente tinha tudo - era a máscara, o óculos e o acetato e quem quisesse usar luva podia usar a luva. Aí depois a FIOCRUZ, a gente teve aparato de todas os órgãos de saúde, aqui a Fiocruz foi uma grande parceira do museu nesse processo de reabertura. É a gente só abriu porque a Fiocruz indicou essa reabertura. Então isso foi importante. E a Fiocruz depois mudou essa recomendação em relação as luvas indicando que o mais correto era não usar e aí a gente limpava as mãos o tempo todo. Como a gente usava o acetato, a gente não tinha assim, a mão raramente ia para o rosto, a gente vai aprendendo a não colocar a mão no rosto, a gente fez toda uma comunicação visual para o museu com vários adesivos ao longo de toda a exposição, dos banheiros, do elevador para não tirar a máscara, para usar o álcool gel para lavar as mãos e ensinava a lavar as mãos em todos os lugares que tinham pia no banheiro, todos os lugares que tinham bebedouro a gente ensinava como usar. Tinham vários adesivos ao longo do museu explicava o processo de lavar a mão como o SUS tinha indicado. E a gente tinha monitores e seguranças ao longo de toda a exposição que faziam essa vigilância em relação ao uso de máscara, porque muitas pessoas e é assim aconteceu, a gente teve pessoas negacionistas ao longo da pandemia. Só entrava no museu depois da vacinação com a vacina, e a gente barrava quem não era vacinado. E a gente teve que lidar com alguns episódios de pessoas negacionistas querendo entrar no museu para tirar máscara, para fazer vídeo, para questionar a exposição sobre a covid. Teve tudo isso, foi um grande desafio. Mas a gente teve que lidar também com essas situações de controle ali do processo, mas no fim deu tudo certo, a gente ficou lá protegido, ninguém, foi muito impressionante, assim, ninguém teve nesse período as pessoas que estavam no presencial ninguém teve covid.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

E tudo isso, nessa nova perspectiva, passou a envolver o uso de EPIs, ou seja, máscaras N95 como também a possibilidade de uso de viseiras de acetato, todos aliados à adoção de protocolos de distanciamento entre os visitantes e colaboradores. Tanto o *Museu do Amanhã* quanto a *Fundação Iberê Camargo* se utilizaram de medidas de segurança semelhantes, que já surgiam na própria bilheteria que promovia a venda de ingressos, via Sympla, lá já era restringido o número de ingressos que seriam vendidos por hora, tendo em mente o tamanho dos espaços e dos andares. Também, principalmente, na entrada de ambos

espaços, era exigido o uso correto de máscaras, medida a temperatura corporal e checado a carteira de vacinação se estava em dia para aquela faixa etária.

E tinha claro se a pessoa tava de máscara, com a máscara adequada. E tinha controle de quantidade de pessoas, assim algum controle de número de pessoas nesse período para entrar no presencial a gente tinha. A gente suspendeu a bilheteria presencial e os ingressos eram só online e aí a gente conseguiu controlar a quantidade por hora. Se o ingresso é 10 de manhã você vai entrar de 10 às 11 horas. A gente fez controle por hora, então a gente tinha dimensão de quantitativo de público por hora. Então por dia assim você tem capacidade total de 7 mil pessoas de dia a gente recebia 500 pessoas por dia nesse período.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Então aí a gente tá falando de mais ou menos, quer ver o museu abria 10 então era o horário de 10, 11, meio dia, 1, 2, 3, 4, então 7 horas até os horaio das 5 da tarde, a gente chegou a vender no início, mas a gente parava no ingresso até 4 horas. Então a gente tá falando aí de 70 pessoas por hora. É muito baixo para o museu porque o museu é muito amplo. Então era realmente assim o nível de controle muito grande. É para que a gente tivesse ali a segurança de visitação, mas também tem todo esse protocolo. Então imagina de 6 mil pessoas por dia a gente passar para 500 e 70 por hora é bem baixo assim.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Então assim a gente tomava muito cuidado, muito, era impressionante, o museu também tinha protocolos de limpeza absurdos, os banheiros nos espaços expositivos. O museu tem muito totem, muito totem digital, muita interação, então a cada uso ficavam duas pessoas da limpeza limpando o dia inteiro. O dia inteiro era uma pessoa usando, limpava, outra pessoa usava, limpava. Então teve muito controle sanitário, assim, então realmente a gente baixou os riscos nesse sentido, a gente controlou a entrada e teve limpeza o tempo todo.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Assim, sob essa perspectiva, não nos é difícil refletir em relação à COVID-19, que seus efeitos psicológicos tenham sido tão rápidos e permanentes nas vidas daqueles que sobreviveram a esses tempos pandêmicos tão desafiadores. Daqueles que evitaram sair para as ruas e conviver com grupos de pessoas que não eram de seu convívio diário, a COVID-19 os obrigou a aprender a lidar com a solidão. Quando antes, por vezes, levavam suas vidas repletas pela alegria e entusiasmo provindo dos encontros sociais e do circular pelos espaços públicos, agora acabavam por buscar outras alternativas de sentido para suas vidas. Tal diretriz, que surge como uma necessidade abrupta e uma forma de preserva o da vida, desafia a todos a ressignificarem e reinventarem suas vidas; embora seja preciso considerar que cada um faz desse processo algo íntimo a ser vivenciado a sua maneira subjetiva, com suas especificidades e singularidades próprias.

Contudo,   nesse burburinho de desafios e na ebuli o de emo es que surgem, para alguns, a estratégia subjetiva de buscar no digital diferentes possibilidades de contato e convívio social.   como se, nesse caso, o digital funcionasse como uma ponte, que para algumas pessoas, serviu como trampolim para que pudessem buscar lidar tanto com os

desafios deflagrados pela COVID-19 e seu desenrolar ao longo dos anos pandêmicos, quanto com a solidão.

Então havia dentro do museu essa percepção de que era muito importante que a gente conseguisse se reinventar, para levar nossos conteúdos para a população. É mas também sem saber muito bem quais seriam os caminhos possíveis nesse sentido. E no caso do Museu do Amanhã vale destacar que além de toda essa questão cultural a gente é um museu de ciência e isso significa que também existia ali um papel muito importante a ser desenvolvido pelo museu no que diz respeito à disseminação de informações corretas.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Tatiana deixa eu te falar. Foi um movimento de aprendizado muito grande assim. Acho que nesses últimos anos de pandemia eu aprendi muito, eu amadureci muito profissionalmente falando, acho que é importante dizer isso. E vai também naquela trajetória de ascensão profissional que eu chego como assistente em 2019 e agora eu já estou em outro estágio de produção, enfim de condução de trabalho, porque aprendi, assim é um lugar onde você aprende muito muito e cada dia é um novo desafio. E é um trabalho assim muito desafiador, mas é bom, a gente fala que é um relacionamento abusivo trabalhar com cultura e museu porque é muito trabalho mas a gente gosta rsrsrs.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Os desafios que surgem e como lidar com eles, são uma dimensão subjetiva importante desse processo e, são deflagrados em diferentes momentos dos relatos aqui compartilhados nesse capítulo. Contudo, a grande questão está em como todos passaram a se reinventar, tanto nossos espaços – o *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo* – quanto nossos colaboradores, que emprestaram suas falas para a composição vívida dessa narrativa que compartilho ao longo do desenvolvimento dessas reflexões.

E voltando a uma pergunta que você fez agora a pouco sobre esse retorno dos visitantes, é que todos nós estávamos muito ansiosos por voltar a conviver, por voltar a frequentar espaços bacanas. Então acho que a nossa (exceção) ela passa por aspectos que são inerentes a ação do museu no digital, aos projetos que foram desenvolvidos, mas também é um desejo da sociedade de recuperar esses territórios né dos quais nós fomos excluídos durante muito tempo. E em relação aos projetos como eu vinha falando, você tem *Meninas de 10 anos*, você tem é um projeto chamado *Inspira Ciência* que é de formação de professores e esse projeto envolve professores de todo o Brasil, ele continua se beneficiando muito do digital e nós também temos nossa, são muitas iniciativas, a gente tem um programa de vizinhos. E aí sim pessoas no território do museu, aí esse presencial pode ser feito no ritmo, a retomada pode ocorrer num ritmo mais acelerado. Então é só para te falar que o museu, ele atua em várias esferas né? Você tem as exposições, você tem os eventos, mas você também tem os projetos continuados. O *Meninas de 10 anos*, por exemplo, dura vários meses. E o *Inspira Ciência* também. E você tem outros projetos que são de curta duração, por exemplo, uma residência artística ou mesmo aqueles que duram uma tarde, como uma oficina que é feita com o público infantil. É, enfim, o museu desenvolve muitos e muitos projetos, que também passaram por essa reinvenção do digital e nesse processo ganharam algumas ferramentas, redescobriram outras, e com o fim da pandemia tudo isso voltou a ser avaliado né? Para ver o que fazia sentido ou não, cada caso, cada percepção. Exatamente é uma coisa avaliada, quase que caso a caso. Quais são os custos e benefícios de cada estratégia né?

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Nesse processo de apropriação digital – contemplando o antes, o durante e o após a pandemia – muitos indícios levam a pensar que o espaço museal sempre será importante para o público e para os colaboradores, mas as tecnologias podem abrir espaços para atingir novos públicos, se tentar atingir a utopia preconizada por Lèvy (1999), de socialização das informações de forma universal por meio da internet.

É a gente utilizava o *Google Arts & Culture* bem timidamente, aí na pandemia eu lembro que a gente chegou a ter algumas exposições diretamente lá. Então foi mais um dos recursos digitais que a gente utilizou também, E foi mais próximo mais presente da gente. É aí deixa eu pensar outro, outra ferramenta que a gente se apropriou para fazer as publicações. Olha acho que o *Instagram* foi principalmente, a gente ficou muito no lugar das redes sociais mesmo, não teve nenhuma outra ferramenta, tanto as salas virtuais como o meet como até esqueci o nome da outra sala virtual para tu ter uma noção...

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

É, hoje a gente tem trabalhado mais no *Instagram*, então o *Facebook*, as divulgações das programações, o *YouTube* a gente tá pensando, tem um movimento de retomada também, porque as redes sociais foram se transformando ao longo desses últimos anos. Então o *YouTube* já é uma outra coisa, algo mais streaming. Então a gente na comunicação tem pensado como trabalhar isso melhor também. E aí, enfim, o *Instagram* e o *Facebook* são as redes sociais que a gente mais trabalha hoje em dia. São os carros chefes. O *Tik Tok* chegou na pandemia para a gente. Hoje realmente a gente está entendendo como é estar naquele ambiente. Eu acho que é um ponto até importante de trazer, que é as redes sociais que a gente utilizou muito durante a pandemia, hoje elas foram se transformando, tanto na forma de comunicação quanto de linguagem. Então a gente vê o *YouTube* e o *TikTok* se transformando hoje, é uma outra coisa e a gente também tá entendendo como se reinsere nesse contexto. Então no *YouTube* a gente já tá planejando coisas, aí dá um tempo, até vou te estar dando spoiler aqui. Então vai vir coisas bacanas para o *YouTube* do museu, mas também pra o *Tik Tok*, a gente tá pensando em outras formas de comunicação ali, de linguagem. Acho que é muito mais por linguagem do que produzir um conteúdo, a gente tem essa preocupação bastante, assim na comunicação. Porque não adianta só fazer algo que tá na moda ou que tá acontecendo, tem que ter toda uma proposta de um museu científico que tá com uma proposta séria. Não só uma divulgação científica, a gente também tem todo um apelo pelo social, pela convivência. Então é um museu. Eu costumo dizer que o *Museu do Amanhã* é um museu de ciências aplicadas. E não só um museu de ciências exatas ou humanas, sabe ele tá sempre em movimento, ele não tá estático numa Tese ou na teoria. É bem bacana assim trabalhar no museu por conta disso.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Nessas falas que remetem a um movimento de reinvenção, de uso de redes sociais e de interação com o público, pautadas no social e na convivência – pode ser importante também avançar nas reflexões em torno da exposição FRUTUROS, inclusive por tentarem pensar em formas de contornar os desafios tecnológicos que muitos enfrentavam neste período.

A exposição FRUTUROS surge tanto no presencial quanto em meio digital e têm como diferencial o desenvolvimento de um ambiente digital especificamente criado para a exposição. Assim, foram desenvolvidos também vários aspectos relacionados ao digital e que foram adicionados ao ambiente digital desenvolvido para FRUTUROS. No presencial, outros

aspectos também foram relevantes e também levados em consideração, como o desenvolvimento de um game em realidade virtual (VR). A seguir, é possível acompanhar várias figuras, ao longo das páginas, repletas de imagens da versão digital de FRUTUROS.

Figura 36 - FRUTUROS: Abertura da Exposição Digital do Museu do Amanhã

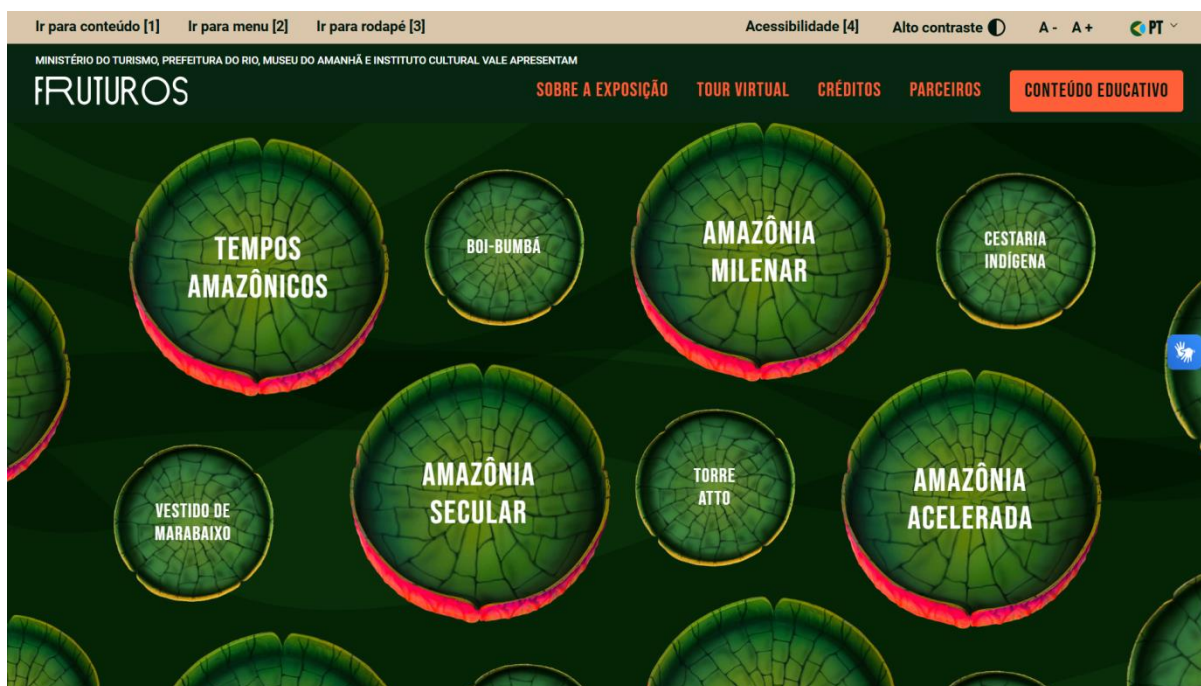


Fonte: Fruturos (2021).

É destaque também o fato de que FRUTUROS – Tempos Amazônicos, é uma exposição que habita o digital desde quando foi inaugurada, em 2021, já que foi inaugurada em ambos espaços – o presencial e o digital. FRUTUROS quando terminou sua presença digital como exposição temporária do *Museu do Amanhã*, tendo sido visitada por milhares de pessoas também via o Projeto *Televisitas* e tendo sua vertente digital sempre disponível à navegação desde sua inauguração presencial, traz para a pauta pontos de reflexão e tensão que transcendem aspectos relacionados tanto a necessidade iminente de preservação da floresta amazônica quanto a própria ressignificação do patrimônio imaterial envolvido no cerne dessa problemática – trazendo memórias importantes e pontuais, relacionadas aos povos que vivem na floresta e também aos seus movimentos, cultura e significado dentro da cultura brasileira e para o contexto mundial.

Em 2024, o *Museu do Amanhã* retoma o projeto de FRUTUROS e decide levá-lo a várias cidades brasileiras, escolhidas para serem aquelas a receber tanto uma exposição a ser montada a atividades de sensibilização para a temática, envolvendo a população local e colaboradores vinculados ao desenvolvimento de FRUTUROS, como nossa entrevistada Amarílis Lage, visível na figura 40 e, em detalhes, em Museu do Amanhã (2024c).

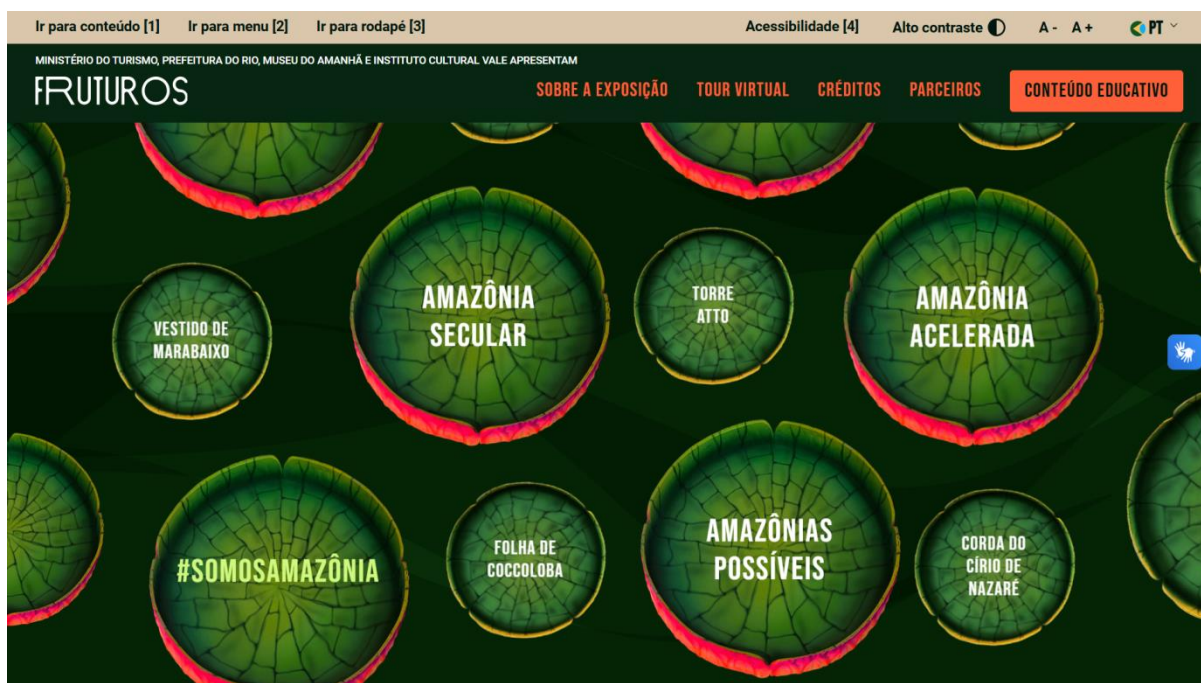
Figura 37 - FRUTUROS: a Amazônia em foco no Museu do Amanhã



Fonte: Fruturos (2021).

Vivenciar a experiência de adentrar digitalmente em FRUTUROS – Tempos Amazônicos traz a rica oportunidade de imergir num processo tanto de reflexão do nosso próprio papel em relação à Amazônia, quanto em relação ao reconhecimento dos diferentes contextos que ela engloba. Nesse ambiente, cuidadosamente preparado, o *Museu do Amanhã* opta por não utilizar os limites da plataforma digital do *Google Arts & Culture*.

Figura 38 - FRUTUROS: #SOMOSAMAZÔNIA no Museu do Amanhã



Fonte: Fruturos (2021).

Figura 39 - FRUTUROS: Tempos Amazônicos no Museu do Amanhã



Fonte: Fruturos (2021).

O *Museu do Amanhã* se expande em direção a proposta de contemplar diferentes possibilidades digitais em um ambiente desenvolvido especificamente para acolher a exposição digital. Em 2024, o *Museu do Amanhã* decide ampliar os horizontes dessa exposição, passando a montá-la presencial em alguns municípios brasileiros (figura 40), pontuando novos olhares à problemática da Amazônia e sua importância brasileira e mundial.

Figura 40 - FRUTUROS: itinerâncias pelo Brasil afora



Fonte: Museu do Amanhã (2024c).

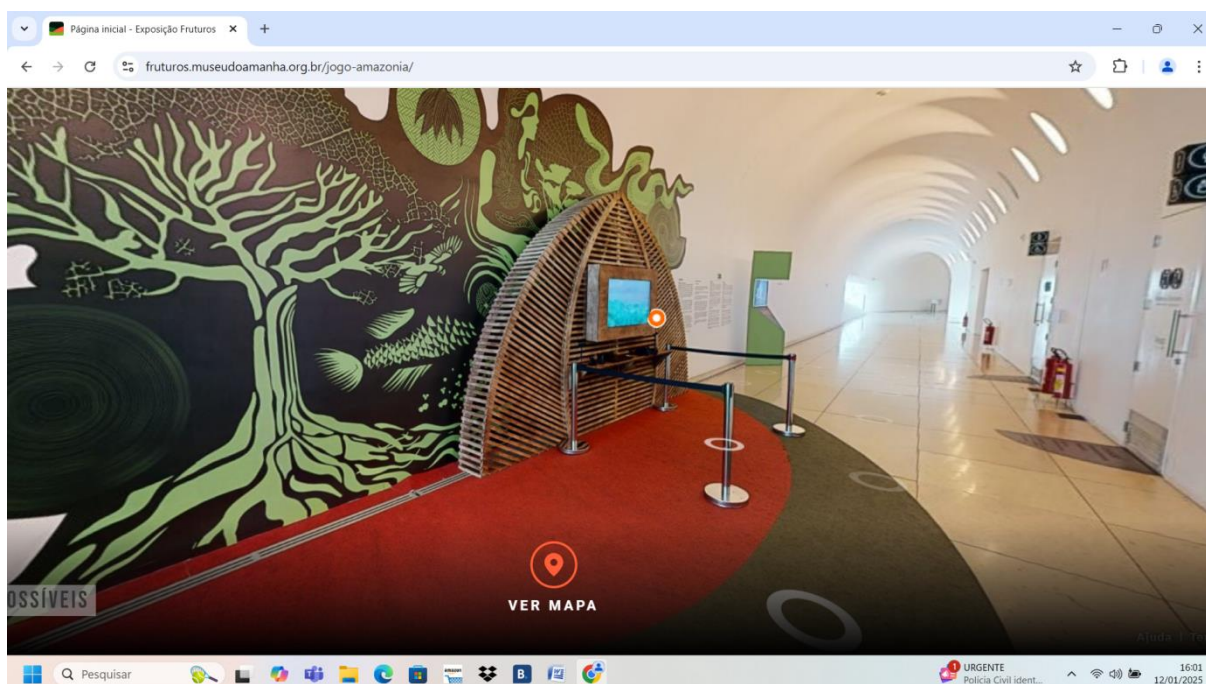
Figura 41 - FRUTUROS: ampliando horizontes no Museu do Amanhã



Fonte: Museu do Amanhã (2021g).

A Exposição FRUTUROS – Tempos Amazônicos, do *Museu do Amanhã*, trouxe também a oportunidade de desenvolvimento de um jogo em realidade virtual, para que fosse possível vivenciar de forma imersiva o contato com a cultura indígena Yanomami, sendo inspirado nos relatos da líder indígena Floriza Yanomami, segundo dados de Fruturos (2021).

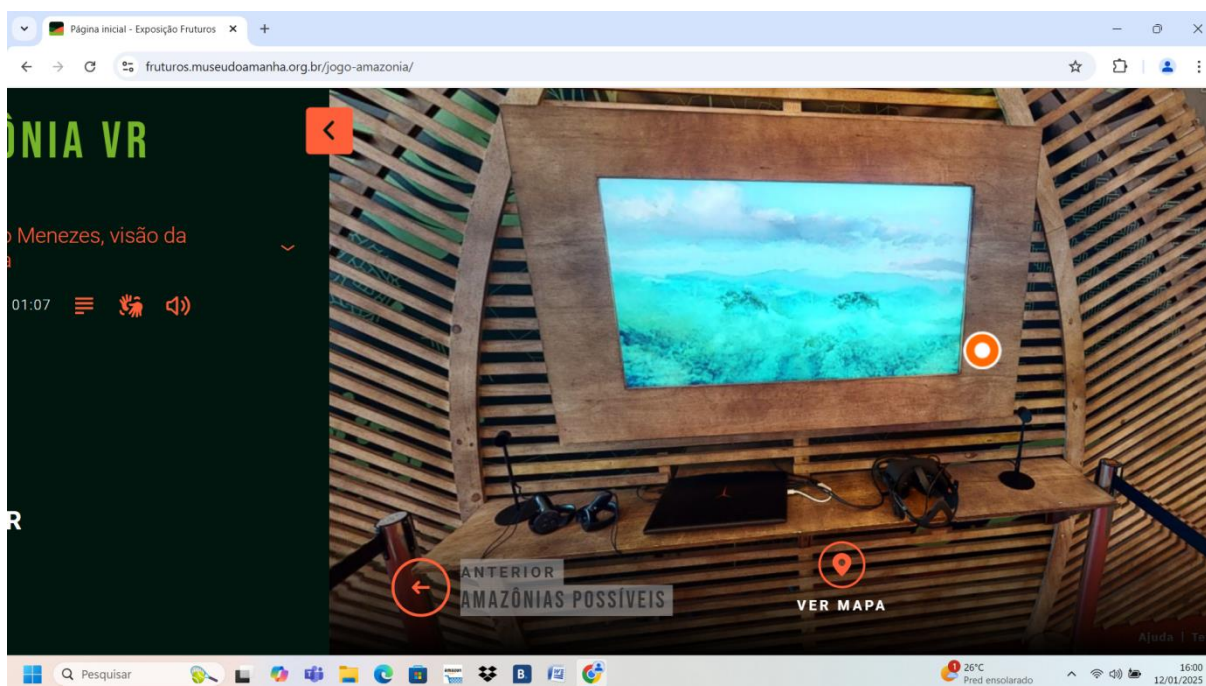
Figura 42 - FRUTUROS: imagem que mostra a tela do jogo em realidade virtual VR



Fonte: Fruturos (2021).

Na figura 42 é possível se ver o local onde ficava instalada a televisão e todos os artefatos para o jogo em realidade virtual, isso na exposição presencial de FRUTUROS no *Museu do Amanhã*. Há também, na figura 43, uma aproximação dessa televisão, no qual se pode ver o óculos e outros artefatos para que se pudesse imergir no jogo VR. Todas essas imagens são do Tour Virtual de FRUTUROS, mas servem para visualizarmos como foi organizada no espaço essa proposta de jogo. Outras imagens e a própria experiência do Tour Virtual por FRUTUROS também podem ser acessados digitalmente em Fruturos (2021).

Figura 43 - FRUTUROS: tela do jogo em realidade virtual e óculos de VR



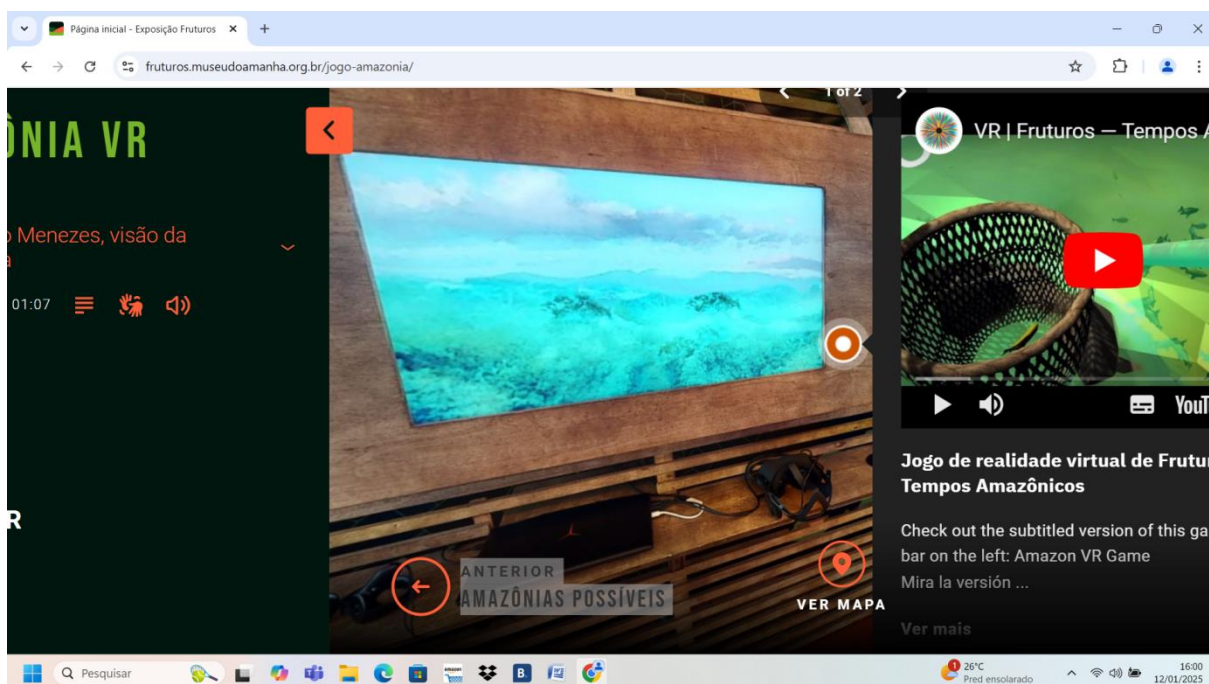
Fonte: Fruturos (2021).

Ao se utilizar de óculos específicos de realidade virtual, o público pode, na exposição presencial, vivenciar de forma imersiva, o contato com a realidade indígena brasileira, seus modos de vida e hábitos em meio a floresta amazônica. Na figura 43 é possível visualizar todo o material que ficava disponível na exposição presencial, para que o público pudesse utilizá-lo para experienciar o jogo em realidade virtual (Amazon VR Game).

A Fruturos é uma exposição sobre a Região Amazônica foi a nossa grande inauguração pós-pandemia eu estive bem envolvida no desenvolvimento desse projeto. Eu cheguei ao Museu quando uma pesquisa prévia já tava pronta e a narrativa tava pronta Mas a partir daí tudo foi desenvolvido e eu estava bastante integrada a organização dessa exposição e aqui o que a gente tem é um *site* que traz uma visita a 360, então você consegue visualizar essa exposição temporária. A gente tem uma área com a exposição de longa duração e uma exposição com uma área bem grande para a exposição temporária. É a mesma área onde teve a exposição *Inovações* e a exposição de *Coronaceno*. Você vai ver que parecem espaços bem diferentes, graças a arquitetura, a elevação de paredes para cada projeto e tal.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Figura 44 - FRUTUROS: a tela do jogo em realidade virtual e o video em VR



Fonte: Fruturos (2021).

É destaque na figura 44 o fato de que quando estamos realizando o Tour Virtual de FRUTUROS, ao clicar no círculo, temos acesso a um vídeo postado no *YouTube*, mostrando detalhes do jogo em realidade virtual (VR), que esteve disponível ao longo de FRUTUROS; quando a exposição temporária esteve no formato presencial no *Museu do Amanhã*. É bem interessante encontrar também na versão digital de FRUTUROS essa possibilidade de acesso, o que nos remete a também se sentir, de certa forma, inserido no processo, assim como próximos do que foi FRUTUROS quando esteve presencialmente exposto no *Museu do Amanhã*.

E a ideia de aproveitar a internet, a possibilidade de ter um *site* para exposição, não só para colocar aquilo que estava presente na exposição, mas como enriquecer esse material. Então essa exposição Fruturos, ela traz alguns conteúdos que não estavam disponíveis na exposição presencial. Ela traz um conteúdo educativo que foi produzido para esse *site*. Ela traz vídeos que foram produzidos especialmente para esse *site*, alguns audioguias com bastidores desse projeto, que também foram específicos para esse *site*. Então achei que antes de me despedir valia a pena destacar tudo isso, e também como a internet é uma possibilidade (oportunidade) de enriquecer esses projetos, a gente sabe que perde muito da experiência em si, mas isso não significa que outros ideais não sejam possíveis. Então a gente traz infográficos animados, traz áudios, traz vídeos, tentando aproveitar o que há de melhor em cada caminho. E é isso, não vai ter nenhum caminho que supri todas as necessidades. E aí a gente tem que entender o que consegue aproveitar da melhor forma possível em cada um deles.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Ao visualizar a sequência de figuras referentes à FRUTUROS e imergir na vivência em Fruturos (2021), você passa a compreender todas nuances das falas de Amarílis Lage.

E hoje a gente, e aqui eu falo no plural, porque essa percepção ela não é só minha. Eu acho que muitos compartilham essa sensação de que a gente espera quando vai pensar numa nova experiência, repensar a presença da tela e a atração que esse tipo de recurso desenvolvia, tinha sobre nós, exercia sobre nós, 10 anos atrás. Não é a mesma atração que exerce hoje. E há muitos caminhos para a gente desenvolver a interação com o público. E muitos desses caminhos que podem ser muito inovadores e muito tecnológicos, eles nos envolvem por meio de outras estratégias, ativam o nosso corpo de outra maneira. E não é apenas a lógica do toque com a tela. Isso é um desafio, mas é um ótimo desafio a gente pensar como que a nossa relação com a tecnologia pode se dar de outras formas, assim explorando outros sentidos, explorando outros suportes.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Amarílis Lage traz para reflexão a questão das mudanças que a tecnologia sofreu ao longo desses 10 anos, em que o próprio toque de tela, que chamamos *touch*, passa a não atrair mais o público, da forma como era antes. Desta forma, a própria interatividade e as várias nuances tecnológicas, passam a sofrer modificações ao longo dos anos, em que novos sentidos e novos suportes tecnológicos ganham espaço em detrimento de outros que já foram novidade e surpreenderam, mas hoje, já se encontram saturados ou quase em desuso.

Eu acho que sim, assim o museu ele está passando por uma transformação, e é digital. Porque o museu, até vamos colocar aqui, até ano passado sempre foi das redes sociais: *Twitter (X)*, *Instagram*, no *site* a programação do museu. Ah vai acontecer tal coisa, era basicamente isso, só que o museu tá tendo uma virada de chave. De quê um museu - todo museu não é neutro. O museu não é neutro, então o museu precisa se posicionar e a gente tá tendo essa virada de chave. Então hoje em dia no *Twitter (X)*, no *Instagram*, na *newsletter*, no *site*, também vai mudar nós estamos no *medium* também que a gente coloca nossos textos, enfim sobre alguns assuntos. E o museu se posicionando, falando sobre temas de relevância da sociedade, assim entendeu, então, por exemplo, outro dia teve um post que bombou assim, que foi sobre as chuvas que estavam acontecendo acho que em São Paulo ou no Rio, eu não lembro, acho que foi no Rio, por exemplo, um dia chovia muito, outro dia era muito sol, e sabe tava tendo essa variação e o museu se posicionou de chegar e falar - olha isso aqui não é normal, isso aqui é um efeito das mudanças climáticas e a gente já tá vivendo isso. Entendeu, então assim o museu ele tá trazendo esses conteúdos, entendeu então eu mesmo sou responsável por isso e de trazer esses textos, de trazer esses conteúdos. E trabalho junto com a comunicação para fazer então o museu se posicionar mais sobre esses assuntos. Eu acho que fazendo isso o museu ele chama o público também, sabe pela atividade do museu. Veja a pessoa leu esse post específico da chuva e sol, ela se interessou, ela vai querer saber mais sobre isso, entendeu, e ela pode procurar o museu para saber mais porque o museu trata das mudanças climáticas. Então eu acho que essa presença digital se posicionando, falando sobre os assuntos, eu acho assim que é uma mudança muito boa para o museu, sabe é essa relação com o público, sabe o público comentou, o que a gente pode discordar, mas assim é faz parte também. Então eu acho que assim essa relação está sendo mudada para melhor sabe.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Já Felipe Floriano coloca ênfase no fato de que o *Museu do Amanhã* realiza uma mudança de chave, passando por uma transformação digital, mas também de posicionamento em relação ao seu público, buscando se posicionar em relação a variedade de temas com que trabalha; de forma a buscar suscitar no seu público, o senso crítico e a conscientização.

8.3 Museus, pandemia e mundo digital: outra reflexões

Estariam o digital e a pandemia interconectados? Essa é uma das questões que perguntei em diferentes momentos a todos os entrevistados. E cada um deles teve uma reação, uma opinião, que vou compartilhando ao longo dessa narrativa, em diferentes momentos, para suscitar diferentes pontos de reflexão e tensão.

Eu acho que é só aceleração, o digital ele já tava posto. Só a critério de aceleração né!? Uma ampliação acelerada do uso do recurso. Ele já tava posto.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Fotografia 55 - Museu do Amanhã: registro da inauguração em 2015



Fonte: Tomaz Silva/ Agência Brasil (2015) - Ficheiro Wikipedia.

Em relação à pergunta: “Qual o papel que o *Museu do Amanhã* tem em termos de compromisso com o seu público?” as respostas seguem alinhadas as reflexões apresentadas no final da seção anterior, mas merece ser importante trazer novamente à tona, principalmente a fala a seguir de Felipe Floriano.

É eu acho que assim, primeiro o Museu do Amanhã é como eu disse, eu acho que ele é um museu de perguntas, Então o papel dele eu acho que é muito estimular o público, enfim a se preocupar e a ser instigado pelas nossas diretrizes, que é basicamente a convivência e a sustentabilidade, então ele entender que o amanhã a gente vai fazendo...

O amanhã ele é basicamente realizado agora. Então assim o futuro não existe assim sabe, ele depende das nossas ações de hoje. Então eu acho que esse é o papel do Museu do Amanhã.

Sabe é evidenciar isso, as ações de hoje vão contar no nosso futuro. E tem que chamar atenção para esses assuntos assim sabe, principalmente, as mudanças climáticas. Mas não só isso, também é sobre o futuro das cidades, o futuro das relações entre as pessoas.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Suscitar ao mesmo tempo em que busca sensibilizar o público para ir mais além. Um dos desafios que fazem do *Museu do Amanhã* um museu de ciência, implicado em seu tempo, é o estímulo a que seus colaboradores e visitantes busquem compreender seu próprio papel dentro da sociedade e a nível mundial, em uma visão de que passado, presente e futuro se interconectam tendo a sustentabilidade e a convivência unidas e direcionadas a desenvolverem um futuro melhor e mais consciente para toda a humanidade.

A gente partia do princípio que todas as vezes que a gente fazia, a gente partia do princípio de apresentação do museu. O museu é um museu de ciências, ele é pautado em dados científicos e validados. Então a gente explicava como é que era esse processo de validação científica, a gente explicava que órgãos eram esses os quais eram as referências, a gente explicava o que tornava uma informação validada ou não. Então antes de qualquer contexto, antes de qualquer afirmação, a gente ensinava para as pessoas como reconhecer um dado científico. Então isso já evitava muitas das discussões, porque aqui se entendia o que era discussão científica e pensamento crítico.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Quando observamos as diversas falas aqui compartilhadas, ao longo desse capítulo, pelos colaboradores do *Museu do Amanhã* – é possível se perceber diversas relações que são estabelecidas com as mudanças climáticas e sua emergência, percebemos o quanto a vivência da COVID-19 revelou outras possibilidades de resignificação.

Enfim tudo meio que para explicar, cara não tem mais como a gente viver como a gente tá vivendo. Sabe então o Corona deixou isso, sabe tipo o museu começou a criar discussões, criar exposições, criar enfim experiências para é evidenciar que não tem como mais. Porque assim a gente sempre falou sobre isso, mas não como emergência a partir do coronavírus. Foi tipo, olha a gente tá em emergência sabe, mudanças climáticas não é algo mais que a gente tem que pensar a daqui a 10 anos! Isso vai acontecer, não cara isso já está acontecendo e se a gente não agir agora vai ser pior, porque. vou te dar um exemplo... As mudanças climáticas são irreversíveis, não tem como a gente evitar, mais vai acontecer. É um fato, o que a gente tem que fazer agora é minimizar os impactos. Então meio que o Corona deixou isso assim, a emergência de tratar os assuntos. Não tratar mais algo como futuro distante. Não já tá acontecendo agora e a gente precisa agir agora entendeu. Então foi muito isso assim, as nossas lives, as nossas exposições. Tudo foi meio que norteado por isso. Assim tá a gente tem que agir agora, a Amazônia foi uma dessas, por exemplo, olha, por exemplo, eu tô no Rio de Janeiro e a Amazônia para mim, quando a gente pensa é algo distante, mas cara a Amazônia é conhecida aqui entendeu. Então assim não tem como a gente não tratar sobre esses assuntos, sabe a gente tem que tratar esse assunto agora, tem que falar sobre isso agora, tem que enfim é pressionar os tomadores de decisão agora, entendeu! Tipo assim foi muito isso, que eu acho que o Corona deixou assim pra gente sabe.

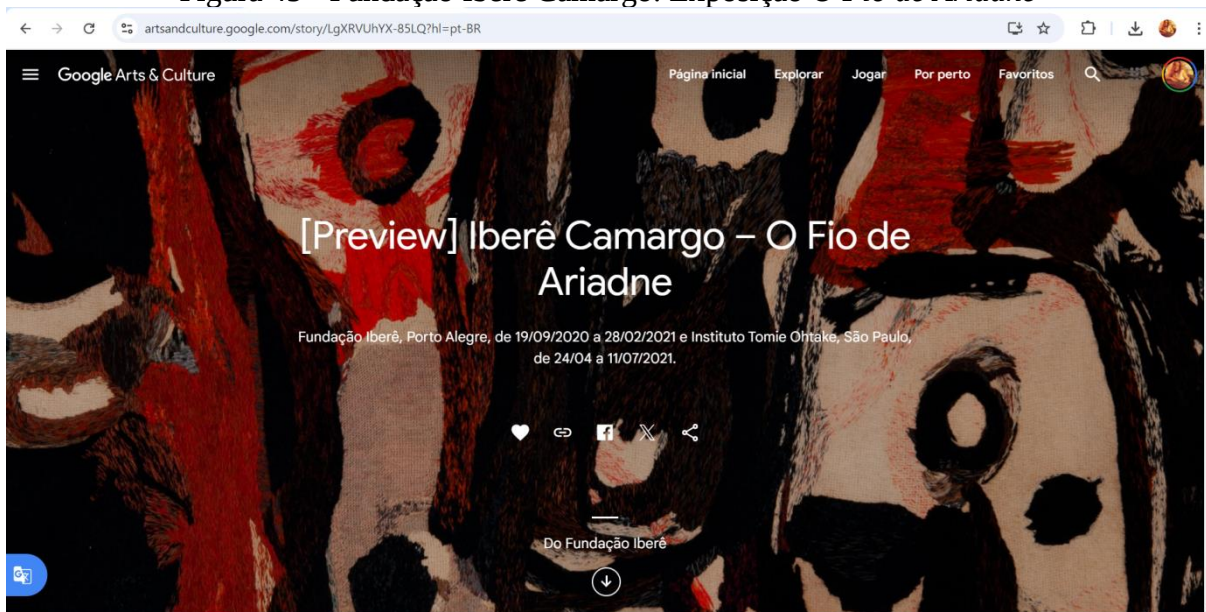
Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Na fala acima, Felipe Floriano comenta de que não há mais tempo para pensar e nem a perder, que as mudanças precisam ser feitas de imediato no aqui e agora, para que as transformações possam incidir em amanhãs melhores e menos turbulentos, no que diz respeito tanto às pandemias quanto às emergências climáticas. Esse processo de resignificação passa

a nos apontar o fato de que atravessa não só a ele, mas também toda a equipe de colaboradores, incidindo no próprio posicionamento que tanto colaboradores quanto o próprio *Museu do Amanhã* estende na forma como se comunicam em suas publicações nas diversas redes sociais, na escolha dos temas das diversas *Lives* e palestras que têm sido desenvolvidas ao longo dos anos.

Em relação à *Fundação Iberê Camargo*, também se percebe que há esse interesse e intuito enquanto posicionamento institucional e de equipe, que foi visível tanto em 2024 quanto problematizaram as questões relacionadas às enchentes de 2024 (Capítulo 7), quanto na época dos anos pandêmicos. Quando eles abrem suas portas e optam por assumir todas as recomendações sanitárias vigentes – uso de máscaras adequadas, apresentação de carteira de vacinação em dia, medição de temperatura corporal, opção por venda de ingressos on line para que haja melhor controle do público presente por horário e andar – tem um intuito de se afirmar em cuidado da vida tanto de seus colaboradores quanto de seus visitantes. Há inclusive um vídeo de uma das primeiras exposições – *O Fio de Ariadne* – em que o público aparece de máscara visitando a exposição, visível na publicação em Fundação Iberê (2021c) postada no *YouTube* oficial da *Fundação Iberê Camargo*.

Figura 45 - Fundação Iberê Camargo: Exposição *O Fio de Ariadne*



Fonte: *O Fio de Ariadne* (2021) Google Arts & Culture.

A exposição *O Fio de Ariadne* foi a primeira realizada durante a pandemia, na reabertura da *Fundação Iberê Camargo*. Foi uma exposição realizada em parceria com o *Instituto Tomie Ohtake*, de São Paulo, sendo em si de natureza itinerante durante estes anos de pandemia, trazendo vários desafios para sua expografia – na figura 45 se percebe no centro as

datas que as exposições ocorreram, em 2020 e 2021, em Porto Alegre e São Paulo. A concepção dessa proposta foi expandir a percepção do público para outros aspectos da obra de Iberê Camargo e sua vida, dando ênfase as parcerias que desenvolvia com diferentes mulheres ao longo de sua trajetória profissional. É destaque o fato de que o *O Fio de Ariadne* foi também disponibilizada no *Google Arts & Culture* da *Fundação Iberê Camargo*.

Há destaque para a exposição – *O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi* – do estilista japonês Tomo Koizumi – realizada pela *Fundação Iberê Camargo*, que teve sua data de início mudada (19 de março de 2021 para 01 de maio de 2021). A exposição foi realizada, presencialmente, em parceria com a Japan House, de São Paulo, sendo realizada presencialmente na *Fundação Iberê Camargo* junto da inédita – *Modelar no Tempo: Iberê e a moda* – com todos os protocolos de segurança (máscaras, medição de temperatura e carteira de vacinação em dia) aliados a venda de ingressos restringindo pessoas por andar, via *site* do Sympla.

Figura 46 - Fundação Iberê Camargo: Exposição Tomo Koizumi



Fonte: Fundação Iberê (2021a).

É notório na figura 46 o aviso de que a exposição mudaria de data de abertura, em função do aumento dos índices de contaminação vigentes em Porto Alegre. Já na figura 46, na outra página, é possível perceber já anunciada, a nova data de abertura da exposição em função do aumento dos casos de COVID-19 no período anterior. É destaque que mesmo essa sendo a segunda exposição, após *O Fio de Ariadne*, acabou por sofrer modificações de data.

Figura 47 - Fundação Iberê Camargo: *O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi*



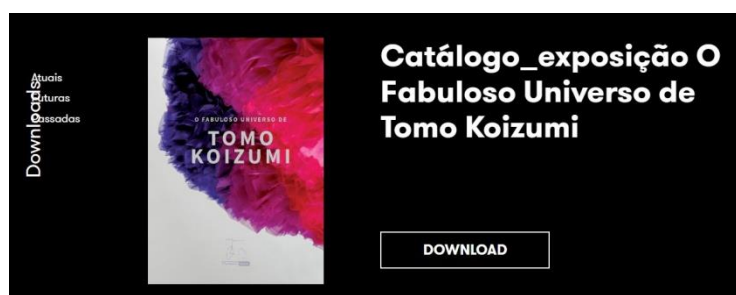
Fonte: Fundação Iberê (2021e).

Sim. Tu tá falando do (Tomo Koizumi) Montagem e Montação, foi o nome desse projeto que a gente deu. O Tomo Koizumi ele é um artista que ele trabalha com vestidos, muito tule, essa coisa muito bufante, não é tule para aí é como é o nome daquele tecido daqui a pouco eu me lembro... Mas lembra tule, lembra muito. Ele é um tecido que ele não é tão aberto quanto tule... daqui a pouco eu lembro... a gente tinha amostras, inclusive a Japan House mandou amostra do tecido para a gente entender como ele era, porque claro aqui a exuberância desse trabalho dele e essa era uma palavra que aparecia no título da exposição e era hipnotizante.

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*.

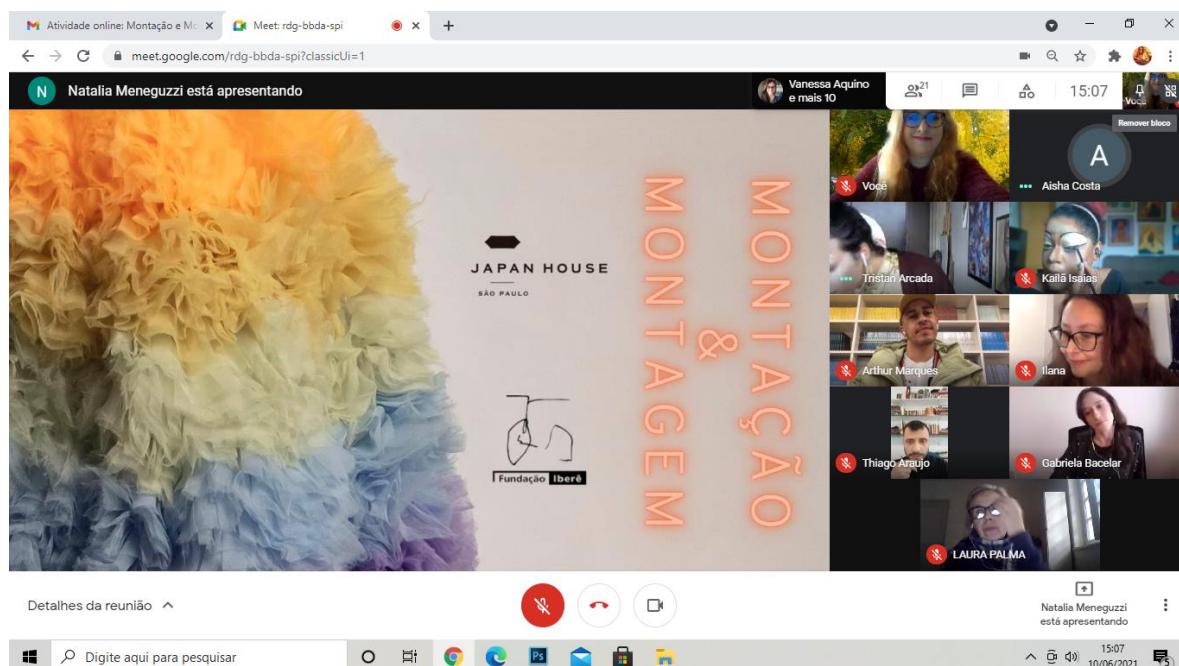
É exatamente nas falas de Ilana, que se pode contemplar toda a complexidade que esteve por trás da organização tanto da exposição quanto do próprio encontro realizado via sala de videoconferência, *Google Meet*; em que por meio de inscrições o público poderia participar e interagir nesse encontro digital sincrônico que circundava o tema da exposição de Tomo Koizumi na *Fundação Iberê Camargo*. O catálogo segue disponível para baixar no *site*.

Figura 48 - Catálogo Tomo Koizumi da Fundação Iberê Camargo



Fonte: Fundação Iberê (2021e).

Figura 49 - Fundação Iberê Camargo: Montação & Montagem no Google meet



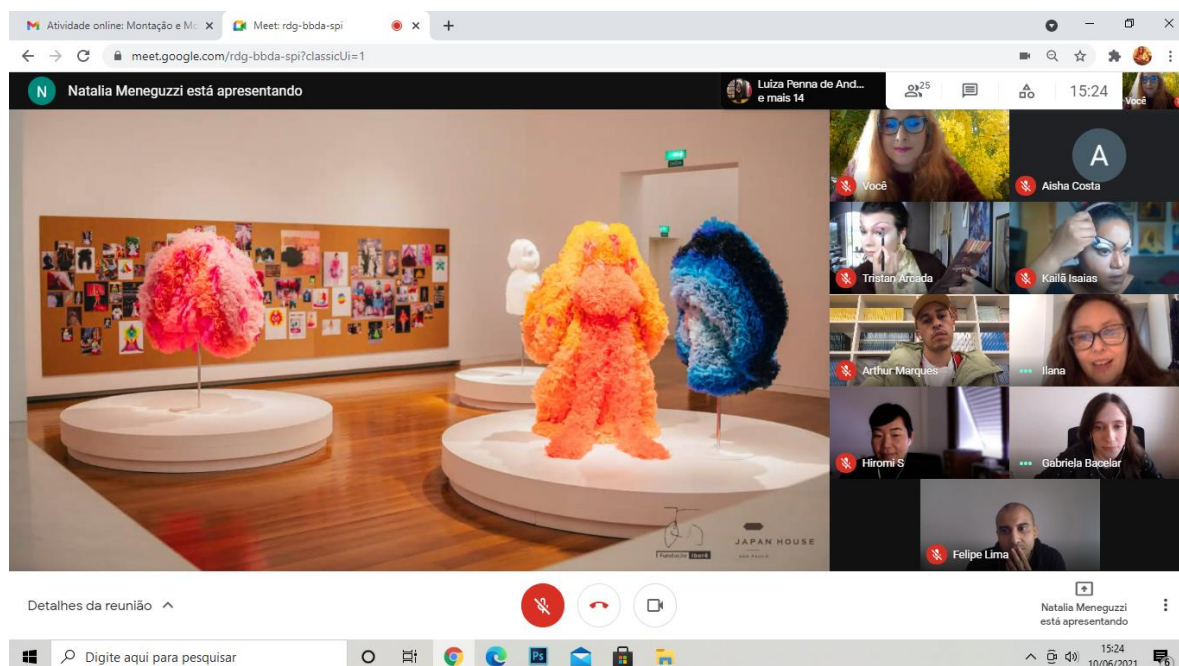
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A própria idéia de se utilizar de um ambiente digital como o do *Google Meet*, e fazer desse espaço um momento digital de interação de vários grupos: o pessoal que cuidou da curadoria aqui no sul; o pessoal da Japan House, de São Paulo; os educadores que recebem os visitantes nas exposições; assim como os dois participantes que estavam o tempo todo com a câmera ligada se maquiando; serviu para que isso fosse o ponto de partida não só de experimentações como de reflexões relacionadas aos temas que estavam sendo trabalhados, explicados em detalhes nos vários trechos da fala de Ilana Machado.

O universo *queer* é também contemplado na forma como os participantes se maquiavam ao vivo on line, como passam a se expressar apenas pelo gesto de se observarem e se maquiarem olhando para a câmera. Desta proposta lúdica, é possível se transcender na direção de vários aspectos de resignificação subjetiva, que vão além da experimentação proposta pela equipe organizadora do encontro on line via *Google Meet*.

Na medida, em que o público tem a possibilidade de observar esses dois participantes se maquiando, ele também é convidado, de certa forma, a entrar dentro desse universo *queer*. Desta forma, tal convite surge e se presentifica, na medida em que o público pode observar subjetivamente os dois participantes – assim torna-se possível que o público passe a refletir em relação a essas outras formas de habitar subjetivamente, podendo ao reconhecê-las também ter a oportunidade de refletir a respeito da inclusão e também do quanto é necessário respeitar diferentes modos de ser e pensar em nossa sociedade.

Figura 50 - Fundação Iberê Camargo: Montação & Montagem no Google meet 2

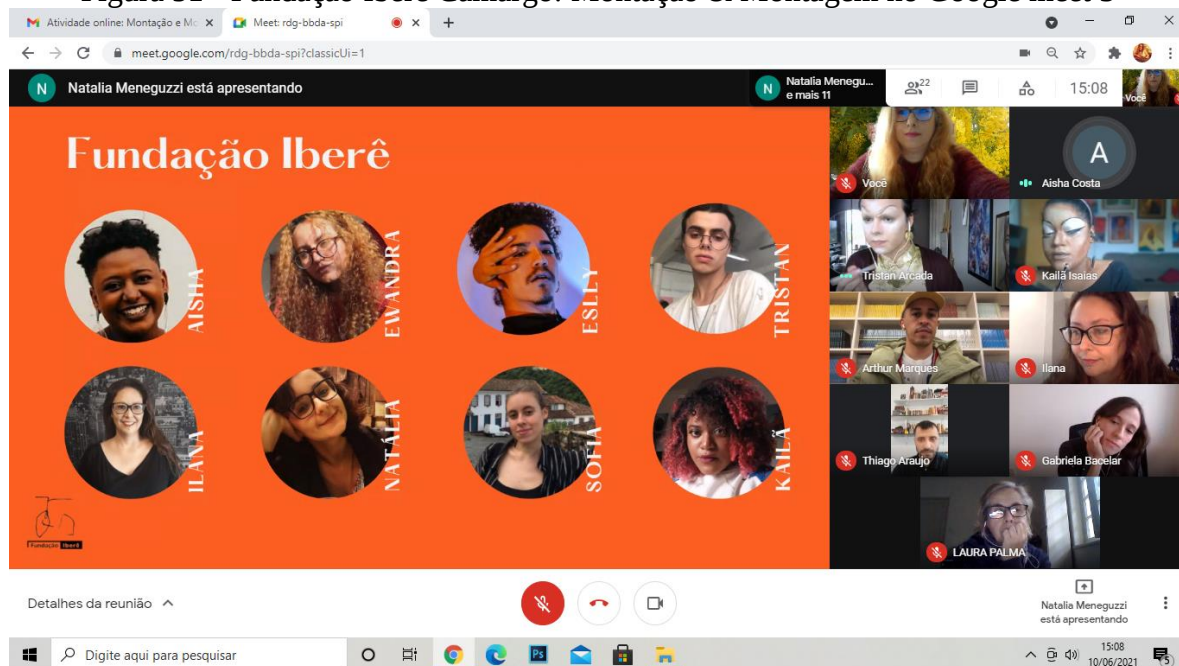


Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A gente trouxe o que a gente faz hoje no presencial que é um pouco de informação, Colocar a pessoa em um lugar que ela tenha alguns elementos para pensar sobre, e que ela possa trazer questões dela. E uma coisa interessante que a gente fez naquela exposição, foi que a gente não trouxe apenas o artista e a obra dele, a gente trouxe uma coisa que ela evocava também dentro do universo *queer*.

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*.

Figura 51 - Fundação Iberê Camargo: Montação & Montagem no Google meet 3

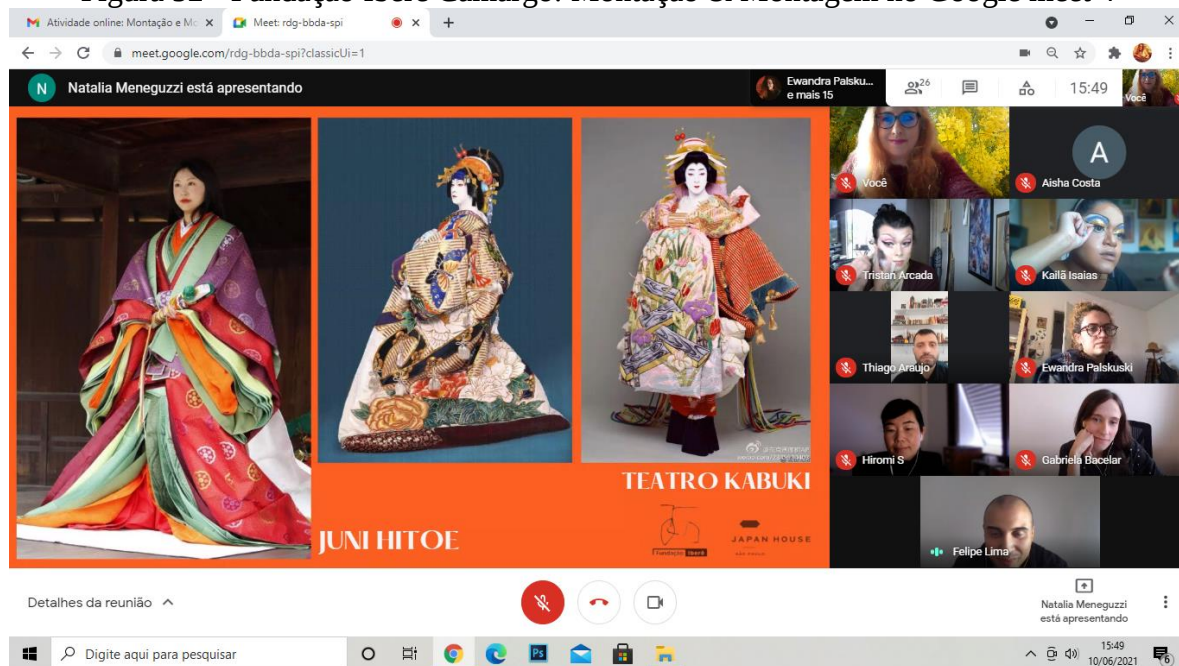


Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Então é a gente falou um pouco da montagem da própria exposição, das dificuldades, de peças que pesavam 10 kg, 7 kg, e vestidos que pesavam tudo isso e dessas modelos que vão para passarela com essas roupas tão pesadas e que elas parecem que elas estão flutuando ali. Mas também a gente foi para um outro lugar que era da montagem e a montagem, a gente tá falando desse aspecto de um lugar que habita esse imaginário de algumas pessoas e a realidade de outras.

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*.

Figura 52 - Fundação Iberê Camargo: Montação & Montagem no Google meet 4



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Então o que a gente fez foi não apenas discutir a origem desse artista como um estudante de arte que vai para esse lugar que é o de criar figurinos, design de roupas. Então assim, o que acontece é que a gente pensou que existem outras coisas ali a partir dessa trajetória do artista, que vai passar pela cultura japonesa, a gente trouxe algumas informações sobre como o teatro kabuki acaba fazendo o uso de algumas vestimentas que também são um pouco mais exageradas (...)

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*.

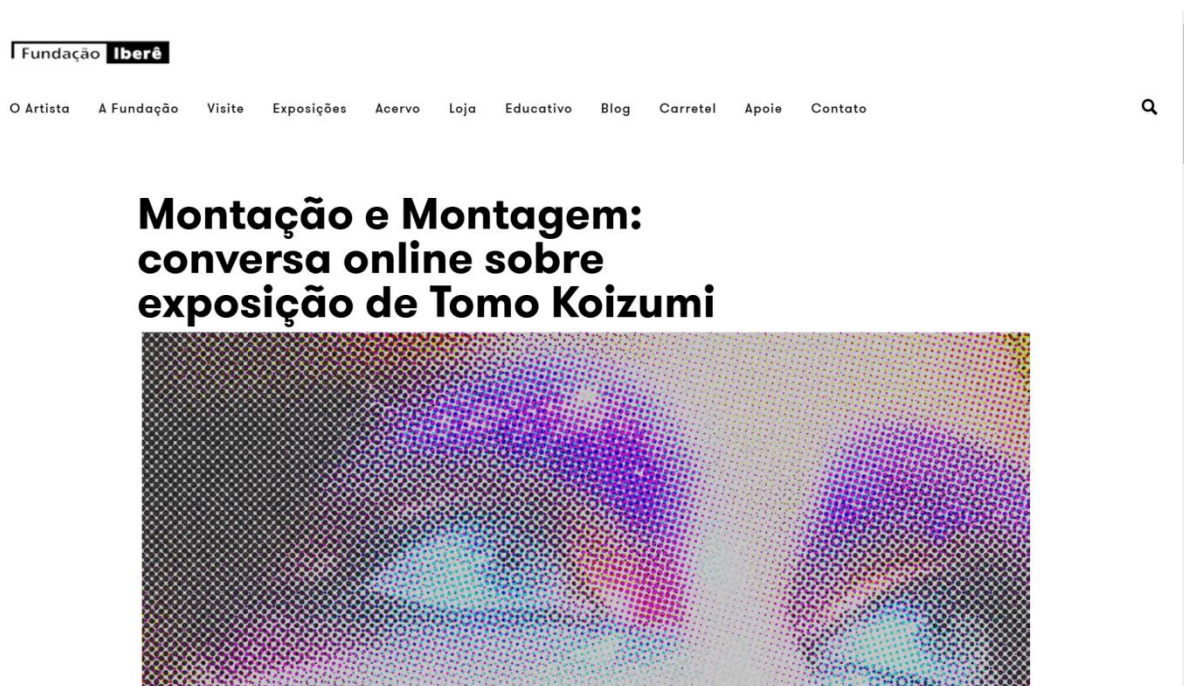
Então a montagem no lugar *queer* e a gente fez essas duas pessoas se maquiaram nesse momento, e fizeram uma transformação onde a gente convidou todo mundo para fazer essa experimentação também. Enquanto a gente fazia essa maquiagem a gente também estava discutindo questões pertinentes a todos esses lugares que eu te falei. Então assim não era apenas uma performance de uma montagem. Então a gente tinha corpos femininos e masculinos fazendo esse, que se identificavam dessa forma fazendo essa montagem, mas também discutindo outros aspectos que não apenas este.

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*.

Transversalizar e dialogar com o universo *queer* nesse projeto da *Fundação Iberê Camargo*, trazendo para o *Google Meet*, nesse encontro on line, várias possibilidades de diálogo como também de pontos de reflexão, englobam aspectos disruptivos que transcendem

o digital e as apropriações digitais contextualizadas ao longo desta Tese. O próprio ato de se maquiar e fazer isso em público, no encontro on line, proporcionado via *Google Meet*, já traz em si uma possibilidade em forma de oportunidade de reflexão – de parar, observar e pensar – no que isso reverbera em si e nos outros. Tais questões ultrapassam a própria exposição e trazem a mediação como uma forma de fazer pensar, de ir além de conceitos e formas de ser e viver. Há também a importância de se utilizar de diferentes propostas, nesse encontro on line, para trabalhar diferentes possibilidades de temas vinculados à Exposição de Tomo Koizumi.

Figura 53 - Fundação Iberê Camargo: conversa on line sobre Tomo Koizumi



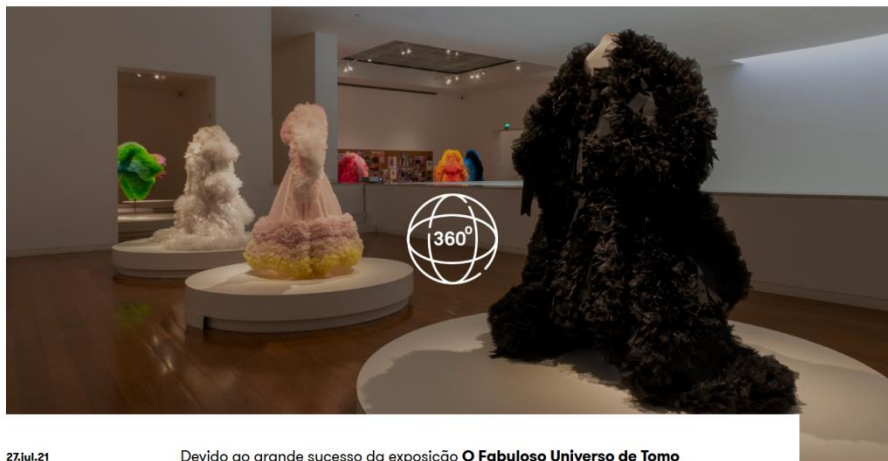
Fonte: Fundação Iberê (2021d).

A pluralidade do que a gente traz assim é sempre pensada. Então dentro do educativo a gente não quer trazer um norte para a pessoa, a gente quer possibilidades, que a partir de tudo isso que a gente tá trazendo sejam discutidos aquilo que reverbera na gente, Então não algo como um certo, um errado, mas aquilo com o qual a gente consegue se relacionar. Todas as atividades do Educativo são pensadas dessa forma. Então, a gente hoje, a gente utiliza um termo que é experimentação artística, porque a gente faz oficina seja de gravura, de pintura, de fotografia, o que for, não pensando que a pessoa vai sair daqui um fotógrafo, um pintor, um gravador, mas que ela vai experimentar uma técnica e que aquilo vai dialogar com ela de alguma forma. E muitas vezes a gente tem pessoas que vem com muita frequência, então assim, elas vem para a Fundação porque já é a décima oficina que elas participam, quando elas têm a oportunidade ou nos eventos. Então assim são sempre figurinhas que a gente já conhece, que a gente já teve contato e que são ambientadas em meio a outras que vem pela primeira vez e que estão entrando nesse universo. Então a gente tem ao mesmo tempo uma continuidade de trabalho com algumas pessoas e um germinar, um plantar uma semente com outras. Então acho que isso é muito rico, do educativo, e quando tu traz, especificamente, essa atividade do Tomo Koizumi - Montagem e Montação, é eu acho que ela traz muito, ela resume o que a gente faz no sentido dessa amplitude que a gente busca.

Ilana Machado – Fundação Iberê Camargo.

Figura 54 - Fundação Iberê Camargo: tour 360 na Exposição de Tomo Koizumi

Tour virtual “O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi”



27.jul.21

Devido ao grande sucesso da exposição **O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi**, a Japan House São Paulo disponibilizou em seu site um tour virtual em 360º da exposição na Fundação Iberê. A mostra virtual está disponível em quatro idiomas (português, espanhol, inglês e japonês) e conta com recursos de visualização em tela cheia, visitação pelos núcleos da mostra e

Fonte: Fundação Iberê (2021f).

Há um destaque bastante interessante para a época, presente em Fundação Iberê (2021f), bem visível na figura 54, acima, em que a *Fundação Iberê Camargo* convida os visitantes de seu *site* para uma visita em 360 graus à exposição *O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi*. Aqui, há um novo tipo de apropriação digital, utilizada como uma forma de ampliar horizontes de visitação em direção ao universo de Tomo Koizumi.

Considerando-se que 2021 era ainda um ano bastante desafiador em relação a pandemia de COVID-19 e suas possibilidades de contaminação, realizar essa exposição no presencial foi um grande desafio. Assim como também abrir para outras formas de interação e visitação, para que o público pudesse ter contato com esse universo, ser tocado por ele, para então permitir-se ser colocado à prova ou mesmo transformado pela exposição – era um ponto de intersecção que passou a transcender o presencial, quando se propôs utilizar-se de diferentes formas de apropriações digitais relacionadas a exposição: proposta de um encontro on line via *Google Meet* e disponibilização da exposição em 360 graus on line.

Finalmente, várias tecnologias vêm sendo utilizadas em maior ou menor grau, principalmente no *Museu do Amanhã*, como, por exemplo, a realidade aumentada, a qual pode ser um caminho para gerar experiências significativas para os visitantes. Inclusive, tais vivências têm também feito parte de exposições tanto permanentes quanto temporárias do *Museu do Amanhã*. Há destaque para o aplicativo (*app*) do *Museu do Amanhã* que traz em seu

cerne uma aplicação de realidade aumentada em que você aponta a câmera para a escultura no belvedere e tem uma vivência digital dessa realidade em seu próprio *smartphone*.

Tem esse apelo de realidade aumentada sim, na exposição de longa duração. Então em algum caminho ali da exposição você consegue apontar, direcionar com a câmera do celular para o ponto que ele indica e você consegue ver o cosmos e tem outras coisinhas assim.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Como mesmo diz Cleyton Santanna, no comentário acima, os apelos das experiências de realidade aumentada associados ao uso no *app* do *Museu do Amanhã*, surgem ao serem inseridos em diferentes pontos da exposição de longa duração do *Museu do Amanhã*. Contudo, há outras experiências também apontadas por Cleyton Santanna, como a seguir.

A gente nesse ano, no começo do ano, fizemos junto com um artista chamado Fabiano Micha, foi a galeria invisível no museu, era a parte externa então a gente fez uma obra do Fabiano. Ele cria uma obra digital chamada *Memória de Piá* e é colocada, é posicionada uma árvore que é posicionada na jacusi que a gente chama no espelho d'água central, que é redondinho assim e a gente colocou aquele objeto ali e aí a pessoa aponta o celular e vê essa obra em diferentes formatos, em diferentes realidades e agora também a gente tá com wifi. E tem uma obra do pessoal do 2050, que é uma espécie de coletivo da favela de Santo Amaro. E eles fizeram uma peça assim chamada, A Herança, aí você projeta o celular e nessa peça você consegue ver vários animais que poderiam estar em 2050. Tem uma, num lugar mais afrofuturista, o futurismo indígena que também fala da exposição e é uma exposição de literatura expandida.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Figura 55 - Museu do Amanhã: aplicativo e realidade aumentada



Fonte: Museu do Amanhã (2019).

Como na expografia do *Museu do Amanhã* há destaque para a exposição permanente de longa duração, que é subdividida em várias partes, presente desde sua inauguração em 2015 (sofrendo atualizações de dados todos os meses) – realizar uma intervenção em realidade aumentada que envolva o aplicativo nesses espaços expositivos traz novas oportunidades ao público e também possibilidades de integrar diferentes vivências digitais.

Contudo, o desenvolvimento do *app* para uso em *smartphone* do *Museu do Amanhã* se iniciou em 2017, ainda antes do período pandêmico, e foi uma das perguntas que foram questionadas para todos os entrevistados – buscando compreender se o *app* para celulares ainda fazia sentido para o *Museu do Amanhã* nesse período pandêmico e, também, se era um dos pontos de convergência das atuais apropriações digitais desenvolvidas por esses colaboradores entrevistados.

Então o aplicativo é ele era responsabilidade da minha equipe pelo conteúdo lá atrás, só que eu não trabalhei muito nele, quem trabalhava era nosso Editor artístico. Eu trabalhei um pouco nele porque quando ele tava pronto eu meio que fiz a revisão textual do áudio guia, enfim da parte de acessibilidade. Eu fiz a revisão mas não trabalhei nele de fato, mas é engraçado assim porque o aplicativo ele nunca foi pensado para pandemia. Ele foi pensado para ter um aplicativo do Museu do Amanhã de fato, mas de qualquer forma ele ajudou a gente, entendeu, assim ele foi um complemento sem pensar. Sabe porque!? Ele trazia as nossas exposições, então trazia o áudioguia, trazia áudio descrição, contava um pouco sobre as exposições. Então assim ele ajudou a gente, mas a gente não pensou nisso para pandemia sabe, foi mais algo enfim que auxiliou a gente mesmo.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Então eu acho que primeiro o Museu do Amanhã, a maioria dos nossos visitantes, é uma grande parte, eu não posso dizer a maioria tanto porque eu não tenho certeza, mas uma grande parte dos nossos visitantes não são do Rio. E quem mora no Rio, geralmente, vai vir uma vez, então assim o aplicativo eu acho que ele tanto quanto o aplicativo quanto as nossas publicações, também elas são uma forma do Museu do Amanhã continuar na vida daquela pessoa, atingindo aquela pessoa sem ela estar no museu. Entendeu!? Então eu acho que essa experiência digital, ela possibilita isso. Assim que ela continue usufruindo do museu, mas sem estar presencialmente no museu entendeu.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Então ele ficava na parte externa da exposição FRUTUROS, assim que as pessoas saíam então já eram direcionadas para a experiência VR. Aí o que acontecia? Ela tinha meio que um agendamento que a pessoa tinha que fazer. Entendeu!? E como era que eram muitas pessoas e já tava no processo de retomada presencial total, eram muitas pessoas. Então sempre tinha alguém de atendimento ali. A pessoa marcava o horário que ela queria e ela fazia a experiência VR. Então ela colocava o óculos. Aí que acontecia é o que eu falei, ela vivia um cotidiano indígena, Então ela através do controlezinho, ela ia lá e interagia com os animais, com a pesca e ia fazendo comida, participava de uma reunião. Então assim era basicamente isso assim sabe tinha o óculos e os controles que as pessoas mexiam. A gente só tomava alguns cuidados porque realidade virtual ela traz alguns problemas, assim as pessoas elas podem ficar enjoadas. E tem algumas questões assim de segurança mesmo, então a gente tomava, a gente indicava que as pessoas que, por exemplo, tinham determinadas doenças não podiam participar e tinha as medidas de segurança necessárias para a pessoa fazer. E sempre tinha alguém de atendimento ali sempre de prontidão.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Fotografia 56 - Fundação Iberê Camargo: conheça os apps da Fundação Iberê



Fonte: registrado pela autora.

Outro destaque nesse período pandêmico foi os dois aplicativos da *Fundação Iberê Camargo*, cujo desenvolvimento buscou em um deles foco pontual para o público infantil. Desta maneira, buscou-se desenvolver uma linguagem específica e adequada, para que o público infantil se sentisse, junto ao aplicativo, um pouco mais próximo da *Fundação Iberê Camargo*, como também da obra de Iberê Camargo e do seu legado. Tal iniciativa que foi trabalhada ao longo do período pandêmico trouxe a proposta de integrar esses aplicativos ao longo das visitas presenciais.

A fotografia acima, registrada pela autora, surgiu em uma dessas visitas às exposições promovidas pela *Fundação Iberê Camargo* ao longo do período pandêmico, mostrando o convite para baixar em seus celulares, tanto o *app Iberê para as crianças* quanto o *app Iberê*,

esse já disponibilizado ao público geral. Também é destaque na fotografia 56 o convite contido no QR Code para mais informações relacionadas à *Fundação Iberê Camargo*.

Ainda quanto às tecnologias, uma questão que muitas vezes é questionada, é quanto a necessidade atual de ter ou não um aplicativo para ambos espaços, e como esses aplicativos poderiam ser utilizados para e pelos visitantes. Os aplicativos parecem terem caído em desuso, principalmente, no *Museu do Amanhã*, que em 2024 o descontinuou. Ainda quanto a *Fundação Iberê Camargo* os dois aplicativos também sofreram modificações nesse período, contudo ainda permanecem para acesso do público. Os aplicativos que têm mais caído em desuso rapidamente são aqueles que foram desenvolvidos para o público geral.

A gente fez o aplicativo, ele é bem antigo, então tem uma série de limitações. Acho que é importante frisar porque é algo que a gente fala aqui, trabalha aqui internamente: ele é de 2016 se não me engano ou 2015, logo no começo do museu. A proposta era gerar acessibilidade então, para ter os conteúdos de áudio descrição e acesso a vídeo em LIBRAS nas exposições. A gente foi entendendo agora ele tá no lugar de ser mais um canal de divulgação de exposição ou da divulgação das programações do museu. Então sempre tem uma programação, ou na exposição que o público consegue ir. Quem tem o aplicativo baixado no celular pode acessar ele também. Vai receber um pop up de notificação que tem nova exposição ou que tem outra coisa. Mas a gente tá entendendo também, porque o público hoje em dia é usuário de celular... a gente vê cada vez menos aplicativos no celular. Então a gente quer ter espaço, a gente quer um *site* que permita você acessar rápido e ter tudo ali. Então a gente também tá entendendo que papel o aplicativo hoje teria no museu. Então o aplicativo está em vigência, mas a gente ainda tá entendendo até quando. E isso é mais esse movimento de transformação: a gente tá entendendo até quando ele fica. A gente tem uma taxa boa de pessoas que acessam, é bem interessante assim o aplicativo.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Eu cheguei aqui o barco já tava andando nesse aplicativo. E aí eu tô pensando no aplicativo que é voltado para crianças A gente tá falando do mesmo? (...) A gente tá falando de coisas diferentes. Então tem dois pontos aqui. Acho que eu vou trazer três. Então a gente tem um aplicativo que é o aplicativo *Iberê para Crianças* que quando eu cheguei aqui ele já estava em desenvolvimento. Eu participei da aprovação da mudança de conteúdo e é uma parceria com a Dell. Então esse é um aplicativo voltado para o público infantil. Quem dialoga com o público infantil é o Martin, que é o gato do Iberê. Então, por isso a escolha desse diálogo acontecer através do gato, é justamente para fazer uma aproximação com esse público. Falar um pouco sobre o que é retrato, o que é autorretrato, quais eram os objetos que Iberê pintava... Então é um pouco para apresentar, com uma certa didática, leveza e uma forma. Como é que eu vou te dizer!? Isso precisa ser acessível para as crianças entenderem sobre arte, principalmente sobre Iberê. Iberê é um artista com tanta densidade, como é que a gente faz isso ser comunicado para um público infantil!? Então através desse aplicativo onde a criança pode mexer e voltar, a gente entendeu que o Martin ia ser esse interlocutor que me parece funcionar tão bem. (...) Existe uma outra questão que aí tu falou de acessibilidade, a gente tem através do nosso *site*: a gente tem aqui também um MP3 Player que é físico que a gente empresta um áudio guia. (...) E aí tem o terceiro ponto que eu queria te trazer. Que a gente tem o Google Arts & Culture.

Ilana Machado - *Fundação Iberê Camargo*

Das diferentes apropriações digitais desenvolvidas pelos espaços – *Fundação Iberê Camargo e Museu do Amanhã* – ao longo desses anos, algumas delas surgiram ainda antes da pandemia de COVID-19.

A ÍRIS+ é uma inteligência artificial patrocinada pela IBM e ela já foi tema de palestra nos Estados Unidos, ela já foi considerada pelo New York Times como um dos mais disruptivos de inteligência artificial em museus. E o que que ela faz? Quando a gente pensa em inteligência artificial por exemplo ChatGPT e Alexa a gente pergunta e ela responde, a ÍRIS+ é o contrário, ela pergunta e a gente responde e isso é inovador por quê? Porque a resposta de uma pessoa pode ser a mais nova possível pode ser enfim ser cheia de possibilidades que ela pode te dar em uma resposta e a ÍRIS+ ela entende a resposta dela. Então assim qual é a narrativa da experiência? O visitante ele percorreu nossa exposição permanente toda, então ele aprendeu sobre mudanças climáticas, sobre a superpopulação, sobre megacidades, sobre tendências no futuro, sobre longevidade, beleza ele passou por isso tudo e a inteligência artificial vai chegar e vai perguntar para ele - olha a partir da sua visita: Qual foi a sua maior preocupação? Então ele vai responder: aquecimento global. Aí ela vai te dar uma segunda pergunta que ela vai meio que contextualizar o tema, dar alguns dados e vai perguntar: Olha no seu bairro o que você já percebeu que mudou? Algo assim ele responde, o visitante responde e ela vai perguntar: A partir das suas ações diárias, o que você pode fazer para mudar isso? E o visitante responde a partir da resposta dele e do tema que ele falou, a ÍRIS+ vai dar três iniciativas de ONGs relacionadas ao tema que ele falou. Então se ele falou sobre aquecimento global ela vai dar três iniciativas sobre esse tema basicamente perto de onde ele mora ou na cidade onde ele mora para ele se engajar. E a gente tem um dado super interessante de 40% dos visitantes que participaram da ÍRIS+ se engajaram em uma iniciativa depois, então assim é um número bastante expressivo. Então o que eu faço, é basicamente, eu faço o treinamento da inteligência porque assim Inteligência Artificial sempre tem um humano por trás, e no caso eu sou humano então assim eu faço o treinamento dela para que ela entenda o que o visitante tá falando e eu também faço esse contato direto com as iniciativas das ONGs. Então eu vou atrás das ONGs, converso com elas, chamo elas para participar e se elas toparem a gente faz o termo de autorização, enfim, eu vou indo atrás das ONGs.

Felipe Floriano - *Museu do Amanhã*

Então o que acontece, o museu ele é patrocinado pela IBM e a gente tem aí o nosso cartãozinho que é onde o visitante ele pega assim que ele entra no museu. O que é esse cartão? Ele vai chegar lá em cima, ele vai colocar o nome dele, a data de nascimento, onde ele mora e o e-mail dele ali, são os dados que ele vai cadastrar no cartão e a partir disso, em qualquer interativo que ele seleciona, que ele coloca o cartão tem um espaçozinho para ele colocar, todos esses dados vão para o e-mail dele. Então ele pode ver depois ali tipo assim qual foi a área que ele mais colocou o cartão. Qual foi o tema que ele mais visualizou, então é meio que assim uma utilização desses dados para depois enfim mandar para o e-mail dele depois algo que mais chamou atenção dele, isso é a ÍRIS+ , é o cartãozinho.

Felipe Floriano - *Museu do Amanhã*

A proposta da IRIS+ surge um pouco antes da eclosão da pandemia no *Museu do Amanhã*, mas sofre várias modificações ao longo dos anos pandêmicos, surgindo como uma parceria do museu junto à IBM. Ela traz em seu cerne, inclusive, as próprias discussões suscitadas pela inteligência artificial e seus vários usos em diferentes áreas do conhecimento. É destaque o fato desse projeto da ÍRIS+ retornar ao público em meio aos anos pandêmicos,

com uma nova roupagem, ou seja, novas modificações suscitadas pelas transformações vigentes na época e que serviram de inspiração para que fosse aprimorado o Projeto da ÍRIS+.

Figura 56 - Museu do Amanhã: ÍRIS+



Fonte: Museu do Amanhã (2020c).

É quando converso com Felipe Floriano e ele me apresenta o Projeto da ÍRIS+ que passo a conhecer a complexidade do universo que está por trás desse processo de construção e desesenvolvimento desse projeto. Felipe traz significativos aspectos relacionados ao desenvolvimento da ÍRIS+, focando nos aspectos que ela engloba, se percebe o quanto o desenrolar desse projeto trouxe importantes reverberações. Desta maneira, pontuando, inclusive com o aspecto de sensibilizar o público visitante para se ressignificar ao se perceber com a possibilidade de também atuar para fazer algo se transformar, aliando-se as Organizações Não Governamentais - ONGs e fortalecendo-se na forma como se vê não só como possível interlocutor desse processo mas também como quem pode fazer a diferença.

Se a ÍRIS+ foi um desses projetos que se iniciou antes da pandemia, nos anos pandêmicos ela foi revitalizada e ganhou novas roupagens, podendo nesse mesmo período pandêmico, quando da abertura de portas, adiante ser novamente disponibilizada ao público visitante. Das reflexões suscitadas em torno do tema da inteligência artificial, muitas surgiram, junto à equipe do *Museu do Amanhã*, suscitadas pelo envolvimento com o desenvolvimento da ÍRIS+ e tudo que ela trouxe e pontuou como planejamento e implicações com o público visitante do *Museu do Amanhã*.

É destaque para uma das reverberações que surgiram provindas do desenvolvimento da ÍRIS+, a escrita e publicação de um livro: *Pode um robô ser racista?*, em que há o tema da programação transversalizado como tema da inteligência artificial. Afinal, se pararmos para pensar, há quem alimente, ou melhor, quem programe algo, alimentando com informações condizentes ou dizendo onde devem ser procuradas e consultadas essas informações.

Inicialmente, o livro *Pode um robô ser racista?* foi publicado em versão impressa para ser vendida na Loja do *Museu do Amanhã*, ganhando uma versão digital livre para download em 2024, disponível em *Museu do Amanhã* (2024e).

Semana passada a gente lançou um livro de uma coleção, *Pensando Amanhãs*, e a primeira versão é o primeiro volume, é uma pergunta - *Pode um robô ser racista?* E porque toda tecnologia é ChatGPT, um robô, é ele traz um viés do ser humano, ele traz as ideias de um ser humano. Então assim se a pessoa, enfim, ela tem ali as vivências dela, enfim, as virtudes, o caráter dela, isso vai ser replicado para a tecnologia. Então assim o uso da tecnologia sempre tem que ter esse cuidado porque sempre tem uma pessoa por trás e essa pessoa tem enfim a vivência dela. E o outro ponto negativo é o que eu falei, é o da limitação da tecnologia. A tecnologia limita, a tecnologia ela limita o público de certa forma, ela vai limitar, então é o que eu falei sobre a ÍRIS+ para pessoas com mais idade, para crianças para, enfim, acessibilidade, ela limita entendeu. Aí cabe ao museu é, enfim trabalhar nisso, mas a tecnologia ela limita, então eu acho que são essas duas visões. A positiva que ela diversifica o conteúdo, a negativa que a tecnologia traz um viés e também vai limitar o público.

Felipe Floriano - *Museu do Amanhã*

A entrevista com Felipe Floriano foi realizada no início de 2023, e haviam muitas coisas acontecendo e outras para surgirem no *Museu do Amanhã*, exposições que estavam sendo organizadas e o tema da inteligência artificial estava efervescente, pois recém tinha sido lançado o ChatGPT.

Esse início de ano eu acho que o assunto é inteligência artificial, o assunto é inteligência artificial, assim não só porque o museu tá trazendo, mas o que ela pode trazer. Sabe então assim a gente tem uma inteligência, uma inteligência artificial no museu, a ÍRIS+, assim sabe, então eu acho que esse assunto ainda vai ser muito discutido e, recentemente, a gente recebeu o fundador do ChatGPT aqui no museu para uma palestra.

Felipe Floriano - *Museu do Amanhã*

E outra coisa a gente vai lançar agora, é deixa só eu confirmar a data, é esse mês uma exposição sobre celular, sobre a história do celular. O nome da exposição é *Celular 50: da primeira ligação a próxima geração*. Então eu acho que isso também vai ser um assunto, assim essa tecnologia. A exposição vai ser de 23 de Maio que é o lançamento, agora, semana que vem, a 20 de Agosto. Então assim vai durar um tempo porque sempre que a gente faz uma exposição, durante esse período que a exposição tá no ar, a gente faz também eventos sobre o tema. Então eu acho que esses temas: do celular, da Inteligência Artificial, da tecnologia do digital; vão estar no museu aí esse ano.

Felipe Floriano - *Museu do Amanhã*

Mas cabe aqui frisar a importância de todos esses movimentos, aqueles realizados de portas fechadas quanto os que surgiram na reabertura do *Museu do Amanhã*. Desta maneira, percebe-se grande intensidade tanto em atividades quanto em emoções, em relação aos movimentos e processos que foram realizados e vivenciados, exatamente quando o *Museu do Amanhã* fechou as portas, anunciada em Museu do Amanhã (2020d). No momento de fechamento das portas, é quando as equipes migram rapidamente para o digital e passam a elaborar estratégias para driblar o fato de que estarão fechados. E, naquele momento, fechar as portas representava, inclusive, que estariam fechados por tempo indeterminado; pois ainda não se tinha completa idéia a respeito da pandemia de COVID-19, de como tratar os doentes, dos graus de transmissibilidade e do impacto das necessidades de isolamento e distanciamento social.

O *Museu do Amanhã* vivenciou isso de uma forma bastante intensa e isso pulsa em diferentes momentos das falas de nossos entrevistados ao longo desta Tese. É tão contundente esse momento que toda a equipe do *Museu do Amanhã* também nos deixa perpassar inúmeros sentimentos intensos relativos à pandemia e a emergência suscitada pela COVID-19, no vídeo desenvolvido e postado em Museu do Amanhã (2021a). O prêmio *LCD – Melhor Experiência Digital em Museus 2022*, foi conquistado em função da forma como foi estabelecido digitalmente o relacionamento com seu público, como foi o engajamento e sua amplitude nas redes sociais, o que pode ser conferido em Museu do Amanhã (2022g).

Foi importante a gente receber o prêmio, ver que o nosso trabalho era reconhecido. Eu tenho até alguns números que eu pensei em trazer para você que foram o nosso canal no *YouTube*, ele cresceu 331% entre março de 2020 à dezembro de 2021. E aí somente em 2021 foram mais de 150 mil visualizações no canal, então foi um crescimento de 63% em relação a 2020. No *Instagram* o perfil do museu chegou a alcançar mais de dois milhões de público em impressões e a gente chegou a aumentar em 50 mil seguidores. Então a gente crescia, a nossa média por mês era 1000 seguidores, e em um mês a gente cresceu 50 mil e inclusive foi com uma publicação que eu fiz junto com outra pessoa e a gente ficou cara não acredito que isso aconteceu. Foi uma publicação sobre a vacina, que a vacina estava para chegar e essa publicação viralizou, todo mundo compartilhou, artistas, músicos, influenciadores, e eu falei o que é que aconteceu e aí não parava de subir e aí eu falei cara que doideira e a gente buscou. Foi e o *Instagram* cresceu 50 mil em 3 dias e foi todo ali também um trabalho juntamente com o pessoal da FIOCRUZ também, de entender o que estava sendo produzido e fazer essa divulgação científica das coisas da pandemia, a gente fazia essa divulgação também. Então eu acho que foi um reconhecimento desse trabalho, esse trabalho de formiguinha, esse trabalho diário. E a gente ganhar essa repercussão internacional e ver que outros museus também estavam se mobilizando ali durante a pandemia para se transformar digitalmente e que a gente aqui no Brasil conseguiu fazer isso acontecer, cara é muito importante, é muito simbólico, acho que quando a gente recebeu a gente nem levou tão a sério. Caraca é um prêmio, mas quando a gente coloca na ponta do lápis que é que nem igual agora, que é refletindo sobre como foi é muita coisa, foi muito importante mesmo.

Para uma equipe, no caso do *Museu do Amanhã*, que permaneceu meses trabalhando on line, de suas casas, em *home office*, vivenciando todos os desafios que a pandemia de COVID-19 representava – ganhar o Prêmio *LCD Berlin Awards (Leading Culture Destinations Awards - Melhor Experiência Digital em Museus)* pode ter representando muito mais do que um prêmio, mas um olhar atento a todo o esforço que estavam todos empreendendo no auge dos anos pandêmicos – 2020 e 2021 – embora a Tese traga à tona o fato de que esses anos e suas reverberações se estendem por os anos seguintes – 2022, 2023 e no ano subsequente ao fim da pandemia, 2024.

Ai eu fiz junto com outra pessoa a gente fez uma publicação sobre a vacina que a vacina estava para chegar e essa publicação viralizou todo mundo compartilhou o artigo influenciadores cresceu 50 mil em três dias e foi tudo meio um trabalho junto com o pessoal. E aí somente em 2021 foram mais de 150 mil visualizações no canal então foi um crescimento de 63% em relação a 2020 no *Instagram* o perfil do museu chegou a alcançar mais de dois milhões de público em impressões e a gente chegou a aumentar em 50 mil seguidores.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

É bem importante o que Cleyton Santanna compartilha acima, o fato de que uma postagem no *Facebook* oficial do *Museu do Amanhã* torna-se compartilhada de forma tão rápida, que a informação passa a ser disseminada por muitas pessoas diferentes por um curto período de tempo. Na época era uma postagem que contava das vacinas e sua rápida evolução. Ao analisarmos aspectos que podem estar vinculados a essa publicação, se percebe o quanto todos esses movimentos nas redes sociais e no meio digital possam ter influenciado tanto no ganho de público por parte do *Museu do Amanhã*, quanto em relação a um ganho de acréscimo no sentimento de pertencimento que essas pessoas possam ter desenvolvido em relação ao *Museu do Amanhã*. Contudo, é evidente, que tais dados necessitariam de uma análise mais robusta e também delimitada por outras áreas do conhecimento, como da Comunicação, abrindo possibilidades para a realização de outras pesquisas que possam compreender tais aspectos com mais nitidez e aprimoramento.

O Museu do Amanhã ele tem uma trajetória muito sentida desde a sua inauguração aqui no Rio, então rapidamente o museu se tornou um dos pontos de visitação mais conhecidos da cidade. E a gente entende isso como sendo um grande feito mesmo, porque o Rio de Janeiro é pródigo em atrações culturais e naturais. Tem vários elementos que poderiam ajudar a entender esse sucesso. Eu acredito que a própria arquitetura do prédio já chama atenção por si só, já meio que o museu já nasce um cartão postal da cidade logo após a inauguração. E o conteúdo que ele apresenta é um conteúdo muito diferente também, muito especial. E nós temos algumas pesquisas de público que vem sendo conduzidas desde a inauguração e que mostram é alguns aspectos muito interessantes, um deles é que para boa parte pública, posso ver essa proporção exatamente para você, o museu do amanhã é o primeiro Museu que elas visitam na vida.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Sim é então essa informação nos traz muito orgulho e muita responsabilidade. Para nós, justamente para que essa primeira experiência com um ambiente expositivo do museu, seja uma experiência muito estimulante, que motiva a pessoa a voltar pro Museu do Amanhã, mas a conhecer os muitos outros museus que existem na cidade também. A gente tem então um índice de visitação muito elevado desde que o museu foi inaugurado, após a pandemia gradativamente nós fomos recuperando os nossos visitantes. E isso se deve especificamente a nossa presença no digital!? É muito difícil de mensurar isso porque eu acho que por um lado o fato do museu ter se mantido muito ativo nos meios digitais ajudou sim a população a perceber que essa instituição permanecia criando conteúdo, permanecia oferecendo o melhor trabalho possível, mesmo naquele contexto. Mas a gente já tem um histórico muito grande de visitação de turistas e de pessoas da cidade do Rio de Janeiro também, e esse número foi crescendo gradativamente e em julho deste ano nós batemos um recorde assim de muitos e muitos anos, com mais de 9 mil visitantes num dia apenas em julho (de 2023).

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Quando nos deparamos, ao ler as falas de Amarílis Lage, a respeito do significado que o *Museu do Amanhã* foi adquirindo para seus visitantes ao longo desses quase 10 anos de existência – percebemos que há muitos motivos a comemorar ter conquistado em julho de 2023 o marco de 9 mil visitantes numa terça-feira de gratuidade de visitação. Considerando-se que em maio de 2023 havia sido decretado o final da pandemia de COVID-19, o recorde de visitação obtido em julho desse mesmo ano, pode adquirir um significado ainda maior, pois tratam-se de anos (2020, 2021, 2022 e 2023) em que o público passou pouco a pouco, a retornar à visitação presencial.

Mas eu acho que o *Instagram*, só voltando um ponto assim, é um ambiente fundamental para dar esse acesso para as pessoas. Vamos supor, a gente faz um trabalho de impulsionamento com as terças gratuitas E a gente começou a ver agora nesse período de férias que foi significativo. É um período que tem maior circulação de pessoas no museu, junho, julho e comecinho de agosto, e que só, que na última terça a gente bateu um recorde de 2016 em que o museu tinha estreado numa terça gratuita e aí chegamos a 9.800 pessoas no museu, numa terça-feira, passando pelo museu. A nossa média ali tá em torno de 3 mil pessoas no máximo e a gente triplicou isso, e a gente tava com trabalho de tarde impulsionado, falando das terças gratuitas, então assim a gente queria atingir isso, a gente queria que fosse grande. Então tem alguns trabalhos que vão sendo uma inteligência mesmo, pode ser, é inteligência que a gente vai fazendo com *feeling* e depois a gente fala, cara que incrível isso acontecer. E batemos esse recorde, acho que é mais um trabalho do digital que também pode ser considerado também.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Cleyton Santanna também pontua o novo recorde de visitação presencial, adquirido em julho de 2023, numa terça-feira gratuita, pontuando a importância do trabalho focado da Comunicação e Conteúdo do *Museu do Amanhã*, que persiste no interesse de focar em postagens nas principais redes sociais; que primem por posicionamento, qualidade de conteúdo e disseminação de informações, de forma correta e eficiente. Houve ênfase também em frisar o fato de que nas terças-feiras a entrada no Museu do Amanhã é gratuita.

Nós vamos receber a partir do dia 19, aqui no museu, uma exposição que é da Bienal de Arte e Tecnologia em sua primeira edição no Rio. E nós não somos realizadores dessa exposição, mas nós estamos acolhendo esse projeto. Ele ocorre no Rio pela primeira vez e nós já identificamos, em muitas dessas obras, que são muito tecnológicas. E há o uso de outras ferramentas, outras estratégias, que não a tela. Então tem uma obra, por exemplo, que eu posso até te passar o link dela depois, se você se lembrar de colocar no email entre as dúvidas. Elas são faixas coloridas na parede, que quando você toca, elas funcionam como um instrumento musical, como se você pudesse produzir música a partir disso. Mas a gente não tá falando de uma tela. Você tem uma outra obra que você passa por dentro de um aro e por meio de um tipo específico de scan de registro de imagem, você produz uma imagem sua que ela é meio destendida no tempo, assim né, mas mais uma vez não tem a ver com você tocando numa tela, tem a ver com todo o seu corpo passando por dentro de uma instalação, por dentro de uma estrutura. E você tem uma obra que é um painel que você vai passando. Eu to descrevendo de uma forma muito simplista assim em relação ao que as obras propõem, mas no intuito de mostrar como que muitos trabalhos buscam promover uma relação entre as pessoas. É a tecnologia que ativa outros sentidos, que ativa nosso corpo de outra forma. Então eu diria que após o período de pandemia, a nossa relação com a tela, ela pode ser repensada em forma de outras estratégias de interação.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

E o *Museu do Amanhã* continua trabalhando suas reverberações, no sentido da experimentação e ressignificação, o que é possível se vislumbrar nas reflexões de Amarílis Lage acima, em relação a uma Bienal da Arte & Tecnologia, realizada presencialmente no museu em 2023,

Da inauguração do *Museu do Amanhã*, realizada em 17 de dezembro de 2015, até hoje há quase 10 anos de existência, o que convergiu em diferentes tipos de projetos que repercutiram em vários projetos desenvolvidos em distintas áreas e que dialogam com significativos aspectos relacionados com a Sustentabilidade e Convivência, dois pilares do museu. De lá para cá, há as exposições permanentes que estão desde 2015, porém, sofrem atualizações constantes e, também as exposições temporárias, algumas foram apresentadas em detalhes nesta Tese (Coronaceno, Fruturos, etc.).

Como eu te disse, quando o museu foi inaugurado com a exposição de longa duração, que é a exposição que a gente tem até hoje. Ela passa por atualizações pontuais, de conteúdo, afinal de contas, a gente não tem um acervo de objetos, a gente lida com dados e os dados são atualizados. Mas em relação à expografia, ou seja, às grandes estruturas elas permanecem as mesmas desde a inauguração do museu, o que a gente faz são atualizações pontuais que, por exemplo, a gente tem uma área dedicada ao Antropoceno que tem um vídeo com uma série de gráficos e dados que são atualizados em tempo real, a gente tem uma outra área que fala sobre diversos acontecimentos no planeta, que pode ser desde o derretimento de uma geleira até um processo de desmatamento na região Amazônica ou uma aceleração no processo de urbanização numa cidade na África do Sul. A gente tem alguns espaços no museu que recebem essas informações e elas vão sendo atualizadas mensalmente. Então assim, a gente atualiza as nossas informações, mas a nossa expografia permanece a mesma expografia, e os mesmos suportes, de oito anos atrás. E o que me chama atenção após toda essa experiência da pandemia, de que durante a pandemia a gente teve uma saturação de telas.

Amarílis Lage – *Museu do Amanhã*

Então esse é meu principal trabalho, a partir de novos relatórios que saem da ONU e diversas agências, diversas instituições confiáveis, eu posso ir atualizando os dados. **Então a gente até fala assim que isso possibilita que o museu seja do amanhã e não seja um museu do ontem, porque a gente sempre pode atualizar nossas informações.** Então esse é meu principal trabalho, assim eu faço esse trabalho de pesquisar os relatórios e vou atualizando as exposições de longa duração.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Nas falas de Felipe Floriano, se percebe que ele era o responsável pela atualização de informações das exposições permanentes do *Museu do Amanhã*. Ele também pontua, a seguir, o quanto percebe ser importante todo o leque de atividades desenvolvidas pelo museu, de forma que os visitantes também possam retornar para participar de eventos, palestras, oficinas e ter contato com publicações e projetos que são desenvolvidos pela equipe de colaboradores. Assim, se percebe que o *Museu do Amanhã* pretende permanecer de diferentes formas no imaginário e na vida de seus visitantes, assim como com todos aqueles que têm contato com ele, seja de forma presencial ou digital.

E não só visitar a exposição, mas tipo assim, participar das atividades do museu. Então por exemplo, ela se interessou pela ÍRIS+, a gente lançou o livro sobre *O Robô pode ser Racista?* Então ela já é, ela pode se interessar por isso. E enfim o museu tem oficinas, então assim tem palestras. Então ela não precisa especificamente visitar nossa exposição, ela pode vir ao museu e participar de uma atividade que tá rolando no museu. Entendeu, então a partir do que ela viu, do que muita gente falou lá. Então eu acho que é esse trabalho sabe.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Eu acho que o museu ele tem um impacto gigante, assim profissionalmente falando, porque ele me trouxe assuntos e tecnologias que eu nunca pensei que eu ia trabalhar sabe. É e a gente vai se especializando nisso sabe, por exemplo, mudanças climáticas é um assunto que eu não sabia nada, hoje em dia, qualquer coisa que você me perguntar eu já sei. Sabe, então assim você vai enfim se especializando. Então, Inteligência Artificial, beleza eu tenho minhas limitações, também eu não sei tudo, eu não sei a grande parte, tô sendo bem sincero. mas já sei como é que faz como é que treina. Entendeu, assim a realidade virtual, mesma coisa, então assim, eu acho que o Museu do Amanhã trouxe isso, assim sabe, essa vivência com novas tecnologias, que é a tendência a gente trabalhar cada vez mais com elas.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

O *Museu do Amanhã* também têm projetos relacionados com as pessoas que estão nas comunidades ao seu entorno, tanto que tem um grupo de colaboradores que se dedica somente ao Comunidades e Territórios e ao Projeto *Entre Museus*. Todas as iniciativas englobadas por essa área específica do museu têm como preocupação estarem atentas tanto as demandas das pessoas que compõem toda a comunidade ao entorno do *Museu do Amanhã*, quanto todas os grupos de pessoas que se interessam por conhecer detalhes da área vizinha do museu,

utilizando-se de projetos específicos que trazem possibilidades de visita guiada para essas áreas urbanas.

Olha eu acho que democratizar o acesso a gente tá, é muita coisa, assim tem toda uma estrutura que precisa ser revista e eu acho importante isso mesmo. Mas eu acho que as redes sociais, eu acho que o *Instagram* é a rede para fazer isso acontecer, porque a gente consegue traduzir o público, não só traduzir, mas entender as necessidades deles. Recentemente, a gente fez uma programação, foi muito importante assim, muito impactante pro museu, que foi a *Resenha com os Vizinhos*, que é voltado para as pessoas que moram entorno do Museu do Amanhã. E a gente tem um programa de cadastramento de vizinhos, a gente fez um baile Black Bom, música black music, e assim bombou porque a gente conseguiu oferecer para o público o que eles estavam realmente querendo, que era com um grupo de baile charme da região portuária que tem. Cara foi muito legal, a gente vai repetir essa dobradinha no fim do ano, provavelmente, porque foi um sucesso e aí entender também as dinâmicas. Então acho que democratizar é esse acesso também, é quando a gente tem um programa de vizinhos que tem um canal no WhatsApp que dialoga diretamente com esses vizinhos - Olha galera vai ter essa festa aqui no museu, vocês estão convidados, essa festa é para vocês. Então é mais um movimento que a gente tem para democratizar, a parte do digital porque teve formulário de inscrição digital, então esse formulário é compartilhado. E é uma das partes que saí até mesmo dessa caixa que é o digital, que é a parte da comunicação. Essa é a área das Comunidades e Territórios que desenvolve esse projeto no museu.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Figura 57 - Museu do Amanhã: Resenha Black Bom com os Vizinhos do Amanhã

PRIMEIRA EDIÇÃO DA RESENHA

No dia 1 de julho de 2023, às 16h, vai rolar o evento mais aguardado: **RESENHA BLACK BOM COM OS VIZINHOS DO AMANHÃ**. É aquele encontro maneiro pra galera da Pequena África e quem mais quiser chegar, num clima massa de integração com a comunidade e o museu.

O ritmo envolvente do Baile Black Bom agitará o seu sábado, acompanhado por uma irresistível **feira gastronômica assinada pelos Sabores do Porto** e uma **exposição incrível de empreendedores locais**. E tem mais: você pode se cadastrar no Programa de Vizinhos do Amanhã e fortalecer ainda mais essa conexão. É só chegar e aproveitar!

Queremos que esse momento seja uma verdadeira celebração, repleta de descontração e alegria, enquanto recebemos nossos queridos vizinhos em nossa casa, o Museu do Amanhã. Prepare-se para uma programação cuidadosamente elaborada, visando fortalecer laços e unir forças para criar um futuro coletivo brilhante

A programação faz parte de uma série de atividades desenvolvidas a partir do Programa de Relacionamento Vizinhos do Amanhã, que acredita na criação de experiências que contribuem para a constante construção de novas identidades, agindo a favor da valorização da vida compreendendo e reconhecendo a importância da localização do Museu em uma das regiões de maior importância do nosso país.

Para mais informações, entre em contato através do e-mail: comunidades.amanha@ldg.org.br

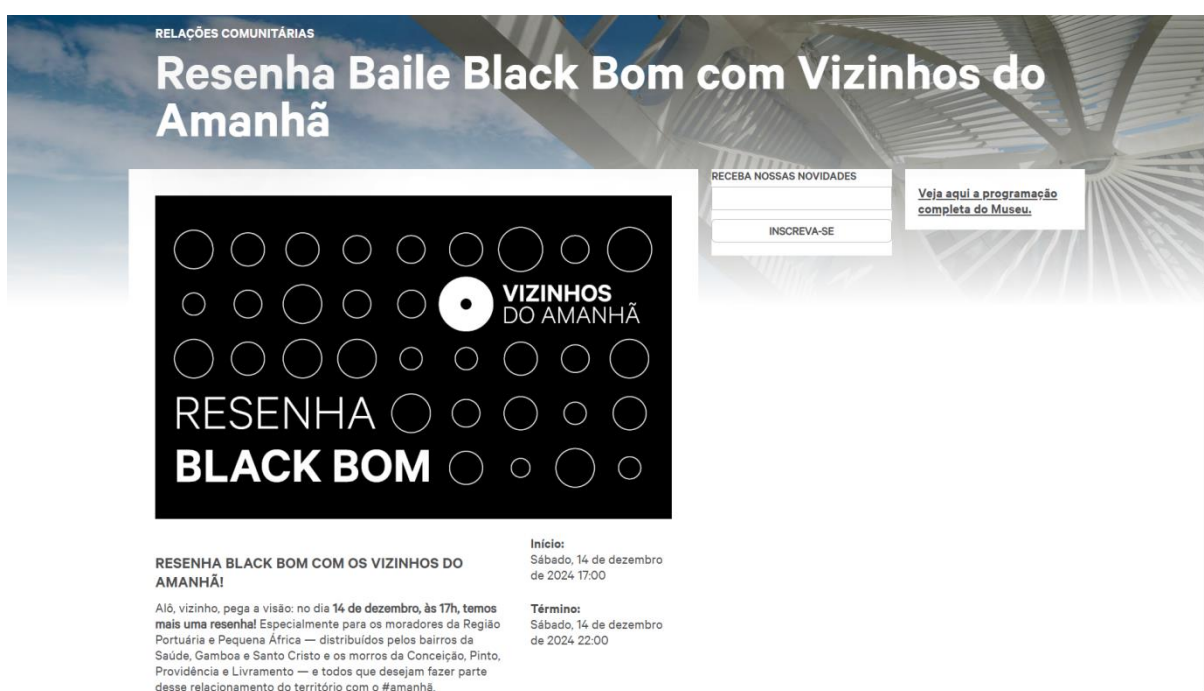
Fonte: Museu do Amanhã (2023c).

Então assim entenderam a demanda do público vizinho do museu e ofereceram algo para eles. Então assim foi um sucesso e tem algumas fotos, acho que tem até nas redes sociais, acho que tem também no *Instagram* do Museu. A parte de retirada de ingressos foi muito rápida, a gente quase viveu uma crise assim, porque a gente tinha controlado sei lá umas 800 pessoas e aí chegou muitas pessoas. E a gente, como a gente vai dar conta disso tudo!? E no fim deu tudo certo e foi lindo!

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

É significativo ressaltar, que nesse projeto chamado *Resenha Black Bom com os Vizinhos do Amanhã*, Cleyton Santanna nos conta exatamente o que rolou em 2023, em que se utilizaram do *WhatsApp* para facilitar a comunicação com as pessoas. É destaque o Museu do Amanhã têm um cadastro voltado para que esses grupos possam preencher, deixando seus dados pessoais, inclusive os números de celulares e a autorização para que possam receber informações relacionadas ao museu. Na figura 57 é possível se verificar detalhes relacionados a essa edição, que Cleyton Santanna nos conta na entrevista, que foi realizada em 01 de julho de 2023.

Figura 58 - Museu do Amanhã: Resenha Black Bom com os Vizinhos 2024

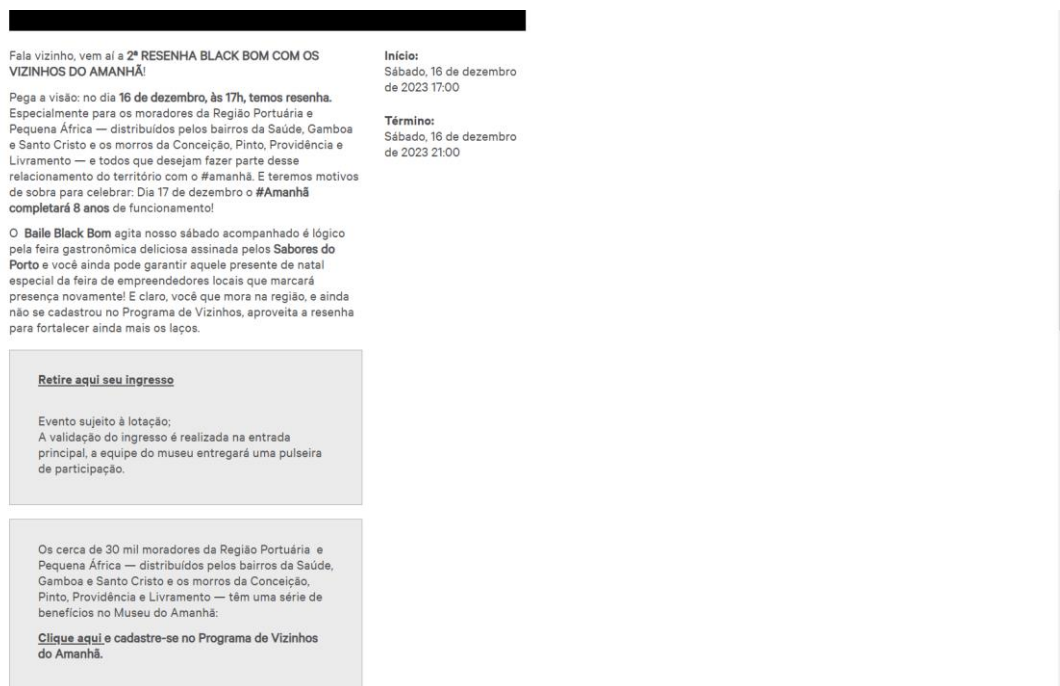


Fonte: Museu do Amanhã (2023c).

E o Projeto *Resenha Black Bom com os Vizinhos do Amanhã* repetiu realmente em final em 14 de dezembro de 2024, confirmando o que nosso entrevistado Cleyton Santanna, havia afirmado, que estavam para repetir novamente, tamanho sucesso que teve o evento, ainda na época em que nos despedíamos da pandemia e da COVID-19. A importância desse evento é que ele é um convite gratuito para todos aqueles que moram nas proximidades do *Museu do Amanhã* (visível nos textos das figuras 58 e 59) e tem o compromisso de aproximar esses diferentes grupos de pessoas, do espaço do museu, de forma que possam se sentir parte pertencente tanto desse espaço físico que é o do museu, quanto no espaço subjetivo que ele passa a ressignificar em suas vidas, quando tem a oportunidade de ser parte dele, tanto do processo quanto do evento. E usar a música como elemento de união, subjetivamente é algo

muito efervescente e intuitivo, porque pespassa sentimentos e emoções, trazendo à tona uma subjetividade que passa a englobar todo o processo promovido por esse projeto - *Resenha Black Bom com os Vizinhos do Amanhã*.

Figura 59 - Museu do Amanhã: Convite Resenha Black Bom com os Vizinhos 2024



Fonte: Museu do Amanhã (2023c).

Quando realizei a entrevista, questionei o pessoal em relação aos projetos que eram realizados no *Museu do Amanhã* e busquei deixá-los à vontade para me contar detalhes a respeito. Fui surpreendida um relato que contava da vivência de uma educadora, relacionada às pipas, e como ela se utilizou delas para trazer um grupo de crianças que brincava na rua, para dentro do *Museu do Amanhã*. Compartilho o relato contado por Felipe Floriano a respeito de uma linda vivência relacionada às pipas e crianças ao redor do museu.

Enfim sabe aquele olhar que incomodou as pessoas? Então assim o trabalho do museu também é chamar esse pessoal, tipo olha cara vocês estão aqui, a presença de vocês aqui é tão importante, tão enfim quanto qualquer tipo de qualquer outro qualquer turista de qualquer sei lá. Não importa se o cara pode ter vindo de qualquer lugar, a presença dele é a mesma que a tua, entendeu, e vocês são tão importantes quanto. Então assim, o museu tem esse trabalho de chamar essas pessoas também para cá, sabe e porque, por exemplo eles veem o museu com tanta distância que, por exemplo uma Educadora tava contando que outro dia eles estavam soltando pipa na Praça Mauá e aí a educadora passou por lá e falou - Olha vocês querem fazer uma oficina de pipa aqui dentro!? E eles foram lá para o laboratório do museu e começaram a criar pipas e eles mesmos ensinaram as educadoras de como se faz. Então assim, aquela troca de experiência e troca, enfim, de conhecimento, que eles não estavam esperando, nem o museu, também. Então assim, aquele dia eles também se sentiram parte do museu, porque eles tão fazendo algo que eles gostam. Enfim teve aquela troca, nesse momento. Então assim é muito importante que o museu chame essas pessoas para cá e mostre que elas também fazem parte daqui do Museu do Amanhã.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

O *Museu do Amanhã* têm de forma bastante clara, a preocupação da inclusão e seus projetos, tanto os vinculados a Comunidades e Territórios, quanto o *Entre Museus* e o *Black Bom com os Vizinhos do Amanhã*, têm trazido em sua origem a preocupação de realmente trazer o sentimento de pertencimento para aqueles que são vizinhos do *Museu do Amanhã*. Tal preocupação, que já fora detectada em muitas das falas dos entrevistados, faz todo o sentido, pois dentro das novas formas de fazer museologia, há destaque para que os espaços museais se utilizem de estratégias e projetos para trazer as comunidades em torno para dentro de seus espaços, dando a oportunidade tanto de ressignificar suas vidas quanto das relações promovidas pelos próprios espaços museais e culturais.

No novo *Plano Nacional Setorial dos Museus: 2025 a 2035* (publicado e disponível em PNSM, 2024) é valorizado e estimulado que os museus tenham programações que incluam as populações que moram ao seu entorno, que os englobem em suas atividades, buscando trabalhar aspectos significativos e subjetivos que possam atuar de forma a ressignificar suas vidas.

Porque assim porque, por exemplo, o Rio de Janeiro com as Olimpíadas e com a Copa, é basicamente mudou muito. E essa região principalmente mudou muito, então teve todo esse trabalho do Eduardo Paes em criar o Porto Maravilha que é onde o museu tá. Então assim, você trazer isso, essa região específica passou por muitas mudanças, mas assim o museu tinha um trabalho é de enfim, essas pessoas, cara o museu é delas. Entendeu, elas tem que sentir que o museu é delas. Elas tipo olha, eu moro aqui, mas naquele lugar ali, é de turista ou de gente com dinheiro sabe. Então tipo assim, aquelas pessoas pertencem ao museu, o museu é delas. Sabe a presença delas ali não pode ser um incômodo, entendeu. Elas têm que se sentir parte também daquele território do museu. Então assim é algo até que a gente discutiu muito, até no início desse ano, e enfim. mas é muito isso sabe, por exemplo, porque eu vou te dar um exemplo. E o museu ele também fica perto do Morro da Providência que é a primeira favela daqui e as crianças de lá as crianças e os adolescentes eles vem para a Praça Mauá e eles gostam de ficar tipo pulando na Baía de Guanabara, enfim jogando bola na Praça Mauá, enfim e só que eles veem o museu tipo assim, não pertenco a este lugar sabe, é não pertenco sabe, então até porque, por exemplo, quando eles tiveram oportunidade de ir teve aqueles olhares de pessoas que, enfim, sabe tipo aquele olhar que incomodou as pessoas...

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Há algo muito interessante e impactante na fala de Felipe Floriano, que diz respeito ao impacto que o *Museu do Amanhã* se preocupa em ter dentro da comunidade que está inserido, seja no bairro com as pessoas no entorno, sejam as pessoas próximas que estão ali caminhando e cruzando nas ruas próximas, perto da Baía de Guanabara, todas elas estão estabelecendo relacionamentos com os espaços públicos, mas também estão próximas do *Museu do Amanhã*. Contudo, o desejo do museu e de seus colaboradores, é de que elas não estejam só próximas do museu, lá no espaço público da praça, por exemplo, como as crianças da pipa – mas que avancem para dentro do espaço físico do *Museu do Amanhã*, e participem

das atividades desenvolvidas. Há o desejo e empenho que elas venham até o museu e participem desse espaço, sintam-se pertencentes ao *Museu do Amanhã*. Assim, a vivência das pipas adquire importância fundamental, porque é uma das formas que surgiram, com o intuito de trazer as pessoas da comunidade para o museu. Os projetos desenvolvidos pela Comunidades e Territórios, também adquirem essa preocupação, intuito e importância; na medida que tem como principal preocupação incluir esses grupos no *Museu do Amanhã*, fazer com que se sintam parte, pertencentes tanto ao espaço físico do museu quanto da subjetividade que ele propaga, tanto na sua imagem ao público quanto em relação a natureza das atividades que desenvolve.

Em relação a esse aspecto não se trata apenas de democratizar o acesso às informações que estão no museu, mais do que isso, trata-se de trazer esse público para um processo de se ressignificar dentro do *Museu do Amanhã*. Ao se ressignificar, esses públicos estão se revendo, se olhando naquele espaço do museu e assim estão começando a se perceber de outra forma naquele espaço, onde podem surgir novas formas de se imaginar, pertencentes aquele espaço, novas maneiras de pensar e experimentar, novas formas de se relacionar com o todo e as pessoas do *Museu do Amanhã*.

A museologia social pauta-se em práticas e processos museais que têm como pressupostos uma museologia que desloca o seu foco na preservação do objeto para as pessoas, considerando-as como atores ativos na conformação e produção de suas referências culturais e memórias coletivas. É uma museologia engajada nas demandas e lutas, de uma forma integral, das comunidades e grupos sociais nos territórios onde os museus estão inseridos. Portanto, para a museologia social, as funções básicas de um museu, como preservar, pesquisar e comunicar, devem ser executadas de forma participativa e ter os sujeitos sociais como a preocupação primeira, bem como os problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais por eles enfrentados, com vistas à luta por justiça social, dignidade das pessoas e desenvolvimento sociocultural. Expressões dessa museologia são refletidas em diversas experiências de processos museais comunitários, como os museus de território, quilombolas, de terreiro, indígenas, de favelas, periferias urbanas, rurais, pontos de memória, entre tantos outros concebidos, pensados e geridos pelos próprios grupos e comunidades. Não obstante, práticas de museologia social também podem ser desenvolvidas por instituições museológicas tradicionalmente constituídas ou atreladas ao poder estatal. PNSM (2024) in IBRAM (2023).

A museologia social, contemplada na citação acima, traz para as discussões a importância do engajamento social dos museus, das preocupações com as comunidades que estão próximas e ao seu entorno, do quanto pode ser significativo pensar e valorizar iniciativas museológicas que tenham essa preocupação como esse intuito, de desenvolver tanto a memória coletiva quanto as referências culturais.

Quando também nos referimos a inclusão, se ampliarmos seu sentido, vamos dizer assim, de forma complexa, no sentido mais visceral; vamos perceber um pouco dessas questões que relacionam-se também com a museologia social e sua importância e significado

tanto para os espaços museais e culturais, quanto para as populações que se relacionam e moram próximas a esses espaços. O exemplo da educadora que estava caminhando na rua e cruzou pelas crianças brincando com a pipa se relaciona também com essa temática. É destaque o fato de que a educadora se deu conta ao ver as crianças, que poderia ser interessante levá-las com ela para dentro do *Museu do Amanhã* e assim resolveu convidar as crianças para se juntarem a ela e caminharem até lá. É interessante o fato de que ela realmente viveu visceralmente esse processo de trazer aquele grupo de crianças com a pipa para dentro do museu, o que proporcionou viverem a experiência de estarem com ela lá, de conhecerem outras pessoas que trabalhavam no museu, e terem a oportunidade de vivenciarem diferentes tipos de experiências dentro do espaço físico do *Museu do Amanhã*.

O projeto que englobava as visitas mediadas externas, na Pequena África - que é um dos espaços vizinhos do *Museu do Amanhã*, bastante emblemático, porque foi um espaço em que os primeiros negros desembarcaram no Rio de Janeiro, na Baía da Guanabara, na época da escravidão – representa hoje para a população um símbolo de resistência, ancestralidade e ressignificação da importância que a negritude adquire na contemporaneidade e para a sociedade brasileira.

Figura 60 - Museu do Amanhã: visita mediada externa

EDUCATIVO

Visita mediada externa: Território Pequena África

RECEBA NOSSAS NOVIDADES

Até 28.01.25

Brincar É Ciência - Férias de Janeiro
brinque

[Veja aqui a programação completa do Museu.](#)

INSCREVA-SE

As visitas mediadas do Museu do Amanhã são patrocinadas pela **Americanas**.

O Museu do Amanhã apresenta a visita mediada pela Pequena África, que acontecerá pelas ruas da Região Portuária com mediação de nossos educadores. A atividade acontece dia **13 de novembro, sábado, às 9h**. O ponto de encontro é no átrio do Museu.

Início:
Sábado, 13 de novembro de 2021

Término:
Sábado, 13 de novembro de 2021

Local:
Pequena África / Região Portuária do Rio de Janeiro

Fonte: Museu do Amanhã (2021h).

Portanto, um projeto que tenha como foco, valorizar a região da Pequena África, nos arredores do *Museu do Amanhã*, atua na ressignificação desse espaço, tanto para a população que faz parte dele quanto para o público que passa a conhecer suas ruas, a história da

escravidão e seus espaços culturais, a partir dessas visitas mediadas, visíveis na figura 60, realizadas pelo *Museu do Amanhã*.

É a equipe de Comunidades e Territórios, eles trabalham principalmente com os nossos vizinhos, ou seja, a comunidade de entorno do museu, porque o museu ele está situado na pequena África que foi um território no centro do Rio de Janeiro que basicamente é onde começou a chegada dos escravos. Eles chegavam aqui e foram aonde basicamente eles eram vendidos, onde enfim eles moravam quando teve a alforria, enfim a Abolição. É o ambiente onde eles foram morar, então basicamente era um território ali da onde os negros viviam. Então a gente tem todo esse cuidado com o nosso território até hoje, porque enfim, é os ancestrais dessas pessoas, estão lá até hoje e tem quilombo. Então assim tem diversas diversas presenças da cultura negra e africana aqui nesse entorno do Museu do Amanhã. Então a gente sempre tem contato com nossos vizinhos e essa equipe específica, ela tem esse contato com essas pessoas. Então assim, na pandemia, como é que foi então, assim de qualquer forma eles continuaram trabalhando com eles, os nossos programas de formações continuaram. Então assim, todas nossas atividades continuaram no digital, então assim toda equipe eu acho, que enfim, pensando no prêmio, toda a equipe lembra de como a gente trabalhou nessa época, assim, foi a gente nunca deixou de fazer nada sabe do que a gente já fazia antes, só que era um trabalho a mais assim sabe.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

É, e por exemplo, falando sobre a equipe de Comunidades e Territórios, tem uma outra equipe também que é de Relações Comunitárias. São diferentes, mas estão interligadas. A equipe de Relações Comunitárias, elas faziam toda quarta-feira, elas chamavam pessoas em situação de rua para dentro do museu e eles tinham um dia inteiro participando de um coral. Então essas pessoas iam no museu para participar do coral, eles ficavam cantando lá no museu, enfim, tinha um músico específico para trabalhar com eles. E aí por exemplo, eles tinham um outro programa que era o de acolhimento de pessoas, de transgêneros que vivem em situações de rua também. Então assim mesmo na pandemia essa equipe continuou trabalhando com essas pessoas, assim sabe, então eu não sei especificamente como, sabe como é que foi para eles, mas o museu nunca deixou de fazer sabe. É tanto essa relação com os vizinhos, que com relação a essas pessoas com vulnerabilidade que o museu também trabalha sabe.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

É bastante interessante o fato do *Museu do Amanhã* se perceber dentro desse espaço, desse território, ou seja, dentro da cidade Rio de Janeiro, como pertencente à história desse espaço. Assim, do quanto esse espaço é constituído por essa história e esse ressignificar dessa história, que no momento, Felipe Floriano nos traz por meio de suas falas, pontuando que todas as pessoas que estão ao seu entorno, toda a comunidade é preocupação do museu e por isso desenvolve ações para essa comunidade, buscando trazê-la para dentro do museu. Desta maneira, o *Museu do Amanhã* passa a ressignificar a existência dessas pessoas e também a relação delas com o museu, transcendendo a relação que elas têm com sua comunidade, ou seja, é um processo que passa pelo subjetivo dessas pessoas. Assim elas estão se reconstituindo, estão se ressignificando nesse processo, assim como o próprio *Museu do Amanhã* se ressignifica quando em contato com esses grupos de pessoas.

É porque tem dois pontos por aí, por exemplo, é esse tipo de democratização a tecnologia nunca vai exercer esse papel, entendeu. Então é uma democratização, mas sem o uso da tecnologia. O segundo, que não é só democratizar o acesso, é fazer com que a pessoa se sinta parte daquilo entendeu, Então não é só abrir as portas para ela, é também fazer com que ela se sinta, enfim a presença dela ali... Ela se sinta bem com a presença dela ali, entendeu. Então eu acho que não é só democratizar, mas também fazer esse papel de que ela se sinta parte também do movimento.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

É importante ressaltar a fala de Felipe Floriano acima, em que ele faz um alerta que a tecnologia nunca vai atuar num determinado tipo de democratização, porque é um tipo de relação em que a pessoa precisa se sentir parte do espaço e dos processos subjetivos, de forma que ela possa desenvolver sentimentos de pertencimento. Felipe pontua claramente que não basta o museu abrir as portas para as pessoas, ele precisa trabalhar aspectos que façam com que aquela pessoa se sinta plenamente acolhida naquele espaço, que ela possa compreender que a presença dela é legítima, autêntica e faz todo o sentido para o *Museu do Amanhã*.

Na figura 60, em 2021 o *Museu do Amanhã* retorna a realizar esse projeto de forma presencial, mas na época, como estávamos em tempos pandêmicos, com a presença da COVID-19, o projeto exige que os participantes usem máscaras adequadamente, tragam, inclusive uma segunda máscara, caso suem e precisem trocar. Desta maneira, nessa época o projeto buscou orientar as pessoas para evitarem aglomerações, como também participar das atividades resfriadas ou gripadas; pois mesmo sendo totalmente no ar livre, era preciso ter cuidados sanitários adequados para evitar a contaminação com o vírus da COVID-19.

O *Projeto Entre Museus* em 2024 ressurgiu após a pandemia, tendo o *Entre Museus Acessíveis* ganhado um prêmio de destaque bastante significativo – o Selo de Acessibilidade e Inclusão 2024 – da Prefeitura do Rio de Janeiro, em reconhecimento de órgãos públicos, empresas, organizações da sociedade civil e escolas municipais que realizaram ações de inclusão e acessibilidade para pessoas com deficiência. O IDG, responsável pela gestão do *Museu do Amanhã*, recebeu o prêmio pela responsabilidade do *Entre Museus Acessíveis*, uma iniciativa promovida pela equipe do IDG no *Museu do Amanhã*, que convida pessoas com deficiência a ocuparem os museus da cidade, promovendo visitas mediadas entre os espaços, que promovem intercâmbios. O *Entre Museus* e o *Entre Museus Acessíveis*, são considerados projetos de alto impacto social e também tem o patrocínio da ENGIE Brasil.

Ao ampliar ainda mais o olhar para o papel do *Museu do Amanhã* para o público e em como ele poderia suscitar nas pessoas sentimentos de pertencimento, os projetos *Entre Museus* e *Entre Museus Acessíveis*, ampliam consideravelmente as possibilidades dos participantes se sentirem pertencentes subjetivamente a esses espaços. Contudo, dessa vez,

ampliando para a visita de vários espaços museais e culturais do Rio de Janeiro (figura 64), o que transcende os limites de abrir as portas do próprio *Museu do Amanhã*, para um grau de ressignificação que abarca outras possibilidades e experimentações, o que potencializa bastante o *Entre Museus* e *Entre Museus Acessíveis*.

Para 2024, planejamos receber 100 visitantes divididos em grupos em cada data programada. Além das visitas, o projeto realiza atividades complementares que visam fortalecer os laços entre as escolas, os museus e os espaços culturais locais, apresentando a cidade e sua história a partir de cada trajeto. (MUSEU DO AMANHÃ, 2024a).

Figura 61 - Museu do Amanhã: Projeto Entre Museus 2024



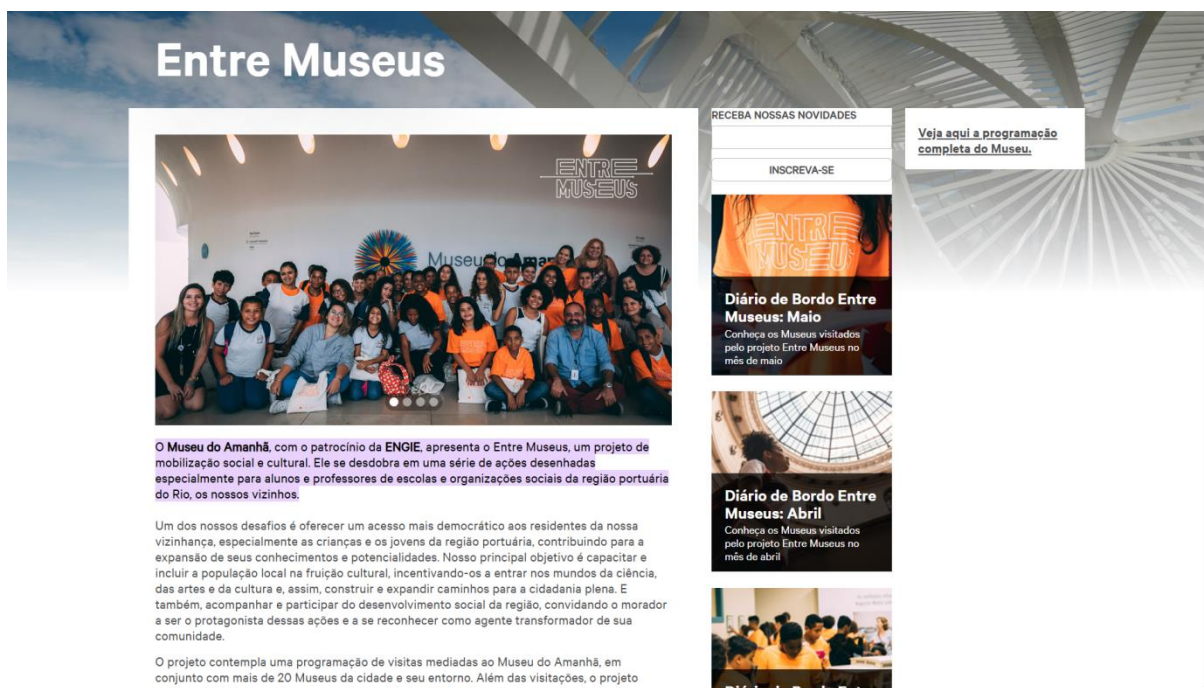
Fonte: Museu do Amanhã (2024b).

O Museu do Amanhã, com o patrocínio da ENGIE, apresenta o *Entre Museus*, um projeto de mobilização social e cultural. Ele se desdobra em uma série de ações desenhadas especialmente para alunos e professores de escolas e organizações sociais da região portuária do Rio, os nossos vizinhos. (MUSEU DO AMANHÃ, 2018).

Porque o educativo, entre outras áreas, foi bem afetado. O museu inteiro viveu isso porque, por exemplo, o educativo era uma equipe e é essencial estar fisicamente no museu, porque todas as atividades são presenciais e eles começaram a fazer atividades digitais também. Por exemplo o *Entre Museus* é uma atividade que eles trabalham com as escolas em torno do museu, e pandemia, como é que faz? Então eles fizeram *Entre Museus* nessa época da pandemia de forma online *Entre Museus*, o nome acho que eles deram um nome específico. E a gente trabalha com programas de formação também, formação básica, formação de ensino superior e todos esses encontros também eram presenciais, e a gente passou para o online. O *Inspira Ciência* que é um programa que até a minha equipe tá responsável agora, não sou eu, mas também passou para online. Então a comunicação em si também têm trabalhado freneticamente com o online, porque eles tinham que gravar as lives. Eu tenho pena deles porque o que eles trabalharam foi bizarro. Então todas as áreas do museu, sem falta, foram afetadas e foram para o digital.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Figura 62 - Museu do Amanhã: Entre Museus



Fonte: Museu do Amanhã (2018).

Entre Museus e seus resultados na figura 62 e seu ressurgimento pós-pandemia na figura 63.

Figura 63 - Museu do Amanhã: Entre Museus 2024 - detalhes

Entre Museus Acessíveis

Desde 2022, o projeto **Entre Museus** apresenta o **Entre Museus Acessíveis** reafirmando seu compromisso de democratização dos acessos à cultura, dessa vez, junto às pessoas com deficiência. Uma das ações desse projeto são os **Rolês de Bike**, que promovem visitas mediadas com bicicletas acessíveis em um percurso entre instituições museais. Essa edição contará com 2 percursos que irão do Museu do Amanhã no Rio de Janeiro até o Museu de Arte Contemporânea (MAC) em Niterói, atravessando a Baía de Guanabara de barca, em parceria com a CCR Barcas! Confira e inscreva-se:

sábado | 14 de setembro

9h - ROLÊ DE BIKE - Traço do Arquiteto

Sabe quem foi o arquiteto Oscar Niemeyer? Já teve contato com algumas de suas obras espalhadas pela cidade? Nesta edição, embarque em um percurso com três paradas pelo Caminho Niemeyer, importante trajeto para passeios de bikes e caminhadas, com a mediação dos educadores do Museu do Amanhã em parceria com Transporte Ativo.

- Ponto de encontro: Museu do Amanhã
- Ponto de encerramento: Museu do Amanhã
- Classificação: A partir de 18 Anos
- Horário da atividade: 9h às 13h
- Credenciamento: 8h10 às 8h30
- [Inscreva-se](#)

sábado | 21 de setembro

9h - ROLÊ DE BIKE - Cidadania e Território: memórias pelo caminho

Como se dá o acesso a diferentes espaços de transporte, educação, lazer e cultura? No Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência, vem pedalar e trocar ideias sobre as vivências e memórias que construímos nos territórios que habitamos.

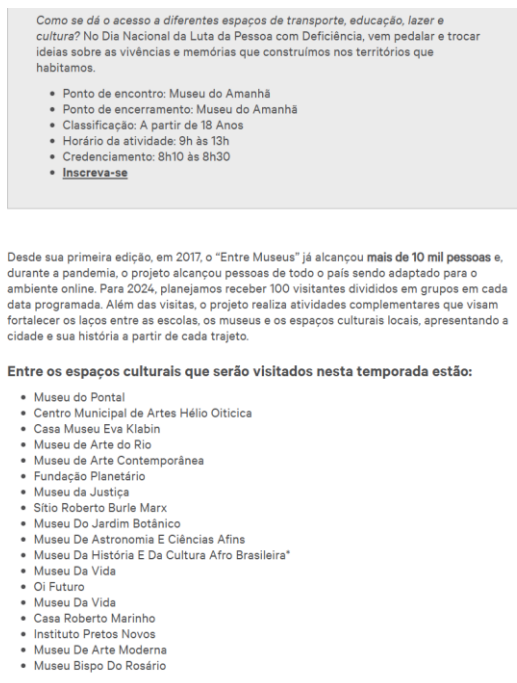
- Ponto de encontro: Museu do Amanhã
- Ponto de encerramento: Museu do Amanhã
- Classificação: A partir de 18 Anos
- Horário da atividade: 9h às 13h
- Credenciamento: 8h10 às 8h30
- [Inscreva-se](#)

Fonte: Museu do Amanhã (2024b)

Desta maneira, é visível se perceber toda a amplitude de *Entre Museus* na figura 64, em contraste com a fala de Felipe Floriano, na página anterior, em que ele pontua que todos os projetos do *Museu do Amanhã* migraram para o digital – o on line – quando do fechamento

das portas em virtude da emergência sanitária suscitada pela COVID-19, citando, inclusive o próprio *Entre Museus* em sua fala.

Figura 64 - Museu do Amanhã: Entre Museus 2024 – museus participantes



Fonte: Museu do Amanhã (2024b).

Assim, percebe-se o quanto é motivo de celebração, tanto para os colaboradores do *Museu do Amanhã* quanto para as pessoas da comunidade que se interessam em participar dessas atividades, o retorno ao presencial de *Entre Museus*. Assim, como o surgimento de *Entre Museus Acessíveis*, buscando trazer outros públicos para vivenciar os processos suscitados por esse projeto ao longo da visita por mais de uma dezena de espaços, como é possível visualizar, acima, nos detalhes da figura 64,

A acessibilidade também surge bastante presente em uma publicação recente do *Museu do Amanhã*, chamada *Narrativa Descritiva e Visual*, disponível em Museu do Amanhã (2024d), servindo de desenvolvimento e disponibilização pública de um manual de visita em que também é trazido para suas páginas questões relacionadas a preocupação com grupos de pessoas consideradas neurodivergentes (autistas e com necessidades especiais). O *Museu do Amanhã* também disponibiliza a oportunidade de marcar horários especiais de visita para esses grupos e seus acompanhantes, assim como um kit com fones de ouvido abafadores de som e outros materiais que possam ser úteis (fotografia 57) além de cadeiras de rodas.

É destaque o fato de que a inclusão de grupos neurodivergentes, incluindo os autistas, traz uma possibilidade nova de inclusão, que aliada às preocupações com a acessibilidade de surdos e cegos; diversifica e amplia as possibilidades de acesso seguro e de qualidade.

Fotografia 57 - Museu do Amanhã: kit autoregulação



Fonte: Museu do Amanhã (2024d).

E outra coisa o museu é todos os projetos todos os projetos todos os projetos sem falta são pautados na acessibilidade todos são pautados na acessibilidade todos é deficiência visual, auditiva, é deficiência física todos são pautados pela acessibilidade nosso prédio em si é acessível então assim tudo traz acessibilidade.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Atualmente, a gente tem uma equipe de 14 educadores, duas educadoras bilíngues e dois estagiários, a gente tem também uma parceria com a UFE junto do curso de graduação de Psicologia, que são duas estagiárias e aí são estagiárias especificamente voltadas para os projetos de acessibilidade, são estagiários que fazem estágio obrigatório. Então por isso é um estágio não remunerado, mas é um estágio de pesquisa sobre as práticas que a gente tem feito em acessibilidade.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Era uma lógica é um processo que eram as palestras mediadas e a aí a gente faz aproximação em relação aos temas da pandemia explica o que eram as vacinas isso tudo através de jogos pedagógicos online então a gente criou vários jogos nesse período. E aí tinha um jogo que a gente especificamente criou que era quem é cientista, que era um jogo que falava sobre mulheres na ciência mais a sua relação com a saúde, então a gente também fazia essas articulações com as crianças e com as escolas. Enfim foram vários temas, a gente falou sobre relações de gênero, sobre acessibilidade, a gente sobre ciência no museu do amanhã, sobre racismo ambiental, sobre antropoceno, sobre a abertura de Coronaseno. Então a gente foi também apresentando ali as temáticas que nos ampararam. Quando as escolas começaram a retornar o museu reabre e a gente cria esse programa remoto chamado Televisitas.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

E aí como é que funcionava!? Porque tava todo mundo exausto de Live tava todo mundo exausto de cada um na sua casa e o museu já tava reaberto mas não ainda com agendamento de escolas, a gente não recebeu escolas nesse primeiro momento de abertura justamente por uma segurança de não aglomeração nada que aglomerava a gente fazia.(...) E aí a gente abre as Televisitas que consiste em uma visita mediada on line dentro da exposição principal ao vivo.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Há também destaque para o impacto social dos projetos desenvolvidos pela *Fundação Iberê Camargo*, promovidos e desenvolvidos junto as comunidades próximas à Porto Alegre, como Eldorado do Sul e Guaíba – que foram depois, em maio de 2024, fortemente atingidas pelas águas da enchente do lago Guaíba. Ilana Machado nos conta vários detalhes relacionados ao desenrolar desses projetos e os desafios que encontraram ao longo da pandemia de COVID-19.

E teve em Eldorado do Sul um projeto muito bonito e aí eu vou puxar a brasa para o meu assado, porque foi um projeto que eu pensei muito nele, que a gente chamou de Caixa Mágica, realizado em 2022. Tá a gente tinha três escolas em Eldorado em educação infantil e que eles queriam um projeto, mas eles não sabiam o que eles queriam e a gente tinha uma parceria com a Dell. A Dell sempre entra em vários projetos nossos, então assim a Dell pensou que ela queria atingir escolas que estavam em torno dela, mas num lugar do multiculturalismo. Como é que a gente faz isso para levar para crianças de três, quatro anos? Como é que a gente pensa nisso? Período de pandemia, nossa ideia era levar uma caixa cheia de materiais e a gente explorar isso. São materiais diversos e a gente não consegue fazer isso durante a pandemia, porque a gente não pode ficar trocando de materiais e aí o que eu pensei foi que cada uma das crianças podia ganhar uma caixa com materiais que são materiais, assim, desde têmpera e materiais de experimentação, lixa, borrachinha, tudo que a gente pudesse explorar, mas fazendo uma formação de professores, que ao longo do ano iria utilizar a caixa mágica que a gente chamou para fazer um projeto de pré-alfabetização. E dentro dessa caixa a gente tinha um alfabeto multicultural que a gente chamou, porque como era uma parceria com a Dell. E a Dell queria que a gente, de alguma forma, falasse desse globo, a gente pensou que a introdução ao letramento, neste momento, que era o último ano ali da Educação Infantil já começasse a pintar o que são as letrinhas para esse público que vai ir para o primeiro ano no ano seguinte. Então a gente faz o alfabeto multicultural pensando no quê em palavrinhas que são de uso cotidiano ou que não são estranhas as crianças, mas trazendo num outro lugar, por exemplo, tomate eu sempre falo do tomate. A gente buscou lá na Espanha um festival que é A Tomatina onde as pessoas, como existe uma abundância de tomate num determinado momento, existe um festival onde as pessoas se jogam esse tomate, elas fazem uma festa do tomate e a gente trazendo isso para a realidade da gente, a gente tava pensando assim no banho de chuva, nesse pé no chão como é que o chão fica depois que a gente esmaga um monte de tomate, aparece aquela lama vermelha. Então a gente fez conexões com o alfabeto, cada letra tinha uma página com pelo menos duas curiosidades, de duas a quatro curiosidades. E então a gente foi buscando, foi uma investigação de quase um ano assim, como é que a gente monta um alfabeto multicultural, apresentando costumes de diversos lugares para crianças de cinco anos.

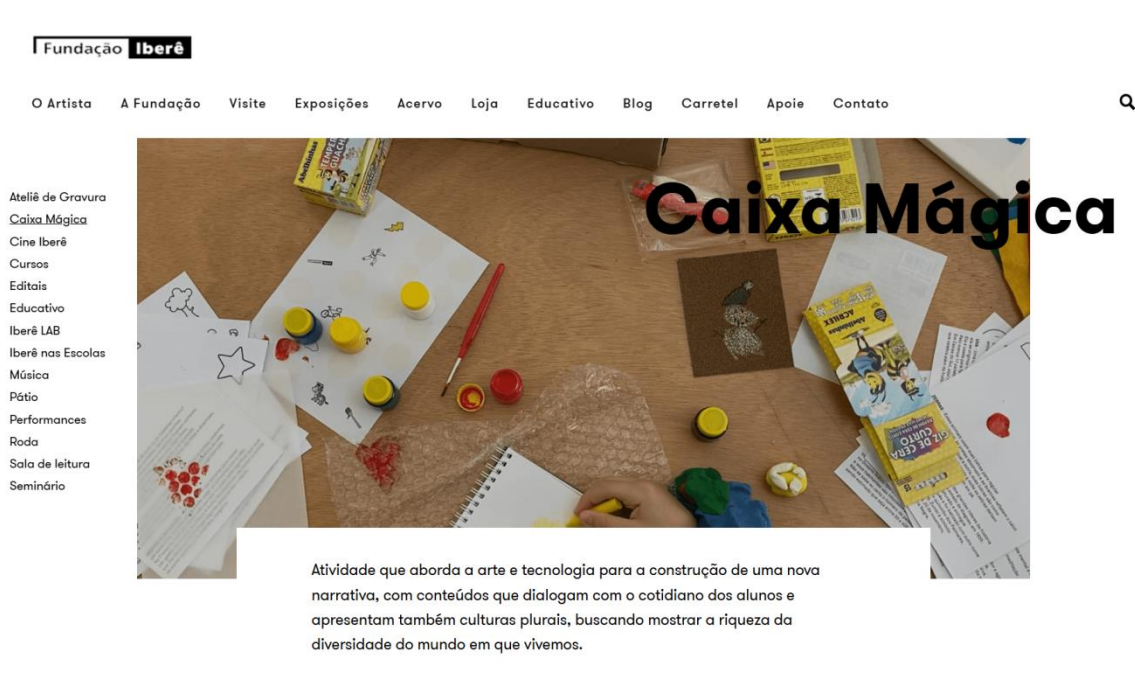
Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*

A *Caixa Mágica* adquire importância na medida em que passa a representar reinvenção e experimentação, pois em 2022, ainda existiam muitos desafios relacionados com a COVID-19, assim a implementação desse projeto em Eldorado do Sul, teve desafios específicos, mas também contou com a desenvoltura e criatividade para driblar tudo isso.

Então sei que eu fugi um pouquinho da tua pergunta, mas assim eu acabei lembrando desse projeto enquanto tu tava me perguntando. Eu acho que é rico de pensar isso também, porque os desafios eles vêm, não só em como a gente precisa gerir o que a gente tem como instituição cultural, mas como a gente recebe pedidos de outros lugares - por favor me ajuda porque eu preciso dessa expertise de vocês para fazer acontecer um projeto bacana!

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*

Figura 65 - Fundação Iberê Camargo: Caixa Mágica



Fonte: Fundação Iberê (2020a).

Sim a gente fez uma formação de professoras e todas elas vieram aqui na Fundação Iberê. E a gente fez uma visitação nas exposições em cartaz naquele momento. E todos os materiais que a gente ofereceu na caixa mágica, foram disponibilizados para que as professoras pudessem estudar e testar, porque a gente acredita que não é só a teoria. Eu não vou dizer: usem a Caixa Mágica dessa forma. Eu preciso que vocês, com os seus alunos... Eu preciso que elas vivenciem isso para que elas possam ter ideias também, porque elas estavam na sala de aula o tempo inteiro, a gente trabalhou muito, eu fui muitas vezes para Eldorado do Sul. Mas assim elas eram as protagonistas, a gente entrega esse projeto, a gente discute esse projeto, acompanha o projeto, mas quem executa é a professora de sala de aula. E aí nascem projetos que são diferentes. Uma das escolas depois de nos visitar aqui, eles inventaram, eles fizeram, eles tinham várias colunas na escola e eles inventaram no espaço expositivo um TNT, eles pegaram os rolos de TNT e foram passando por todos essas colunas deles. Eles criaram salas expositivas no pátio da escola. Claro que a gente foi lá nessa inauguração, a gente foi vivenciar com eles. Toda a produção do ano das crianças estava lá nessa exposição. Então para ver que o envolvimento da escola não é simplesmente assim, eu te dou um projeto, tu executa e acabou. Existe todo um crescimento conjunto e um enriquecimento, um pensar com um realizar. Eeu me orgulho muito disso, por sinal, eu vi ele acontecer e eu vi ele ir além das expectativas.

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*

É marcante na fala de Ilana Machado o quanto os professores e os alunos entraram no processo de ressignificação suscitado por *A Caixa Mágica*, na medida em que se transformaram e se deixaram vivenciar novas experiências suscitadas pelo projeto.

E aí claro que entram todas as tecnologias, porque a gente, muitas vezes, está ligado através dessas conexões que vão ser as vídeos chamadas, o whatsapp, ou a gente vai trabalhar com table. A gente fez o lançamento do aplicativo do Iberê com tablets aqui na Fundação e as crianças explorando.

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*

E isso pra gente foi muito importante, porque assim a gente foi para lá, mas eles vieram para cá também. E depois de vir para cá e de ver os potenciais daqui, foi que eles criaram o espaço expositivo deles. Então não é só uma coisa, a gente se desloca para lá. A gente faz esse movimento que é de vai e vem e esse movimento de vai e vem é crescimento contínuo e é crescimento mútuo. Tanto que o engajamento dos professores nesse projeto foi assim, elas me escreviam no final de semana - Olha eu tô de volta aqui, mas eu pensei isso - o que tu acha? Eu tenho 5 mil fotos pra ti mandar. Mandavam tudo, lotavam o Drive.

Ilana Machado – *Fundação Iberê Camargo*

Já em relação a abrangência de *A Caixa Mágica* e todas suas dinâmicas envolvidas, é possível perceber que há um uso de tecnologias também para dar suporte a realização do projeto, uma vez que haviam encontros realizados também on line, sincrônicos, via videoconferência e também o uso do *WhatsApp* e outras possibilidades para envio de arquivos fotográficos e filmagens, por parte dos professores aos gestores do projeto. Todo esse material é de certa forma uma memória viva de vários detalhes desse processo como também dos resultados do trabalho desenvolvido. A valorização do intercâmbio de vivências, em que o grupo visita a *Fundação Iberê Camargo*, como também os colaboradores se deslocam até a escola em Eldorado do Sul, transgride fronteiras e abre novas formas subjetivas de relacionamento, ressignificação e experimentação.

Figura 66 - Fundação Iberê Camargo: detalhes da Caixa Mágica



Fonte: Fundação Iberê (2020a).

Também a proposta contida em *Caixa Mágica*, de compartilhar os resultados desse trabalho nas redes sociais da *Fundação Iberê Camargo* traz novas possibilidades digitais.

Figura 67 - Fundação Iberê Camargo: Livro Memórias Docentes em Tempos de Quarentena



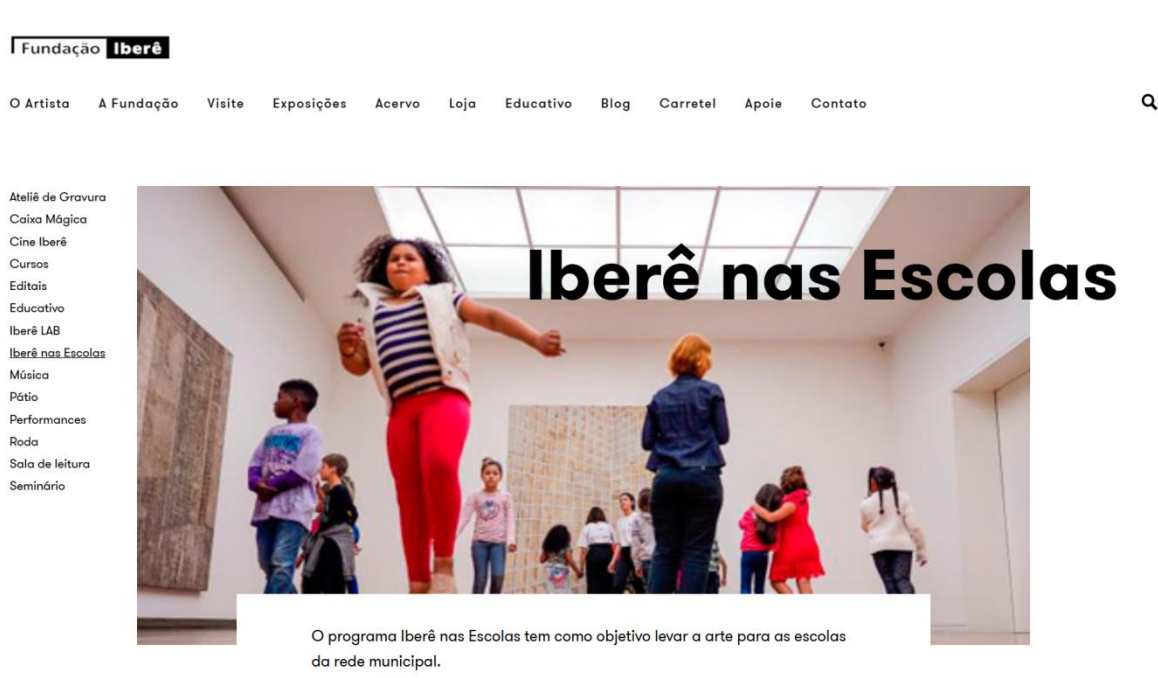
Fonte: Fundação Iberê (2020b).

Mas acho que em 2020, esse ano teve um projeto que a gente fez, que a comunicação educativa fizeram um conjunto para atingir os educadores, professores da rede de ensino. E o nome do projeto era a memória dos docentes em tempos de quarentena, da pandemia. Eu penso no isolamento que trazia vários relatos de professores sobre a realidade do ensino na época. Então tinha muitos relatos bem fortes dos professores e tinha relatos de alunos. Era bem chocante, tipo aquela diferença que era estudar a aula na sala de aula, então nas aulas presenciais e mudar aquilo totalmente. Da época que não era um dia de opcional e nem momentâneo, tipo fazer só uma vez por semana, era sempre no remoto. Então tinham muitos relatos assim que mostravam uma falta, que sentiam do contato com o resto da sociedade, tanto profissional quanto pessoal eu acho que foi uma atividade assim que eu tive inclusive, tinha só um livro com algumas dessas memórias de impresso, na época. Então ele tá disponível, é interessante sim porque todo o processo mesmo até para disponibilizar um trabalhão não é assim tão simples.

José Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Nosso entrevistado José Kalil se recorda vividamente de um projeto que ele considerou marcante, em que foi produzido um livro com relatos de professores que vivenciaram a quarentena dos tempos da COVID-19 e decidiram compartilhar seus relatos. Da mobilização até a produção e finalização do projeto do livro, se demorou algum tempo, porém, em meados de 2023 quando conversamos, ao longo dessa entrevista, José Kalil me contou que já haviam finalmente completado o livro e estava já disponível tanto na versão impressa quanto digital. Contudo, na sua memória ele guardava muitos dos relatos que havia lido no livro, ao longo desse período em que estavam finalizando os últimos retoques para publicação; e ainda passado algum tempo, ele relata que eram relatos bastante chocantes.

Figura 68 - Fundação Iberê Camargo: Iberê nas Escolas



Fonte: Fundação Iberê (2022b).

A gente tem alguns projetos que acontecem. E aí não sou eu a coordenadora desses projetos, que é o Iberê nas Escolas, que ele vai envolver o uso de diversas tecnologias e aí a gente não tá falando só do universo do celular ou do universo do computador ou do tablet, mas também levar essa questão da fotografia digital que vai perpassar por todos os lugares, mas isso vai ser de acordo com as oficinas que a gente tá trabalhando no momento. Então o que acontece? Assim o Iberê nas Escolas ele acontece, alguns anos ele esteve em Eldorado do Sul, em Guaíba também, e ele sempre trabalha no contraturno escolar. Então toda a semana uma série de estudantes recebe a Fundação Iberê que se desloca. Então é um projeto que não é com os educadores que fazem parte deste núcleo, mas a gente tem a contratação deicineiros e educadores. Já os educadores eles permanecem um tempo longo e os icineiros eles vão mudando a cada três meses, para que a gente tenha uma diversidade, um tempo para trabalhar aquele conteúdo, e depois a gente vai trocando. Então a cada trimestre a gente vai trocando esses icineiros para ter técnicas diferentes exploradas ao longo do ano. Então porque a gente pensa o ano inteiro, aí a gente pensa junto com a escola. E dentro desses projetos a gente pode ter todas essas questões de tecnologia.

Ilana Machado – Fundação Iberê Camargo

O Projeto *Iberê nas Escolas* é realizado pela *Fundação Iberê Camargo*, em escolas de Eldorado do Sul, Guaíba e de Porto Alegre – tendo uma equipe formada por icineiros contratados especificamente para a realização desse projeto, também idealizado para que as atividades sejam desenvolvidas no contraturno das aulas das crianças e adolescentes. Contudo, quando houve o surgimento da COVID-19 e abruptamente todos precisaram fechar as portas, o *Iberê nas Escolas* precisou suspender suas atividades presenciais imediatamente, só retornando quando realmente escolas e equipe se sentiam seguros para retornar ao projeto. É destaque o fato do retorno da *Fundação Iberê Camargo* ao projeto, nas figuras 68 e 69.

Na pandemia, o projeto foi aplicado na sua versão síncrona – Iberê Lab – atendendo 163 jovens do 5º ano de cinco escolas da rede municipal da cidade de Guaíba. Numa bem-sucedida parceria público-privada, que uniu a SMED e a CMPC Brasil, o Programa assumiu o compromisso de apoiar novas ações em um momento atípico na educação como um laboratório para descobertas e desenvolvimento de potencialidades coletivas, combinando a arte e a tecnologia para exercer o protagonismo, a pesquisa e a troca criativa entre os estudantes na relação digital. (FUNDAÇÃO IBERÊ, 2023a).

Figura 69 - Fundação Iberê Camargo: Iberê nas Escolas e crianças e adolescentes



Fonte: Fundação Iberê (2023).

O Projeto *Iberê nas Escolas* é retomado em 2023, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Frederico Linck, realizando atividades no contraturno para alunos entre 12 e 15 anos de idade. Há destaque na matéria, em Fundação Iberê (2023), para a programação que também incluí oficinas específicas, que serão realizadas a cada dois meses, com o grupo – uma delas foi realizada com o fotógrafo Miguel Rio Branco (RJ) em parceria com a exposição FestFoto 2023 realizada na *Fundação Iberê Camargo*.

Em 2022, as atividades retornaram ao formato inicial, com a volta das aulas presenciais em Eldorado do Sul, na Casa Lar Luz da Criança. Com um espaço próprio totalmente reformado pela Prefeitura de Eldorado do Sul, os arte-educadores puderam criar relações profundas com os alunos, acompanhando todo o processo, desde o acolhimento na casa, as refeições, os momentos de rodas de conversa e leitura, até a criação dos projetos a partir das diferentes linguagens artísticas cuidadosamente planejadas pela equipe da coordenação, educadoras sociais, arte-educadora eicineiras, sempre atentas às demandas e interesses do grupo atendido. (FUNDAÇÃO IBERÊ, 2023a).

Desta forma, considerando-se que em 2023, ainda estávamos vivenciando a pandemia, que perdurou segundo a OMS até 05 de maio de 2023, se tem a dimensão em relação aos desafios desse retorno de atividades, que foi aos poucos, se transferindo para o presencial.

Contudo, é necessário que se tenha em mente, que ao longo desses anos, principalmente, em 2022 e 2023, já tínhamos vacinação contra a COVID-19 vigente no Brasil.

E aí o que acontece a gente vai com essa idéia do Iberê nas Escolas, para Eldorado do Sul e em 2022, 2023 o ano inteiro. Começou em 2022 foi a partir de primeiro de maio então a gente atendia 40 crianças que eles reformaram lá e eram crianças 40 crianças atendidas no contraturno aí 20 crianças durante a manhã e 20 crianças à tarde é lá no Parque Eldorado.

Luciane Zwetsch – *Fundação Iberê Camargo*

No primeiro trimestre deste ano (2023), o Programa Iberê nas Escolas teve continuidade, mantendo a parceria com a Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Turismo de Eldorado do Sul, com oficina da arquiteta e artista Letícia Durlo, que conduziu os estudantes das três escolas municipais da Região do Parque para a construção de espaços de bem-estar, lazer e diversão na sede em que ocorre o programa. Foram criados canteiros com hortas comestíveis, construíram floreiras com aros de bicicletas, uma piscina de bolinhas e balanços utilizando pneus velhos pintados. Eles também criaram mesas de jogos de dama e tabuleiro e um cantinho para leitura e descanso, restaurando pallets antigos e confeccionando almofadas artesanais, entre outras intervenções visuais autorais. (FUNDAÇÃO IBERÊ, 2023a).

O *Iberê nas Escolas* também acontecia em escolas da Restinga, na capital Porto Alegre, antes da pandemia, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre como nos conta Luciane Zwetsch.

O Iberê nas Escolas, em Porto Alegre, aconteceu com recursos da prefeitura mesmo e na época que beneficiava alunos. Então eles escolhiam as escolas e a gente ia até lá com os nossos arteeducadores, que é um projeto meio que separado assim do Educativo da Fundação. Claro que tem essa ligação, tem essa conversa. Mas é um projeto autônomo.

Luciane Zwetsch – *Fundação Iberê Camargo*

É interessante que quando houve a retomada do *Iberê nas Escolas*, nos anos pandêmicos, quando as aulas de crianças e adolescentes já haviam retomado, há ênfase nas cidades de Eldorado do Sul e Guaíba, que ficam na outra margem do Lago Guaíba. Infelizmente, em maio de 2024, essas mesmas duas cidades (Eldorado do Sul e Guaíba) foram bastante atingidas pela enchente que se alastrou também por Porto Alegre e o Rio Grande do Sul, Brasil. Atualmente, em 2024, a *Fundação Iberê Camargo*.

Há outro projeto que também merece destaque, o de Residência Artística, que se utiliza das próprias dependências da residência que já foi de Iberê Camargo, em Porto Alegre. O artista participa de um edital e, se for escolhido, passa a morar um período na casa e pode se utilizar das dependências do Atelier para realizar suas obras de arte. Nosso entrevistado José Kalil fala alguns detalhes desse projeto, em 2024.

Também falar sobre a Casa Iberê que a gente inaugurou ela ano passado para fazer virou uma casa de residência artística inclusive o artista fez a primeira residência na casa do Iberê ano passado e está expondo as obras que ele criou na casa no Paço Municipal, na Prefeitura de Porto Alegre até amanhã. Então esse artista ele vive um processo de imersão no espaço.

José Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Figura 70 - Museu do Amanhã: Yoga no Museu



Fonte: Museu do Amanhã (2020f).

É foi gratificante assim porque esse período, como eu falei, assim foi bem complicado, assim a gente se adaptar, entendeu. E a gente. Caraca as lives, por exemplo, assim o nosso carro-chefe meio que foram as lives. E as lives eram assim, eram meio que toda a hora sabe, era toda a hora, a gente fazia uma meio que planejando a outra, já planejando a do mês seguinte, sabe então assim era algo que a gente tinha que era meio complicado, porque aí aumenta basicamente. Eu não lembro quantas lives eram por mês, mas todas a gente tava trabalhando ao mesmo tempo, entendeu, assim a gente tava fazendo uma, já pensando na quinta, sabe então era entrando em contato com as pessoas e já organizando a pauta, já vendo o que vai ser perguntado. Então assim era algo realmente meio bizarro sabe, eu imaginando hoje em dia, mas não só as lives, assim também, como eu falei, basicamente, todas as nossas atividades foram para o digital. Então, por exemplo, o Clube do Yoga, a gente tinha uma yoga no museu, ela foi para o online, as pessoas continuaram fazendo yoga, só que online. O Clube de Leitura, a gente tinha sempre um clube de leitura, não lembro a periodicidade, mas foi para o online também, as pessoas se reuniam, elas faziam clube de leitura. É deixa eu lembrar, Evidências de Culturas Negras era uma reunião também que tinha aqui no museu que, enfim tratava sobre temas sobre negritude, sobre enfim sobre ancestralidade, sobre racismo, e a gente também tinha encontro presencial e também passou para o online. A gente continuou fazendo, como eu falei do educativo, as atividades deles eram basicamente presenciais e também passaram para o online.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

A primeira *Live* do *Museu do Amanhã* foi realizada em fevereiro de 2020, de forma híbrida, depois seguiram totalmente on line por um longo período de tempo, o que nos conta em maiores detalhes, nosso entrevistado Cleyton Santanna.

E o desafio da equipe foi traduzir essas programações para o meio digital, porque a comunicação ela já tava fazendo esse pequeno movimento logo no começo do ano em 2020, em fevereiro de 2020, se eu não me engano, a gente fez foi a primeira *Live* que foi em relação a *Mulheres na Ciência*. E aí não era essa estrutura de meeting né, era uma estrutura física. Então a gente convidou as pesquisadoras, elas vieram para o museu e a gente montou uma estrutura de gravação. Então foi uma outra dinâmica, mas a gente já tava com alguma experiência de fazer programações digitais, essas lives que aconteceram durante a pandemia.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

As *Lives* foram, ao longo da pandemia de COVID-19, uma das formas de apropriações digitais mais utilizadas, em diferentes possibilidades, em suas mais variadas versões, por todo tipo de grupos, desde pessoas comuns, até artistas, profissionais liberais, empresas e também museus e espaços culturais. Também nossos entrevistados tanto da *Fundação Iberê Camargo* quanto do *Museu do Amanhã* se utilizaram dessa possibilidade.

No *Museu do Amanhã* as *Lives* significaram a primeira possibilidade que eles se dedicaram, quando surpresos pelo fechamento abrupto das portas do museu, decidiram como equipe, aceitar o desafio de levar todas as atividades desenvolvidas no presencial para o digital, elegendo as *Lives*, como primeira alternativa, disseminando vários projetos diferentes.

Tatiana, você nem imagina, a gente fazia numa operação meio mambembe assim a gente utilizando as plataformas digitais, as transmissões com muito medo, a gente usava o streaming yard. E no começo a gente ficava assim, isso não pode cair, aí a gente foi aprendendo e aprendemos. Aí hoje no híbrido a gente tem feito em programações que são específicas, assim então essas programações que são mais talk. Então Encontros para o Amanhã são programações que a gente chegou a ter Michael Fertí, Menis Sodré, enfim a gente acabou colocando essa maneira híbrida. Então hoje a gente faz, a gente abre as inscrições, a gente não divulga para o público que vai ter a sala virtual e na verdade é a transmissão ao vivo na mesa, é a gente omite, esse convitinho para não minar o presencial, a gente faz a divulgação da mesa presencial para o público vir para o museu. Em seguida um dia antes a gente divulga o link ó galera se você não conseguir vir, se você está em outro estado, você consegue acessar também essa conversa. Então assim a gente coloca a necessidade de ter o presencial, é importante pra gente hoje ter as mesas presenciais, o público também quer muito. As coisas mais presenciais tem outra dinâmica, mas também tem o apelo do digital. E aí a gente tem hoje uma empresa que faz toda a operação meio Globo, porque agora é assim, tem uma dinâmica de câmera no auditório e as lives foram demandando mais também, estrutura visual. Então a gente tem jogos de câmeras que acontecem lá no auditório, então a gente tá lá nessa house mix com a galera para operacionalizar as lives e fazer acontecer e aí sei a gente tem uma tradução simultânea acontecendo por essa house mix e a gente precisava traduzir essa tradução para a transmissão ao vivo. Então tem essas dinâmicas que ficam mais elaboradas, mais arriscadas. Acabou que hoje vira um grande estúdio de TV, a gente até zoa quando a gente tem, ta tendo *Live*, eu e o Léo que é o rapaz do digital, a gente tira uma foto e diz, vai começar o Encontro com Fátima, sabe, porque é muito isso, assim é muito engraçado.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Olha assim, falando especificamente, vou falar de mim, da minha área, assim é naquele momento o online era algo muito novo, assim então a gente teve que ir se adaptando conforme o tempo ia passando. Então até assim já respondendo algo aqui das perguntas que você fez na solicitação, um caminho que a gente teve e que a gente vai perceber foram as lives, foram, principalmente, as lives porque, por exemplo, a gente tava trabalhando na exposição mas além disso, não tinha mais nada, porque a gente não podia fazer algo físico. Então a gente tinha que criar algo novo e as lives foram isso assim. É meio que nós fazíamos as lives, mas tinha separação meio que por área, a nossa especificamente era *Manhãs aqui Agora* o nome e tem até no *YouTube*.

Felipe Floriano – Museu do Amanhã

Figura 71 - Museu do Amanhã: Sementes para o Futuro

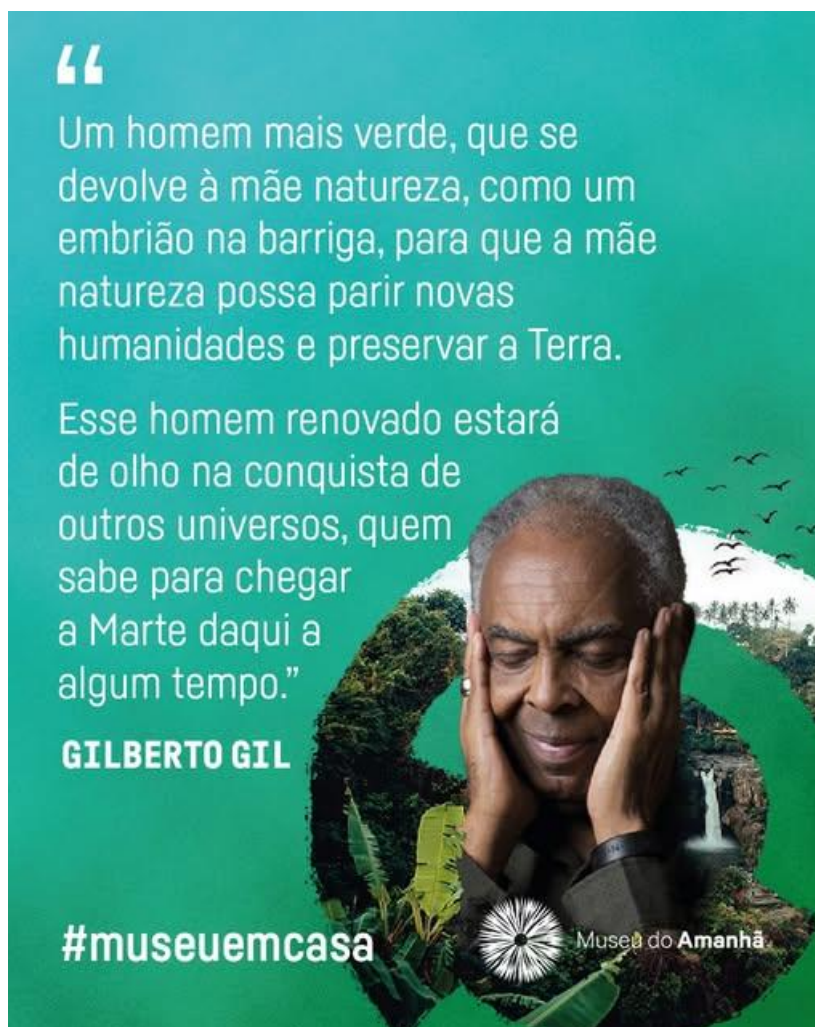


Fonte: Museu do Amanhã (2020f).

Então a gente fez, a gente chegou a fazer com a Sonia Bride, com o Gilberto Gil. Então assim foram vários nomes interessantes que a gente fez e eram temas variados, eram as vezes temas relacionados com a pandemia, às vezes algo totalmente diferente, visões de futuro. Então assim as lives foram o caminho que o museu seguiu ali para continuar funcionando, continuar produzindo conteúdo e porque assim não tinha muito que a gente fazer de fato presencial e digital também a gente era limitado.

Felipe Floriano – Museu do Amanhã

Figura 72 - Museu do Amanhã: Gilberto Gil #museuemcasa



Fonte: Museu do Amanhã (2020b).

A dimensão com que as *Lives* adquiriram para o *Museu do Amanhã*, transcenderam muitas das expectativas que a própria equipe de colaboradores tinha no início, quando do desenvolvimento dos projetos on line. Acredito que muito do sucesso na organização dessas *Lives* surja tanto do comprometimento dos colaboradores com todo o processo de realização quanto, principalmente, em virtude, de uma característica das equipes do *Museu do Amanhã*, da circularidade entre as atividades e do trabalho em grupo em diferentes frentes de trabalho, o que possibilita que um mesmo colaborador possa estar envolvido ao mesmo tempo com mais de uma equipe e na implementação e realização de projetos diferentes.

Assim, há ganhos para os colaboradores, na forma como vivenciaram e vivenciam hoje – a colaboração, a cooperação e a cocriação em suas equipes, e que pode ter revertido em um enorme potencial para realmente fazerem tudo acontecer de forma coesa e organizada, nos anos pandêmicos, quando estavam praticamente trabalhando on line, de forma remota, em home office, de suas residências. Os encontros on line entre equipes de colaboradores se

utilizaram do uso de salas de videoconferência, como o *Google Meet* e o *Zoom*, o que também facilitou em muito, quando também foram entrevistados, usando-se a plataforma do *Google Meet*, já que estava em Porto Alegre e eles, no Rio de Janeiro.

Figura 73 - Museu do Amanhã: Gilberto Gil e uma nova relação com o planeta

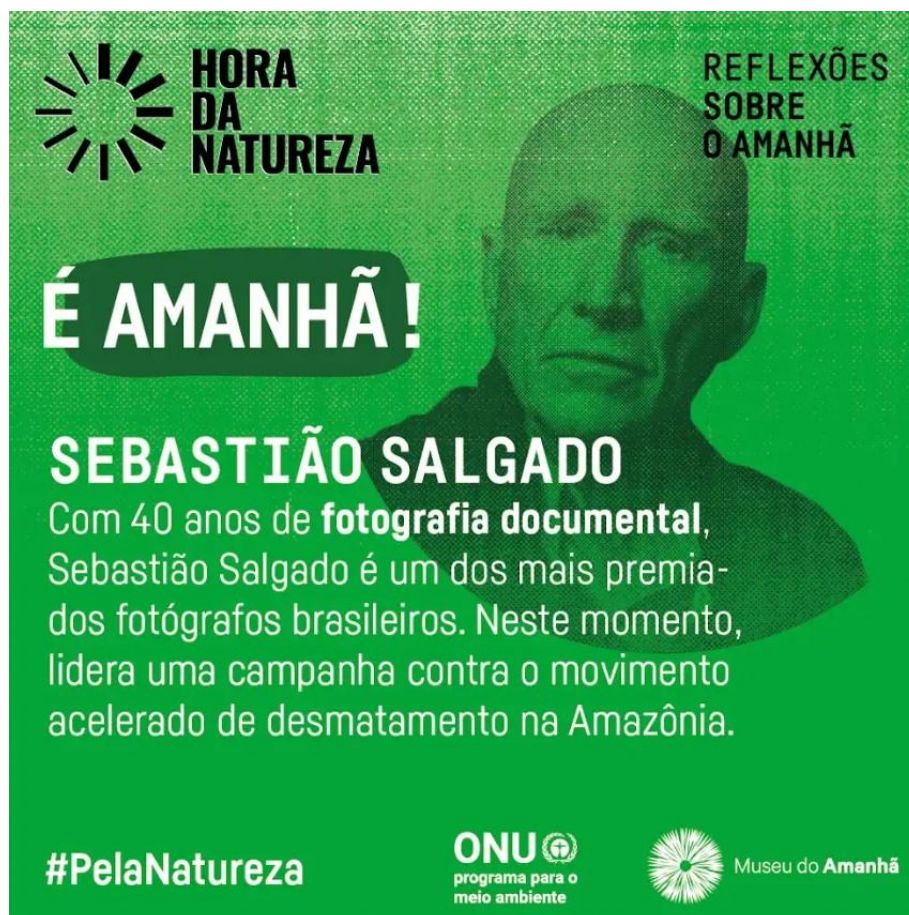


Fonte: Museu do Amanhã (2020e).

Dentre as características marcantes das *Lives* desenvolvidas pelas equipes do *Museu do Amanhã*, está um leque de temas bastante diversificado, assim como implicado com o cotidiano, com uma curadoria bastante atenta para temas de bastante relevância e convidados representativos, de diferentes áreas do conhecimento. Outro aspecto bastante relevante que deve ser levado em consideração é que se buscou, de certa forma, que todos os projetos que aconteciam presencialmente, fossem levados para o digital, em forma de *Lives* específicas. Desta forma, a variedade de todas essas possibilidades além de trazer uma nova forma de entretenimento para o público, trouxe diferentes formas de pensar temas diversos – desde informações adequadas relacionadas ao universo da ciência e da própria pandemia de COVID-19, quanto questões relevantes relacionadas ao universo das mudanças climáticas. Houve várias oportunidades, nas diferentes *Lives* desenvolvidas pelo *Museu do Amanhã*, para que fossem aprofundados temas; desenvolvidas relações entre público, convidados e museu e transformado vidas por meio da ressignificação de todos os envolvidos no processo. A importância que as *Lives* adquiriram na pandemia, seja para os projetos do *Museu do Amanhã*, seja para o aprofundamento das relações de pertencimento e estreitamento de laços entre os colaboradores; trouxeram reverberações que permanecem ampliadas ao longo dos anos

vindouros, pós-pandemia, em que a equipe lançou mão de se utilizar de muitas técnicas que usaram ao longo da pandemia e, principalmente, no desenvolvimento das *Lives*.

Figura 74 - Museu do Amanhã: Sebastião Salgado



Fonte: Museu do Amanhã (2020f).

Então eram salas virtuais, 900 pessoas e a gente ficava, gente muita gente, assim conectado nossa. É e aí não só na sala virtual a gente precisou jogar esses conteúdos, colocar esses conteúdos no *YouTube* do Museu. Então essas lives de duas horas, uma hora e meia, enfim virou uma aula e as pessoas ficavam assistindo. Então assim não é esperado. O número que a gente tem lá hoje não vai chegar a 100 pessoas vendo e tem Live que tá com 300 pessoas, 400 ah e com taxa de visualização alta. Assim é tempo de visualização, porque não é só acessar, é quanto tempo aquela pessoa fica assistindo. Então tem isso também, então assim e aí o *Arte do Amanhã* foi sensacional porque as pessoas que participaram se inscreveram para participar da sala virtual, elas foram, elas participaram das aulas e elas enfim tinham uma residência no museu e a gente teve um processo de seleção - as pessoas submetiam os trabalhos envolvendo arte e a equipe do museu fez a seleção de alguns projetos e trouxe uma galera para cá. Acho que foi em torno de seis pessoas para trabalhar nessas duas últimas semanas de Julho nos seus projetos. Então tem uma menina, uma moça, uma senhora que na verdade é de Belém, e incrível assim ela chegou e feliz com o projeto dela, que o trabalho dela com LED. Ela tem uma filha e assim a pessoa que a gente conseguiu conectar a partir também do digital, porque assim se a gente não fosse através de uma sala virtual a gente nem saberia. A gente nem saberia que o trabalho da Ivanilde existia e que ela tá lá em Belém produzindo coisas que tem super match com coisas que a gente tá produzindo aqui. Então assim, foi incrível, então acho também que um dos projetos que com certeza vai ter um destaque esse ano, acho que é o *Arte no Amanhã 2023*, o *Arte do Amanhã* bombou.

Cleyton Santanna – Museu do Amanhã

Figura 75 - Museu do Amanhã: Arte do Amanhã 2023



Arte do Amanhã

O Museu do Amanhã e o Instituto Ling acabam de lançar o projeto gratuito de formação Arte do Amanhã, focado em arte e tecnologia. A realização é do Laboratório de Atividades do Amanhã — LAA, que tem suas atividades patrocinadas pelo Santander.

O ciclo de aprendizagem será composto por uma etapa online e uma etapa presencial. A primeira, que acaba de abrir inscrições, consiste num **Ciclo de Encontros Investigativos**, que contará com seis módulos temáticos, trazendo 20 profissionais criativos de relevância em diferentes áreas no cenário das artes, entre **10 de abril e 18 de maio**. Inaugurando os trabalhos, haverá um encontro de abertura ministrado pelo curador do projeto, o artista visual **Batman Zavareze**, em 5 de abril. Entre os assuntos que integram o programa estão **Música e Narrativas Sonoras**, **Artes Performativas**, **Audiovisual**, **Artes Plásticas**, **Design** e

Início:
Segunda, 10 de abril de 2023 19:00

Término:
Quinta, 18 de maio de 2023 19:00

RECEBA NOSSAS NOVIDADES

INSCREVA-SE

[Veja aqui a programação completa do Museu.](#)

Fonte: Museu do Amanhã (2023b),

O Projeto *Arte do Amanhã*, comentado na página anterior por Cleyton Santanna, em 2023 e 2024 teve suas edições mobilizadas por encontros on line, organizados de forma sincrônica, junto aos participantes inscritos. É destaque o fato de que mesmo passado o auge da pandemia, os encontros sincrônicos on line têm sido uma proposta interessante para muitos projetos do *Museu do Amanhã*, possibilitando que inscritos de diferentes cidades participem.

Figura 76 - Museu do Amanhã: Arte do Amanhã 2024



Arte do Amanhã 2024: tecnologia afetiva

O Laboratório de Atividades do Museu do Amanhã (LAA), em parceria com o Instituto da Hora (IDH), abre inscrições para a convocatória da residência artística, **Tecnologia Afetiva**, parte do Arte do Amanhã 2024.

Programa de estímulo e capacitação para práticas criativas que trabalham de maneira multidisciplinar, o Arte do Amanhã tem foco em novas técnicas e tecnologias, modernas e ancestrais, para um fazer criativo que antevê o futuro. A residência artística **Tecnologia Afetiva** será um espaço para artistas, a partir de uma lente afetiva, utilizarem a arte e a tecnologia para propor um caminho de amor, acolhimento e cura para comunidades negras e indígenas brasileiras, tendo como base os livros da escritora e artista bell hooks: *"Tudo sobre o Amor"* e *"Ensinando a*

Início:
Segunda, 27 de maio de 2024

Término:
Sexta, 18 de outubro de 2024

Até 22/01/25

GINGA: Oficinas de Arte e Tecnologia
inscreva-se

O LAA - Laboratório de Atividades do Amanhã é apresentado pelo Santander.

[Veja aqui a programação completa do Museu.](#)

RECEBA NOSSAS NOVIDADES

INSCREVA-SE

Fonte: Museu do Amanhã (2024a).

Figura 77 - Museu do Amanhã: Estréia Conversas para o Amanhã

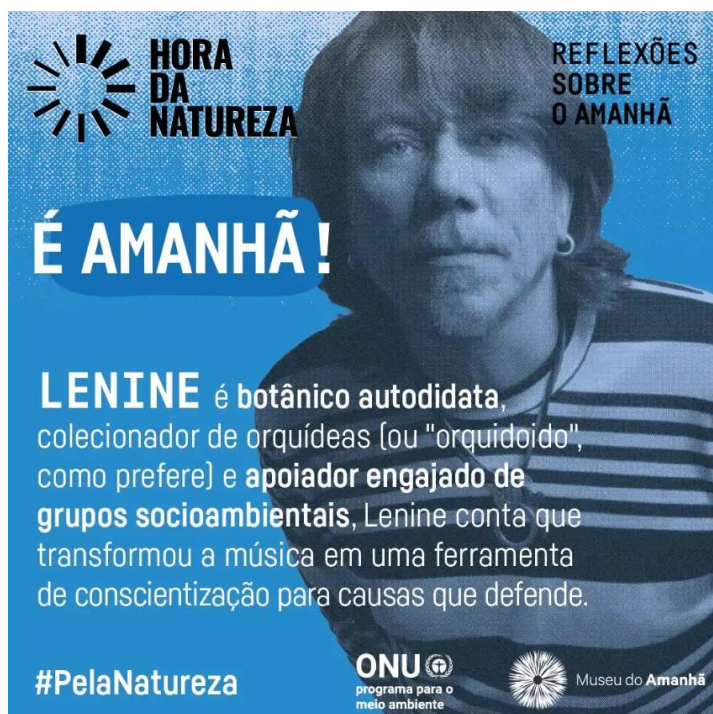


Fonte: Museu do Amanhã (2020f).

Então eu acho que é esse tipo de conteúdo que o museu tá começando a produzir nas redes. Eu acho que talvez essa iniciativa assim, que mais chame a atenção de forma digital para o público conhecer assim o museu como um todo, não importa se ele tá no Rio, ou enfim, não importa, no Pará, ou se ele tá no Rio Grande do Sul, se ele tá no Mato Grosso, entendeu, não importa sabe. Eu acho que pelo posicionamento do museu, ele sabe que é o Museu do Amanhã, entendeu, e eu acho que é um pouco isso sabe. Vai criando uma identidade.

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Figura 78 - Museu do Amanhã: Lenine



Fonte: Museu do Amanhã (2020f).

Figura 79 - Museu do Amanhã: Conversas para o Amanhã



Fonte: Museu do Amanhã (2021b).

Outro destaque em relação as *Lives* é de que foram sofrendo transformações ao longo do tempo, houve as *Lives* propriamente ditas, que eram totalmente realizadas on line, predominantes ao longo da pandemia, em que todos estavam de forma remota, conectados pela internet, tendo um grupo organizador que cuidava do link do encontro, do modo como seria disseminado ao vivo pela internet (*Instagram, Facebook, YouTube* ou *Tik Tok*). Também houve as *Lives* híbridas, em que no auditório só permaneciam os convidados do encontro e as equipes de colaboradores, todos com distanciamento de segurança, e havia a transmissão on line via streaming para uma rede social específica, usando-se de várias estratégias tanto de disseminação e transmissão das *Lives*, quanto de divulgação pelas redes sociais.

É bastante interessante o quanto as equipes experimentaram nesse processo de produção e transmissão das *Lives*, na disseminação de diferentes temas e informações. Nossos colaboradores do *Museu do Amanhã* elegeram as *Lives* como a principal atividade desenvolvida pelo museu ao longo da pandemia, com o intuito de levar todas as atividades que antes eram desenvolvidas, presencialmente, para o digital. Nas figuras (70, 71, 74, 77 e 78) é possível acompanhar algumas das divulgações realizadas na época, na Comunidade do *YouTube do Museu do Amanhã*, em Museu do Amanhã (2020f). Os projetos eram versáteis e variados, englobando desde o *Yoga no Museu* (figura 70) até o *Sementes para o Futuro* (figura 71); *Conversas para o Amanhã* (figuras 77 e 79); *Saúde Mental e Tecnologias* (figura

80) e *Amanhãs Aqui e Agora* (figura 81); dentre outros que aqui não foi possível listar, tamanha amplitude de atividades desenvolvidas como *Lives* pelo *Museu do Amanhã*.

Figura 80 - Museu do Amanhã: Saúde Mental e Tecnologias



Fonte: Museu do Amanhã (2021f).

É destaque que esse patrimônio digital está disponível ao acesso, publicado no *Instagram* e no *YouTube*, e também referenciado em Museu do Amanhã (2023a), visível na figura 81 em que há todos os links para as *Lives* gravadas do Projeto *Amanhãs Aqui e Agora*.

Figura 81 - Museu do Amanhã: Amanhãs Aqui e Agora



Fonte: Museu do Amanhã (2023a).

É fundamental refletir a respeito de todo esse material, gravado e disponibilizado maciçamente, na forma digital, a partir da pandemia de COVID-19. Percebe-se uma preocupação tanto do *Museu do Amanhã* quanto da *Fundação Iberê Camargo*, em realmente preservarem essas *Lives* gravadas, em suas redes sociais, utilizando-se do *Instagram*, *Facebook*, *YouTube* como também, em alguns casos específicos, do *Tik Tok*. No momento em que esse material digital, provindo de diferentes *Lives*, realizadas no período pandêmico (2020, 2021, 2022 e 2023) e no ano subsequente 2024, passa a ser preservado e disponibilizado digitalmente, sendo inclusive organizado e visível na figura 81, percebe-se que há a organização de um patrimônio digital, pois tem relação íntima com a memória digital que começa a ser preservada.

Tanto o *Museu do Amanhã* quanto a *Fundação Iberê Camargo*, tiveram enorme preocupação em preservar essa memória digital, inclusive, até o ano em que ainda realizei algumas das entrevistas, 2024, estavam organizando o material gravado em suas redes sociais, e, no caso específico da *Fundação Iberê Camargo*, gravando e disponibilizando no *YouTube*, palestras de uma de suas recentes exposições, com o artista Paulo Pasta, inclusive, avisando no *Facebook* que estava já disponível a gravação da palestra em seu *YouTube* oficial.

Assim pode-se ampliar nossas reflexões na direção de ponderar que, no caso específico das gravações digitais realizadas no período pandêmico (2020, 2021, 2022 e 2023) e no ano subsequente de 2024, podemos compreender que se trata do desenvolvimento de um patrimônio cultural de outra natureza, que os espaços em questão estão aprimorando ao longo do tempo, e que poderíamos afirmar tratar-se de um patrimônio cultural digital ou mesmo um patrimônio digital, porque caracteristicamente, estão postados no meio digital. Há destaque para o fato de esse material ficar registrado digitalmente, sejam palestras ou mesmo atividades de extensão, muitas delas estão disponíveis para serem vistas e consultadas a qualquer momento, visível em 2024 e 2025, ao término desta Tese. Isso tudo têm relação com as *Lives* que foram realizadas e gravadas, quanto também eventos híbridos, em que houve a opção de se realizar o evento presencialmente e também realizar o streaming (transmissão ao vivo desse evento), ou mesmo fazê-lo ao vivo e gravar para postar no meio digital, posteriormente, como atualmente, em 2024, têm realizado a *Fundação Iberê Camargo*.

A importância do desenvolvimento desse, diríamos, patrimônio digital, está na sua abrangência, na medida em que ele adquire um potencial imenso de conectar pessoas de todas as partes do mundo, ampliando consideravelmente o impacto sócio-cultural que se estabelece. Outra questão relevante diz respeito a memória que se constituiu digitalmente, respectiva ao período pandêmico, em que todo o material produzido digitalmente, continua disponível tanto

para reflexões, acesso do público, quanto para possíveis estudos e pesquisas que poderiam ser realizadas junto a esse material e a complexidade de temas disponíveis.

É impressionante a abrangência e a complexidade, assim como o número de gravações digitais respectivas a esse período da pandemia de COVID-19 (2020, 2021, 2022 e 2023) e também no ano subsequente de 2024 – em que há muitos registros significativos de *Lives*, palestras, eventos e atividades de extensão, disponibilizados gratuitamente de forma digital nas redes sociais desses espaços museais e culturais e, no caso respectivo dessa pesquisa, também nas redes sociais da *Fundação Iberê Camargo* e do *Museu do Amanhã*.

Inclusive, cabe aqui pontuar o registro recente, disponível para visualização, em Museu do Amanhã (2025), de um vídeo postado no *YouTube* e divulgado amplamente nas redes sociais oficiais do museu, em que nossa também entrevistada nesta Tese, Camila Oliveira, conta em detalhes os diferentes significados que a *Exposição Sonhos: História, Ciência e Utopia*, pode adquirir para o público que vier a visitá-la presencialmente.

Para fechar esse capítulo com chave de ouro, retorno a pergunta que fiz, logo no início, para todos entrevistados, nos diferentes momentos dessa pesquisa:

Estariam o digital e a pandemia interconectados?

Muito muito... Acho que assim para mim a pandemia ela foi digital e muita gente como não podia sair, então tudo ficou naquela plataforma ali. Então eu fiquei até com cansaço de telas por muito tempo. Eu acho que é importante até ressaltar aqui que no pós pandemia até naquele movimento de flexibilização, eu acostumei muito com o digital, assim com as coisas em tela. Eu tive e até fazia já acompanhamento com a psicóloga e aí ao logo no pós pandemia, fiz esse acompanhamento e fiz o movimento de sair do casulo, porque eu não tava conseguindo vivenciar tipo presencial as coisas físicas, eu tava com certa dificuldade assim, acho que eu posso falar, ser bem honesto, que os impactos da pandemia para mim, assim ficou reverberando até setembro de 2022 e um pouquinho mais, assim, Então foi bem complexo fazer esse movimento, vamos sair, vamos ver gente, até outros ciclos de convívio foi interessante perceber isso também.

Cleyton Santanna – *Museu do Amanhã*

Claro vou tentar me centrar em alguns elementos aqui vamos pensando juntos. É em primeiro lugar dizer que necessariamente foi uma situação desafiadora para todos os setores da sociedade para todas as pessoas. Mas para algumas áreas eu entendo que esse impacto foi ainda mais significativo, por exemplo, os equipamentos culturais no Brasil, que a gente entende que é uma área que tradicionalmente enfrenta muitos desafios e que tá muito associada por exemplo a ingressos, a venda de ingressos. O mesmo vale para festivais de música, o mesmo vale para peças de teatro, para os cinemas; Então assim foi uma área muito impactada,, que precisou se reinventar de uma forma extremamente rápida e inovadora, porque não existiam formatos prévios para indicar qual seria o melhor caminho para lidar com isso. Ao mesmo tempo é toda essa produção artística e cultural que foi tão prejudicada, ela se mostrou mais importante do que nunca para muitas pessoas, porque quando você tem parte da população, a maior parte da população isolada, dentro das suas casas, sofrendo ou com receio de adoecer, ou com a perda de pessoas queridas, ou com a perda na sua renda, quão importante era. E acho que essa é uma vivência que todos nós temos, você ter as lives, você sentir que conseguia se conectar com outras pessoas de alguma maneira, então ao mesmo tempo em que era muito desafiador para quem

trabalha com cultura, também acho que foi um momento em que a importância da cultura ficou muito potente na vida de todos nós, como uma grande fonte de esperança, como uma grande fonte de conexão.

Amaílís Lage – *Museu do Amanhã*

Assim é, com certeza estão interconectadas, porque meio que a gente foi forçado a viver esse novo momento, é mas de marcas assim que eu posso falar, é deixa eu dar uma pensada, to tentando pensar em marcas no trabalho, nos conteúdos em si (...)

Felipe Floriano – *Museu do Amanhã*

Todo mundo meio que acabou ficando de quarentena assim na pandemia, porém o digital ele existe fora da pandemia tanto quanto. Tipo ele foi de extrema ajuda, uma janela, um escape para quem não sabe, as pessoas não podiam sair de casa, ou seja, de todo mundo a questão de trabalho também, porém, muita gente perdeu emprego também lá nesse período. Então eu te falei aquele principal medo no início, com força. do que vai acontecer agora, aquela dúvida se perderia meu emprego ou não. Mas só que, sem dúvida, foi um respiro de alívio para muita gente, ter esse meio digital tão próximo, familiares e amigos para conversar e tudo mais via digital, sem isso a pandemia teria sido ficar em casa, ver os filmes em casa e ler provavelmente, fazer comida isso mais para quem mora sozinho...

José Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Sim foi até uma bengala, muita gente conseguiu manter seu emprego, seu trabalho com marketing, mas para quem trabalha com a educação, com arte educação, que trabalha com isso presencial, não tem como receber uma escola digitalmente, não é a mesma coisa, precisa estar ocorrendo uma coisa presencial eu acho. Na minha opinião, não tem como você... Mas o digital facilitou para muitas pessoas, entendo, mas só para muitos profissionais que até mudaram para o digital.

Laura Palma – *Fundação Iberê Camargo*

Tiveram e ainda estão, mas eu não gosto não. Porque na verdade eu entrei no meu segundo dia de faculdade voltando para o Direito depois de cinco anos que eu tinha parado em 2015. Aí volto para o Direito, a minha segunda aula, eu já sei que vai fechar tudo e não tenho mais aula presencial. Ficou tudo no virtual. A mensagem: Será que eu deveria ter voltado!? Eu acho que hoje, agora voltando com as aulas presenciais é que eu voltei a fazer a faculdade, que eu não sou do mundo virtual, eu não consigo prestar atenção.

Luciane Zwetsch – *Fundação Iberê Camargo*

Eu que sou um homem que vem do mundo do papel, eu sou do papel, eu fui obrigado a me adaptar e enfrentar esse assédio do digital. Nós somos assediados pelo digital e eu me adaptei tranquilamente. Eu antes mal fazia diretamente um e-mail, hoje eu faço qualquer coisa que aprendi. Fui obrigado.

Emilio Kalil – *Fundação Iberê Camargo*

Eu acho que é só aceleração, o digital ele já tava posto. Só a critério de aceleração né!? Uma ampliação acelerada do uso do recurso. Ele já tava posto.

Camila Oliveira – *Museu do Amanhã*

Das emoções mais institivas, viscerais, aos medos e o próprio reconhecimento da ação da impermanência, essa pergunta realmente suscitou as mais diferentes reações aos nossos entrevistados, e muitas delas realmente estavam vinculadas a passagem abrupta da pandemia de COVID-19 e suas necessidades de isolamento e distanciamento social.

Estariam o digital e a pandemia interconectados?

Essa é uma das questões que perguntei em diferentes momentos a todos os entrevistados. E cada um deles teve uma reação, uma opinião, que aqui compartilhei como uma das possíveis reverberações desses tempos pandêmicos, buscando suscitar diferentes pontos de reflexão em relação à abrangência e complexidade que esses anos representaram para nossas vidas ao longo desses três anos e três meses de duração da pandemia.

Assim, a minha percepção enquanto pesquisadora surge a partir do material coletado na internet, que faz parte da escolha metodológica da netnografia digital e que também está na Tese em muitas das figuras e fotografias anexadas ao longo do desenvolvimento dos capítulos. Assim, por meio das entrevistas, das diversas falas com que tive contato, ao realizar cada uma das nove entrevistas, até a composição dessa narrativa; o material suscitou para mim, que há de fato um processo de reinvenção e ressignificação em curso, povoado por muitos momentos de experimentação pelas diferentes equipes tanto da *Fundação Iberê Camargo* quanto do *Museu do Amanhã*.

Destaco também que o material coletado ainda permitiria outras análises, permitindo explorar questões vinculadas ao próprio uso que esses espaços, presenciais, digitais e híbridos, assim como dos colaboradores, avaliam as apropriações digitais; inclusive em suas vidas pessoais, na perspectiva da passagem do tempo que abarca esse período pandêmico de três anos e o ano subsequente 2024, considerando-se também como se projeta no futuro.

Como toda pesquisa, há sempre um quê de inacabado, em que há o potencial para novas reverberações e outras formas de ressignificar tanto as falas dos nossos entrevistados, quando muitas das questões aqui pontuadas ao longo da Tese. Desta maneira, fica o convite para que novas pesquisas possam ser desenvolvidas, buscando novas temáticas e outras questões que possam vir a ser suscitadas pela vivacidade com que essas narrativas e seu forte teor emocional, foram compartilhadas com a autora desta Tese, nas entrevistas realizadas entre 2023 e 2024, junto as equipes do *Museu do Amanhã* e da *Fundação Iberê Camargo*.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecedura de uma Tese é um desafio, você delinea uma narrativa em torno de um tema e busca contextualizar com vigor e maestria várias questões que foram ampliadas e ressignificadas ao longo do processo de desenvolvimento, em que você amplia o olhar como de posse de uma lupa e passa a perceber nuances e detalhes que acredita serem significativos para as reflexões que busca trazer à tona. As entrevistas realizadas ao longo do desenvolvimento desta Tese trouxeram a preciosa oportunidade de dar visibilidade e fala às memórias de colaboradores, de diferentes áreas de atuação, de dois equipamentos culturais brasileiros, provindos dos sete espaços anteriormente mapeados para a Defesa de Qualificação desta Tese.

Alguns aspectos interconectados no âmbito dessa pesquisa, no que diz respeito às apropriações digitais, utilizadas nas diferentes soluções digitais que foram usadas ao longo do período pandêmico (2020, 2021, 2022 e 2023) e no ano subsequente 2024, merecem destaque e foram apontadas e contextualizadas juntamente com as falas dos colaboradores do *Museu do Amanhã* e da *Fundação Iberê Camargo*. É importante que se destaque que em nenhum momento desta Tese, se pretendeu comparar ambos espaços, pois têm suas especificidades e singularidades próprias. Desta maneira, o interesse desta Tese foi contextualizar como as apropriações digitais foram utilizadas por esses espaços, principalmente, no período pandêmico e no ano subsequente; contemplando por meio da memória de seus colaboradores entrevistados e da netnografia dos rastros digitais, como tais movimentos de experimentação e ressignificação incidiram ao longo desse processo.

No contexto desenvolvido por esta Tese, apropriação digital é utilizada para indicar soluções digitais que tenham sido empregadas de forma original ou criativa, tendo sido ressignificadas pelos usuários, assim como incidindo como incremento nos processos engendrados de participação social, colaboração, cooperação e cocriação. É significativo se perceber que as apropriações digitais surgiram a partir de processos que abarcam o uso e a ressignificação de diferentes soluções digitais, que passam a ser utilizadas sozinhas ou em conjunto, formando um modo singular e peculiar de apropriarem-se do digital e, por assim dizer, diversificar possibilidades de aplicações em forma de soluções digitais

Houve muita experimentação e reinvenção de novas formas de se utilizar o digital, originando soluções como as *Televisitas*, que formaram um projeto totalmente novo, antes nunca realizado, em que o *Museu do Amanhã* propõe realizar visitas sincrônicas digitais, mediadas por seus educadores, tanto em suas exposições temporárias quanto nas permanentes.

Assim, utilizaram-se do uso das plataformas de videoconferências – *Zoom* e *Google Meet* – para compartilhar ao vivo com o público essa vivência, que era realizada com inscrições preliminares dos participantes. Passado algum tempo, em busca de ampliar as fronteiras e também o público, o *Museu do Amanhã* amplia o *Televisitas* para realizar ao vivo no *Instagram* e também no *Tik Tok*. Nesse patamar de experimentação, o projeto iniciado no ano pandêmico de 2021, é reinventado várias vezes, permanecendo no primeiro semestre de 2024, como parte da programação oferecida pelo *Museu do Amanhã*.

Há destaque para exposição – O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi – do estilista japonês Tomo Koizumi, realizada pela *Fundação Iberê Camargo* em parceria com a Japan House São Paulo, no fato de que nela, no ano de 2021, foi realizado um encontro digital síncrono via videoconferência pelo *Google Meet*, em que todos os interessados poderiam se inscrever e participar on line. Nesse momento, propor uma atividade do Educativo, vinculada a uma exposição presencial, percorrendo um momento pandêmico ainda de bastante restrição de circulação pública como o ano de 2021; trouxe várias reverberações, e sim, é uma forma de experimentação de uma apropriação digital, que foi a escolha de realizar o encontro digital via *Google Meet*.

Destaca-se a importância de trazer à tona a memória desses colaboradores como forma de compreender de forma mais acurada as vivências que a eclosão da pandemia de COVID-19 trouxe a partir de 20 de março de 2020. A trajetória e as vivências compartilhadas ao longo das entrevistas com os colaboradores são uma preciosa contribuição ressignificada pela força dessas falas, que revivenciam por meio da memória, os desafios deflagrados pelo período pandêmico (2020, 2021, 2022 e 2023), como também trazem aspectos que influenciaram as vivências de 2024, o desenvolvimento de atividades e formas de pensar e agir. É destaque que todas as entrevistas foram realizadas pela autora a partir da elaboração de perguntas pré-estruturadas (disponíveis no Apêndice A), realizadas na forma remota on line, de forma síncrona, via *Google Meet*, com colaboradores do *Museu do Amanhã*, da capital carioca do Rio de Janeiro; e com a equipe da *Fundação Iberê Camargo*, da capital gaúcha Porto Alegre, por meio de entrevistas com gestão e colaboradores, realizadas em forma presencial.

Cabe ressaltar a potência que há nas falas desses colaboradores, que aceitaram participar das entrevistas realizadas de forma síncrona, buscando pelo diálogo franco ressignificar vivências transformadas pela força da fala de suas narrativas, trazendo originalidade ímpar, que foram valorizadas em vários momentos da tecitura da narrativa desta Tese. Desta maneira, buscaram-se no Capítulo 8, que traz os resultados dessa pesquisa, valorizar a fala e a memória ressignificada desses entrevistados, trazendo, em muitos

momentos, trechos de suas falas como ponto de intersecção para as contextualizações que se pretendeu tecer; assim como também retórica e memória viva, de um momento tão significativo e desafiador, como foram os anos pandêmicos, seja a nível nacional quanto mundial, para toda uma população de um país assim como para o mundo inteiro.

Em relação às apropriações digitais e suas interlocuções com a pandemia de COVID-19, é significativo que se atente ao fato de que não se desejou afirmar que antes desse período essas não existiam, ou mesmo, museus não se legitimavam no digital ou investiam em publicações em redes sociais. Esses antes, durante e depois do uso das tecnologias ficou marcado em várias buscas na internet e nas falas dos entrevistados. As iniciativas imbricam-se com propostas de visitas realizadas ao vivo e em tempo real, na modalidade digital sincrônica; na organização de exposições virtuais e integração de oficinas realizadas de forma sincrônica digital. São tais tecnologias digitais sincrônicas e a distância, aos quais junto a outras possibilidades em apropriações digitais, as quais têm estreitado laços pela internet a níveis globais. Isso pode ser ampliado em possibilidades de ressignificação das instituições museais e culturais, acrescentando significado advindo de uma possível democratização dos museus e seus acervos patrimoniais, que a partir da promoção da participação social, passa também a ser complementada por aspectos respectivos à colaboração, cooperação e cocriação.

Da mesma forma a preocupação com o desenvolvimento de ambientes digitais imersivos, interativos ou mesmo, virtuais e até híbridos esteve presente em muitas das vivências e apropriações digitais compartilhadas por nossos entrevistados. Tal movimento trouxe a experimentação de diversas possibilidades em apropriações digitais, que surgiu presente nas falas compartilhadas, em projetos desenvolvidos e inspirados na própria pandemia, como o Coronaceno, do *Museu do Amanhã*; e, principalmente, em experiências presenciais e digitais, em que exposições eram organizadas tanto para o presencial quanto o digital, sendo que as reverberações no digital tinham soluções digitais desenhadas especificamente para quando essas exposições estavam nesse espaço virtual. Destacam-se nessa categoria, Coronaceno e FRUTUROS – Tempos Amazônicos, que tiveram ambas experiências (presencial e digital) disponíveis a visitação e ainda podem ser vivenciadas digitalmente, desenvolvidas pelo *Museu do Amanhã*; e O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi, em que foi também compartilhado no *site* uma visita de 360° digital da exposição, realizada pela *Fundação Iberê Camargo*.

Há também destaque para os projetos desenvolvidos por ambos espaços, tanto *Fundação Iberê Camargo* quanto *Museu do Amanhã*, claramente voltados para o desenvolvimento de comunidades tanto muito próximas quanto em cidades diferentes.

A preocupação com o desenvolvimento destes projetos se sobressai como uma vertente alinhada com os preceitos da nova museologia, presente nas problematizações recentes do *Plano Nacional Setorial dos Museus: 2025 a 2035* (publicado e disponível em PNSM, 2024), na sua preocupação com o papel que os espaços museais e culturais devem adquirir para as comunidades. São instigantes os projetos: *Entre Museus*, *Entre Museus Acessíveis* e *Resenha Black Bom com os Vizinhos do Amanhã do Museu do Amanhã*; e *Caixa Mágica e Iberê nas Escolas*, da *Fundação Iberê Camargo*. que são apresentados em detalhes tanto nas falas dos nossos entrevistados quanto nas contextualizações presentes ao longo do Capítulo 8. Todos esses projetos foram abruptamente parados em 2020, quando esses espaços fecharam suas portas, contudo, logo que as atividades foram sendo retomadas aos poucos e com restrições sanitárias, foram pouco a pouco também sendo retomados, presencialmente, em busca de novas ressignificações tanto para as equipes de colaboradores quanto para seus participantes.

Além disso, surgiu como um elemento significativo e de certa forma inesperado, os muitos movimentos de inclusão digital, assim como de inclusão de pessoas com deficiência (PcD), para além de construções de rampas de mobilidade previstas na legislação. A criação conjunta com a comunidade surda e com cegos e especialistas em audiodescrição, respectivamente, pelo *Museu do Amanhã* e pela *Fundação Iberê Camargo*, demonstra um potencial importante do uso da tecnologia para disponibilizar para todos os públicos experiências museais.

Outro grupo que é contemplado pelo *Museu do Amanhã*, é o dos autistas e neurodivergentes, que podem acessar gratuitamente um kit de autoregulação, contendo fones abafadores de som e outros materiais que possam ser úteis, que são disponibilizados em uma mochila e podem ser pedidos para empréstimo direto na bilheteria do museu durante a visita. Também há informações extremamente importantes para esse público, contidas na Narrativa Descritiva e Visual, disponível para download em *Museu do Amanhã* (2024d).

Há também destaque para o fato de que as *Lives* foram desenvolvidas como um recurso tanto para habitar de diferentes formas o digital, experienciando suas possibilidades, ao mesmo tempo, que oportunizam diferentes formas de interação com o público – quanto possibilidades de engendrar diferentes pontos de reflexão e ressignificação acerca de assuntos e temas que estavam relacionados tanto às atividades desenvolvidas pelo *Museu do Amanhã* e a *Fundação Iberê Camargo*, quanto aos momentos decisivos e seus desafios aos quais esses espaços estavam vivenciando ao longo do período pandêmico. Todo esse material digital, horas de entrevistas, programas, seminários e palestras realizadas no formato de *Lives*; trouxe um inusitado e inesperado patrimônio postado e compartilhado nas principais redes sociais

(*YouTube, Facebook e Instagram*) dos nossos espaços entrevistados. No *Museu do Amanhã*, um desses projetos em destaque é o *Amanhã Aqui Agora*, com vários vídeos disponíveis em *Museu do Amanhã* (2023a); *Conversas para o Amanhã, Reflexões sobre o Amanhã* e tantos outros projetos como o *Seminário Sementes para o Futuro*. Tal patrimônio, que poderíamos, inclusive, considerar, ser um patrimônio digital, continua disponível e se fundamenta em profícua fonte de conhecimento e também uma memória viva do que foi realizado vividamente nesse período pandêmico, tanto pelo *Museu do Amanhã* quanto pela *Fundação Iberê Camargo*.

Poderia-se inclusive avançar em nossas reflexões finais e afirmar que após a pandemia de COVID-19 houve um enorme incremento na direção da formação de um patrimônio digital tanto por nossos entrevistados – *Museu do Amanhã* e *Fundação Iberê Camargo* – como também por outros espaços museais e culturais, em vista do quanto foi produzido e postado de material digital, sendo necessário que haja a correta salvaguarda desse patrimônio digital, para evitar perdas e inconsistências que trariam prejuízos tanto a memória vinculada a essa produção quanto para todo o investimento de tempo e recursos que esses espaços dedicaram ao longo do período pandêmico. Também é bastante significativo, no que tange nossos espaços pesquisados, o fato de que mesmo depois da pandemia, continuaram produzindo e postando material digital, principalmente no *YouTube*, o que demonstra muitas das possíveis reverberações das apropriações digitais desenvolvidas e utilizadas ao longo da pandemia.

Resta também assinalar o fato contundente de que a pandemia de COVID-19 está dentre um dos maiores desafios que globalmente todos vivenciaram. E sim, vencer o vírus e estar vivo já é por si só estar no grupo de sobreviventes, portanto, sequelas poderão permanecer, seja em forma de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático, agorafobia, fobia social, mania de limpeza, etc; por muito ou algum tempo, mas há no âmago desse processo a semente para buscar alternativas para compreender essas questões e aprender a lidar com tais desafios de forma mais saudável.

Finalmente, a conclusão de uma Tese é, de certa forma, o fim de um ciclo, mas não que esteja em si finalizada, mas apenas que se trata de um retrato instantâneo de um determinado processo em ressignificação num dado momento. Contudo, resta continuar a investigar sobre os desafios e possíveis soluções digitais, assim como o papel da inovação e da criatividade nos ecossistemas museológicos. Também restam como trabalhos futuros, aprofundar estudos que possam melhor visibilizar esses processos, trazendo questões relacionadas à democratização dos acervos, à participação social e aspectos relacionados à colaboração, à cooperação e à cocriação.

REFERÊNCIAS

14ª PRIMAVERA DOS MUSEUS. **14ª Primavera dos Museus promove atividades virtuais**. 23 09 2020 Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2020/09/14a-primavera-dos-museus-promove-atividades-virtuais> Acesso em: 24 set. 2020.

AGÊNCIA ESTADUAL DE NOTÍCIAS. **Museu Oscar Niemeyer triplicou acervo e promoveu 16 exposições em 2021**. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2022. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Museu-Oscar-Niemeyer-triplicou-acervo-e-promoveu-16-exposicoes-em-2021> Acesso em: 28 jan. 2022.

ALVES, Juliana. Exposição virtual revela sentimentos surgidos na pandemia: mostra promovida pelo Museu da Pessoa inclui pesquisas do Instituto de Psicologia da USP. **Jornal da USP**. 16 julho 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=436523> Acesso em: 18 set. 2021.

AQUINO, Ricardo Rodrigues de. **Museu e produção de subjetividades**. 2010. 263fl. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12006> Acesso em: 13 jun. 2020.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de Recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

BALTÁ, Jordi. 10 reflexões e desejos para a gestão cultural pós COVID-19. **Observatório da Diversidade Cultural**. 29 maio 2020. Disponível em: <http://observatoriodadiversidade.org.br/site/noticias/gestao-cultural-pos-covid-19/> Acesso em: 13 set. 2020.

BIENAL13. **Trauma, Sonho e Fuga**. Fundação Bienal do Mercosul. 2022. Disponível em: <https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-13> Acesso em 13 de nov.2024.

BRASIL. **Política Nacional de Museus**. Brasília: Ministério da Cultura (MinC), 2007. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf Acesso em: 28 nov. 2022.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

CARTOGRAFIA DAS MEMÓRIAS. **Grave aqui seu relato, ele é importante para a construção de nossa memória**. 2020. Disponível em: <https://cartografiadasmemorias.org/> Acesso em: 16 set. 2020.

CASA FIAT DE CULTURA. **“A evolução da sociedade na próxima década” com Domenico De Masi**. [S. l.: s. n.]. Transmitido ao vivo e gravado em 22 set. 2020. 1 vídeo (01 h 29 min 38 s). Publicado pelo canal Casa Fiat de Cultura. Disponível em: <https://youtu.be/ZanZ0BhrgqM> Acesso em: 22 set. 2020.

CHAGAS, Mário de Souza. Diversidade Museal e Movimentos Sociais. *In: Encontro Ibero-Americano De Museus*, 1, 2007, Salvador, BA: NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mário de Souza (org.) **Anais...** p.59-69. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2008. (v.2).

CHAVES, Rafael Texeira. **Cibermusealização**: estudo de caso do Museu Virtual das Coisas Banais da Universidade Federal de Pelotas/RS. 2020. 134 fl. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) –Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/216090> Acesso em: 13 set. 2022.

CNN BRASIL. **Primeira morte por COVID-19 no país ocorreu em 12 de março em SP, diz Ministério**. 27 jun. 2020. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira-morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-em-sp-diz-ministerio/> Acesso em: 25 jan. 2025.

CORONACENO. **Google Arts & Culture**. 2021. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/coronaceno-museu-do-amanh%C3%A3/9gVhS6T56XC0w?hl=pt-BR> Acesso em: 22 jan.2022.

CÔRREA, Vitor Freire. **Patrimônio Arquivístico Digital**: práticas memoriais de preservação digital dos arquivos públicos no Brasil. 2017. 197 f. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11511> Acesso em: 22 jun. 2020

CUMMING, Duncan. **Coronavírus Graffiti Leake Street**. 14 mar. 2020. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/duncan/49658844141/in/photostream/> Acesso em 22 maio 2020.

DIVAGANDO ALTO. Projeto Mail Art Cupcake do MuBE e Brinquedos Estrela. **BLOG**, 2013. Disponível em: <http://divagandoalto.blogspot.com/2013/12/projeto-mail-art-cupcake-do-mube-e.html> Acesso em: 13 ago. 2022.

DRAGÃO DO MAR. Centro de Arte e Cultura. 14º Primavera dos Museus - **Locomoção de pessoas com deficiência visual em tempos de COVID-19**. [S. l.: s. n.], 24 set. 2020. 1 vídeo (01 h 25 min 50 s). Publicado pelo canal Museu da UFRGS Disponível em: https://youtu.be/ceYrRZeE1_g Acesso em: 27 set. 2020.

FACEBOOK: Museu do Amanhã – Museu. **#Fruturos — Tempos Amazônicos” está de volta!** 2022a. Disponível em: <https://www.facebook.com/475113842596525/posts/5358087274299133/> Acesso em: 01 set. 2022.

FACEBOOK: Museu do Amanhã – Museu. **Mais um pra conta!** 2022b. Disponível em: <https://fb.watch/fgfxi-gMcj/> Acesso em: 01 set. 2022.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRUTUROS. Tempos Amazônicos. **Exposição Virtual**. 2021. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2021. Disponível em: <https://fruturos.museudoamanha.org.br/> Acesso em 22 jan. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **“Fabuloso Universo de Tomo Koizumi” e “Modelar no tempo: Iberê e a moda” são reagendadas para 19 de março**. 21 fev.2021. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2021a. Disponível em <http://iberecamargo.org.br/abertura-das-exposicoes-o-fabuloso-universo-de-tomo-koizumi-e-modelar-no-tempo-ibere-e-a-moda-sao-reagendadas-para-19-de-marco/> Acesso em: 28 set. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Caixa Mágica**. 2020a. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2020a. Disponível em https://iberecamargo.org.br/programa_tipo/caixa-magica/ Acesso em: 28 set. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Fundação Iberê / Projeção 13 anos do prédio de Álvaro Siza**. 26 jan. 2022. 2022a 1 vídeo (03 min 32 s). Publicado pelo canal Fundação Iberê do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EblfyEX0y88> Acesso em: 13 jan. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Fundação Iberê exhibe a partir do dia 3 de março documentário sobre a construção da instituição**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2021b. Disponível em: <https://iberecamargo.org.br/fundacao-ibere-exibe-a-partir-do-dia-3-de-marco-documentario-sobre-a-construcao-da-instituicao/> Acesso em: 28 jan. 2024.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Fundação Iberê lança projeto Memórias Docentes em Tempos de Quarentena**. 13 maio. 2020. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2020b. Disponível em <https://iberecamargo.org.br/fundacao-ibere-lanca-projeto-memorias-docentes-em-tempos-de-quarentena/> Acesso em: 28 set. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Iberê Camargo – O Fio de Ariadne**. 25 fev. 2021. 2021c 1 vídeo (07 min 56 s). Publicado pelo canal Fundação Iberê do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nu8PIUkLo4s> Acesso em: 13 jan. 2022

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Iberê e o MARGS: trajetórias e encontros**. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2024. Disponível em <http://iberecamargo.org.br/exposicao/ibere-e-o-margs-trajetorias-e-encontros/> Acesso em: 29 nov. 2024.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Iberê nas Escolas**. 2022. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2022b Disponível em <http://iberecamargo.org.br/abertura-das-exposicoes-o-fabuloso-universo-de-tomo-koizumi-e-modelar-no-tempo-ibere-e-a-moda-sao-reagendadas-para-19-de-marco/> Acesso em: 29 jan. 2024.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Iberê nas Escolas: mais de 800 crianças e adolescentes do ensino fundamental e situação de vulnerabilidade ressignificando seus espaços de reflexão e conhecimento**. 11 ago. 2023. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2023. Disponível em <https://iberecamargo.org.br/ibere-nas-escolas-mais-de-800-criancas-e-adolescentes-do-ensino-fundamental-e-situacao-de-vulnerabilidade-ressignificando-seus-espacos-de-reflexao-e-conhecimento/> Acesso em: 29 jan. 2024.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Montação e Montagem:** conversa online sobre exposição de Tomo Koizumi. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2021d Disponível em: <http://iberecamargo.org.br/programa/montacao-e-montagem-conversa-online-sobre-exposicao-de-tomo-koizumi/> Acesso em: 28 jan. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi.** Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2021e Disponível em: <https://iberecamargo.org.br/exposicao/o-fabuloso-universo-de-tomo-koizumi/> Acesso em: 28 jan. 2024.

FUNDAÇÃO IBERÊ. **Tour Virtual: “O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi”.** Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2021f. Disponível em: <https://iberecamargo.org.br/tour-virtual-o-fabuloso-universo-de-tomo-koizumi/> Acesso em: 28 jan. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. Facebook: Fundação Iberê Camargo. Museu de Arte Moderna. **“Diálogos Temáticos Cida Cultural Edição Museus” promove encontros virtuais gratuitos para debater e fomentar o setor,** 2021a. Disponível em: <https://www.facebook.com/265790606820282/posts/4419514064781228/> Acesso em: 21 mar. 2021.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. Facebook: Fundação Iberê Camargo. Museu de Arte Moderna. **Exposição o Fabuloso Universo de Tomo Koizumi.** 2021b. Disponível em: <https://facebook.com/events/s/exposicao-o-fabuloso-universo-/175617327401991/> Acesso em: 21 mar. 2021.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. Facebook: Fundação Iberê Camargo. Museu de Arte Moderna. **“Venha curtir a Fundação Iberê, visitar as exposições e conhecer os espaços de lazer e consumo da instituição.** Faça um registro da visita marcando @fundacaoibere”. 2022a. Disponível em: <https://www.facebook.com/265790606820282/posts/5593988910667065/> Acesso em: 05 jul. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. @fundacaoibere. Facebook: Fundação Iberê Camargo. Museu de Arte Moderna. 2022b. Disponível em: <https://www.facebook.com/fundacaoibere> Acesso em: 21 mar. 2022.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. Facebook: Fundação Iberê Camargo. Museu de Arte Moderna. **Montação e montagem:** conversa online sobre Exposição de Tomo Koizumi. 2021c. Disponível em: <https://www.facebook.com/265790606820282/posts/4400189936713641/> Acesso em: 21 mar. 2021.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2005. p. 64-89.

GUIA DA 14ª PRIMAVERA DOS MUSEUS. 2020. Disponível em: <http://eventos.museus.gov.br/docs/14PRIMUS/guiadaprogramacao.pdf> Acesso em: 16 set. 2020.

GOV.BR. Instituto Brasileiro de Museus. **Portal IBRAM.** Brasília, 2020a. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/sobre-o-orgao/> Acesso em: 20 set. 2020.

G1. **De exemplo de controle a epicentro de mortes no país: 1 ano da primeira morte por COVID no RS.** 24 mar. 2021. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/03/24/de-exemplo-de-controle-a-epicentro-de-mortes-no-pais-1-ano-da-primeira-morte-por-covid-no-rs.ghtml> Acesso em: 07 abr. 2022.

G1. **Museu do Amanhã, no Rio, ganhou prêmio internacional.** 2022a. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/museu-do-amanha-no-rio-ganhou-premio-internacional-10463176.ghtml> Acesso em: 07 abr. 2022.

G1. **Notificação de 1ª morte por COVID-19 no RS completa 3 anos, veja situação atual da pandemia.** 24 mar. 2023. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/03/24/notificacao-de-1a-morte-por-covid-19-no-rs-completa-3-anos-veja-situacao-atual-da-pandemia.ghtml> Acesso em: 07 maio. 2024.

G1. **Vacinação contra a Covid:** mais de 33% das crianças estão totalmente imunizadas. 2022b. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/vacinas/noticia/2022/08/10/vacinacao-contr-a-covid-mais-de-33percent-das-criancas-estao-totalmente-imunizadas.ghtml> Acesso em: 10 ago. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HUSSAIN, Saijad. **Homem passa em frente a mural pintado em homenagem a profissionais de saúde durante a pandemia de Covid-19, em Nova Délhi, na Índia.** 31 maio 2020. In: G1. Mundo registra mais de 6 milhões de casos de Covid-19, aponta Universidade. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/31/mundo-registra-mais-de-6-milhoes-de-casos-de-covid-19-aponta-universidade.ghtml> Acesso em 30 jun. 2020.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal.** Brasília: IBRAM, 2018. 132p. Disponível em: <file:///C:/Users/digit/OneDrive/Documentos/TESE%20Docs%20Imp/Caderno-da-PNEM.pdf> Acesso em: 22 ago. 2023.

IDG. Instituto de Desenvolvimento e Gestão. 2020. **Museu do Amanhã recebe 10 mil visitantes no primeiro mês reaberto.** 15 ou. 2020. Disponível em: <https://idg.org.br/pt-br/node/689> Acesso em: 22 dez. 2020.

IDG. Instituto de Desenvolvimento e Gestão. 2021. **Com medidas de segurança, IDG inaugura exposição temporária sobre a pandemia no Museu do Amanhã.** 12 mar. 2021. Disponível em: <https://www.idg.org.br/en/node/722> Acesso em: 22 jan. 2022.

IRMÃO LUIZ GARTNER. Facebook: Irmão Luiz Gartner – Museu Irmão Luiz. **Compartilhe sua história no Seminário #primaveranoseminario.** 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=679311582686658&set=p.679311582686658> Acesso em: 26 set. 2020.

KOBRA, Eduardo. **Vamos vencer isso juntos.** 04 abril 2020. Instagram: @kobrastreetart. 2020a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-INoP5F9Ms/?igsh=ZHU1a296czFuZjFr> Acesso em: 22 maio 2022.

KOBRA, Eduardo. **Esperança (vacina Covid 19)**. 13 dez. 2020. Instagram: @kobrastreetart. 2020b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Civ35C1leLb/?igsh=OGt4c29mcmxhOG5l> Acesso em: 22 maio 2022.

KOVACS, Leandro. Entenda o que é metaverso, a realidade do futuro. **Tecnoblog**. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/entenda-o-que-e-metaverso-a-realidade-do-futuro/> 2021 Acesso em: 01 set. 2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEMONS, André. Infraestrutura para a Cultura Digital. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Org.). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

LEPORACE, Guilherme. Museu do Amanhã. 2020. In: G1. **Museu do Amanhã reabre nesse sábado com adaptações na exposição; venda de ingressos, só pela internet**. 05 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/09/05/museu-do-amanha-reabre-neste-sabado-com-adaptacoes-na-exposicao-venda-de-ingressos-so-pela-internet.ghtml> Acesso em: 20 nov. 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAIL ART CUPCAKE. **LaLeche GraphYCo**. 2016. Disponível em: <https://www.leche.com.br/mail-art> Acesso em: 08 ago. 2022.

MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. Construção de memórias digitais virtuais no ciberespaço. In: FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos; LOPES, Cicero Galeno; BERND, Zilá (org.). **Patrimônios memoriais**: identidades, práticas sociais e cibercultura. p. 170-184. Porto Alegre: Movimento; 2010.

MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. Cibercultura. In: BERND, Zilá; KAYSER, Patrícia (Org.) **Dicionário de Expressões da Memória Social, dos Bens Culturais e da Cibercultura**. Canoas: UnilaSalle, 2017a. p. 46.

MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. Ciberespaço. In: BERND, Zilá; KAYSER, Patrícia (Org.) **Dicionário de Expressões da Memória Social, dos Bens Culturais e da Cibercultura**. Canoas: UnilaSalle, 2017b. p. 47.

MARGS. **Porto Alegre**: Museu de Arte do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://www.margs.rs.gov.br/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

MARGS. Facebook: MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Museu de Arte Moderna. **MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul**. Exposição | Tour Virtual. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/museumargs/> Acesso em: 13 fev. 2022.

MARQUES, Marina. **Bonecas customizadas no MUBE**. Mais de 220 bonecas foram personalizadas por representantes de comunidades artísticas do mundo todo. 2013. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/sao-paulo/arte/evento/bonecas-customizadas-no-mube-mube-museu-brasileiro-da-escultura-07-12-2013> Acesso em: 08 ago. 2022.

MENDES, Cléber. 2020. *In*: Cavalcante, Aline. O DIA. **Cariocas aproveitam Museu do Amanhã, reaberto nesse sábado.** 2020. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/09/5984107-cariocas-aproveitam-museu-do-amanha--reaberto-neste-sabado.html> Acesso em: 08 ago. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Esquemas Vacinais.** 2024. Governo do Brasil. Distrito Federal: Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19/esquemas-vacinais#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Estrat%C3%A9gia,fizerem%20parte%20do%20grupo%20priorit%C3%A1rio> Acesso em: 25 jan. 2025.

MOREYRA, Roberto. 2022. *In*: O GLOBO. **Inaugurado em 2015, Museu do Amanhã chegam 5 milhões de visitantes.** 16 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/infograficos/inaugurado-em-2015-museu-do-amanha-chega-5-milhoes-de-visitantes.ghtml> Acesso em: 25 out. 2024.

MUSEU OSCAR NIEMEYER, MON. **Atividades como visitas agendadas, visitas mediadas, oficinas e demais encontros presenciais.** As oficinas artísticas e visitas mediadas ganharam versões virtuais em nossas redes sociais. Curitiba: 2022. Disponível em: <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/diasespeciais/dias-especiais> Acesso em: 28 jan. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **A programação MuBE ao vivo apresenta a série. “E ainda assim a Terra se comove”.** 2020a. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3712752552082212/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **Amanhã (05/11), às 17h, receberemos a artista Letícia Ramos e o engenheiro florestal Tasso Azevedo para a conversa.** “Os impactos no clima como sinais de alerta do planeta”. 2020b. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3715605845130216/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **A programação MuBE ao vivo apresenta a série. “E ainda assim a Terra se comove”.** 2020c. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3733555933335207/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **Amanhã (12/11), às 17h, receberemos o Coletivo Dulcineia Catadora e Ana Maria Meira para a conversa. “Imaginar para habitar: ações potentes de descarte e reciclagem de resíduos”.** 2020d. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3736532119704255/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **Programação do MuBE ao vivo.** 2021a. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/4071619996195464/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **A programação MuBE ao vivo apresenta a série.** “E ainda assim a Terra se comove”. 2020e. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3657639224260212/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. Hoje às 17h, a série. **“E ainda assim a Terra se comove”, em parceria com a SOS Mata Atlântica.** 2020f. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3676887625668705/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna **Curso Gratuito no MuBE!** 2020g. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3777234938967306/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. Amanhã (26/11), às 17h, receberemos o artista Rodrigo Braga e o paisagista e botânico Ricardo Cardim para a conversa. **“Cultura e biologia, espaço e corpo: relações no antropoceno”.** 2020h. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3777234938967306/> Acesso em: 29 jul 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **A Programação do MuBE.** 2021b. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/4112621532095310/> Acesso em: 29 jul 2022.

MUBE. Facebook: **MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia.** Museu de Arte Moderna. A programação MuBE ao vivo apresenta a série. **“E ainda assim a Terra se comove”.** 2020i. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/3697849366905864/> Acesso em: 29 jul 2022.

MUBE. São Paulo: **Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia.** 2022a. Disponível em: <https://www.mube.space/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. São Paulo: Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia. **Frans Krajcberg: por uma arquitetura da natureza.** 2022b. Disponível em: <https://www.mube.space/copy-of-amilcar-de-castro-area-externa-3> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **MuBE** 2022c. Disponível em: <https://www.facebook.com/208122365878599/posts/5630419940315454/> Acesso em: 29 jul. 2022.

MUBE. Facebook: MuBE – Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Museu de Arte Moderna. **MuBEsp.** 2022d. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/MuBEsp/> Acesso em: 29 jul 2022.

MUSEU DA PESSOA. **My Pandemic Diary**. Facebook: Museu da Pessoa. 2021a. Disponível em: https://www.facebook.com/events/223118999174460?active_tab=about Acesso em: 04 jun. 2021.

MUSEU DA PESSOA. **Apresentação**. Facebook: Museu da Pessoa. 2021b. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudapessoa> Acesso em: 21 mar. 2021.

MUSEU DA PESSOA. São Paulo: Museu da Pessoa. **Exposições: Diários da Pandemia**. 2022a. Disponível em: <https://www2.museudapessoa.org/exposicoes/diarios-da-pandemia/> Acesso em: 18 jul. 2022.

MUSEU DA PESSOA. São Paulo: Museu da Pessoa. **Diários da Pandemia**. 2022b. Disponível em: museudapessoa.org/exposicoes/diarios-da-pandemia-um-dia-por-vez-wp/ Acesso em: 18 jul. 2022.

MUSEU DA PESSOA. São Paulo: Museu da Pessoa, 2022c. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/museu-da-pessoa> Acesso em: 13 jan. 2022.

MUSEU DA UFRGS. **Visita Teatralizada** - Relatos sobre a Pandemia - Dona Bella Lasagna e Dona Sarah Lieber. 25 set. 2020. 1 vídeo (10 min 19s). Publicado pelo canal Museu da UFRGS Disponível em: <https://youtu.be/eXYJB7siXyU> Acesso em: 27 set. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. Apresentação. Facebook: Museu Diários do Isolamento. 2020a. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufpelmudi> Acesso em: 21 mar. 2021.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Ciência Compartilhada**. Pelotas: Museu Diários do Isolamento. 2022a. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/ciencia-compartilhada/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **É FAKE!** Pelotas: Museu Diários do Isolamento 2022b. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/efake/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Eventos: Participações**. Pelotas: Museu Diários do Isolamento. 2022c. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/participacoes/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Eventos: Realizações**. Pelotas: Museu Diários do Isolamento. 2022d. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/realizacoes/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Exposição “Cartas que levam abraços”**. Pelotas: Museu Diários do Isolamento [2020b]. Disponível em: <https://mudiufpel.com/exposicao-cartas-que-levam-abracos/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Exposição Bordando Memória: Doces Linhas na Pandemia**. Pelotas: Museu Diários do Isolamento. 2022e. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/3732-2/> Acesso em: 18 jul. 2022.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Exposição Cartas que levam abraços.** Pelotas: Museu Diários do Isolamento [2022f]. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/3732-2/> Acesso em: 10 fev. 2022.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Live de Abertura- Exposição “A Cultura da Vacinação no Brasil”.** Transmitido ao vivo e gravado em 10 de nov. 2022g. 1 vídeo (34 min 54 s). Publicado pelo canal Museu Diários do Isolamento. Disponível em: <https://youtu.be/xTDMwcnVZvw> Acesso em: 01 dez. 2022.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Memórias do Isolamento.** Pelotas: Museu Diários do Isolamento. 2022h. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/memorias-do-isolamento/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **MuDI - Museu Diários do Isolamento.** Pelotas: Museu Diários do Isolamento. 2022i. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **MuDI - Museu Diários do Isolamento: o projeto** Pelotas: Museu Diários do Isolamento. 2022j. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/o-projeto/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Por dentro da pandemia.** Pelotas: Museu Diários do Isolamento [2022k]. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/por-dentro-da-pandemia/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Solidariedade em Rede.** Pelotas: Museu Diários do Isolamento [2022l]. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/solidariedade-em-rede/> Acesso em: 21 ago. 2020.

MUSEU DIÁRIOS DO ISOLAMENTO. **Exposição: A Cultura da Vacinação no Brasil.** Pelotas: Museu Diários do Isolamento. 2022m. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/mudi/abertura/> Acesso em: 01 dez. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. **A arquitetura de Santiago Calatrava.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022a. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/arquitetura-de-santiago-calatrava> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Agende sua mediação virtual.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022b. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/conversas-mediadas-agende-sua-mediacao-virtual> Acesso em: 13 jan. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. **Amanhã de histórias: um planeta água chamado Terra.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022c. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/amanha-de-historias-um-planeta-agua-chamado-terra> Acesso em: 13 jan. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. **Amanhã aqui e agora.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2023a. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/programa-amanhas-aqui-e-agora-toda-sexta-feira-no-museu-em-casa> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Arte do Amanhã**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2023b Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/arte-do-amanh%C3%A3> Acesso em: 24 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Arte do Amanhã 2024: Tecnologia Afetiva**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2024a Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/arte-do-amanha-2024> Acesso em: 24 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Atualizações na Exposição de longa duração**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2020a Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/atualizacoes-na-exposicao-de-longa-duracao> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Como foi fazer o Museu do Amanhã chegar a você apesar das portas fechadas?** 06 jul. 2021. 2021a 1 vídeo (06 min 57 s). Publicado pelo canal Museu do Amanhã do YouTube. Disponível em: https://youtu.be/YPVIHNXG_q8 Acesso em: 13 jan. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. **Confira o app do Museu do Amanhã**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2019. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/conheca-o-aplicativo-do-museu-do-amanha> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Conheça a transformação digital do Museu do Amanhã durante a pandemia**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022d. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/confira-a-transformacao-digital-do-museu-do-amanha-durante-a-pandemia> Acesso em: 13 jan. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. **Conversas para o Amanhã**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2021b Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/programa-conversas-para-o-amanha-com-mediacao-de-aline-midlej-e-leila-sterenberg> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Entre Museus**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2024b Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/entre-museus-2024> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Exposição temporária: Coronaceno – Reflexões em tempos de pandemia**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2021c Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/exposicao-temporaria-do-museu-do-amanha-coronaceno-reflexoes-em-tempos-de-pandemia> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. Facebook: Museu do Amanhã. **#Fruturos — Tempos Amazônicos” está de volta!** 2022e. Disponível em: <https://www.facebook.com/475113842596525/posts/5358087274299133/> Acesso em: 01 set. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. Facebook: Museu do Amanhã. **A entrevista com o cantor Gilberto Gil já está no ar!** 2020b. Disponível em: <https://www.facebook.com/museudoamanha/posts/a-entrevista-com-o-cantor-gilberto-gil-j%C3%A1-est%C3%A1-no-ar-assista-aqui-httpsyoutubeqg/3107699042671312> Acesso em: 01 set. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. Facebook: Museu do Amanhã. **Mais um pra conta!** 2022f. Disponível em: <https://fb.watch/fgfxi-gMcj/> Acesso em: 01 set. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. **Fruturos – Tempos Amazônicos.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2021d Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/exposicao-temporaria-fruturos-tempos-amazonicos> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Inovanças – Criações à Brasileira.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2017a Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/inovancas-criacoes-a-brasileira> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **ÍRIS+ / Uma nova experiência no Museu do Amanhã.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2020c Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/irismais> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **ÍRIS+ Uma nova experiência no Museu do Amanhã.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2017b Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/iris-mais> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Itinerância Fruturos – Tempos Amazônicos.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2024c Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/itinerancias-fruturos> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Museu do Amanhã concorre ao Oscar dos Museus.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022g Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/museu-do-amanha-concorre-ao-oscar-dos-museus-na-categoria-melhor-experiencia-digital-em-museus-no-lcd-berlim-awards> Acesso em: 04 jul. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. **Dia do Orgulho Surdo: Televisitas em Libras.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2021e Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/dia-do-orgulho-surdo-televisita-em-libras> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Narrativa Descritiva e Visual:** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2024d. *E-Book*. Disponível em: file:///C:/Users/digit/OneDrive/Documentos/TESE%20Docs%20Imp/2024-08-15-Visitas-Espontaneas-Folder-PDF_1.pdf Acesso em: 5 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **O Museu do Amanhã ficará fechado durante a pandemia de covid-19.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2020d Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/protocolo-oficial-do-museu-do-amanha-para-o-coronavirus-COVID-19> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Orgulho LGBTQIAP+: “Lugar que fala”.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022h Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/mes-do-orgulho-lgbtqiapmais-triboq-pride-festival-2022> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Pensamentos e Articulações para uma nova relação com o planeta.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2020e Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/live-pensamentos-e-articulacoes-para-uma-nova-relacao-com-o-planeta-com-gilberto-gil> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Pode ser um robô racista?** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2024e. Disponível em: https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/CPA_vol%201_pode%20um%20robo_comp leto_digital%20%281%29.pdf Acesso em: 25 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Programa vamos falar sobre isso: saúde mental e tecnologias.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2021f Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/programa-vamos-falar-sobre-isso-saude-mental-e-tecnologias> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Programação de Férias: Da Floresta à Baiá, Água é Vida.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022i Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/programacao-de-ferias-da-floresta-a-baia-agua-e-vida> Acesso em: 05 nov. 2024

MUSEU DO AMANHÃ. **Projeto entre Museus.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2018 Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/projeto-entre-museus#:~:text=O%20Museu%20do%20Amanh%C3%A3%2C%20com,do%20Rio%2C%20os%20nossos%20vizinhos.> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Resenha Black Bom com os Vizinhos do Amanhã.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2023c Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/resenha-black-bom-com-os-vizinhos-do-amanh%C3%A3> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Seminário FRUTUROS – Amazônia do Amanhã.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022j Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/seminario-fruturos-amazonia-do-amanha> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Sobre o Museu.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022k. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/sobre-o-museu> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Sonhos: História, Ciência e Utopia / Exposição no Museu do Amanhã.** 10 jun. 2025. 2025 1 vídeo (03min 03s). Publicado pelo canal Museu do Amanhã do YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/p-Y94fXQxmM?si=HXZGbdqBbpVsQoQ2> Acesso em: 13 jan. 2025.

MUSEU DO AMANHÃ. **Sustentabilidade, pilar do Museu.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022l. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/sustentabilidade-pilar-do-museu> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Televisita: Fruturos no TikTok.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2022m. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/televisita-fruturos-no-tiktok> Acesso em: 13 jan. 2022.

MUSEU DO AMANHÃ. **Tour Virtual de “Fruturos – Futuros Amazônicos”.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2021g Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/versao-virtual-fruturos-tempos-amazonicos> Acesso em: 05 nov. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **Visita mediada externa pequena África.** Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2021h Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/visita-mediada-externa-pequena-africa> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. **YouTube: Comunidades**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã, 2020f Disponível em: <https://www.youtube.com/c/MuseudoAmanh%C3%A3/community> Acesso em: 07 dez. 2024.

MUSEU DO CONTESTADO. Facebook: Museu do Contestado. **Compartilhe sua história no Seminário #primaveranoseminario**. 2020a. Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.docontestado/posts/3291764534253877> Acesso em: 24 set. 2020.

MUSEU DO CONTESTADO. Facebook: Museu do Contestado. 2020b Disponível em: <https://www.facebook.com/museu.docontestado> Acesso em: 24 set. 2020.

NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mário de Souza. Panorama dos Museus no Brasil. In: Encontro Ibero-Americano De Museus, 1, 2007, Salvador, BA: NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mário de Souza (org.) **Anais...** p.35-56 Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2008. (v.1)

NIC.BR / CETIC.BR. Painel TIC COVID-19: Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus - 1ª edição: Atividades na Internet, Cultura e Comércio Eletrônico. PESQUISAS CETIC.BR Publicado em: 13/08/2020. Disponível em https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel_tic_covid19_1edicao_livro%20eletr%C3%B4nico.pdf Acesso em: 17 nov. 2024.

NIC.BR / CETIC.BR. Painel TIC COVID-19: Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus - 2ª edição: Serviços públicos on-line, telessaúde e privacidade. PESQUISAS CETIC.BR Publicado em: 02/10/2020. Disponível em https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20201001085713/painel_tic_covid19_2edicao_livro%20elet%C3%B4nico.pdf Acesso em: 17 nov. 2024.

NIC.BR / CETIC.BR. PAINEL TIC COVID-19: Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus - 3ª EDIÇÃO: ENSINO REMOTO E TELETRABALHO Publicado em: 05/11/2020. Disponível em https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201104182616/painel_tic_covid19_3edicao_livro%20elet%C3%B4nico.pdf Acesso em: 17 nov. 2024.

NOVO PNSM, Orientações Gerais. **Elaboração do novo Plano Setorial de Museus 2025 – 2035: orientações gerais**. 2024 *E-book*. Disponível em: file:///C:/Users/digit/OneDrive/Documentos/TESE%20Docs%20Imp/novo_pnsm_orientacoes_gerais.pdf Acesso em: 1 dez. 2024.

O FIO DE ARIADNE. (Preview) Iberê Camargo. **Google Arts & Culture**. 2021. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/LgXRVUhYX-85LQ?hl=pt-BR> Acesso em: 22 dez. 2022.

PAULA, Marcos de. **Museu do Amanhã é novo ponto de vacinação contra a Covid-19**. 2021 Prefeitura do Rio. 31 mar. 2021 Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/museu-do-amanha-novo-ponto-de-vacinacao-contra-a-covid-19/> Acesso em: 22 jan. 2024.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 03, p. 03-15, Rio de Janeiro, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, Rio de Janeiro, 1992.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RECUERO, Raquel. **As redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Andréa de Lennhoff Pereira. **Interdisciplinaridade, Participação, Colaboração e Imersão: design e narrativas museais na contemporaneidade**. 2021. 207 fl. Tese (Doutorado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design, Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.57468> Acesso em: 13 set. 2022.

REIS, Marina Gowert dos. **A internet como ferramenta de participação social: uma análise das mobilizações para preservação do Centro Histórico de Santo Ângelo – RS**. 2014. 133 fl. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/marina-dos-reis.pdf> Acesso em: 13 jun. 2020.

REIS, Marina Gowert dos. **Patrimônio Cultural Brasileiro na era digital: da digitalização de acervos à preservação participativa na internet**. 2019. 181 fl. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/5483> Acesso em: 13 jun. 2020.

ROCHA, Cleomar; BANDEIRA, Rocha. Design de Experiência em contexto transmídia. In: VENTURELLI, Suzete; ROCHA, Cleomar (org.). **Mutações, confluências e experimentações na arte e tecnologia**. p.35-42, Brasília, DF: Ed. PPG ARTE e Ed. UnB, 2016.

SABIESCU, Amalia; CHARATZOPOULOU, Katerina. The Museum as Ecosystem and Museums in Learning Ecosystems. In: VERMEEREN, Arnold; CALVI, Licia; SABIESCU, Amalia. **Museum Experience Design: Crowds, Ecosystems and Novel Technologies**. Switzerland: Springer International Publishing, 2018, p. 325-345.

SANTOLIN, Nilton. 2017 In: Das Artes. **Fundação Iberê Camargo celebra 15 anos com projeção de obras na fachada**. 23 maio 2023. Disponível em: <https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/fundacao-ibere-celebra-quinze-anos-com-projecao-de-obras-na-fachada/> Acesso em: 7 jun. 2024.

SANTOS, Beth. **Prefeitura começa a vacinar crianças de 5 a 11 anos contra a Covid-19**. 2022. Prefeitura do Rio. 18 jan. 2022. Disponível em: <https://coronavirus.rio/noticias/prefeitura-comeca-a-vacinar-criancas-de-5-a-11-anos-contr-a-covid-19/> Acesso em: 22 jan. 2024.

SILVA, Carmen Lucia Souza da. A expansão do patrimônio cultural diante das tecnologias digitais: entre o atual e o virtual. In: MAGALHÃES, Fernando. et al. (org.) **Museologia e Patrimônio: volume 1**. Portugal: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Instituto Politécnico de Leiria – IPLeiria, 2019. p. 255 – 272.

SILVA, Carmen Lucia Souza da. O público e o museu na era da cultura digital: uma reflexão conceitual em expansão. In: MAGALHÃES, Fernando. et al. (org.) **Museologia e Patrimônio**: volume 4. Portugal: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Instituto Politécnico de Leiria – IPLeiria, 2020. p. 181 – 204.

SILVA, Carmen Lucia Souza da; JESUS, Priscila Maria de. Museologia e as tecnologias digitais e em rede: patrimônio e museus em espaços e tempos expandidos. In: ARAÚJO, Bruno Melo de. et al. (org.). **Museologia e suas interfaces críticas**: museu, sociedade e os patrimônios. Recife: Editora UFPE, 2019. p. 163 – 175.

SILVA, Thomaz. **Rio de Janeiro** – Para celebrar a inauguração do Museu do Amanhã, na Praça Mauá, aberto pela primeira vez ao público neste fim de semana, a Prefeitura do Rio realiza o Viradão do Amanhã. 20 dez. 2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/foto/2015-12/viradao-celebra-abertura-do-museu-do-amanha> In: WIKIPÉDIA Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Museu_do_Amanh%C3%A3_em_sua_inaugura%C3%A7%C3%A3o_01.jpg Acesso em: 18 nov. 2024.

SILVEIRA, Giulia Drumond Imazio. **Exposições Artísticas**: estratégias de instituições museológicas em espaços expositivos contemporâneos. 2021. 145 fl. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, IAD – Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/12870> Acesso em: 13 set. 2022.

SYMPLA In: **Fundação Iberê**. 2022. Disponível em: <https://bileto.sympla.com.br/event/66447/d/124858> Acesso em: 13 jan. 2022.

TATYBUTTERFLY. **Pandemia Covid19**. 03 ago. 2020. 1 vídeo (08 min 54 s). YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/U69DHtJEuy4> Acesso em: 20 set. 2020.

TAVARES, Tainah. Orkut voltou? Criador da rede social reativa site e promove novidades. In: **Techtudo Downloads**, 27 abril 2022. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/04/orkut-voltou-criador-da-rede-social-reativa-site-e-promete-novidades.ghtml> Acesso em: 19 jul. 2022.

WIKIPÉDIA. A enciclopédia livre. **Instituto Brasileiro de Museus**. 21 jun. 2011. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Brasileiro_de_Museus. Acesso em: 20 set. 2020.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data, hora e local da entrevista:

1. PERFIL DO ENTREVISTADO

Nome:

Idade:

Formação:

Cargo:

Quanto tempo você trabalha no Museu do Amanhã?

Você já trabalhou em outros museus? E em outras áreas no Museu do Amanhã?

2. SOBRE EQUIPES E DESAFIOS NA GESTÃO DO MUSEU

- Quais os principais desafios que a pandemia trouxe para você, para sua equipe e para o Museu do Amanhã?
- Para você, como o digital e a pandemia estão interconectados? Como você percebe isso? Por exemplo, houveram projetos do Museu do Amanhã que surgiram ou foram implementados em função dos desafios da pandemia de COVID-19? Como a equipe se mobilizou e ou motivou/desmotivou com estas propostas?
- Atualmente (data entrevista), que tipos de ferramentas digitais são utilizadas por você e sua equipe para suas atividades rotineiras? Houve alguma alteração significativa em relação às tecnologias ou formas de uso em relação à 2019?

3. SOBRE INICIATIVAS DURANTE A PANDEMIA

- A pandemia modificou algo no seu trabalho [no Museu do Amanhã/ na Fundação Iberê Camargo] durante 2020 e ou nos anos seguintes? Exemplifique. E com relação aos demais membros da tua equipe?
- Como foi a vivência do digital [no Museu do Amanhã/ na Fundação Iberê Camargo] a partir de 2020 do seu ponto de vista?

3.1 Museu do Amanhã

- Qual sua percepção a respeito do app (aplicativo) do Museu do Amanhã? Saberíamos contar um pouco sobre como foi a concepção e construção dele?
- Como acha que o app pode ajudar na conexão com o público?
- Que atividades ocorreram que você gostaria de destacar? Como as premiações foram percebidas pelo grupo?
- Houveram atividades que não tiveram a participação de público conforme o esperado, ou que de alguma forma frustraram a equipe? Que erros e acertos foram considerados para a continuidade de ações nesses períodos de apenas online.

3.2 Fundação Iberê Camargo

- Qual sua percepção a respeito do app (aplicativo) da Fundação Iberê Camargo? Saberíamos contar um pouco sobre como foi a concepção e construção dele?
- Como acha que o app pode ajudar na conexão com o público?
- Que atividades ocorreram que você gostaria de destacar?

- Houveram atividades que não tiveram a participação de público conforme o esperado, ou que de alguma forma frustraram a equipe? Que erros e acertos foram considerados para a continuidade de ações nesses períodos de apenas online.

4. SOBRE ALTERAÇÕES E APRENDIZAGENS NO USO DE TECNOLOGIAS AO LONGO DOS TEMPOS

- Como você e sua equipe perceberam os usos de tecnologias digitais no museu durante a pandemia em 2020 e ao longo dos anos seguintes? O que vem mudando nesses últimos meses?
- Que outras instituições que têm relações com vocês (p.ex. escolas) seguiram interagindo durante a pandemia por meio de tecnologias digitais? Exemplifique atividades. E em 2023, como tem sido dada continuidade a estas interações?
- Como considera a presença do Museu no Google Arts & Culture? Há alguma estratégia pensada para dar mais visibilidade ao acervo por esta ou outra plataforma?
- Com relação a cursos e formações feitas online: quando iniciaram as primeiras atividades? como foi a percepção da instituição como proponente e do público (caso tenha recebido algum tipo de feedback ou avaliação)? qual a tendência para ofertas de cursos em formação em 2023?

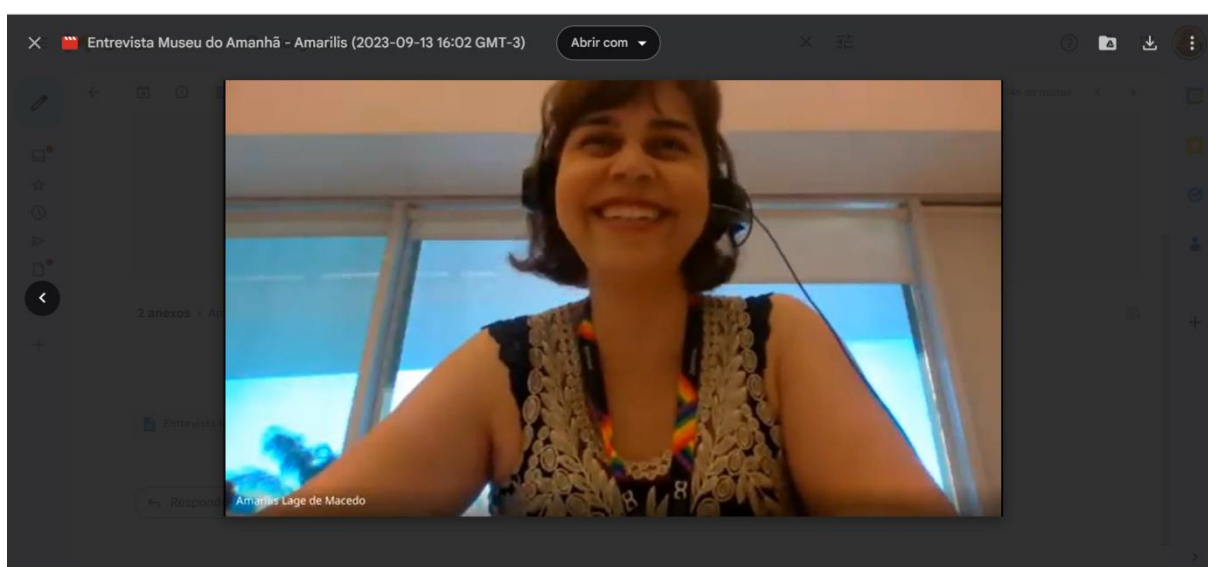
5. SOBRE INTERAÇÃO COM O PÚBLICO

- Como ocorre a interação com o público no Museu? Em que medida *site*, e-mail, aplicativo e mídias sociais podem ser canais efetivos em busca de democratização do acesso à equipamentos culturais como [o Museu do Amanhã/ a Fundação Iberê Camargo] ?
- Na sua opinião, qual o papel [do Museu do Amanhã/ da Fundação Iberê Camargo] em termos de compromisso com seu público?
- O uso de tecnologias poderia ser utilizado para de alguma forma apoiar a democratização de acesso à informações museológicas? Que iniciativas [do Museu do Amanhã/ da Fundação Iberê Camargo] em ambientes digitais podem ajudar pessoas que tenham interesse em conhecer o acervo e as exposições, mas não tem condições de se deslocar fisicamente à instituição?

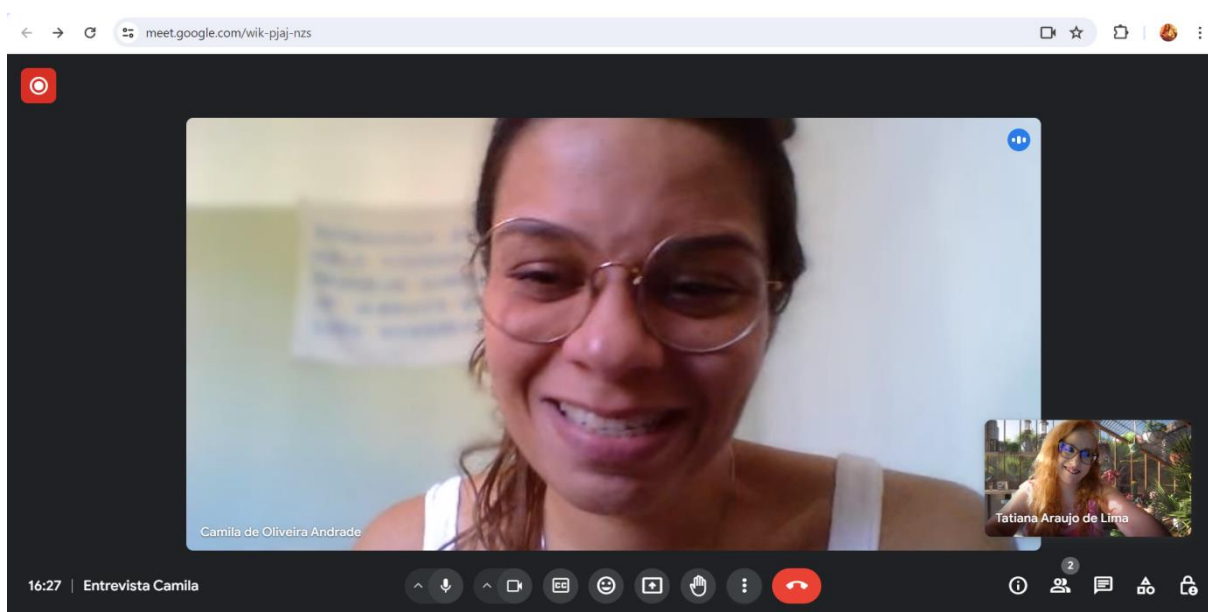
APÊNDICE B - GALERIA DOS ENTREVISTADOS

Neste apêndice, registros fotográficos realizados com consentimento dos entrevistados foram incluídos como forma de agradecimento do precioso tempo que dispensaram para compartilhar suas experiências e registrar importantes memórias.

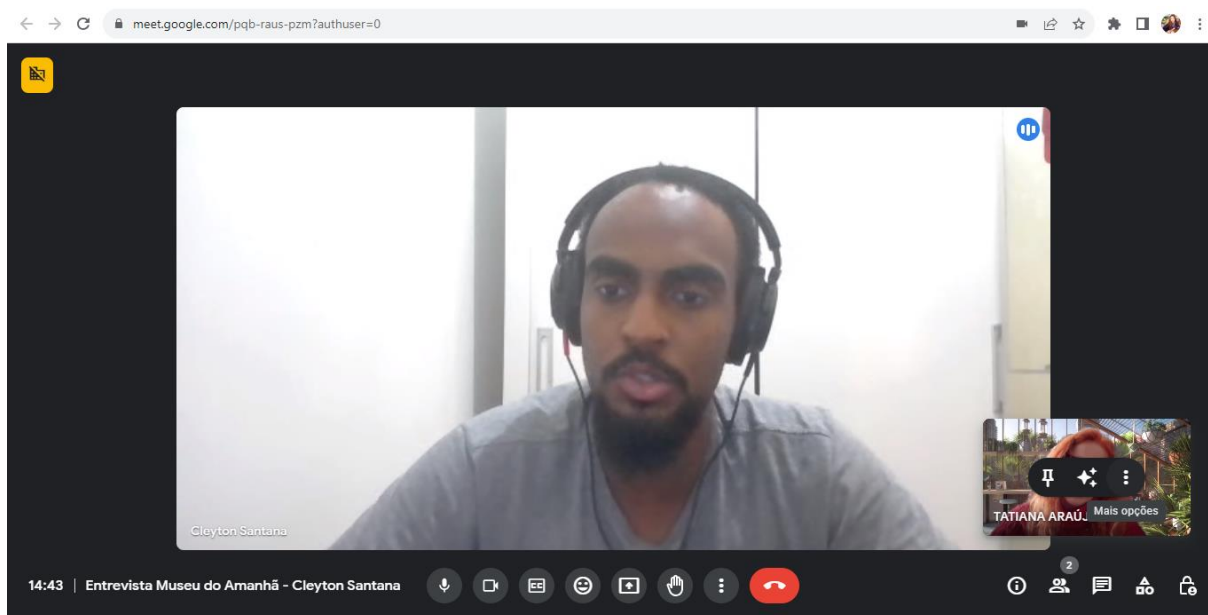
MUSEU DO AMANHÃ



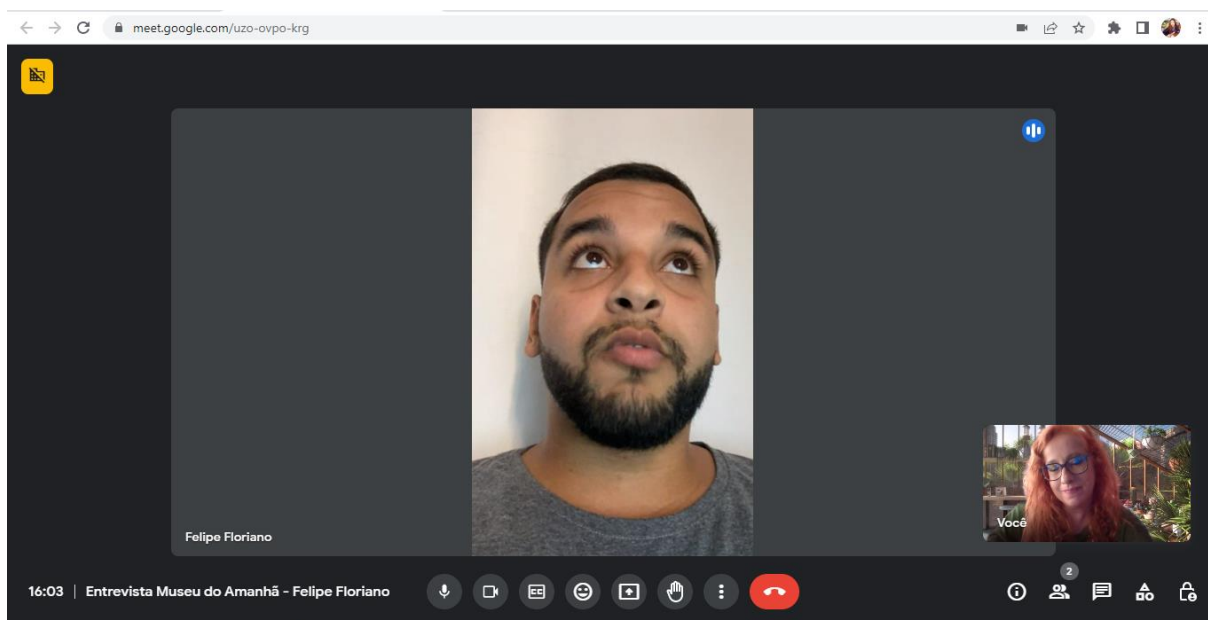
Amarilis Lage – 13/09/2023



Camila Oliveira – 01/04/2024



Cleyton Santanna – 31/07/2023



Felipe Floriano – 19/05/2023

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO



Ilana Machado 07/03/2024



José Kalil 07/03/2024



Luciane Zwetsch 11/03/2024



Laura Palma 15/03/2024



Junto de colaboradores da Fundação Iberê Camargo

15/03/2024